

# © Jardim Secreto

FRANCES HODGSON BURNETT

# © Jardim Secreto

TRADUÇÃO  
Luis Reyes Gil



Quando Mary Lennox foi enviada à Mansão Misselthwaite para viver com o tio, todos diziam que ela era a criança de aparência mais desagradável que já haviam visto. E era verdade. Mary era magricela, tinha rosto miúdo, cabelo desbotado, bem ralo, e uma expressão amargurada. O cabelo era amarelado, o rosto, também, porque ela nascera na Índia e sempre sofrera de uma ou outra doença. O pai tinha um cargo no governo britânico, e vivia sempre ocupado e doente, e a mãe era uma mulher belíssima, que só queria saber de festas e de se divertir com pessoas animadas. Nunca quisera ter uma filhinha, e, quando Mary nasceu, entregou-a aos cuidados de uma aia,\* deixando claro que, se quisesse agradar Mem Sahib – como chamavam a senhora –, deveria manter a criança fora de sua vista o máximo possível. Assim, Mary foi rejeitada, quando era um bebê fraco, irritadiço e feinho, e, quando virou uma criança fraca e irritadiça, continuou a ser rejeitada. Não se lembrava de ter tido, no

ambiente familiar, uma visão que não fosse a dos rostos escuros da aia e de outros empregados nativos indianos; e como eles sempre a obedeciam e lhe davam razão em tudo – porque Mem Sahib ficaria brava se fosse perturbada pelo choro da criança –, aos 6 anos de idade a menina era uma pestinha tirânica e egoísta como jamais se havia visto. A jovem governanta inglesa contratada para ensiná-la a ler e escrever antipatizou tanto com ela que acabou largando o emprego em três meses, e as outras governantas que tentaram ocupar a vaga foram embora em menos tempo ainda. Portanto, se Mary não tivesse decidido que realmente queria aprender a ler, jamais teria dominado sequer as primeiras letras.

Em uma manhã assustadoramente quente, quando tinha uns 9 anos de idade, ela acordou se sentindo muito irritada, e ficou mais irritada ainda quando viu que a empregada em pé ao lado da cama não era sua aia.

– O que você está fazendo aí? – perguntou à estranha. – Não quero você. Tragam minha aia aqui.

A mulher olhou assustada para a menina, mas só conseguiu balbuciar que a aia não viria, e quando Mary sucumbiu ao próprio mau humor e começou a bater e a chutar a mulher, esta ficou ainda mais assustada, e repetiu que não seria possível que a aia voltasse para a senhorita Sahib.

Naquela manhã, havia algo misterioso pairando no ar. Nada foi feito do jeito usual, e vários dos empregados nativos haviam sumido; os que Mary via por ali se esgueiravam ou corriam de um lado para o outro, com os rostos pálidos e assustados. Mas ninguém lhe contou nada, e a aia não voltou. Na realidade, Mary ficou sozinha a manhã inteira, até que, finalmente, foi andar pelo jardim e começou a brincar debaixo de uma árvore, perto da varanda. Fingia montar um canteiro de flores e fincava grandes brotos de hibiscos vermelhos em montinhos de terra, com uma raiva cada vez maior e murmurando para si mesma as coisas que iria dizer e os nomes com que iria xingar Saidie quando ela voltasse.

– Porca! Porca! Filha de porcos! – dizia, porque chamar um nativo de porco seria o pior insulto de todos.

Enquanto rangia os dentes e repetia os xingamentos sem parar, ouviu a mãe chegar à varanda com alguém. Era um jovem loiro, e os dois falavam baixinho, com um estranho tom de voz. Mary conhecia o rapaz, que

aparentava não passar de um menino. Ouvira dizer que se tratava de um oficial muito jovem que havia acabado de chegar da Inglaterra. A menina olhou fixamente para ele, e mais fixamente ainda para sua mãe. Sempre grudava os olhos na mãe quando tinha a oportunidade de vê-la, porque Mem Sahib – era assim que Mary também costumava chamá-la – era uma pessoa muito alta, esbelta, bonita e vestia roupas lindíssimas. Seu cabelo era como seda ondulada, seu nariz delicado parecia desdenhar de tudo e seus olhos eram grandes e risonhos. Todas as suas roupas eram leves e esvoaçantes, e Mary dizia que eram “cheias de rendas”. Naquela manhã, pareciam mais cheias de rendas do que nunca, mas os olhos de sua mãe não estavam nem um pouco risonhos. Arregalados e assustados, erguiam-se para o rosto do oficial loiro, como se implorassem por alguma coisa.

– Mas é tão grave assim? De verdade? – Mary a ouviu perguntar.

– É terrível – o jovem respondeu, com a voz trêmula. – Terrível, senhora Lennox. A senhora deveria ter ido às montanhas há duas semanas.

Mem Sahib retorcia os dedos das mãos.

– Ah, eu sei que deveria ter ido! – exclamou. – Só fiquei aqui por causa daquele jantar estúpido. Como fui tonta!

No mesmo instante, ouviu-se, vindo dos aposentos dos criados, um lamento tão alto, que a mulher agarrou um dos braços do rapaz, e Mary tremeu da cabeça aos pés. O choro ficava cada vez mais alto. – O que é isso? O que houve? – a senhora Lennox perguntou, assustada.

– Alguém morreu – respondeu o jovem oficial. – A senhora não me contou que a coisa já havia se espalhado entre seus criados.

– Eu não sabia! – Mem Sahib exclamou. – Venha comigo! Venha! – disse, dando meia-volta e correndo para dentro da casa.

Coisas espantosas estavam acontecendo, e então Mary compreendeu o clima misterioso daquela manhã. O cólera irrompera em sua forma mais fatal, e as pessoas estavam morrendo como moscas. Na noite anterior, a aia havia sido levada embora doente, e o choro dos criados era porque ela havia acabado de morrer. Antes do nascer do dia seguinte, três outros criados morreram, e os demais fugiram aterrorizados. O pânico se espalhou, e havia gente morrendo em todos os bangalôs.\*\*

Durante a confusão e desorientação do segundo dia, Mary ficou escondida em seu quarto de brinquedos, esquecida por todos. Ninguém se lembrou dela, ninguém foi procurá-la, e coisas estranhas, das quais ela não teve notícia, aconteceram. Mary passou aquele tempo ora chorando, ora dormindo. Sabia apenas que havia gente doente e ouvia sons misteriosos e assustadores. A certa altura, esgueirou-se até a sala de jantar e viu que estava vazia, com uma refeição inacabada ainda repousando sobre a mesa, e havia cadeiras e pratos que pareciam ter sido empurrados às pressas, como se as pessoas que jantavam, por alguma razão, tivessem se levantado subitamente e ido embora. A menina comeu algumas frutas e biscoitos e, como estava com sede, tomou um copo de vinho quase cheio. Era doce, e ela não fazia ideia de que fosse tão forte. Não demorou a ficar sonolenta, e voltou ao quarto de brinquedos e se trancou lá novamente, assustada com os gritos que ouvia vindo das cabanas dos criados e com o barulho de passos apressados. O vinho a deixara com tanto sono, que ela mal conseguia manter os olhos abertos; então se deitou na cama e não soube de mais nada por um bom tempo.

Muitas coisas aconteceram durante aquelas horas em que Mary dormiu pesadamente, mas ela não foi incomodada pelos choros e pelos ruídos de coisas sendo carregadas para dentro e para fora do bangalô.

Ao acordar, continuou deitada, olhando para a parede. A casa estava em perfeito silêncio. Nunca estivera tão silenciosa. Não se ouviam vozes nem passos, e a menina pensou que talvez todos já tivessem se curado do cólera, e a confusão tivesse passado. Também se perguntou quem iria tomar conta dela, agora que a aia estava morta. Arrumariam outra aia, e talvez ela conhecesse algumas histórias novas. Mary já estava cansada de ouvir as antigas. Não chorou pela morte da ama. Não era uma criança afetuosa, e nunca se importara muito com ninguém. Ficara assustada com todo aquele barulho, a correria e a choradeira por causa da doença, além de zangada, porque ninguém parecia se lembrar de que ela estava viva. Todos sentiam pânico demais para pensar na garotinha de quem ninguém gostava. Parecia que as pessoas, ao contraírem o cólera, não se lembravam de mais nada a

não ser delas mesmas. Mas, se todos já tivessem se curado, com certeza alguém se lembraria dela e viria procurá-la.

Mas ninguém apareceu, e, enquanto a menina esperava deitada, a casa parecia cada vez mais silenciosa. Ela ouviu o farfalhar de algo na esteira, e, ao olhar para baixo, viu uma cobrinha deslizando, observando-a com olhos que eram como duas joias. Não se assustou, porque aquela era uma coisinha inofensiva que não a machucaria e que parecia ter pressa para sair do quarto. Escapou por baixo da porta enquanto Mary a observava.

– Está tudo muito estranho, muito quieto! – exclamou. – Dá a impressão de que não há mais ninguém no bangalô, apenas eu e a cobra.

No minuto seguinte, ouviu passos lá fora, e depois, na varanda. Eram passos de homens, que haviam entrado no bangalô e conversavam em voz baixa. Ninguém foi recebê-los ou falar com eles, e pareciam estar abrindo portas e procurando algo nos quartos.

– Que desolação! – ela ouviu uma voz dizer. – Aquela mulher tão linda! Acho que a filha também. Ao que parece, eles tinham uma filha, embora nunca ninguém a tenha visto.

Mary estava em pé no meio do quarto quando abriram a porta, alguns minutos depois. Ela parecia uma coisinha feia e zangada, de cara amarrada, porque começava a ficar com fome e a se sentir vergonhosamente rejeitada. O primeiro homem a entrar foi um oficial corpulento, que ela uma vez havia visto conversando com seu pai. Ele parecia cansado e preocupado, mas quando a viu se assustou tanto que quase deu um pulo para trás.

– Barney! – ele exclamou. – Tem uma criança aqui! Uma criança sozinha! Num lugar como esse! Misericórdia, quem será?!

– Eu sou Mary Lennox – disse a menina, aprumando-se toda. Ela havia achado muito grosseiro o jeito com que o homem se referira ao bangalô do pai: “um lugar como esse”. – Caí no sono quando todo mundo pegou cólera e acabei de acordar agora. Por que ninguém veio saber de mim?

– É a tal criança que nunca ninguém havia visto! – exclamou o homem, virando-se para os companheiros. – Esqueceram-se mesmo dela!

– Por que se esqueceram de mim? – indagou Mary, batendo o pé. – Por que ninguém veio me buscar?

O jovem, cujo nome era Barney, olhou para ela, entristecido. Mary acreditou até tê-lo visto piscar, como se estivessem brotando lágrimas em seus olhos.

– Coitadinha! – ele disse. – Não sobrou ninguém para vir buscá-la.

E foi desse jeito estranho e repentino que Mary descobriu que não tinha mais pai nem mãe; que eles haviam morrido e sido levados embora durante a noite, e que os poucos nativos que não haviam padecido tinham abandonado a casa correndo, e nenhum deles se lembrara da existência de uma senhorita Sahib. Por isso o lugar ficara tão silencioso. Era verdade: não havia mesmo mais ninguém no bangalô, a não ser ela e a cobrinha farfalhenta.



## CAPÍTULO II



**M**ary gostava de olhar para a mãe de longe e a achava muito linda, mas, como sabia bem pouco a seu respeito, quando ela faleceu, não se poderia esperar que a menina a amasse ou sentisse demais sua falta. Na realidade, não sentiu a menor falta, e como era uma criança muito introvertida, pensou apenas em si mesma, como sempre fizera. Se fosse mais velha, certamente teria ficado ansiosa ao se ver sozinha no mundo, mas era muito nova e, como sempre haviam cuidado dela, supôs que continuaria a ser assim. O que ocupava sua mente naquele momento era seu desejo de saber se ficaria com pessoas amáveis, que a tratassem com educação e a deixassem fazer tudo o que quisesse, como a aia e os outros criados nativos sempre haviam feito.

Sabia que não ficaria na casa do pastor inglês, para onde fora levada no início. E não queria mesmo ficar lá. O pastor era pobre e tinha cinco filhos de idades muito próximas, que usavam roupas surradas e ficavam o tempo todo brigando e roubando brinquedos uns dos outros. Mary odiava o bangalô bagunçado deles, e se mostrou tão antipática, que depois do

primeiro ou segundo dia ninguém mais queria brincar com ela. No segundo dia, já haviam dado a ela um apelido que a deixou furiosa.

Foi Basil o primeiro a ter a ideia. Basil era um garotinho de olhos azuis travessos e nariz arrebitado, e Mary o odiava. Um dia, brincava sozinha debaixo de uma árvore, do jeito que brincara no dia em que o cólera irrompeu. Fazia montinhos de terra e abria pequenas trilhas para um jardim, e Basil chegou perto dela e a ficou observando. A certa altura, mostrou-se muito interessado e, de repente, fez uma sugestão:

– Por que você não coloca um monte de pedras ali, como naqueles jardins enfeitados com pedras? – ele perguntou. – Ali no meio – e inclinou-se por cima dela para apontar.

– Vai embora! – exclamou Mary. – Não quero saber de meninos. Vai embora!

Por um momento, Basil pareceu zangado, mas, em seguida, começou a provocá-la. Ele sempre provocava suas irmãs. Ficou dançando em volta de Mary, fazendo caretas, cantando e dando risadas.

Senhorita Mary Malmequer, Gosta de brincar de jardineira? Com lírios, flores-de-sino, o que houver, E de pôr magnólias em fileira.

Cantou isso até que as outras crianças ouviram e se juntaram a ele; e quanto mais Mary se zangava, mais elas cantavam “Senhorita Mary Malmequer”; e depois, durante o tempo em que ela viveu com eles, sempre a chamavam, quando falavam dela, de Senhorita Mary Malmequer – e, muitas vezes, também quando falavam diretamente com ela.

– Vão mandar você para casa – Basil disse a ela –, no final da semana. E nós vamos achar ótimo.

– Eu também vou achar ótimo – respondeu Mary. – Mas onde é minha casa?

– Ela não sabe onde é a casa dela! – disse Basil, com seu escárnio de menino de 7 anos. – Na Inglaterra, é claro! Nossa avó mora lá, e nossa irmã Mabel foi mandada para morar com ela no ano passado. Mas você não vai para a casa da sua avó. Você não tem! Vai para a casa do seu tio. O nome dele é senhor Archibald Craven.

– Não sei nada sobre ele – retrucou Mary.

– Eu sei que você não sabe – respondeu Basil. – Você não sabe de nada. Meninas nunca sabem. Ouvei meu pai e minha mãe falando dele. Ele mora num casarão velho e desolado, no campo, e ninguém nunca chega perto dele. É muito bravo e não deixa ninguém se aproximar, e ninguém iria querer chegar perto, mesmo que ele deixasse. É corcunda, um homem horroroso.

– Não acredito em você – disse Mary, virando-se de costas e tampando os ouvidos, porque não queria ouvir mais nada.

Mas, depois, ficou pensando bastante naquilo; e quando, naquela noite, a senhora Crawford lhe contou que ela embarcaria para a Inglaterra em poucos dias para ficar com o tio, o senhor Archibald Craven, que morava na Mansão Misselthwaite, Mary se mostrou tão indiferente e teimosamente desinteressada que não sabiam o que pensar. Tentaram ser amáveis com a menina, mas ela afastou o rosto quando a senhora Crawford tentou beijá-la, e ficou toda empertigada quando o senhor Crawford lhe deu um tapinha no ombro.

– É uma criança tão desenxabida – comentou mais tarde a senhora Crawford, com pena dela. – E a mãe era uma criatura linda. E de trato fácil também, mas Mary tem os modos mais antipáticos que já vi numa criança. As outras a chamam de “Senhorita Mary Malmequer”, e, apesar de ser uma maldade da parte delas, não é difícil entender o porquê disso.

– Talvez, se a mãe tivesse levado mais vezes o seu lindo rosto e seus agradáveis modos até o quarto da menina, Mary também tivesse aprendido boas maneiras. Agora que aquela linda mulher foi embora, é triste se lembrar de que muita gente sequer sabia que ela tinha uma filha.

– Tenho a impressão de que ela mal olhava para a menina – suspirou a senhora Crawford. – Quando a aia dela morreu, não havia mais ninguém ali para cuidar da pobrezinha. Os criados fugiram correndo e a deixaram sozinha naquele bangalô deserto. O coronel McGrew disse que quase caiu para trás quando abriu a porta e encontrou a menina sozinha no meio do quarto.

Mary fez a longa viagem para a Inglaterra sob os cuidados da esposa de um oficial, que estava levando os filhos para colocá-los em um internato.

Estava ocupada demais com seu menino e sua menina, e ficou muito satisfeita em entregar a criança à mulher que o senhor Archibald Craven enviara para recebê-la em Londres. A mulher, a senhora Medlock, era governanta na Mansão Misselthwaite. Uma senhora robusta, tinha bochechas avermelhadas e olhos negros vivos. Usava um vestido de um tom de roxo intenso, um xale preto de seda com franjas e uma boina preta com flores de veludo roxas que se projetavam para fora e balançavam quando ela movimentava a cabeça. Mary não gostou nem um pouco dela, mas, como raramente gostava de alguém, não havia nada de extraordinário nisso; além do mais, era muito evidente que tampouco a senhora Medlock gostara dela.

– Deus do céu! Que coisinha mais sem graça! – ela comentou. – E dizem que a mãe era uma mulher linda. Não puxou muito à mãe, pelo jeito, não é mesmo, minha senhora?

– Talvez melhore à medida que for crescendo – disse a esposa do oficial, mais benevolente. – Se não fosse tão pálida e tivesse uma expressão mais agradável, até que teria traços faciais bonitos. As crianças mudam muito com o tempo.

– Pois ela vai ter que mudar bastante – respondeu a senhora Medlock. – E, se a senhora quer saber, não há muita coisa que possa melhorar as crianças lá em Misselthwaite!

Acharam que Mary não ouvia a conversa, pois estava em pé, um pouco afastada delas, olhando pela janela do hotel em que haviam combinado de se encontrar. Observava os ônibus, as carruagens e as pessoas passando, mas tinha ouvido tudo e ficado muito curiosa a respeito do tio e do lugar em que ele vivia. Que tipo de lugar seria aquele? Como seria o tio? O que era um corcunda? Nunca havia visto um na vida. Talvez não houvesse corcundas na Índia.

Desde que passara a viver na casa de outras pessoas e não tinha mais aia, Mary começara a se sentir sozinha e a ter pensamentos esquisitos, que nunca tivera antes. Passara a se perguntar por que tinha a sensação de nunca ter pertencido a ninguém, mesmo quando o pai e a mãe ainda eram vivos. As outras crianças pareciam pertencer a seus pais e mães, mas ela nunca

pareceu ser realmente a menina de alguém. Tivera criados, comida e roupas, mas ninguém se dera ao trabalho de percebê-la. Ela não sabia que isso tinha a ver com o fato de ser uma criança antipática; mas, é claro, tampouco tinha noção de que era antipática. Muitas vezes, achava que os outros eram assim, mas não sabia que ela mesma também era.

Achou a senhora Medlock a pessoa mais desagradável que já havia conhecido, com seu rosto comum, muito corado, e sua boina requintada e gasta. No dia seguinte, quando partiram para Yorkshire, a menina foi andando pela estação até o vagão do trem com a cabeça erguida e tentando se manter o mais longe possível da mulher, porque não queria dar a impressão de que estavam juntas. Irritava-a pensar que as outras pessoas talvez imaginassem que ela fosse filha daquela mulher.

Mas a senhora Medlock não estava sequer minimamente incomodada com a menina e seus pensamentos. Era o tipo de mulher que “não ligava para as bobagens das crianças”. Pelo menos, seria essa a sua resposta, se lhe perguntassem. Ela não quisera se mudar para Londres quando a filha de sua irmã Maria decidiu se casar, mas tinha um emprego confortável e bem pago como governanta na Mansão Misselthwaite, e a única maneira pela qual sabia mantê-lo era fazendo imediatamente o que o senhor Archibald Craven mandasse. Nunca ousara fazer uma pergunta sequer.

– O capitão Lennox e sua esposa morreram de cólera – o senhor Craven havia dito, com aquele seu jeito seco e frio. – O capitão Lennox era irmão da minha mulher, e sou o tutor da filha deles. A criança deve ser trazida para cá. Você deve ir a Londres e trazê-la você mesma.

Então, ela arrumou sua malinha e partiu em viagem.

Meio sem graça e chateada, Mary se sentou no seu canto do compartimento do vagão. Não tinha nada para ler ou olhar, e cruzou no colo as mãos delicadas, cobertas com luvas pretas. O vestido preto realçava a palidez de sua pele, e seu cabelo claro e desalinhado espiava por baixo do chapéu preto de crepe.

“Nunca na vida vi uma criança tão estragada”, pensou a senhora Medlock. (“Estragada” é como o pessoal de Yorkshire costumava se referir a uma criança mimada e cheia de caprichos.) Ela nunca havia visto uma

criança que ficasse sentada tão quieta, sem fazer nada; por isso, a certa altura, cansou-se de ficar olhando para a menina e começou a falar em um tom de voz enérgico e severo.

– Suponho que eu deva lhe contar alguma coisa a respeito do lugar para onde você está indo – disse ela. – Você sabe alguma coisa sobre seu tio?

– Não – respondeu Mary.

– Nunca ouviu seu pai e sua mãe falando a respeito dele?

– Não – disse Mary, contrariada. Aborreceu-se porque lembrou que o pai e a mãe nunca haviam falado com ela a respeito de nada em particular. Na verdade, nunca haviam lhe contado coisa alguma.

– Hummm... – murmurou a senhora Medlock, olhando para o rostinho esquisito e inexpressivo da menina. Ficou sem dizer nada por alguns instantes, e então retomou a conversa:

– Suponho que você deva ficar sabendo de algumas coisas... para se preparar. Você está indo para um lugar estranho.

Mary não disse absolutamente nada, e a senhora Medlock pareceu bastante incomodada por aquela aparente indiferença, mas respirou fundo e continuou.

– Seja como for, é um lugar grande e imponente, do seu jeito sombrio, e o senhor Craven tem orgulho dele, também do seu jeito... igualmente sombrio. É uma casa de seiscentos anos, à beira de uma charneca, e tem quase cem quartos, embora a maior parte deles fique fechada e trancada. Tem retratos, uma mobília antiga muito requintada, coisas que estão ali há centenas de anos e um grande parque em volta, com jardins e árvores, das quais alguns ramos se estendem até o chão. – Ela fez uma pausa e respirou fundo novamente. – E é só – concluiu, de repente.

Mary tinha prestado atenção, mesmo a contragosto. Tudo aquilo soava muito diferente de como era na Índia, e ela sentia atração por qualquer novidade. Mas não queria dar a impressão de estar interessada; esse era um dos traços tristes e desagradáveis do seu comportamento. Assim, continuou sentada, em silêncio.

– Bem – disse a senhora Medlock. – O que você achou?

– Nada – ela respondeu. – Não sei nada a respeito desse tipo de lugar.

Isso fez a senhora Medlock rir, com uma risadinha curta.

– Ora! – ela exclamou. – Você está parecendo uma velha. Não faz diferença para você?

– Não vai mudar nada eu me importar ou não com isso – disse Mary.

– Nesse ponto você tem razão – disse a senhora Medlock. – Não vai mudar nada. Não sei por que você foi mandada para a Mansão Misselthwaite, a não ser porque é a solução mais fácil. E *ele* não vai se preocupar com você, pode ter certeza disso. Nunca se preocupa com ninguém.

A governanta fez uma pausa, como se acabasse de se lembrar de alguma coisa.

– Ele tem as costas encurvadas – disse. – Isso prejudicou muito sua vida. Foi um jovem amargurado, que não desfrutava de todo o dinheiro que tinha nem do lugar enorme onde morava, até se casar.

Os olhos de Mary voltaram-se para a mulher, embora ela quisesse dar a impressão de não se interessar. Nunca imaginaria que o corcunda pudesse ser casado, e ficou um pouco surpresa. A senhora Medlock percebeu, e, como era uma mulher muito falante, prosseguiu com mais interesse. E, de qualquer modo, aquela era também uma maneira de passar o tempo.

– Era uma mulher muito doce, muito linda, e ele iria até o fim do mundo para lhe trazer uma folha de relva, se ela pedisse. Ninguém acreditava que ela fosse se casar com ele, mas se casou, e as pessoas dizem que foi por causa de dinheiro. Mas não foi, não foi mesmo – afirmou, convicta. – Quando ela morreu...

Nesse momento, Mary se mexeu no banco, sem querer.

– Nossa! Ela morreu, então! – deixou escapar. Acabara de se lembrar de um conto de fadas francês que havia lido, chamado *Henrique, o Topetudo*.\*\*\* Falava de um pobre corcunda e de uma bela princesa, e isso de repente fez a menina sentir pena do senhor Archibald Craven.

– Sim, ela morreu – a senhora Medlock continuou. – E isso o deixou ainda mais esquisito. Ele não liga para ninguém. Não quer ver gente. A maior parte do tempo fica viajando, e, quando está em Misselthwaite, tranca-se na Ala Oeste e não deixa ninguém vê-lo, exceto Pitcher. Pitcher é

um senhor idoso que cuidou dele quando criança e sabe lidar com suas esquisitices.

Aquela parecia uma história tirada de algum livro e não ajudou Mary a se sentir mais animada. Uma casa com cem quartos, quase todos fechados e com as portas trancadas... uma casa junto a uma charneca... o que quer que fosse uma charneca... tudo soava sinistro. E, ainda por cima, com um homem corcunda que vivia trancado! Ela olhou pela janela do trem com os lábios apertados, e lhe pareceu muito natural que a chuva tivesse começado a cair, com suas gotas cinza e inclinadas, batendo e escorrendo pelo vidro da janela. Se a linda esposa de seu tio ainda fosse viva, poderia tornar as coisas um pouco mais alegres, como fazia a mãe da menina, entrando e saindo de casa e indo a festas com seus belos vestidos cheios de renda. Mas ela não estava mais ali.

– Não vá esperando vê-lo, porque as chances são mínimas – disse a senhora Medlock. – E tampouco espere que haja gente para conversar. Vai ter que brincar sozinha e cuidar de si mesma. Vão lhe dizer onde pode entrar e onde é proibido. Jardins não faltam. Mas, quando estiver na casa, não é para ficar rondando e xeretando. O senhor Craven não tolera isso.

– Não vou querer xeretar – disse irritada a pequena Mary, que, do mesmo jeito que subitamente ficara com muita pena do senhor Archibald Craven, parou de senti-la e começou a achar que ele era desagradável o bastante para merecer tudo o que lhe havia acontecido.

Então, virou o rosto e ficou encarando a chuva escorrendo pelo vidro da janela do vagão, vendo aquela tempestade cinza, que parecia querer durar para sempre. Ficou tanto tempo ali, quieta, observando-a, que aquele cinza ficou cada vez mais denso e pesou sobre seus olhos, e ela adormeceu.



### CAPÍTULO III



**M**ary dormiu durante muito tempo, e, quando acordou, a senhora Medlock havia comprado uma cestinha de lanche em uma das estações. Comeram um pouco de frango, carne fria e pão com manteiga e tomaram chá quente. A chuva parecia cair com maior intensidade do que nunca, e todos na estação vestiam capas impermeáveis, molhadas e brilhantes. O guarda do trem acendeu as luminárias do vagão, e a senhora Medlock se dedicou com afinco ao seu chá com frango e carne. Comeu muito, e logo depois também caiu no sono. Mary ficou olhando para a mulher, vendo sua fina boina deslizar para um lado, até que ela também adormeceu de novo no canto do vagão, embalada pelas gotas de chuva batendo na janela. Já estava bem escuro quando acordou de novo. O trem havia parado em uma estação, e a senhora Medlock a sacudia.

– Dormiu bastante, hein! – disse ela. – Hora de abrir os olhos! Chegamos à Estação Thwaite e agora temos um longo trajeto pela frente.

Mary levantou, esforçando-se para manter os olhos abertos enquanto a senhora Medlock recolhia seus pertences. A garota não se ofereceu para ajudá-la, porque na Índia os criados sempre pegavam ou carregavam as

coisas, e parecia bastante adequado que algumas pessoas cuidassem de servir outras.

A estação era pequena, e parecia que ninguém, além delas duas, estava descendo do trem. O chefe da estação conversou com a senhora Medlock de um jeito simplório, mas acolhedor, pronunciando as palavras de um modo estranho, arrastado, que mais tarde Mary descobriria ser o sotaque típico de Yorkshire.

– Tô vendo que a senhora voltou – ele disse. – E trouxe junto a menina.

– E é isso, olh’ela aí – respondeu a senhora Medlock, com o mesmo sotaque e virando a cabeça por sobre o ombro na direção de Mary. – E como vai a sua senhora?

– Tá tudo certo. A carruagem tá esperando ocês lá fora.

Uma pequena carruagem aguardava na rua diante da pequena plataforma externa. Mary notou que era um veículo elegante, e um lacaios igualmente elegante veio ajudá-la a subir. Sua longa capa impermeável e a cobertura impermeável de seu chapéu brilhavam com os pingos de chuva, como todo o resto, incluindo o corpulento chefe da estação.

Depois de fechar a porta, o lacaios sentou-se na boleia, ao lado do cocheiro, e partiram. A menina se viu confortavelmente sentada em um canto acolchoado da carruagem, mas não sentiu vontade de dormir de novo. Endireitou o corpo e olhou pela janela, curiosa para ver um pouco da estrada que levava até o estranho lugar do qual a senhora Medlock lhe falara. Não era uma criança tímida, de modo algum, e não estava propriamente assustada, mas sentiu que não havia como saber o que poderia acontecer em uma casa com cem quartos, quase todos fechados... uma casa à beira de uma charneca.

– O que é uma charneca? – perguntou, de repente, à senhora Medlock.

– Olhe pela janela daqui a uns dez minutos e verá o que é – respondeu a mulher. – Temos que andar uns oito quilômetros pela Charneca Missel antes de chegar à Mansão. Você não vai ver muita coisa porque a noite é escura, mas algo deve dar para ver.

Mary não fez mais perguntas; aguardou no escuro, em seu cantinho, mantendo os olhos na janela. As lanternas da carruagem projetavam fochos

de luz que alcançavam uma pequena distância adiante deles, e ela via de relance as coisas pelas quais passavam. Depois que saíram da estação, atravessaram uma pequena aldeia, e ela viu casinhas caiadas e as luzes de uma taberna. Em seguida, passaram por uma igreja, pela casa do vigário e por uma pequena vitrine de loja ou algo assim, com brinquedos e doces e coisas variadas expostas à venda. Pegaram então outra estrada, e ela conseguiu ver cercas vivas e árvores. Em seguida, pareceu não haver nada de diferente por um bom tempo – ou pelo que lhe pareceu ser um bom tempo.

Por fim, os cavalos reduziram a marcha, como se subissem um morro, e a certa altura não dava mais para ver cercas vivas nem árvores. Na realidade, ela não conseguia enxergar coisa alguma, a não ser uma densa escuridão de ambos os lados. Inclinou-se para a frente e encostou o rosto na janela bem na hora em que a carruagem deu um forte solavanco.

– Ei! Agora, sim, estamos na charneca, com certeza – disse a senhora Medlock.

As lanternas da carruagem projetavam fochos de luz amarela sobre uma estrada rústica, que parecia ter sido aberta entre arbustos e outras vegetações rasteiras, e terminava em uma grande extensão escura, que parecia se espalhar à frente e em volta deles. Um vento começou a soprar, fazendo um som singular, selvagem, grave e ligeiro.

– Estamos no... isso não é o mar, é? – perguntou Mary, virando-se para a companheira.

– Não, não é – respondeu a senhora Medlock. – Também não são campos ou montanhas: são apenas quilômetros e quilômetros de terra inóspita onde não cresce nada, a não ser urze e tojo, e nos quais os únicos seres vivos são pôneis selvagens e carneiros.

– Sinto como se isso fosse um mar, como se houvesse água aqui embaixo – disse Mary. – E o som agora é igual ao do mar.

– É o vento soprando nos arbustos – a senhora Medlock explicou. – Eu acho um lugar selvagem e sinistro demais, mas tem muita gente que gosta, particularmente quando as urzes estão florescendo.

Seguiram pela escuridão, e, embora a chuva tivesse parado, o vento continuava a soprar e a assobiar, produzindo sons estranhos. A estrada subia e descia, e várias vezes a carruagem passava por pequenas pontes, sob as quais a água corria muito rápido, fazendo um barulho muito alto. Mary sentia como se o condutor nunca fosse chegar ao destino, e aquela charneca extensa e sinistra fosse uma vastidão de oceano negro que ela estivesse atravessando por uma faixa de terra seca.

– Não estou gostando disso – disse a si mesma. – Não estou gostando nada disso – e apertou os lábios com força.

Os cavalos subiam um trecho da estrada em aclive quando ela vislumbrou a primeira luz. A senhora Medlock também viu essa luz, logo depois dela, e deu um longo suspiro de alívio.

– Ah, como é bom ver esse tiquinho de luz brilhando! – exclamou. – É a luz da janela da casa do porteiro. Mais um pouco e com certeza vamos poder tomar uma boa xícara de chá.

E de fato foi apenas mais um pouco, como ela dissera, pois quando a carruagem passou pelos portões do parque, ainda havia apenas uns três quilômetros de alameda a percorrer, cercados por árvores, cujas copas quase se tocavam e davam a impressão de formar um longo túnel escuro.

Ao saírem do túnel, chegaram a um espaço aberto e pararam diante de uma casa muitíssimo comprida, mas não muito alta, que parecia estender-se ao redor de um pátio de pedra. Inicialmente, Mary olhou para as janelas e achou que não havia nenhuma luz acesa, mas, ao sair da carruagem, viu que um quarto em um dos cantos do andar de cima exibia uma fraca luminosidade.

A porta de entrada era imensa, com grandes painéis de carvalho em formatos curiosos, cheios de enormes pregos de ferro e com grandes barras, também de ferro. A porta desembocava em um imenso saguão, tão fracamente iluminado, que os rostos dos retratos nas paredes e as silhuetas das armaduras fizeram Mary sentir que não queria olhar para aquilo. Ali, em pé no piso de pedra, ela parecia uma pequena e inusitada estatueta preta, e se sentia tão pequena, perdida e estranha quanto parecia estar.

Um senhor idoso, magro, bem alinhado, juntou-se ao criado que havia ido abrir a porta para elas.

– Você deve levá-la ao quarto dela – disse o senhor, com voz rouca. – Ele não quer vê-la. Irá para Londres amanhã cedo.

– Muito bem, senhor Pitcher – a senhora Medlock respondeu. – Desde que eu saiba o que se espera de mim, posso dar conta.

– O que se espera da senhora, senhora Medlock – disse o senhor Pitcher –, é que garanta que ele não seja incomodado e que não veja o que não quer ver.

E, então, Mary Lennox foi conduzida por uma ampla escadaria, por um longo corredor, por um curto lance de escadas, por outro corredor e por mais um corredor, até que uma porta se abriu em uma das paredes, e ela se viu em um quarto com uma lareira e um jantar sobre a mesa.

A senhora Medlock comentou, sem cerimônia:

– Bem, este é o seu quarto! Você irá viver nele e no quarto ao lado, e deve se restringir a eles dois. Não se esqueça disso!

Foi dessa maneira que a senhorita Mary chegou à Mansão Misselthwaite, e talvez, em toda a sua vida, ela nunca tenha se sentido tão contrariada, tão Senhorita Mary Malmequer, como naquele momento.

## CAPÍTULO IV



Quando Mary abriu os olhos pela manhã, foi porque uma jovem criada tinha entrado em seu quarto e feito barulho ao se ajoelhar no tapetinho em frente à lareira para remexer as cinzas e acendê-la. Deitada, Mary a observou por uns instantes, e então começou a olhar ao seu redor. Nunca havia visto um quarto como aquele, e o achou peculiar e sombrio. As paredes eram cobertas por tapeçarias bordadas com cenas de uma floresta. Havia pessoas debaixo de árvores vestidas com roupas fantásticas, e a certa distância se vislumbrava as torres de um castelo. Havia caçadores e cavalos e cães e damas. Mary se sentia como se estivesse naquela floresta com eles. Através de uma janela, podia ver lá fora um grande trecho de terra em declive que parecia não ter árvores, como um mar infundável, opaco, arroxeadado.

– O que é aquilo? – perguntou, apontando para fora da janela.

Martha, a jovem criada, que acabara de se pôr de pé, olhou para fora, e também apontou.

– Aquilo ali? – perguntou.

– Sim.

– É a charneca – respondeu, com um sorriso afável. – Gostou?

– Não – respondeu Mary. – Odiei.

– É porque ainda não se acostumou – Martha disse, voltando à sua lareira. – Deve achá-la grande demais e muito erma. Mas vai acabar gostando.

– Você gosta? – perguntou Mary.

– Ah, mas é claro – respondeu Martha, toda animada, limpando a grade. – Simplesmente adoro. E o lugar não é ermo, não, viu? É cheio de vida silvestre, que cresce e exala um doce aroma. É muito lindo na primavera e no verão, quando o tojo, o esparto e a urze florescem. Têm cheiro de mel, e o ar fica fresquinho... E o céu parece bem alto, e as abelhas e cotovias fazem um som bonito, zumbindo e cantando. Ah! Eu não viveria longe da charneca por nada desse mundo.

Mary a ouvia com expressão séria, intrigada. Os criados nativos da Índia, com os quais estava acostumada, não se pareciam em nada com Martha. Eram discretos e servis, e não ousavam conversar com seus patrões como se fossem iguais a eles. Faziam salamaleques e chamavam os patrões de “protetores dos pobres” e outras expressões do tipo. Os serviçais indianos recebiam ordens, e não pedidos, para fazer as coisas. Não era costume dizer “Por favor” e “Obrigado”, e Mary sempre dava tapas no rosto de sua aia quando ficava com raiva. Imaginou por um momento o que aquela garota faria se alguém lhe desse um tapa. Era uma criatura rechonchuda, rosada, alegre, mas tinha uns modos firmes que fizeram a senhorita Mary achar que ela seria capaz de revidar um tapa, ainda mais se a pessoa que a estapeasse fosse uma menininha.

– Você é uma criada estranha – disse, a cabeça encostada no travesseiro, com certa arrogância.

Martha se sentou sobre os calcanhares, com sua escova de limpeza na mão, e riu, sem parecer se incomodar nem um pouco com o comentário.

– Ah! Eu sei – disse. – Se Misselthwaite tivesse uma patroa de verdade, eu sequer seria uma das faxineiras. Talvez me pusessem como copeira, mas jamais me deixariam trabalhar nos andares de cima. Sou simplória demais e falo com o sotaque muito carregado de Yorkshire. Mas esta é uma casa

engraçada, apesar de tão imponente. Parece que não tem nem patrão nem patroa, a não ser o senhor Pitcher e a senhora Medlock. O senhor Craven não quer ser perturbado quando está por aqui, e quase sempre está viajando. A senhora Medlock me arrumou a vaga por bondade dela. Disse que jamais teria feito isso se Misselthwaite fosse como as demais mansões.

– É você que vai ser minha criada? – Mary perguntou, ainda com seu jeitinho indiano altivo.

Martha voltou a esfregar a grelha.

– Eu sou funcionária da senhora Medlock – disse, com firmeza. – E ela é funcionária do senhor Craven, mas eu é que tenho que fazer o serviço de empregada aqui em cima e servi-la um pouco. Mas você não vai precisar muito dos meus serviços.

– Quem é que vai me vestir? – perguntou Mary.

Martha se sentou de novo sobre os calcanhares e ficou olhando para a menina, surpresa. Expressou sua perplexidade no melhor sotaque de Yorkshire.

– Cê num se veste sozinha inda não, menina? – perguntou ela.

– Como assim? Eu não entendo direito o que você fala – disse Mary.

– Ah! Eu esqueço! – Martha disse. – A senhora Medlock já havia me dito para eu ter cuidado com meu jeito de falar, senão você não ia me entender. O que eu perguntei é se você não é capaz ainda de se vestir sozinha.

– Não – respondeu Mary, indignada. – Nunca fiz isso na vida. Minha aia é que me vestia, claro.

– Bem – disse Martha, evidentemente sem a menor noção de estar sendo insolente –, então já está mais do que na hora de aprender, não é? Você já está bem crescidinha. Vai lhe fazer bem cuidar um pouco de você mesma. Minha mãe sempre dizia que se admirava muito quando os filhos de gente muito rica não viravam uns perfeitos patetas, com tantas babás e gente para dar banho neles e vesti-los e levá-los para passear, como se fossem cachorrinhos!

– Na Índia é diferente – disse a senhorita Mary, com desdém. Ela não estava suportando muito bem aquilo.



Mas Martha não se alterou.

– Ah! Eu entendo que é diferente – respondeu, com um ar de quase cumplicidade. – Eu me atreveria a dizer que é porque há muitos negros ali, em vez de pessoas brancas respeitáveis. Quando soube que você vinha da Índia, achei que fosse preta também.

Mary se sentou na cama, furiosa.

– O quê?! – ela disse. – Como assim?! Você pensou que eu fosse uma nativa?! Você, sua filha de uma porca?!

Martha arregalou os olhos e pareceu estar perturbada.

– Que história é essa de me xingar?! – perguntou ela. – Não precisa ficar tão brava assim. Isso não são modos de uma jovem dama falar. E eu não tenho nada contra os pretos. Quando a gente lê a respeito deles nos folhetins, são retratados sempre como muito religiosos. Sempre lemos que são gente como nós, nossos irmãos. Nunca vi um preto na vida e fiquei feliz ao pensar que iria ver um bem de perto. Quando entrei para acender sua lareira, esta manhã, fui de mansinho até sua cama e puxei a cobertura com cuidado para olhá-la. E lá estava você, que decepção, nem um pouco mais escura do que eu, apesar de bem amarelinha.

Mary sequer tentou controlar sua fúria e humilhação.

– Você achou que eu fosse uma nativa! Mas que atrevimento! Você não sabe nada sobre nativos! Eles não são gente... são serviçais que têm que nos fazer reverências. Você não sabe nada a respeito da Índia. Você não sabe nada de nada!

Ela ficou com tanta raiva e tão impotente diante do olhar singelo da moça, e foi tomada de repente por um sentimento tão horrível de solidão, longe de tudo o que entendia e de tudo o que podia entendê-la, que afundou o rosto no travesseiro e chorou em desespero. Soluçava tanto, que a amável Martha de Yorkshire ficou um pouco assustada e com muita pena dela. Foi até a cama e se debruçou sobre ela.

– Ei! Não precisa chorar desse jeito, não! – pediu. – Não é pra tanto. Não imaginei que fosse ficar tão brava assim. Eu não sei nada de nada mesmo, como você falou. Peço desculpas, senhorita. Mas pare de chorar.

Havia algo de tão reconfortante e sinceramente amigável naquela fala peculiar de Yorkshire e nos seus modos firmes, que teve um bom efeito sobre Mary. Aos poucos, ela parou de chorar e se acalmou. Martha pareceu aliviada.

– Agora é hora de você levantar da cama – disse a criada. – A senhora Medlock mandou deixar seu desjejum, seu chá e suas refeições no quarto ao lado. Foi arrumado como um quarto de crianças para você. Vou ajudá-la com as roupas quando você levantar da cama. Se tiverem botões nas costas, você não vai conseguir abotoá-las sozinha.

Quando Mary finalmente decidiu se levantar, viu que as roupas que Martha pegou no guarda-roupa não eram as que estava usando ao chegar, na noite anterior, com a senhora Medlock.

– Essas roupas não são as minhas – disse. – As minhas são pretas.

Mas passou os olhos pelo casaco e o vestido de lã branca grossa e deu sua aprovação, com frieza:

– São melhores que as minhas.

– São as que você deverá vestir – Martha respondeu. – O senhor Craven mandou a senhora Medlock comprá-las em Londres. Ele disse: “Não quero uma criança de preto vagando por aqui como se fosse uma alma penada” – contou. – “Vai tornar o lugar mais triste do que já é. Ponha algo colorido nela.” Minha mãe disse que sabe muito bem o que ele quis dizer. Minha mãe sempre sabe o que as pessoas querem dizer. Ela mesma não suporta preto.

– Eu odeio coisas pretas – disse Mary.

O processo de se vestir ensinou algo às duas. Martha costumava ajudar a “abotoar” suas irmãs e irmãos menores, mas nunca havia visto uma criança ficar parada esperando outra pessoa fazer as coisas por ela, como se não tivesse mãos e pés.

– Por que não calça os sapatos você mesma? – perguntou quando Mary esticou as pernas e ficou esperando, sem dizer nada.

– Minha aia fazia isso – respondeu Mary, olhando fixamente para ela. – Era o costume.

Mary dizia isso com frequência: “Era o costume”. Os serviçais nativos sempre usavam essa expressão. Se alguém lhes dissesse para fazer uma coisa que seus ancestrais há milhares de anos não faziam, olhavam para a pessoa tranquilamente e diziam “Não é o costume”, e você já sabia que o assunto estava encerrado.

Não era o costume que a senhorita Mary fizesse qualquer coisa a não ser ficar em pé e deixar que a vestissem como uma bonequinha, mas, antes de se aprontar para o café da manhã, começou a suspeitar que sua vida na Mansão Misselthwaite acabaria lhe ensinando um monte de coisas muito novas para ela – coisas como calçar as próprias meias e sapatos e pegar ela mesma as coisas que deixasse cair no chão. Se Martha fosse uma competente e bem treinada criada de uma jovem dama, teria sido mais subserviente e respeitosa e saberia que sua obrigação era escovar o cabelo da menina, abotoar as botas dela e catar as coisas que derrubasse para guardá-las no lugar. No entanto, era apenas uma moça de Yorkshire, simples e sem treinamento, que crescera em uma casinha da charneca com um bando de irmãozinhos e irmãzinhas que nunca haviam tido outra opção a não ser cuidar de si mesmos e dos mais novos, fossem eles bebês de colo ou crianças começando a aprender a andar e tropeçando em tudo.

Se Mary Lennox fosse uma criança mais bem-humorada, talvez achasse graça na prontidão de Martha para falar, mas Mary apenas ouvia friamente a criada e ficava intrigada com seus modos espontâneos. De início, não mostrou o menor interesse, mas aos poucos, com a moça sempre tagarelando com seu jeito alegre e caseiro, Mary começou a prestar mais atenção ao que ela dizia.

– Pois é! Cê devia conhecer o pessoal lá de casa – disse Martha. – Somos doze irmãos, e meu pai ganha só dezesseis xelins por semana. Você não imagina o esforço da minha mãe pra pôr mingau na mesa pra todos eles. Ficam fazendo a maior bagunça pela charneca e brincando ali o dia inteiro, e minha mãe diz que é o ar da charneca que faz eles engordarem. Diz que suspeita que eles comem grama, que nem os pôneis selvagens. Nosso Dickon tem 12 anos de idade e arrumou um pônei novinho, e diz que é dele.

– Onde ele arrumou o pônei? – perguntou Mary.

– Encontrou na charneca, ainda filhotinho, junto com a mãe, e começou a ficar amigo dele e lhe dar nacos de pão, e colhia capim novo pr’ele comer. E o bichinho gostou dele e fica atrás dele por todo lado, e deixa meu irmão montar nele. O Dickon é um menino bonzinho, os bichos gostam dele.

Mary nunca tivera um animal de estimação e sempre imaginou que gostaria de ter um. Então começou a sentir um leve interesse por Dickon, e, como nunca havia se interessado por ninguém a não ser por si mesma, foi como se um sentimento saudável começasse a nascer dentro dela. Quando entrou no outro quarto preparado para ela, viu que era muito parecido com o de dormir. Não era um quarto de criança, e sim um quarto de adulto, com retratos antigos e sóbrios nas paredes e cadeiras de carvalho velhas e pesadas. A mesa no centro havia sido posta com um bom café da manhã. Mas ela sempre tivera pouco apetite, e olhou com uma quase indiferença para o primeiro prato que Martha colocou diante dela.

– Não quero – disse.

– Você não quer esse prato de mingau?! – Martha exclamou, incrédula.

– Não.

– Cê não sabe como é bom. Ponha um pouco de melado ou de açúcar.

– Não quero – repetiu Mary.

– Ah! – disse Martha. – Não suporto ver comida boa desperdiçada. Se as crianças lá de casa vissem tudo que tem nessa mesa, limpavam em cinco minutos.

– Por quê? – disse Mary, com indiferença.

– Por quê?! – exclamou Martha. – Porque quase nunca experimentaram ficar de estômago cheio na vida delas. Vivem com fome, que nem os falcões e as raposas.

– Eu não sei o que é passar fome – disse Mary, com a indiferença de quem ignora o assunto.

Martha pareceu indignada com aquilo.

– Bom, então acho que ia lhe fazer muito bem experimentar como é. Pra mim isso é muito claro – disse ela, com franqueza. – Não tenho paciência com gente que senta e fica só olhando um bom pão e uma boa carne. Meu

Deus! Como eu gostaria que Dickon e Phil e Jane e todos eles pudessem mandar tudo isso que está aqui para debaixo de seus aventalinhos.

– Por que você não leva para eles? – sugeriu Mary.

– Porque não é meu – respondeu Martha, com firmeza. – E porque não é meu dia de folga. Eu folgo uma vez por mês, assim como os demais. Então volto pra casa e faço a faxina lá, pra minha mãe ter um dia de descanso.

Mary tomou um pouco de chá e comeu uma torradinha com um pouco de geleia.

– Seria bom você se agasalhar bem e dar uma volta lá fora e brincar um pouco – sugeriu Martha. – Iria lhe fazer bem e abrir seu apetite para comer um pouco de carne.

Mary foi até a janela. Viu que havia jardins e caminhos e árvores enormes, mas tudo parecia monótono e com um ar de inverno.

– Lá fora? E por que eu deveria ir lá fora num dia assim?

– Bom, se você não sair vai ter que continuar aqui dentro, e aí vai ficar fazendo o quê?

Mary olhou em volta. Não havia o que fazer ali. Quando a senhora Medlock preparara o quarto, não pensara em diversões. Talvez fosse melhor mesmo ir lá fora e ver como eram os jardins.

– Quem vai lá comigo? – perguntou.

Martha arregalou os olhos.

– Você vai sozinha, claro! – respondeu ela. – Precisa aprender a brincar como fazem as outras crianças que não têm irmãos ou irmãs. O nosso Dickon sai pela charneca sozinho e passa horas brincando. Foi assim que fez amizade com o pônei. Tem carneiros na charneca que o conhecem, e passarinhos que vêm comer na mão dele. Embora a gente tenha pouca comida, ele sempre separa um pedacinho do seu pão para agradar seus bichos de estimação.

Na realidade, foi essa menção a Dickon que fez Mary decidir sair, embora não tivesse consciência disso. Haveria passarinhos lá fora, apesar de não haver pôneis nem carneiros. Deviam ser diferentes dos passarinhos da Índia, e ela iria se entreter apreciando-os.

Martha encontrou o casaco e o chapéu da menina e um par de botinhas reforçadas, e explicou para ela como se orientar no andar térreo.

– Se você der a volta por aquele caminho, chegará aos jardins – disse ela, apontando para um portão num muro de trepadeiras. – No verão, brotam muitas flores aqui, mas agora não há nada florescendo – ela pareceu hesitar um segundo antes de acrescentar: – Um desses jardins está fechado. Ninguém entrou nele nos últimos dez anos.

– Por quê? – perguntou Mary, quase sem pensar. Era mais uma porta fechada para se somar às outras muitas daquela estranha casa.

– O senhor Craven mandou fechar quando a esposa dele morreu daquele jeito tão de repente. Não deixa ninguém entrar ali. Era o jardim dela. Trancou a porta, cavou um buraco e enterrou a chave. Ei, acabei de ouvir tocar o sininho da senhora Medlock... preciso correr.

Depois que a criada saiu, Mary seguiu pelo caminho que levava ao portão no meio das trepadeiras. Não conseguia parar de pensar naquele jardim no qual ninguém entrava havia dez anos. Ficou imaginando como devia ser e se ainda haveria flores ali. Ao passar pelo portão das trepadeiras, viu-se no meio de um grande jardim, com amplos gramados e caminhos sinuosos, delimitados por arbustos bem-cuidados. Havia árvores e canteiros de flores, e moitas de plantas perenes, podadas em formatos extravagantes, e um grande tanque de água com uma antiga fonte de cor cinza no meio. Mas os canteiros de flores estavam vazios e ressequidos, e a fonte não funcionava. Aquele não deveria ser o tal jardim fechado. Mas como um jardim poderia estar fechado?! Sempre dava para passear por um jardim...

Estava justamente pensando nisso quando viu que no final do caminho havia o que parecia ser um muro comprido, coberto de hera. Ela não tinha familiaridade suficiente com a Inglaterra para saber que estava entrando na horta da cozinha, onde eram cultivados legumes e frutas. Foi em direção ao muro e descobriu que havia uma porta verde no meio da hera, e que ela estava aberta. Evidentemente, não era o jardim fechado, e ela conseguiu entrar.

Ao passar pela porta, viu que o jardim era todo murado e que era apenas um dos vários jardins murados que havia ali e que pareciam se comunicar.

Viu outra porta verde aberta, dando acesso a arbustos e caminhos entre canteiros de legumes de inverno. Árvores frutíferas cresciam junto aos muros, e sobre alguns dos canteiros havia coberturas de vidro. O lugar era bastante despojado e feio, pensou Mary, parada ali, olhando ao redor. Devia ser mais agradável no verão, quando tudo estivesse verde, mas naquele momento não havia nada de bonito ali.

A certa altura, um homem velho, com uma pá no ombro, entrou pela porta que vinha do segundo jardim. Ele teve um pequeno sobressalto ao ver Mary, e deu um toque no chapéu para saudá-la. Tinha uma cara de velho ranzinza e não pareceu gostar nada de vê-la por ali – mas ela tampouco estava gostando do jardim dele e fez aquela sua cara antipática de “malmequer”, certamente sentindo o mesmo por ele.

– Que lugar é esse? – perguntou.

– Uma das hortas da cozinha – ele respondeu.

– E lá é o quê? – disse Mary, apontando para a outra porta verde.

– Outra horta – ele resumiu. – Tem mais uma do outro lado do muro, e depois fica o pomar.

– Posso ir lá ver? – perguntou Mary.

– Se quiser... Mas não há o que ver ali.

Mary não respondeu. Continuou pelo caminho e atravessou a segunda porta verde. Ali, encontrou mais muros e legumes de inverno e coberturas de vidro, mas no muro seguinte havia outra porta verde, que não estava aberta. Talvez levasse ao jardim que ninguém visitava há dez anos. Como era uma criança nada tímida e sempre fazia o que tinha vontade, Mary foi até a porta verde e girou a maçaneta. Esperava que a porta não abrisse, o que lhe daria a certeza de ter encontrado o misterioso jardim, mas a porta abriu com facilidade, e ela entrou e se viu dentro de um pomar. Havia muros por todo o entorno, junto aos quais se alinhavam as árvores frutíferas, ainda sem frutos, crescendo na grama marrom do inverno, mas não se via mais nenhuma porta verde em lugar algum. Mary ficou procurando-a, mas na hora em que entrara pela outra ponta do jardim tinha notado que o muro, em vez de terminar no pomar, estendia-se para além dele, como se fechasse algum recinto do outro lado. Ela via as copas das

árvores por cima daquele muro, e, ao parar quieta, notou, sentado no galho mais alto de uma delas, um pássaro com o peito vermelho-vivo, que de repente passou a entoar seu canto de inverno, como se tivesse percebido a presença dela e decidido chamá-la.

Mary ficou ouvindo o pássaro cantar, e, de algum modo, aquele canto alegre e amistoso lhe deu uma sensação prazerosa – afinal, mesmo garotinhas antipáticas podem se sentir solitárias, e aquele casarão fechado, a imensa charneca desolada e os grandes jardins vazios a faziam sentir como se não houvesse mais ninguém no mundo a não ser ela. Se fosse uma criança afetuosa, acostumada a ser amada, teria se sentido muito infeliz ali, mas, mesmo sendo a “Senhorita Mary Malmequer”, sentia-se desamparada, e aquele passarinho de peito colorido trouxe ao seu rostinho amargo algo que era quase um sorriso. Ficou ouvindo-o até ele voar para longe. Não era como os pássaros da Índia, e ela tinha gostado dele e imaginado se iria vê-lo de novo algum dia. Talvez ele morasse no misterioso jardim e soubesse tudo a respeito dele.

Talvez fosse por não ter o que fazer que ela dava tanta importância ao jardim deserto. Sentia curiosidade, queria ver como era. Por que o senhor Archibald Craven enterrara a chave? Se ele gostava tanto da esposa, por que odiava o jardim dela? Ficou refletindo se veria o senhor Craven algum dia, mas sabia que, se o visse, talvez não gostasse dele, e tampouco ele, dela, e que acabaria apenas ficando em pé diante do homem sem dizer nada, apesar de sentir uma terrível vontade de perguntar por que ele havia feito uma coisa tão estranha.

“As pessoas não gostam de mim, e eu não gosto das pessoas”, pensou ela. “E nunca consigo falar como as crianças dos Crawford fazem. Elas ficam o tempo todo falando e rindo e fazendo barulho.”

Pensou naquele passarinho que parecia ter cantado para ela, e ao se lembrar do galho em que ele estava, parou de repente, no meio do caminho de volta.

– Acho que aquela árvore estava dentro do jardim secreto; ou melhor, tenho certeza de que estava – disse. – Havia um muro cercando aquele lugar, e não havia nenhuma porta.



Andou de volta até a primeira horta em que havia entrado e encontrou o velho cavando. Foi até ele e parou a seu lado, observando-o por alguns momentos com seu jeitinho arrogante. Ele sequer reparou nela, até que, finalmente, ela decidiu falar.

– Eu dei uma volta pelos outros jardins – disse a menina.

– Nada impede que você faça isso – respondeu o velho, rabugento.

– Eu entrei no pomar.

– Não tem nenhum cachorro ali que possa mordê-la – o homem retrucou.

– Não havia nenhuma porta ali para o outro jardim – disse Mary.

– Que jardim? – ele disse, com rispidez, parando de cavar por um momento.

– O que fica do outro lado do muro – respondeu a senhorita Mary. – Tem árvores ali, eu vi a copa delas. E tinha um passarinho de peito vermelho cantando, pousado num dos galhos.

Para sua surpresa, aquele rosto sombrio e maltratado pelo tempo mudou de expressão. Um lento sorriso iluminou-o, e o jardineiro pareceu muito diferente. Fez a menina pensar que era muito interessante o quanto uma pessoa parece muito mais bonita quando sorri. Nunca havia pensado nisso antes.

Ele virou-se para o lado em que ficava o pomar do seu jardim e começou a assobiar, com um assobio baixinho e grave. Ela não conseguia compreender como um homem tão carrancudo podia produzir um som tão bonito.

No instante seguinte, uma coisa maravilhosa aconteceu. Ela ouviu um suave bater de asas, e viu que era o passarinho de peito vermelho voando até eles e pousando no monte de terra perto dos pés do jardineiro.

– Aqui está ele – disse o velho com uma risadinha, e então falou com o passarinho como se estivesse falando com uma criança.

– Onde é que ocê andava, seu andarilhozinho abusado? – ele disse. – Ainda não tinha visto você hoje. Já começou a namorar cedo assim na estação? Pra que essa pressa toda, hein?

O pássaro entortava a cabecinha de lado e olhava para ele com seus olhinhos brilhantes como gotas escuras de orvalho. Parecia muito

acostumado com aquilo, e não sentir o menor medo. Ficou saltitando por ali e bicando o chão, todo animado, procurando sementes e insetos. Isso fez Mary sentir uma coisa estranha no coração, porque o passarinho era muito lindo e alegre e parecia uma pessoa. Tinha um corpinho rechonchudo e um bico delicado, e suas pernas eram bem fininhas.

– Ele sempre vem quando você chama? – ela perguntou, quase com um sussurro.

– Ah, e não vai vir? Eu o conheço desde que era filhote. Ele veio do ninho que fica no outro jardim, e quando voou pela primeira vez por cima do muro, era fraco demais para voar de volta, então passou alguns dias por aqui e ficamos amigos. Quando conseguiu voar de novo por cima do muro, o resto da ninhada já tinha ido embora, e ele se sentiu sozinho, então voltou pra mim.

– Que tipo de passarinho é? – Mary perguntou.

– Cê não sabe? É um pintarroxo de peito vermelho, e são os passarinhos mais amigos e curiosos que existem. Quase tão amigos quanto os cachorros... se você souber lidar com eles. Olhe bem pra ele, bicando e olhando pra nós de vez em quando. Ele sabe que estamos falando dele.

Era a coisa mais esquisita do mundo, aquele velho. Ele olhava para o passarinho rechonchudo de peito vermelho com o maior orgulho e amor.

– Ele é muito convencido – riu o velho. – Gosta de ouvir a gente falando dele. E muito curioso também... Misericórdia, nunca vi alguém mais curioso e enxerido. Está sempre vindo aqui xeretar o que estou plantando. Ele sabe de tudo aquilo que o senhor Craven não se dá ao trabalho de descobrir. É o jardineiro chefe aqui, é ele, sim.

O pintarroxo saltitava, ocupado em bicar o chão, e de vez em quando parava e olhava para eles por um instante. Mary sentiu que aqueles olhinhos escuros como gotas de orvalho olhavam para ela com muita curiosidade. De fato, parecia que ele estava descobrindo tudo a respeito dela. Aquela sensação nova cresceu em seu coração.

– Para onde foi que o resto da ninhada voou? – ela perguntou.

– Ninguém sabe. Os pais põem os filhotes para fora do ninho e fazem eles voar, e eles se espalham por aí. Esse aqui foi esperto, sabia que estava

sozinho.

A senhorita Mary se aproximou um passo do pintarroxo e olhou bem para ele.

– Eu estou sozinha – ela disse.

Ela não sabia, até aquele momento, que essa era umas coisas que a faziam se sentir amargurada e zangada. Pareceu descobrir isso quando o pintarroxo olhou para ela e ela para ele.

O velho jardineiro empurrou o chapéu para trás e olhou para ela por alguns instantes.

– Você é a tal garotinha que veio da Índia? – perguntou.

Mary assentiu.

– Então não é de admirar que se sinta sozinha. E aqui vai se sentir mais sozinha ainda – disse ele.

Voltou a cavar de novo, enterrando a pá bem fundo no rico solo preto, enquanto o pintarroxo saltitava em volta dele, muito ocupado.

– Qual é seu nome? – Mary perguntou.

Ele se aprumou para responder.

– Ben Weatherstaff – disse ele, e acrescentou, com uma risadinha triste: – Eu também estou sozinho, a não ser quando ele fica comigo – e, então, sacudiu o polegar na direção do passarinho. – Ele é o único amigo que eu tenho.

– Eu não tenho nenhum amigo – disse Mary. – Nunca tive. Minha aia não gostava de mim e nunca brinquei com ninguém.

Era um hábito em Yorkshire dizer o que se pensa com total franqueza, e o velho Ben Weatherstaff era um homem da charneca de Yorkshire.

– Você e eu somos um pouco parecidos – disse ele. – Fomos feitos do mesmo tecido. Nenhum de nós dois é bonito, e tanto eu quanto você somos mal-humorados. Garanto que temos o mesmo temperamento arredo, os dois.

Aquilo era falar com franqueza, e Mary Lennox nunca na vida ouvira a verdade a respeito de si mesma. Os serviçais nativos viviam fazendo salamaleques e se mostrando submissos, não importava o que ela fizesse. Nunca se achava bonita, mas ficou pensando se seria tão pouco atraente

quanto Ben Weatherstaff, e também se parecia ser tão mal-humorada quanto ele antes de conhecer o pintarroxo. Na verdade, também ficou se perguntando se tinha mesmo um “temperamento arredo”. Sentiu-se um pouco desconfortável.

De repente, ouviu perto dela um ruído sutil, vibrante, e virou-se. Estava em pé a um metro e meio de uma macieira nova, e o pintarroxo tinha voado até um de seus galhos e começado a cantar uma pequena melodia. Ben Weatherstaff riu na mesma hora.

– Por que ele fez isso? – perguntou Mary.

– Ele decidiu ficar seu amigo – respondeu Ben. – Aposto que se encantou por você.

– Por mim? – disse Mary, aproximando-se devagar da arvorezinha e olhando para cima.

– Você gostaria de ser meu amigo? – ela perguntou ao pintarroxo, como se estivesse falando com uma pessoa. – Gostaria? – E não disse isso nem com sua vizinha antipática nem com seu tom indiano arrogante, mas com um tom de voz tão suave, tão cheio de expectativas e tão sedutor que deixou Ben Weatherstaff tão surpreso quanto ela ficara ao ouvi-lo assobiar.

– Que isso, hein! – ele exclamou. – Cê disse isso de um jeito tão doce e humano, como se fosse uma criança de verdade e não uma velha ranzinza. Disse isso quase do mesmo jeito que Dickon fala com as coisas silvestres dele lá na charneca.

– Você conhece o Dickon? – Mary perguntou, virando-se, de repente, para ele.

– Todo mundo aqui conhece o menino. O Dickon fica perambulando por todo lado. Até as amoras e as flores das urzes o conhecem. Pode ter certeza de que até as raposas mostram pra ele onde deixam seus filhotes, e as cotovias não escondem seus ninhos dele.

Mary teria gostado de lhe fazer mais algumas perguntas. Estava quase tão curiosa a respeito de Dickon quanto em relação ao jardim deserto. Mas, naquele exato momento, o pintarroxo, que havia parado de cantar, sacudiu um pouco as asas, abriu-as e saiu voando. Já havia feito sua visita e tinha outros afazeres.

– Ele voou por cima do muro! – Mary exclamou, acompanhando o voo do pássaro. – Foi para o pomar, passou por cima do outro muro e entrou no jardim que não tem porta!

– Ele mora lá – disse o velho Ben. – Foi lá que ele saiu do ovo. Deve estar namorando alguma pintarroxinha que mora nas velhas roseiras.

– Roseiras! – exclamou Mary. – Tem roseiras lá?

Ben Weatherstaff pegou novamente sua pá e recomeçou a cavar.

– Dez anos atrás, tinha – murmurou.

– Gostaria de vê-las – disse Mary. – Onde fica a porta verde? Deve haver uma porta em algum lugar.

Ben enterrou bem fundo sua pá e olhou para a menina com a mesma cara de poucos amigos que ostentava quando ela o viu pela primeira vez.

– Havia roseiras dez anos atrás, mas não há mais agora – ele disse.

– Não tem porta?! – lamentou Mary. – Tem que ter!

– Nenhuma que alguém possa encontrar e nenhuma que seja da conta de ninguém. Pare de ser uma garotinha intrometida e de meter o nariz onde não é chamada. Olhe aqui, eu preciso continuar meu trabalho. Vai andando, vai brincar. Não tenho mais tempo a perder.

E assim foi: o homem parou de cavar, pôs a pá em um dos ombros e foi embora, sem sequer olhar para ela ou se despedir.

## CAPÍTULO V



### *O choro no corredor*

**N**o início, para Mary Lennox, todo dia era exatamente igual aos demais. Toda manhã ela acordava em seu quarto forrado de tapeçarias e via Martha ajoelhada, junto à lareira, acendendo o fogo; toda manhã, tomava o desjejum no quarto de crianças, onde não tinha nenhum brinquedo; e, depois de cada café da manhã, olhava pela janela para a imensa charneca, que parecia se estender por todos os lados e escalar até o céu. Depois de passar algum tempo ali, observando, ela se lembrava de que, se não saísse, teria que ficar em casa sem fazer nada; e, então, saía. Não sabia que essa era a melhor coisa que podia fazer, e também não sabia que, ao começar a andar depressa, ou até mesmo correr pelos caminhos e pela alameda, estava agitando seu sangue lento e ficando mais forte para enfrentar o vento que soprava da charneca. Corria só para se aquecer, e odiava aquele vento que batia em seu rosto, uivava e a refreava como se fosse algum gigante que ela não conseguia ver. Mas as grandes lufadas do ar fresco e rude que soprava pelas urzes enchiam seus pulmões de algo bom para seu corpo esbelto, algo que deixava suas faces coradas e fazia brilhar seus olhos embotados, mesmo que ela não tivesse a menor noção daquilo.

Depois de alguns dias quase inteiros ao ar livre, ela acordou uma manhã sabendo o que era sentir fome, e, ao se sentar para o café da manhã, não ficou mais olhando com desdém para o seu mingau, afastando-o em seguida: pegou a colher e começou a comer, e continuou comendo até deixar a tigela vazia.

– Gostou desse mingau hoje, hein? – perguntou Martha.

– Hoje ele está delicioso – disse Mary, um pouco surpresa.

– É o ar da charneca que está deixando seu estômago com vontade de comer – respondeu Martha. – Sorte sua ter apetite e ter também o que comer. Na nossa casa são sempre doze com os estômagos muito a fim de comer, mas sem muita coisa para enchê-los. Continue brincando ao ar livre todo dia e vai ganhar um pouco de carne nesses ossos e deixar de ser tão amarela.

– Eu não brinco – disse Mary. – Não tenho com o que brincar.

– Não tem com o que brincar! – exclamou Martha. – Nossas crianças brincam com pedaços de pau e pedras. Elas simplesmente correm por ali e gritam e olham as coisas.

Mary não gritava, mas olhava para as coisas. Não havia nada mais para fazer. Dava voltas e voltas pelos jardins e andava pelos caminhos do parque. Às vezes, procurava Ben Weatherstaff, mas, apesar de vê-lo muitas vezes trabalhando por ali, ele estava sempre ocupado demais para lhe dar atenção, ou então muito carrancudo. Uma vez, ela vinha andando na direção dele, mas o viu pegar a pá e lhe dar as costas, como se de propósito.

Havia um lugar ao qual ela ia com maior frequência: era o Caminho Comprido, fora dos jardins cercados por muros. Havia canteiros vazios de ambos os lados, e a hera crescia, densa, sobre os muros. Em certa parte dos muros, as folhas escuras da trepadeira eram mais densas. Davam a impressão de que, por muito tempo, aquela parte havia sido negligenciada. O resto fora podado e estava mais bem-cuidado, mas naquela parte do caminho a hera não havia sido aparada.

Alguns dias depois da conversa com Ben Weatherstaff, Mary se deteve e reparou novamente naquele trecho do muro, intrigada. Tinha acabado de parar, olhando para uma longa haste de hera balançando ao vento, quando

um brilho vermelho chamou sua atenção, e ela ouviu um canto agudo; e ali, no alto do muro, o pintarroxo de peito vermelho de Ben Weatherstaff inclinava-se para a frente e olhava para ela, tombando a cabecinha para um lado.

– Oh! – ela exclamou. – É você! É você mesmo? – e não achou nem um pouco estranho falar com ele, tendo certeza de que a entenderia e responderia.

E ele respondeu. Ficou piando e cantando e saltitando pelo muro, como se estivesse contando a ela todo tipo de coisas. E a senhorita Mary tinha a impressão de que também o entendia, embora o pássaro não se expressasse com palavras. Era como se ele dissesse:

– Bom dia! Que brisa boa, não é? O sol está muito bonito! Está tudo lindo! Vamos os dois piar e cantar e saltitar! Vamos! Vamos!

Mary começou a rir, e enquanto o pássaro saltitava e esvoaçava pelo muro, ela corria atrás dele. A pobrezinha da Mary, magrinha, pálida e feiosa, por um momento, pareceu quase bonita.

– Adoro você! Adoro você! – exclamou ela, dando pulinhos pelo caminho; e tentava gorjear e assobiar, coisa que não tinha a menor noção de como fazer. Mas o pintarroxo parecia muito feliz e gorjeava e trinava de volta. Por fim, ele abriu as asas e lançou-se em um voo até o alto de uma árvore, onde ficou empoleirado e cantando a plenos pulmões.

Isso fez Mary se lembrar da primeira vez que o havia visto. Ele estava balançando no alto de uma árvore, e ela, em pé no pomar. Agora, ela estava do lado de lá do pomar, em um caminho junto ao muro, bem mais adiante, e via a mesma árvore do outro lado.

– Deve ficar no jardim onde ninguém pode entrar – disse a si mesma. – O tal jardim que não tem porta. Ele mora ali. Eu adoraria saber como é esse jardim!

Ela correu pelo caminho até a porta verde pela qual entrara na primeira manhã. Então, continuou pelo caminho e passou pela outra porta e entrou no pomar, e, quando parou e olhou melhor, lá estava a árvore do outro lado do muro, com o pintarroxo, que naquele preciso instante havia parado de cantar e começado a limpar as penas com o bico.



– É o jardim – ela disse. – Tenho certeza de que é.

Mary percorreu e olhou de perto para todo aquele lado do muro do pomar, mas só confirmou o que já sabia: que não havia nenhuma porta ali. Então, atravessou de novo as hortas da cozinha e foi até o caminho da parte externa do longo muro coberto de hera, caminhou até o final dele e deu mais uma olhada, mas não havia porta; foi até a outra ponta, examinando tudo de novo, e seguiu sem encontrar porta alguma.

– É muito estranho – disse. – Ben Weatherstaff afirmou que não havia porta, e não há porta mesmo. Mas deveria haver uma porta dez anos atrás, porque o senhor Craven enterrou a chave.

Isso lhe deu tanto o que pensar, que ela começou a ficar muito interessada e sentiu que não lamentava mais ter ido para a Mansão Misselthwaite. Na Índia, sempre se sentira calorenta demais e sem energia para se importar com o que quer que fosse. O fato é que o ar fresco da charneca havia começado a soprar e a levar embora as teias de aranha do seu jovem cérebro, animando-a um pouco.

Ela ficava ao ar livre durante quase o dia inteiro, e quando se sentava para jantar, à noite, sentia fome e certa sonolência e bem-estar. Não ficava mais irritada com a tagarelice de Martha. Tinha a impressão de que até gostava de ouvi-la; por fim, até pensou em lhe fazer uma pergunta. Decidiu fazê-la ao terminar de jantar, quando se sentou no tapetinho perto da lareira.

– Por que o senhor Craven odeia o jardim?

Mary havia feito Martha ficar com ela, e Martha não fizera nenhuma objeção. Era muito jovem, acostumada com uma casa pequena cheia de irmãos e irmãs, e achava monótono conviver no grande saguão dos criados do andar de baixo, onde o lacaio e as criadas mais velhas zombavam de seu sotaque de Yorkshire e a olhavam com desdém, julgando-a uma simplória, enquanto ficavam sentados, fofocando. Martha gostava de falar, e a estranha criança que vivera na Índia e havia sido servida por “pretos” era uma novidade que atraía sua atenção.

Ela também se sentou diante da lareira sem esperar que Mary lhe pedisse.

– Você ainda está pensando naquele jardim, não é? – ela disse. – Bem que eu imaginei. Eu também fiquei assim quando soube.

– Por que ele odeia o jardim? – insistiu Mary.

Martha acomodou melhor os pés debaixo das pernas para ficar mais confortável.

– Ouça o vento ululando em volta da casa – disse. – Você mal conseguiria ficar em pé na chameca, se estivesse lá fora agora à noite.

Mary não sabia o que queria dizer “ululando” até que prestou atenção ao som, e então entendeu. Devia significar aquele tipo de rugido turbulento que envolvia a casa, como se um gigante invisível a fizesse estremecer e batesse em suas paredes e janelas tentando quebrá-las. Mas ela sabia que ele não poderia entrar, e então se sentia de algum modo segura e aquecida em um ambiente com um fogo de carvões em brasa.

– Mas por que ele odiava tanto o jardim? – ela perguntou novamente, depois de ter ouvido o vento. Queria confirmar se Martha sabia ou não.

Martha revelou tudo o que sabia.

– Veja bem – disse ela –, a senhora Medlock diz que não devemos tocar nesse assunto. Tem um monte de coisas neste lugar que dizem que é melhor não comentar. São ordens do senhor Craven. Seus problemas não são da conta dos criados, diz ele. Mas, se não fosse pelo jardim, ele não seria desse jeito. Era o jardim da senhora Craven, ela o arrumara logo que se casaram e simplesmente adorava o lugar, e os dois costumavam cuidar das flores eles mesmos. Nunca deixavam os jardineiros entrarem. Ficavam ali trancados por horas e horas, lendo e conversando. E ela tinha umas coisas de menina: havia uma velha árvore com um galho encurvado que formava uma espécie de assento. Ela então plantou umas rosas que cresceram em volta desse galho, e gostava de sentar ali. Mas um dia o galho se partiu e ela caiu, e se machucou muito, e morreu no dia seguinte. Os médicos acharam que ele ia enlouquecer e morrer também. É por isso que ele odeia o jardim. Desde então nunca mais ninguém entrou lá, e ele não deixa ninguém falar a respeito.

Mary não fez mais perguntas. Ficou olhando para o fogo da lareira e ouvindo o vento “ululando”. Parecia “ulular” mais alto do que nunca.

Naquele momento, uma coisa muito boa estava acontecendo com ela. Na realidade, quatro coisas boas já haviam acontecido com ela desde sua chegada à Mansão Misselthwaite. Ela acreditava ter entendido um pintarroxo, e sentia que ele a entendia também; correria ao vento até seu sangue se aquecer; sentira uma fome saudável pela primeira vez na vida; e acabava de descobrir como é sentir pena de alguém.

Mas, enquanto ouvia o vento, começou a ouvir também outra coisa. Não sabia o que era, porque de início mal conseguia distingui-la do próprio vento. Era um som peculiar, um pouco parecido com o som de uma criança chorando em algum lugar. Às vezes, o vento soava mesmo como uma criança chorando, mas agora a senhorita Mary tinha certeza de que o som vinha de dentro da casa, não de fora. Soava distante, mas estava ali dentro. Virou-se e olhou para Martha.

– Você está ouvindo alguém chorando? – perguntou.

Martha, de repente, pareceu perturbada.

– Não – respondeu. – É o vento. Às vezes soa como se houvesse alguém perdido na charneca chorando. Ele faz todo tipo de sons.

– Mas ouça bem – disse Mary. – Vem de dentro da casa, de um desses corredores compridos.

E naquele exato instante uma porta deve ter sido aberta em algum lugar do andar de baixo, porque uma muito forte rajada de vento adentrou o corredor, e a porta do quarto em que elas estavam foi escancarada e fez um grande estrondo, e, no momento em que as duas ficaram de pé com um salto, a luz se apagou e o som de choro chegou, lá de longe, pelo corredor, e pôde ser ouvido mais nitidamente do que nunca.

– Ouça agora! – exclamou Mary. – Eu disse a você! É alguém chorando, e não é uma pessoa adulta!

Martha correu para fechar a porta e passou a chave, mas antes disso as duas ouviram o som de uma porta batendo com força em algum lugar distante da casa, e então tudo ficou quieto, porque até o vento parou de soprar – ou de “ulular” – por alguns momentos.

– Era o vento – Martha teimou em dizer. – E se não foi o vento, então era a pequena Betty Butterworth, a copeira. Hoje ela passou o dia inteiro com

dor de dente.

Mas alguma coisa perturbada e esquisita no jeito de Martha fez a senhorita Mary olhar bem para seus olhos. E ela não acreditou que Martha estivesse dizendo a verdade.

## CAPÍTULO VI



**N**o dia seguinte, choveu forte de novo, e, quando olhou pela janela, Mary viu que a charneca estava quase escondida pela neblina e por nuvens cinza. Não poderia sair naquele dia.

– O que vocês fazem na sua pequena casa quando chove desse jeito? – ela perguntou a Martha.

– Tentamos não ficar muito amontoados – Martha respondeu. – Ah! Aí é que a gente percebe que somos muitos lá dentro. Minha mãe é muito bem-humorada, mas fica toda atrapalhada nessas horas. Os maiorzinhos saem, vão até o estábulo da vaca e ficam brincando ali. O Dickon não se incomoda com a chuva. Sai lá fora, chova ou faça sol. Diz que em dias de chuva consegue ver as coisas de um jeito diferente do que elas se mostram quando faz tempo bom. Uma vez, achou um filhotinho de raposa meio afogado na toca e trouxe pra casa debaixo da camisa, pra mantê-lo aquecido. A mãe do bichinho havia sido morta ali perto, e a toca inundou, e o resto da ninhada morreu. Agora essa raposa está lá em casa. Outro dia, ele achou um corvo novinho, meio afogado, e também trouxe pra casa e

domesticou. Pôs o nome de Fuligem nele, porque é pretinho, e o corvo pula e voa em volta do meu irmão aonde quer que ele vá.

A essa altura, Mary já não se incomodava com a tagarelice de Martha. Até começava a achá-la interessante, e não gostava quando ela parava de falar ou ia embora. As histórias que a aia lhe contava quando morava na Índia eram bem diferentes das que Martha contava sobre a sua casinha na charneca, que abrigava catorze pessoas vivendo em quatro quartos pequenos e onde nunca tinha comida suficiente. As crianças faziam bagunça e se divertiam como uma ninhada de cães pastores rústicos, sempre de bem com a vida. Mary sentia maior afinidade pela mãe e por Dickon. Quando Martha contava histórias sobre o que a “mamãe” dizia ou fazia, elas sempre soavam agradáveis.

– Se eu tivesse um corvo ou um filhote de raposa, poderia brincar com eles – disse Mary. – Mas não tenho nada.

Martha olhou para ela, perplexa.

– Você não sabe tricotar? – perguntou.

– Não – respondeu Mary.

– Sabe costurar?

– Não.

– Sabe ler?

– Sei.

– Então, por que não lê alguma coisa ou aprende a escrever melhor? Você já é crescida o suficiente para aprender bastante com seus livros.

– Não tenho livros – disse Mary. – Os que eu tinha ficaram na Índia.

– Que pena – disse Martha. – Se a senhora Medlock deixar você entrar na biblioteca, lá tem milhares de livros.

Mary não perguntou onde ficava a biblioteca, porque de repente se sentiu inspirada por uma nova ideia: decidiu ir procurar a biblioteca por conta própria. Não costumava ser incomodada pela senhora Medlock, que parecia ficar o tempo inteiro na sua confortável saleta de governanta, no térreo. Aliás, era raro ver alguém naquele lugar peculiar. Na realidade, não havia ninguém para ver, exceto os criados, e quando o patrão estava fora, eles passavam horas felizes no andar de baixo, em uma cozinha enorme, cheia

de objetos reluzentes de metal e estanho, e no grande saguão só para os criados, onde faziam quatro ou cinco refeições por dia e promoviam uma animada algazarra quando a senhora Medlock não andava por ali.

As refeições de Mary eram servidas regularmente, e Martha sempre a ajudava, mas os demais não se importavam nem um pouco com a menina. A senhora Medlock vinha vê-la quase todo dia, mas ninguém perguntava o que ela havia feito ou lhe dizia o que fazer. Mary imaginou que talvez fosse o jeito inglês de tratar as crianças. Na Índia, sempre fora cuidada pela aia, que a acompanhava por todo lado e a servia em tudo. Muitas vezes, ela ficava até enjoada de sua companhia. Agora, ninguém a acompanhava, e ela começava a aprender a se vestir sozinha, porque Martha dava a impressão de achá-la tonta e lerda quando ela insistia que fizessem as coisas por ela.

– Será que você bate bem mesmo da cabeça? – ela disse uma vez, quando Mary ficou esperando que ela lhe calçasse as luvas. – A nossa Susan Ann é duas vezes mais esperta que você e tem só 4 anos de idade. Às vezes, você parece meio fraca das ideias.

Mary Malmequer ficou mais de uma hora emburrada depois disso, mas foi obrigada a rever várias coisas nas quais nunca havia pensado.

Naquela manhã, ficou uns dez minutos junto à janela, depois que Martha limpou a lareira e desceu. Ficou refletindo sobre aquela nova ideia que tivera ao saber da biblioteca. Não pensava exatamente na biblioteca, porque havia lido bem poucos livros; mas saber que existia uma a fez se lembrar dos cem quartos com portas trancadas. Ficou matutando se estariam mesmo trancados, e também no que encontraria se pudesse entrar em algum deles. Eram realmente cem? Por que não contava quantas portas havia? Afinal, seria uma maneira de se ocupar naquela manhã em que não poderia ir lá fora. Não tinha sido ensinada a pedir permissão para fazer as coisas, e não sabia nada a respeito de autoridade; portanto, não sentiria necessidade de pedir permissão à senhora Medlock para andar pela casa, mesmo que a visse por ali.

Mary abriu a porta de seu quarto, saiu pelo corredor e começou sua andança. Era um corredor comprido, que se ramificava em outros corredores e a conduzia por curtos lances de escada, que levavam a outros

lances. Havia portas e mais portas e muitos quadros nas paredes. Alguns eram de paisagens escuras e peculiares, mas a maioria eram retratos de homens e mulheres em trajes esquisitos e imponentes, de cetim e veludo. De repente, viu-se em uma longa galeria cheia daqueles retratos. Nunca imaginara que pudesse haver tantos retratos em uma casa. Andou devagar por aquele lugar, examinando os rostos, que pareciam sempre olhar para ela. Sentiu como se estivessem curiosos para saber o que aquela menininha da Índia fazia na casa deles. Havia também retratos de crianças: garotinhas em vestidos armados de cetim compridos até os pés e esparramados em volta delas, e meninos com mangas bufantes e golas de renda e cabelos compridos, ou com grandes enfeites franzidos em volta do pescoço. Sempre parava para olhar as crianças e se perguntava quais seriam seus nomes, e para onde teriam ido, e por que usavam roupas tão estranhas. Havia o retrato de uma menininha empertigada e apática, parecida com ela. Usava um vestido verde de brocado e segurava um papagaio verde em um dos dedos. Seus olhos tinham uma expressão penetrante, curiosa.

– Onde você mora agora? – perguntou Mary, em voz alta, à menina do retrato. – Adoraria que você estivesse aqui.

Com certeza, nenhuma outra menina jamais vivera uma manhã tão peculiar como aquela. Parecia não haver ninguém naquela casa imensa e confusa a não ser ela, uma garotinha perambulando, subindo e descendo escadas, por passagens ora estreitas, ora largas, que, tinha a impressão, ninguém mais, a não ser ela, havia percorrido. Se haviam construído tantos quartos, era porque devia ter morado muita gente ali; mas o lugar parecia tão vazio, que ela mal acreditava que fosse real.

Foi só quando subiu ao segundo andar que pensou em virar a maçaneta de alguma porta. Todas estavam trancadas, como a senhora Medlock havia dito. Finalmente, Mary pôs a mão na maçaneta de uma delas e girou. Quase se assustou ao sentir que a maçaneta girou sem dificuldade e que, ao empurrar a porta, ela se abriu devagar e pesadamente. Era uma porta de madeira maciça, que dava acesso a um grande dormitório. Havia bordados pendurados nas paredes e uma mobília entalhada pelo quarto inteiro, igual à que havia visto na Índia. Uma janela ampla, com vidraças unidas por tiras



de chumbo, dava para a charneca; e, sobre a lareira, havia outro retrato daquela garotinha empertigada e apática, que parecia olhar para ela com uma curiosidade maior ainda.

– Vai ver ela dormia neste quarto – disse Mary. – Ela me olha de um jeito que me faz sentir esquisita.

Depois disso, não parou mais de abrir portas, uma atrás da outra. Viu tantos quartos que acabou se cansando e começou a pensar que talvez fossem de fato uma centena, embora não tivesse contado. Em todos, havia velhas pinturas ou tapeçarias antigas com cenas estranhas. Em quase todos, havia também peças de mobília e ornamentos, todos muito peculiares.

Em um dos quartos, que parecia ser a sala de estar de uma dama, as tapeçarias eram todas de veludo bordado, e em um armário envidraçado havia uns cem elefantinhos de marfim. Eram de diferentes tamanhos, alguns com condutores ou palanquins nas costas. Havia elefantes bem maiores que os demais, e outros tão pequenos que pareciam bebês. Mary já vira peças de marfim esculpido na Índia, e sabia tudo sobre elefantes. Abriu a porta do armário, subiu em uma banquetta e ficou brincando com eles por um bom tempo. Quando se cansou, pôs os elefantes em ordem de novo e fechou a porta do armário.

Em todas as suas explorações pelos longos corredores e quartos vazios, não havia visto nada vivo; mas, naquele quarto, havia. Assim que fechou a porta do armário, ouviu um som baixinho, um leve farfalhar. Teve um sobressalto e olhou para o sofá junto à lareira, de onde parecia vir o barulho. No canto do sofá, havia uma almofada, e no veludo que a revestia ela viu um buraco, de onde espreitava uma cabecinha com um par de olhos assustados.

Mary avançou com cuidado pelo quarto para olhar melhor. Os olhos brilhantes eram de um camundongo cinza, que havia roído um buraco na almofada e feito um confortável ninho ali. Os seis filhotinhos da ratinha estavam aninhados e dormindo junto a ela. Podia não haver nenhum ser vivo nos cem quartos, mas, pelo menos, havia sete ratinhos que não pareciam nem um pouco solitários.

– Se eles não estivessem tão assustados, eu os levaria comigo – disse Mary.

Ela já havia perambulado por bastante tempo, o suficiente para se sentir cansada e decidir voltar. Por duas ou três vezes, perdeu-se ao virar no corredor errado e foi obrigada a vagar para cima e para baixo até achar o caminho certo; mas, finalmente, chegou ao seu andar de novo, embora ainda estivesse longe do seu quarto e sem saber muito bem qual era ele.

– Acho que peguei o caminho errado de novo – disse, parada no que parecia ser o final de um corredor curto, com uma tapeçaria na parede. – Não sei que caminho escolher. Nossa! Como tudo é quieto, aqui!

Logo depois de ter dito isso, o silêncio foi quebrado por um som. Era outro choro, mas não como o que ouvira na noite anterior: era mais curto, como um gemido de criança irritada, abafado ao atravessar as paredes.

– Está mais perto do que antes – disse Mary, com o coração batendo acelerado. – E é um choro, *com certeza*.

Encostou, sem querer, a mão na tapeçaria perto dela, e deu um pulo para trás, sobressaltada: a tapeçaria cobria uma porta, que de repente ficou escancarada e mostrou que atrás havia outra parte do corredor, da qual a menina viu a senhora Medlock vindo, com seu molho de chaves na mão e uma expressão muito zangada no rosto.

– O que você está fazendo aqui?! – disse ela, e pegou Mary pelo braço, empurrando-a para fora. – O que foi que eu lhe disse?

– É que eu virei no corredor errado – explicou Mary. – Não sabia que direção tomar e ouvi alguém chorando – ela quase ficou com ódio da senhora Medlock naquele momento, mas foi só em seguida que sentiu ódio de verdade dela.

– Você não ouviu nada disso, está entendendo? – disse a governanta. – Volte já para o seu quarto, se não vou puxar sua orelha.

E a pegou pelo braço e foi levando-a, meio empurrada, meio puxada, por um corredor, por outro, até enfiá-la em seu quarto.

– Ouça aqui – disse a governanta –, fique onde mandaram você ficar, senão vamos ter que trancá-la. É bom mesmo o patrão arrumar uma governanta para você, como ele falou que ia fazer. Você é daquelas que

precisam de alguém tomando conta o tempo inteiro. E eu já tenho muita coisa para fazer.

Ela saiu do quarto e bateu a porta com força, e Mary foi se sentar no tapetinho perto da lareira, pálida de raiva. Não chorou, mas ficou rangendo os dentes.

– *Tinha* alguém chorando, *tinha sim!* – disse a si mesma.

Já era a segunda vez que ouvia o choro, e alguma hora iria descobrir o que era. Já descobrira muitas coisas naquela manhã. Sentia como se estivesse voltando de uma longa viagem, e, de qualquer modo, havia achado com o que se divertir o tempo todo: brincando com os elefantes de marfim e vendo a ratinha cinza com seus filhotinhos no ninho dentro da almofada de veludo.

## CAPÍTULO VII



**D**ois dias depois, ao abrir os olhos, Mary se sentou, endireitando-se, na cama, e chamou Martha.  
– Venha ver a charneca! Venha ver!

A tempestade havia passado, e a névoa e as nuvens cinza haviam sido levadas pelo vento durante a noite. O próprio vento cessara, e um céu de um azul profundo e luminoso se estendia sobre a charneca. Nunca na vida Mary sonhara em ver um céu tão azul. Os céus da Índia eram quentes e abafados; aquele era de um azul calmo e profundo, que parecia quase cintilar como as águas de um lindo lago sem fundo, com pequenas nuvens flutuando aqui e ali, bem alto, naquele vasto arco azul, como flocos brancos de neve. A própria vastidão da charneca parecia agora ser de um azul suave, que havia tomado o lugar do sombrio preto arroxeadado ou daquele terrível e triste cinza.

– Que bom! – disse Martha, com um sorriso animado. – A tempestade por enquanto passou. É assim nessa época do ano. Ela vai embora de noite, como se fingisse nunca ter existido e não tivesse mais intenção de voltar.

Isso é porque a primavera está a caminho. Ainda demora, mas já vem chegando.

– Achei que a Inglaterra fosse sempre chuvosa ou escura – disse Mary.

– Não! Não! – exclamou Martha, sentando-se sobre os calcanhares no meio de suas escovas pretas. – Neca de pitibiriba!

– O que quer dizer isso? – perguntou Mary, séria. Na Índia, os nativos falavam diferentes dialetos que poucas pessoas compreendiam; portanto, ela não ficou muito surpresa quando Martha usou palavras que ela desconhecia.

Martha riu, como havia feito na primeira manhã.

– Ih, mais essa, agora! – disse. – Falei de novo bem do jeito que o povo daqui fala, esqueci que a senhora Medlock pediu para eu não falar assim. “Neca de pitibiriba” é a mesma coisa que dizer “não se trata de nada disso”, só que de um jeito mais rápido, sabe? Yorkshire é o lugar mais ensolarado da Terra quando faz sol. Falei que depois de um tempo você ia acabar gostando da charneca. Espere só até ver as flores douradas dos tojos e dos espartos, e as urzes florindo, com todas as suas flores roxas em forma de sino, e centenas de borboletas esvoaçando e abelhas zumbindo e cotovias voando alto e cantando. Você vai querer ir lá todo dia, assim que o sol nascer, e passar o dia inteiro, como o Dickon faz.

– Será que vou poder ir lá algum dia? – perguntou Mary, ansiosa, olhando pela janela para aquele azul distante. Aquela era uma cor muito nova, intensa e maravilhosa, e muito divina.

– Eu não sei – respondeu Martha. – Tenho a impressão de que você nunca usou suas pernas desde que nasceu. Não deve conseguir andar oito quilômetros. E são oito quilômetros até nossa casa.

– Eu adoraria conhecer sua casa.

Martha ficou olhando para ela por um momento, com curiosidade, antes de pegar sua escova e voltar a limpar a grade da lareira. Percebeu que aquele rostinho sem graça não parecia mais tão amargurado como na primeira manhã em que o vira. Estava até um pouco parecido com o rostinho da pequena Susan Ann quando queria muito alguma coisa.

– Vou perguntar isso para minha mãe – disse ela. – Ela é daquelas que quase sempre descobrem um jeito de fazer as coisas. Hoje é minha folga, e

estou voltando para casa. Ah! Fico feliz. A senhora Medlock gosta muito da mamãe. Talvez a mamãe possa falar com ela.

– Eu gosto da sua mãe – disse Mary.

– Eu imagino que goste mesmo – concordou Martha, ainda limpando a lareira.

– Eu ainda não a conheço – disse Mary.

– É, você ainda não a conhece – respondeu Martha.

Sentou-se novamente sobre os calcanhares e esfregou a ponta do nariz com as costas das mãos, como se, por um momento, estivesse intrigada; mas prosseguiu, de maneira bem positiva.

– Sabe, ela é uma mulher tão cordial, trabalhadora, bem-humorada e bem-cuidada que não há como as pessoas não gostarem dela, mesmo as que não a conhecem pessoalmente. Quando eu volto para casa para vê-la, no meu dia de folga, eu simplesmente vou dando pulos de alegria pela chameca.

– Eu gosto do Dickon – acrescentou Mary. – E também nunca vi a cara dele.

– Bom – disse Martha, com convicção –, é como eu falei, até os passarinhos gostam dele, e os coelhos e os carneiros e os pôneis selvagens, e até as próprias raposas. Fico imaginando – disse, olhando para Mary com um ar pensativo – o que será que o Dickon acharia de você...

– Ele não iria gostar de mim – disse Mary, com seu jeitinho esquisito e frio. – Ninguém gosta.

Martha ficou pensativa novamente.

– E você gosta de você mesma? – perguntou, como se estivesse de fato curiosa para saber.

Mary hesitou por um momento, pensando bem.

– Acho que na verdade não, nem um pouco – respondeu. – Mas nunca havia pensado nisso.

Martha deu um leve sorriso, como se lembrasse de alguma coisa íntima.

– Mamãe me perguntou isso uma vez – lembrou. – Ela lavava roupa no tanque e eu estava muito mal-humorada, falando mal dos outros, e de repente ela se virou e disse: “Mas que megerazinha que você é, hein?! Fica

aí dizendo que não gosta de fulano e que não gosta de sicrano. Me diga: você gosta de você mesma?”. Achei isso engraçado, e também me fez pensar melhor.

Martha foi embora toda feliz assim que terminou de servir o café da manhã à menina. Iria caminhar oito quilômetros pela charneca até sua casa, para ajudar a mãe com a faxina, fazer o pão da semana e se divertir muito.

Mary se sentiu mais sozinha do que nunca ao ver que Martha não estava mais na casa. Foi para o jardim assim que pôde, e a primeira coisa que fez foi dar dez voltas correndo ao redor da fonte do tanque de água. Contou direitinho as voltas, e, quando terminou, sentiu-se mais animada. O sol fazia o lugar parecer diferente. Lá no alto, o céu azul profundo se estendia sobre Misselthwaite e sobre a charneca, e ela erguia o rosto e ficava admirando aquele céu, tentando imaginar como seria ficar deitada em uma daquelas nuvenzinhas brancas como a neve, flutuando. Depois, foi até a primeira horta da cozinha e encontrou Ben Weatherstaff trabalhando com dois outros jardineiros. A mudança no tempo parecia ter feito bem a ele, que tomou a iniciativa da conversa.

– A primavera está chegando – disse. – Consegue sentir seu aroma?

Mary cheirou o ar e achou que conseguia, sim.

– Sinto um cheiro de uma coisa agradável e fresca e úmida – respondeu a menina.

– É o cheiro bom da terra fértil – ele respondeu, cavando. – A terra está contente, preparando-se para fazer as coisas crescerem. E fica feliz quando chega a época do plantio. Acha chato o inverno, quando não tem o que fazer. Ali, nos jardins de flores, as coisas começam a se mexer no escuro, debaixo da terra. O sol começa a aquecer tudo. Você verá como daqui a pouco brotarão os primeiros talos verdes da terra escura.

– E eles vão virar o quê? – perguntou Mary.

– Açafrões e galantos e narcisos. Você nunca viu essas flores?

– Não. Na Índia, depois da estação das chuvas, tudo fica quente e úmido e verde – respondeu Mary. – E acho que as coisas crescem da noite para o dia.

– Essas não vão crescer numa noite – disse Weatherstaff. – Você vai precisar ter paciência. Vão crescer um pouco mais aqui, e fazer brotar mais um galhinho ali, e desabrochar uma folhinha hoje, outra amanhã. Você vai ter que prestar atenção.

– Vou prestar atenção – disse Mary.

Não demorou muito e ela ouviu um suave agitar de asas, e soube na mesma hora que era o pintarroxo que voltava. Ele saracoteou, animado, saltitando perto dos pés dela, com a cabecinha inclinada para um lado. Olhava para ela com tanta esperteza, que Mary decidiu fazer uma pergunta a Ben Weatherstaff.

– Você acha que ele se lembrou de mim?

– Se lembrou de você?! – indagou Weatherstaff, espantado. – Ele se lembra de cada pé de repolho dos jardins, o que dirá das pessoas! Nunca viu uma garotinha por aqui antes, e está com vontade de saber tudo a seu respeito. Nem sonhe em tentar esconder alguma coisa *dele!*

– Será que as coisas também estão se mexendo no escuro debaixo da terra lá no jardim onde ele mora? – perguntou Mary.

– Que jardim? – grunhiu Weatherstaff, e ficou carrancudo de novo.

– Aquele onde crescem as velhas roseiras – e ela não conseguiu conter a vontade de perguntar, porque queria muito saber: – Todas as flores morreram ou será que no verão algumas delas ainda brotam? Será que há rosas ali ainda?

– Pergunte a ele – disse Ben Weatherstaff, apontando com o ombro para o pintarroxo. – Ele é o único que sabe. Faz dez anos que ninguém mais entra lá.

Dez anos era muito tempo, Mary pensou. Ela havia nascido dez anos atrás.

A menina foi se afastando devagar, pensativa. Começara a gostar do jardineiro, do mesmo jeito que começara a gostar do pintarroxo e de Dickon e da mãe de Martha. Começara a gostar de Martha, também. Era um monte de gente para gostar – ainda mais quando você não tem esse costume. Ela considerava o pintarroxo também uma pessoa. Foi passear do lado de fora do longo muro coberto de hera, por cima do qual podia ver a copa das



árvores; e, quando estava na sua segunda caminhada, indo e voltando, aconteceu uma coisa muito interessante e emocionante, envolvendo o pintarroxo de Ben Weatherstaff.

Ela ouviu um pio e um gorjeio, e, quando olhou para o canteiro vazio à sua esquerda, lá estava ele, saltitando e fingindo bicar coisas da terra para fazê-la achar que não a estava seguindo. Mas ela sabia que estava, e essa surpresa a deixou tão feliz que quase a fez estremecer um pouco.

– Você se lembra mesmo de mim! – ela exclamou. – Lembra, sim! Você é a coisa mais linda do mundo!

Ela imitou gorjeios e disse palavras doces, e ele saltitou e abanou a cauda e soltou trinados. Era como se falasse. Seu colete vermelho parecia de cetim, e ele estufava o peitinho e ficava tão atraente, tão imponente e tão lindo que era como se estivesse, na realidade, mostrando a ela o quanto um pintarroxo pode ser importante e semelhante a um ser humano. A senhorita Mary se esqueceu de que alguma vez na vida havia sido a antipática Mary Malmequer, e o pintarroxo a deixou se aproximar cada vez mais dele, e ficar curvada, falando e tentando fazer sons parecidos com os dele.

Ah! Ela nem acreditava que ele a deixara chegar tão perto! O pintarroxo sabia que nada no mundo iria fazê-la estender a mão para pegá-lo ou assustá-lo o mínimo que fosse. Sabia porque era uma pessoa de verdade – só que mais delicada do que qualquer outra pessoa no mundo. Ela ficou tão feliz que mal conseguia respirar.

O canteiro de flores não estava totalmente vazio. Não tinha flor nenhuma porque as plantas perenes haviam sido podadas para o descanso de inverno, mas havia talos de vários tamanhos, que cresciam no fundo do canteiro, e enquanto o pintarroxo saltitava perto deles, ela o viu voar até um montinho de terra recém-revirada. Ele parou em cima do monte, procurando uma minhoca. A terra estava revirada porque um cão tentara desentocar uma toupeira de lá e acabara cavando um buraco razoavelmente fundo.

Mary olhou, sem saber muito bem a razão daquele buraco, e então viu uma coisa meio enterrada na terra revirada. Era como uma argola de ferro enferrujado ou outro metal, e quando o pintarroxo voou até uma árvore

próxima, ela pegou a argola. Mas não era só uma argola: pendurada nela, havia uma velha chave, que parecia estar enterrada ali há muito tempo.

A senhorita Mary endireitou o corpo e, com uma expressão quase de espanto, examinou a chave que pendia do seu dedo.

– Talvez estivesse enterrada ali há dez anos – disse, com um sussurro. – Talvez seja a chave do jardim!

## CAPÍTULO VIII



### *O pintarroxo que mostrou o caminho*

**M**ary ficou um bom tempo olhando para a chave, virando-a e revirando-a na mão enquanto pensava. Como eu disse antes, ela não era uma criança ensinada a pedir permissão ou a consultar os adultos. A única coisa que pensou foi que, se aquela fosse a chave do jardim fechado, e ela conseguisse descobrir onde ficava a porta, poderia talvez abri-la e ver o que havia dentro dos muros, saber o que acontecera às velhas roseiras. A curiosidade que sentia pelo jardim era por ele ter ficado fechado durante tanto tempo. Tinha a impressão de que ele era diferente dos demais lugares, e que alguma coisa estranha devia ter acontecido naqueles dez anos. Além disso, se gostasse do lugar, ela poderia entrar ali todo dia e fechar a porta, e então inventar alguma brincadeira e ficar ali brincando sozinha, porque nunca ninguém descobriria onde estava, já que continuariam achando que a porta ainda estava fechada, e a chave, enterrada. Esse pensamento a deixou muito animada.

A vida que vinha levando, totalmente por sua conta, em uma casa com uma centena de quartos misteriosamente fechados, sem nada para fazer ou se divertir, colocara seu cérebro inativo em movimento, e vinha também

despertando sua imaginação. Sem dúvida, o ar fresco, forte e puro da charneca tinha muito a ver com isso. Assim como ele despertara seu apetite, e o vento agitara seu sangue, aquelas coisas estimulavam também sua mente. Na Índia, vivia sempre com muito calor, falta de energia e fraqueza demais para se importar com qualquer coisa, mas, naquele lugar, começava a se importar e a querer fazer coisas novas. Já se sentia bem menos “malmequer”, embora não soubesse a razão disso.

Colocou a chave no bolso e ficou andando para cima e para baixo pelo caminho junto ao muro. Parecia ser a única pessoa que ia até ali, portanto, podia andar devagar e observar o muro, ou, melhor, a hera que crescia em cima dele. A hera era o mais desconcertante. Mesmo olhando com muita atenção, não conseguia ver nada além de folhas verde-escuro e lustrosas crescendo, emaranhadas. Sentiu-se muito frustrada. Percebeu que seu lado “malmequer” começava a se manifestar de novo enquanto andava pelo caminho e olhava para as copas das árvores do outro lado. Era muito ridículo, pensou, estar tão perto dele e não ser capaz de entrar. Por fim, levou a chave no bolso ao voltar para casa e decidiu que iria andar sempre com ela quando saísse: assim, se por acaso encontrasse a porta oculta, já estaria preparada.

A senhora Medlock havia autorizado Martha a dormir na casa dela, mas, na manhã seguinte, a moça já estava de volta ao trabalho, com as faces mais coradas do que nunca e com o melhor dos humores.

– Acordei às 4 horas da manhã – disse. – Nossa! Estava muito lindo lá na charneca, com os passarinhos cantando, os coelhos espalhados por ali e o sol nascendo. Não precisei andar o caminho inteiro. Um homem me deu carona na sua carroça, e foi muito divertido.

Martha vinha cheia de histórias sobre as coisas boas do seu dia de folga. A mãe ficara feliz em vê-la, e conseguiram terminar de fazer o pão e de lavar toda a roupa. Ela até assou bolinhos cobertos com um pouco de açúcar mascavo, um para cada criança.

– Os bolinhos estavam saindo do forno, quentinhos, quando elas voltaram da brincadeira na charneca. E a casa toda ficou com aquele cheirinho bom de pão assado, e a lareira com um fogo queimando alto, e

todo mundo falando, na maior alegria. O Dickon disse que a nossa casa era tão boa que até um rei podia morar nela.

À noite, ficaram todos sentados em volta do fogo, e Martha e a mãe costuraram remendos nas roupas rasgadas e cerziram meias, e Martha contou da garotinha que chegara da Índia e que a vida toda tivera criados que Martha chamou de “pretos”, e que não sabia nem calçar as próprias meias.

– Sabe de uma coisa? Eles adoraram me ouvir falar de você – disse Martha. – Queriam saber mais dos “pretos” e do navio no qual você veio para cá. Não consegui contar muito, não.

Mary ficou, por uns instantes, pensativa.

– Eu vou lhe contar bem mais coisas antes da sua próxima folga – disse ela –, assim você vai ter muito mais para contar. Tenho certeza de que eles vão adorar ouvir histórias sobre montar elefantes e camelos, e sobre oficiais caçando tigres.

– Que maravilha! – exclamou Martha, encantada. – Eles vão ficar malucos! Realmente, faria isso, senhorita? Seria como aquele circo com feras selvagens que passou por Yorkshire tempos atrás, do qual ouvimos falar.

– A Índia é bem diferente de Yorkshire – Mary disse, pausadamente, enquanto refletia sobre o assunto. – Nunca havia pensado nisso. Mas, me diga, o Dickon e a sua mãe também gostaram de ouvir você falar de mim?

– Nossa, os olhos do Dickon quase saltaram do rosto de tão arregalados – respondeu Martha. – Mas mamãe ficou preocupada, achou que você estava ficando muito tempo sozinha. Ela disse: “Mas o senhor Craven não arrumou uma preceptora para a menina, nem uma babá?”. E eu respondi: “Não, não arrumou, mas a senhora Medlock diz que ele vai arrumar quando voltar a pensar no assunto, mas disse também que talvez demore uns dois ou três anos para pensar nisso de novo”.

– Eu não quero ter governanta nenhuma – disse Mary, enfática.

– Mas mamãe disse que você precisa voltar a estudar e ter uma mulher do seu lado cuidando de você, e falou assim: “Veja bem, Martha, imagine como você se sentiria ficando sozinha num lugar tão grande como aquele,

perambulando por ali sozinha, sem mãe. Você faça o possível para alegrar essa menina, viu?”, disse ela, e eu prometi fazer.

Mary ficou olhando fixamente para ela por um longo tempo.

– Você me alegra muito – disse, por fim. – Eu gosto de ouvir você falar.

A certa altura, Martha saiu do quarto e voltou, em seguida, com algo nas mãos, debaixo do avental.

– Adivinhe! – disse, com o maior sorriso. – Trouxe um presente pra você.

– Um presente! – exclamou a senhorita Mary. Como era possível que, de uma casinha com catorze pessoas famintas, saísse um presente para alguém?!

– Um homem passou pela charneca com uma carroça, vendendo coisas – Martha explicou. – E parou diante da nossa porta. Tinha panelas e frigideiras e um monte de badulaques, mas mamãe não tinha dinheiro pra comprar nada. Quando o homem estava quase indo embora, a 'Lizabeth Ellen chamou: “Mãe, ele vende cordas de pular com cabos vermelhos e azuis”. Então mamãe chamou o homem depressa: “Ei, pare aí, senhor! Quanto custa a corda?”. E ele falou: “Dois pence”, e então mamãe começou a fuçar nos bolsos e disse pra mim: “Martha, você me trouxe seu salário, como uma boa moça, e eu já tenho quatro coisas para gastar cada centavo, mas vou pegar dois pence seus e comprar uma corda de pular para aquela menina”, e ela comprou, e aqui está.

Tirou a corda de debaixo do avental e a mostrou, toda orgulhosa. Era uma corda forte, fina, com um cabo vermelho e azul em cada ponta, mas Mary Lennox nunca tinha visto uma corda de pular antes. Ficou olhando o presente, encantada.

– Pra que serve? – perguntou, curiosa.

– Pra que serve?! – exclamou Martha. – Vai me dizer que nunca lhe deram uma corda de pular na Índia, mesmo com todos aqueles elefantes e tigres e camelos! Não admira que a maioria de lá sejam negros. Vou lhe mostrar para que serve, fique olhando.

E ela foi até o meio do quarto com um cabo da corda em cada mão e começou a pular e pular e pular, e Mary ficou girando na cadeira para

acompanhá-la, e aqueles rostos estranhos dos velhos retratos na parede pareciam também olhar para ela, tentando entender o que raios aquela pequena plebeia da charneca tinha o desplante de fazer debaixo de seus narizes. Mas Martha nem olhava para eles. Divertia-se com a expressão de interesse e curiosidade no rosto da senhorita Mary, e continuou pulando e contando os pulos até chegar a cem.

– Eu consigo pular mais – ela disse, quando parou. – Quando tinha 12 anos, cheguei a pular quinhentas vezes seguidas, mas não era tão gorda como agora, e praticava mais.

Mary se levantou da cadeira e começou a se animar também.

– Parece muito bom – ela disse. – Sua mãe é uma mulher muito bondosa. Você acha que eu conseguiria pular como você?

– Experimente – incentivou Martha, passando-lhe a corda. – Você não vai conseguir pular cem vezes logo de cara, mas, se praticar, logo vai passar disso. É como minha mãe disse: “Nada melhor para ela do que pular corda. É o melhor brinquedo que uma criança pode ter. Faça-a brincar ao ar livre, pulando, e isso vai alongar suas pernas e braços e deixá-los mais fortes”.

Ficou evidente que as pernas e braços da senhorita Mary não tinham muita força quando ela começou a pular corda. Ela não se mostrou muito hábil, mas gostou tanto que não queria mais parar.

– Agasalhe-se e vai correr e pular lá fora – disse Martha. – Mamãe mandou dizer a você que fique o máximo de tempo ao ar livre, mesmo que chova fininho, que isso vai aquecer você.

Mary vestiu o casaco e o chapéu e pegou a corda de pular. Abriu a porta para sair e, de repente, pensou em algo e se virou bem devagar.

– Martha – disse –, isso custou seu salário. Foram na verdade seus dois pence. Obrigada – ela disse isso toda tensa, porque não tinha o hábito de agradecer às pessoas ou de perceber quando faziam coisas para ela. – Obrigada – disse novamente, e estendeu a mão para Martha, porque não sabia o que mais poderia fazer.

Martha deu-lhe um cumprimento de mão meio desajeitado, pois também não estava acostumada com aquele tipo de coisa. Então, riu.

– He, he! Você é uma menina muito peculiar, parece uma velhinha, às vezes – disse. – Se fosse a nossa 'Lizabeth Ellen, ela teria me dado um beijo.

Mary pareceu mais tensa ainda.

– Você quer que eu te dê um beijo?

Martha riu novamente.

– Não, nada disso – ela respondeu. – Se você fosse de outro jeito, talvez você mesma quisesse me dar um beijo. Mas não é o caso. Corra lá fora e vai brincar com a sua corda.

A senhorita Mary se sentiu um pouco desorientada ao sair do quarto. Aquele pessoal de Yorkshire era muito estranho, e Martha sempre fora um enigma para ela. No começo, não gostara nem um pouco dela, mas agora era diferente. A corda de pular era uma coisa maravilhosa. Ela pulou e contou, pulou e contou, até ficar com as bochechas vermelhinhas, e fazia isso com mais gosto do que havia feito qualquer outra coisa desde que nascera. O sol brilhava, e um vento leve soprava em pequenas rajadas deliciosas e com um aroma fresco de terra recém-revolvida. Mary pulou em volta da fonte do jardim, e depois indo por um caminho e voltando por outro. Continuou pulando até chegar à horta da cozinha e ver Ben Weatherstaff cavando e conversando com o pintarroxo, que saltitava em volta dele. A menina veio pulando pelo caminho na direção dos dois, e o jardineiro levantou a cabeça e olhou para ela, surpreso. Mary ia se perguntando se ele iria notar sua presença. Queria que a visse pulando corda.

– Muito bem! – ele exclamou. – Caramba! Agora começo a achar que você é mesmo uma garotinha, e que nas suas veias corre realmente sangue de criança em vez de leite azedo. Você pulou e pulou, até ficar com o rosto coradinho, tão certo quanto meu nome é Ben Weatherstaff. Eu não achava que você fosse capaz!

– Eu nunca pulei corda antes – disse Mary. – Estou começando a aprender. Só consigo pular vinte vezes seguidas.

– Continue praticando! – disse Ben. – Você está se saindo muito bem para quem foi criada no meio de pagãos. Veja só quem está aqui de olho em



você – e fez um gesto de cabeça na direção do pintarroxo. – Ele seguiu você ontem. Hoje vai seguir de novo. Ele quer descobrir que negócio é esse de corda de pular. Nunca viu uma na vida, não é? – disse, balançando a cabeça para o pássaro. – Essa sua curiosidade ainda vai matá-lo, se não tomar cuidado!

Mary pulou por todos os jardins e em volta do pomar, parando de vez em quando para descansar. Depois foi até seu caminho especial e decidiu tentar saltar por toda a sua extensão. Era um bom pedaço, e ela começou devagar, mas, antes de chegar à metade do caminho, estava tão acalorada e sem fôlego que precisou parar. Não se importou muito, porque quase chegara a trinta pulos. Parou com uma risadinha de prazer, e então, vejam só, lá estava o pintarroxo, balançando em cima de um raminho comprido de hera. Ele a havia seguido e agora a cumprimentava com um gorjeio. Quando pulou em direção a ele, Mary sentiu algo pesado no bolso, batendo contra seu corpo a cada salto e, ao chegar perto do pintarroxo, soltou outra risada.

– Ontem você me mostrou onde estava a chave – disse ela. – Hoje você poderia me mostrar onde fica a porta, mas não acho que você saiba!

O pintarroxo voou daquele raminho balançante de hera até a parte de cima do muro, abriu o bico e começou a cantar bem alto, com um lindo trinado, só para se exibir. Não há nada no mundo tão magnífico quanto um pintarroxo quando quer se exibir, e eles fazem isso quase sempre.

Mary Lennox tinha ouvido muita coisa sobre magia nas histórias de sua aia, e sempre achou que o que aconteceu naquele momento fosse pura magia.

Uma daquelas pequenas e agradáveis rajadas de vento, um pouco mais forte que as demais, percorreu o caminho. Era forte o suficiente para fazer oscilar os galhos das árvores, e mais forte ainda para fazer balançar os raminhos não podados de hera que se projetavam do muro. Mary havia parado perto do pintarroxo, e, de repente, a rajada de vento afastou alguns raminhos soltos de hera; então, mais de repente ainda, a menina deu um pulo na direção dele e o pegou em suas mãos. Fez isso porque viu alguma coisa abaixo dele: uma maçaneta redonda, coberta pelas folhas que pendiam sobre ela. Era a maçaneta de uma porta.

Mary enfiou as mãos por baixo das folhas e começou a puxá-las e a empurrá-las para o lado. Embora a hera fosse bem densa, quase toda ela formava uma cortina que ficava solta, balançando, mesmo que parte dela tivesse crescido grudada na madeira e no ferro do muro. O coração de Mary passou a bater mais forte, e suas mãos tremiam um pouco de prazer e excitação. O pintarroxo continuou cantando e gorjeando e inclinando a cabecinha para o lado, como se estivesse tão excitado quanto ela. O que era aquilo sob suas mãos, quadrado, feito de ferro, e no qual seus dedos, tateando, encontraram um buraco?

Era a fechadura daquela porta que havia ficado fechada durante dez anos. Mary tirou a chave do bolso, e descobriu que servia direitinho no buraco da fechadura. Enfiou a chave e a girou. Precisou usar as duas mãos para isso, mas conseguiu.

Então, ela respirou fundo e examinou o longo caminho atrás de si para ver se vinha alguém. Não vinha. Ao que parecia, nunca aparecia ninguém por ali. Mary respirou fundo novamente, porque não tinha como evitar, segurou a cortina de hera desprendida do muro e empurrou a porta, que se abriu devagar, bem devagar.

A menina se esgueirou pela porta, fechando-a assim que entrou. Então, com as costas grudadas na porta, ficou olhando ao seu redor e respirando rápido de excitação, encantamento e satisfação.

Estava *dentro* do jardim secreto.

## CAPÍTULO IX



### *A casa mais estranha em que alguém já morou*

**E**ra o lugar mais encantador e mais misterioso que alguém poderia imaginar. Os altos muros que guardavam a área eram cobertos por um denso emaranhado de caules desfolhados de rosas trepadeiras. Mary Lennox sabia que eram roseiras, porque havia visto muitas na Índia. O chão era todo coberto por grama de tom marrom invernal, e nele cresciam muitas que, se estivessem vivas, deveriam ser arbustos de roseiras. Havia várias roseiras comuns, com galhos tão crescidos que eram como pequenas árvores. E havia várias outras árvores, também, e uma das coisas que tornavam o lugar tão misterioso e encantador era que as trepadeiras subiam por todas elas, e seus longos rebentos pendiam e formavam cortinas leves, que oscilavam lentamente, e aqui e ali se juntavam ou pousavam sobre algum ramo distante, passando de uma árvore a outra, compondo lindas pontes. Não havia nem folhas nem rosas naqueles rebentos, e Mary não saberia dizer se estavam vivos ou mortos, mas seus finos ramos cinzentos ou marrons pareciam uma espécie de manto translúcido que se espalhava por tudo, muros e árvores, e até pela relva marrom, em pontos onde haviam caído do lugar que os prendia, e corria pelo chão. Era esse sutil emaranhado de uma árvore a outra que fazia tudo parecer tão

misterioso. Mary já havia imaginado que ali seria diferente de qualquer outro jardim que não tivesse ficado à própria sorte por tanto tempo; e, de fato, era diferente de qualquer outro lugar que já tivesse visto na vida.

– Como é quieto, aqui! – sussurrou. – É muito quieto!

Então, reservou um momento para prestar atenção àquela quietude. O pintarroxo, que voara até a copa de sua árvore, estava em silêncio, como todo o resto. Sequer batia as asas: pousou, imóvel, e ficou olhando para Mary.

– Não é de admirar que seja tão quieto – ela sussurrou novamente. – Sou a primeira pessoa que fala aqui nos últimos dez anos.

Afastou-se da porta, pisando bem levemente, como se tivesse receio de acordar alguém. Achou ótimo que houvesse grama debaixo de seus pés, pois assim seus passos não produziam som algum. Passou debaixo daqueles arcos cinza, de contos de fada, entre as árvores e ergueu a cabeça para ver os raminhos e rebentos que os formavam.

– Fico me perguntando se tudo isso está morto – disse ela. – Será que é mesmo um jardim morto? Espero que não.

Se ela fosse Ben Weatherstaff, saberia dizer se a vegetação estava viva ou não só de olhar para ela; mas, sendo ela, só conseguia ver que havia raminhos e galhos cinzentos ou marrons, e que nenhum deles mostrava qualquer sinal de vida, nem que fosse de um pequeno broto de folha.

Mas agora estava *dentro* do maravilhoso jardim, e poderia passar a qualquer hora por aquela porta sob a hera, e sentiu como se tivesse descoberto um mundo todinho só seu.

O sol brilhava entre aquelas quatro paredes, e o arco de céu azul no alto, acima daquele pedaço tão peculiar de Misselthwaite, parecia ainda mais luminoso e agradável do que o que cobria a charneca. O pintarroxo desceu voando da copa da árvore e ficou saltitando e voando atrás de Mary, de um arbusto a outro. Gorjeava um bocado e estava muito agitado, como se quisesse lhe mostrar coisas. Tudo era estranho e silencioso, e Mary tinha a sensação de estar a centenas de quilômetros de qualquer pessoa, mas, de algum modo, não se sentia nem um pouco sozinha. Sua única preocupação era saber se as rosas estavam mortas ou se algumas delas, pelo menos,

havam sobrevivido e poderiam ter folhas e brotos quando o tempo esquentasse. Não queria que aquele fosse um jardim totalmente morto. Que maravilha seria se fosse um jardim bem vivo, quantos milhares de rosas iriam crescer por todos os cantos!

A corda de pular continuou dependurada em seu braço quando ela entrou, e, depois que andou um pouco por ali, pensou em pular em volta de todo o jardim, parando só quando quisesse olhar melhor para alguma coisa. Parecia que tinham existido alguns caminhos gramados aqui e ali, e em um dos cantos havia nichos de plantas perenes, com bancos de pedra ou vasos altos cobertos de musgo.

Quando chegou mais perto de um daqueles nichos, Mary parou de pular. O lugar havia abrigado um canteiro de flores, e ela pensou ter visto algo se projetando daquela terra preta: alguns pontinhos verde-claro. Lembrou-se do que Ben Weatherstaff dissera e ajoelhou-se para olhar bem de perto.

– Certo, são de fato coisinhas crescendo, e *talvez* se tornem açafrões e galantos e narcisos – ela sussurrou.

Abaixou-se até ficar bem perto e sentiu a fragrância fresca da terra úmida. Gostou muito daquele aroma.

– Talvez haja mais desses nascendo em outros cantos – disse ela. – Vou explorar o jardim inteiro e procurar.

Agora, em vez de pular, caminhava. Ia devagar e prestando atenção ao chão. Procurou nos velhos canteiros junto aos muros e entre a grama, e, ao dar uma volta completa tentando não deixar escapar nada, encontrou muitos pontinhos verde-claro e ficou animada de novo.

– Não é um jardim totalmente morto – disse a si mesma, baixinho, mas excitada como se gritasse. – Mesmo que as rosas tenham morrido, há outras coisas vivas ainda.

Ela não sabia nada de jardinagem, mas a grama parecia tão densa em alguns dos lugares onde os pontinhos verdes buscavam emergir, que Mary pensou que talvez não tivessem espaço suficiente para crescer. Procurou em volta e achou um toco de madeira pontudo, e então se ajoelhou e cavou e arrancou algumas ervas daninhas e tufo de grama, até deixar pequenos espaços livres em volta dos pontinhos.

– Agora parece que eles têm como respirar – disse, depois de terminar de arrumar os primeiros. – Vou fazer bem mais disso. Vou fazer em todos os pontinhos que encontrar. Se não der para fazer tudo hoje, posso voltar amanhã.

Foi indo de um lugar a outro, cavando e arrancando mato, e tendo um prazer tão imenso nisso que foi sendo levada de um canteiro a outro, e, também, até a grama debaixo das árvores. Começou a sentir tanto calor com o exercício que primeiro tirou o casaco, depois o chapéu, e, sem perceber, andava por ali o tempo todo sorrindo para a grama e para os pontinhos verde-claro.

O pintarroxo estava muitíssimo ocupado. Parecia muito satisfeito em ver a jardinagem sendo iniciada em sua propriedade. Muitas vezes, ficara admirado com Ben Weatherstaff. Onde se faz jardinagem, aparece no solo todo tipo de coisas deliciosas para comer. E, agora, aquele novo tipo de criatura, que não tinha metade do tamanho de Ben, mesmo assim, havia tido o bom senso de ir até o seu jardim e começar a jardinagem assim que entrou.

A senhorita Mary trabalhou no jardim até a hora do almoço. Na verdade, demorou muito para lembrar que precisava comer, e, quando vestiu casaco e chapéu e pegou a corda de pular, surpreendeu-se ao ver que passara umas duas ou três horas trabalhando. Na verdade, sentiu-se imensamente feliz o tempo todo; e dezenas e dezenas daqueles pontinhos verde-claro já podiam ser visto em lugares recém-limpos, e pareciam duas vezes mais alegres do que antes, quando estavam sufocados pela grama e pelo mato.

– Vou voltar hoje à tarde – disse ela, olhando em volta do seu novo reino e falando para as árvores e arbustos de roseiras como se pudessem entendê-la.

Então, correu alegre pela grama, abriu a velha porta lentamente e saiu, passando por baixo da hera. Tinha as bochechas tão coradas e um brilho tão intenso nos olhos, e comeu com tamanho apetite, que Martha ficou encantada.

– Dois pedaços de carne, e ainda repetiu o pudim de arroz! – exclamou ela. – Nossa! A mamãe vai ficar feliz quando eu lhe contar o que a corda de

pular fez por você.

Enquanto abria espaço para os pontinhos verdes, a senhorita Mary tinha cavado também uma espécie de raiz branca parecida com cebola. Pusera-a de volta no lugar e a cobrira novamente com terra, com cuidado, e só então pensou que Martha talvez soubesse do que se tratava.

– Martha – disse –, o que são umas raízes brancas parecidas com cebola?

– São bulbos – respondeu Martha. – Um monte de flores de primavera nasce desses bulbos. Os bem pequeninos são de galantos e açafrões, e os grandes são de narcisos, junquinhos e asfódelos. Os maiores são de lírios e patersonias. Ah! São muito lindas. O Dickon plantou um monte delas no nosso jardimzinho.

– O Dickon conhece todas elas? – perguntou Mary, acabando de ter uma ideia.

– O Dickon faz nascer flores até num caminho de pedras. A mamãe diz que ele cochicha alguma coisa para as plantas, e elas, então, brotam.

– Os bulbos têm vida longa? Conseguem viver anos e anos sem ninguém cuidar deles? – perguntou Mary, ansiosa.

– Eles cuidam deles mesmos – disse Martha. – É por isso que os pobres podem plantá-los em seus jardins. Se você não os incomodar, a maioria acha um caminho por baixo da terra, espalha-se e produz filhotes. Tem um lugar aqui no bosque do parque onde crescem galantos aos milhares. São a coisa mais linda de se ver em Yorkshire quando chega a primavera. Ninguém sabe quando foram plantados pela primeira vez.

– Adoraria que já fosse primavera – disse Mary. – Quero ver todas as coisas que crescem na Inglaterra nessa época.

Ela terminou de comer e foi para seu lugar preferido, o tapetinho da lareira.

– Eu gostaria... sabe... gostaria de ter uma pazinha – ela disse.

– Mas para que você quer uma pazinha? – perguntou Martha, rindo. – Está querendo sair por aí cavando a terra? Preciso contar isso pra mamãe também.

Mary ficou por um tempo olhando para o fogo e pensando. Precisaria ter cuidado se quisesse manter seu reino em segredo. Não estava fazendo nada

de errado, mas se o senhor Craven descobrisse que a porta havia sido aberta, ficaria muito bravo e arrumaria uma chave nova e trancaria a porta para sempre. E ela não conseguiria suportar isso de modo algum.

– É que este lugar aqui é muito grande e solitário – ela disse, devagar, como se estivesse remoendo o assunto na mente. – A casa é solitária, e o parque e os jardins, também. Muitos dos lugares parecem ficar sempre trancados. Eu nunca fui de fazer muitas coisas na Índia, mas havia mais pessoas para eu ficar olhando, nativos e soldados marchando para cima e para baixo, e, às vezes, bandas de música, e minha aia vivia me contando histórias. Aqui, não tenho com quem conversar a não ser você e o Ben Weatherstaff. E você tem trabalho para fazer e não é sempre que o Ben Weatherstaff fala comigo. Pensei que, se eu tivesse uma pazinha, poderia cavar em algum lugar, como ele faz, e criar um jardinzinho, se ele me desse algumas sementes.

O rosto de Martha se iluminou.

– Veja só! – ela exclamou. – Essa foi justamente uma das coisas que mamãe comentou. Ela disse: “Tem tanto espaço naquele lugar imenso, por que eles não dão um pedacinho de terra para ela, mesmo que ela só plante salsinha e rabanete? Ela iria cavar e passar o ancinho e ficaria muito feliz com isso”. Foram essas exatamente as palavras dela.

– Jura? – perguntou Mary. – Nossa, como sua mãe é sabida, hein?

– Ela é, sim! – disse Martha. – E, como ela costuma dizer: “Uma mulher que dá à luz doze filhos aprende muita coisa além do abecê. Os filhos são tão bons quanto a aritmética para fazer você aprender”.

– Quanto será que custa uma pazinha, uma bem pequena? – Mary perguntou.

– Bom – respondeu Martha, refletindo um pouco –, na vila de Thwaite tem uma lojinha onde eu vi um conjunto de jardinagem com pá, ancinho e forcado, todos amarrados juntos, por dois xelins. E pareciam bem resistentes para encarar o trabalho.

– Eu tenho mais do que isso na minha bolsa – disse Mary. – A senhora Morrison me deu cinco xelins, e a senhora Medlock me deixou algum dinheiro do senhor Craven.



– Ele se lembrou de você, então?! – exclamou Martha.

– A senhora Medlock disse que eu teria um xelim por semana para gastar. Ela me dá um todo sábado. Não sei com o que gastar.

– Meu Deus! Isso é um dinheirão – disse Martha. – Você pode comprar o que quiser com isso. O aluguel da nossa casinha é de apenas um xelim e três pence, e já dói tanto para pagar quanto arrancar um dente. Ei! Acabo de ter uma ideia – disse ela, colocando as mãos na cintura.

– O que é? – perguntou Mary, ansiosa.

– Na lojinha de Thwaite, eles vendem pacotes de sementes de flores por um pence cada, e o Dickon sabe quais são as mais bonitas e como cultivá-las. Ele costuma ir até Thwaite, gosta de passear. Você sabe escrever em letra de forma? – perguntou, de repente.

– Eu sei escrever do jeito comum – Mary respondeu.

Martha balançou a cabeça.

– O Dickon só sabe ler letra de forma. Mas se você escrever em letra de forma, a gente pode mandar um bilhete pra ele e pedir que compre as ferramentas de jardinagem e também as sementes.

– Ah! Você é ótima! – exclamou Mary. – Você é, mesmo! Eu não imaginava que você fosse tão boa. Acho que consigo escrever em letra de forma, se tentar. Vamos pedir papel, caneta e tinta para a senhora Medlock.

– Eu tenho um pouco disso tudo comigo – disse Martha. – Comprei para poder escrever uma cartinha para a mamãe no domingo. Vou lá buscar.

Ela saiu correndo do quarto e Mary continuou junto à lareira, torcendo as mãos de alegria.

– Se eu tiver uma pazinha – ela sussurrou –, vou poder deixar a terra fofa e arrancar fora o mato. Se arrumar sementes e fizer as flores crescerem, o jardim não será mais um jardim morto: vai ganhar vida de novo.

Ela não saiu mais do quarto naquela tarde, porque, quando voltou com caneta, tinta e papel, Martha ainda teve que tirar a mesa e levar os pratos e travessas para baixo, e, quando entrou na cozinha, a senhora Medlock estava lá e mandou que fizesse alguma outra coisa, e ela deixou Mary esperando por um tempo que pareceu uma eternidade antes que pudesse voltar. Aí foi uma trabalhadeira enorme escrever para o Dickon. Mary

aprendera muito pouco, porque as preceptoras que tivera não a suportavam e evitavam ficar muito tempo com ela. Não era muito boa de ortografia, mas descobriu que conseguia escrever em letra de forma; bastou tentar. Eis a carta que Martha ditou a ela:

MEU QUERIDO DICKON,  
ESPERO QUE ESTA O ENCONTRE BEM COMO ESTOU  
TAMBÉM NO MOMENTO. A SENHORITA MARY TEM  
BASTANTE DINHEIRO E PEDE QUE VOCÊ VÁ A THWAITE  
COMPRAR PARA ELA ALGUMAS SEMENTES DE FLORES E UM  
CONJUNTO DE FERRAMENTAS DE JARDINAGEM PARA QUE  
POSSA FAZER UM CANTEIRO. ESCOLHA AS MAIS BONITAS E  
FÁCEIS DE PLANTAR PORQUE ELA NUNCA FEZ ISSO ANTES,  
VIVIA NA ÍNDIA, QUE É UM LUGAR MUITO DIFERENTE.  
TRANSMITA MEU AMOR À MAMÃE E A TODOS OS DE MAIS. A  
SENHORITA MARY VEM ME CONTANDO MUITAS OUTRAS  
COISAS, POR ISSO NA MINHA PRÓXIMA FOLGA VOCÊ  
OUVIRÁ HISTÓRIAS SOBRE ELEFANTES E CAMELOS E  
CAVALEIROS CAÇANDO LEÕES E TIGRES.

COM AMOR, DA SUA IRMÃ, MARTHA PHOEBE SOWERBY.

– Vou colocar o dinheiro no envelope e pedir que o menino do açougue leve a carta em sua carroça. Ele é muito amigo do Dickon – disse Martha.

– Como vou pegar as coisas depois que Dickon tiver comprado?

– Ele mesmo pode trazê-las. Vai gostar de andar até aqui.

– Que bom! – exclamou Mary. – Então vou conhecê-lo! Nunca imaginei que poderia conhecer o Dickon.

– Você quer conhecê-lo? – perguntou Martha, surpresa, pois Mary pareceu muito interessada.

– Sim, é claro. Nunca conheci um garoto que é amado por raposas e corvos. Quero muito conhecê-lo.

Martha teve um pequeno sobressalto, lembrando-se subitamente de alguma coisa.

– Veja só! – ela interrompeu. – Eu quase ia me esquecendo disso, e era a primeira coisa que eu queria lhe contar hoje cedo. Eu já havia pedido à

mamãe, e ela disse que ela mesma poderia conversar com a senhora Medlock.

– Quer dizer que... – Mary começou.

– Sim, aquilo que conversamos na terça-feira. Vou perguntar a ela se você pode ser levada até nossa casa algum dia desses para comer um pedaço do bolo de aveia da mamãe, com manteiga e um copo de leite.

Parecia que todas as coisas interessantes estavam acontecendo no mesmo dia. Pensar que iria atravessar a charneca de dia, quando o sol estivesse com aquele azul! E que iria entrar naquela casa que abrigava doze crianças!

– Ela acha que a senhora Medlock vai permitir? – a menina perguntou, ansiosíssima.

– Ah, acho que vai. A senhora Medlock sabe o quanto minha mãe é uma mulher ordeira e o quanto mantém a casa limpinha.

– Se eu for mesmo, vou poder ver sua mãe e o Dickon – disse Mary, repassando a ideia na cabeça e achando tudo uma maravilha. – Ela não me parece ser como as mães indianas.

Todo o trabalho no jardim e a excitação daquela tarde acabaram deixando Mary quieta e pensativa. Martha permaneceu com ela até a hora do chá, e ficaram sentadas em um silêncio confortável, falando pouco. Mas antes que Martha descesse para ir buscar a travessa do chá, Mary fez uma pergunta.

– Martha – ela disse –, a copeira teve dor de dente hoje de novo?

Martha, como seria de esperar, ficou um pouco surpresa.

– Por que você perguntou isso? – disse ela.

– Porque, depois de esperar um tempão que você voltasse, eu abri a porta e fui andar pelo corredor para ver se você já vinha. E ouvi de novo aquele choro lá longe, do jeito que nós duas ouvimos naquela outra noite. Hoje não fazia vento nenhum, portanto, como você pode ver, não há como ter sido o vento.

– Hmmm... – ponderou Martha, inquieta. – Você não deveria sair andando pelos corredores e ficar escutando. Se o senhor Craven visse, poderia ficar muito bravo, e sabe Deus o que seria capaz de fazer.

– Eu não fiquei escutando – disse Mary. – Só estava esperando você voltar, e então ouvi. E foi a terceira vez.

– Santo Deus! É a campainha da senhora Medlock – disse Martha, e saiu do quarto quase correndo.

– Esta é a casa mais estranha em que alguém já morou – disse Mary, sonolenta, encostando a cabeça no assento acolchoado da poltrona perto dela. O ar fresco, cavar a terra e pular corda haviam feito Mary sentir um cansaço bom, e ela adormeceu.

## CAPÍTULO X



O sol brilhou por quase uma semana no jardim secreto. “Jardim secreto” era como Mary o chamava quando pensava nele. Gostava do nome, e gostava mais ainda da sensação de ficar abrigada dentro dos seus lindos muros antigos, sem que ninguém soubesse onde estava. Era como se isolar do mundo em algum lugar encantado. Os poucos livros que havia lido, e dos quais havia gostado, eram de contos de fadas, e algumas das histórias falavam de jardins secretos. As pessoas dormiam neles, às vezes, por cem anos, o que ela achava muito estúpido. Não tinha intenção nenhuma de dormir e, na realidade, sentia-se mais desperta a cada dia em Misselthwaite. Começava a gostar da vida ao ar livre: não odiava mais o vento, sentia prazer com ele. Corria mais rápido agora, por distâncias maiores, e também já pulava corda até cem. Os bulbos no jardim secreto deviam estar muito admirados. Alguém abrira espaços muito bons em volta deles, e agora podiam respirar melhor, e, embora a senhorita Mary não soubesse disso, começavam a se alegrar debaixo da terra escura e a trabalhar sem parar. O sol já conseguia chegar até eles e aquecê-los, e a chuva, quando vinha, também chegava mais plena; portanto, começaram a se sentir muito mais vivos.

Mary era uma pessoinha peculiar, muito determinada. Agora, tinha algo interessante em que aplicar sua determinação e, na realidade, estava muito mais concentrada. Trabalhava e cavava e arrancava mato sem parar, e a cada hora que passava, em vez de se cansar, sentia uma satisfação ainda maior com o trabalho. Para ela, era como um jogo fascinante. Encontrara muito mais pontinhos verdes brotando do que poderia imaginar. Pareciam emergir por toda parte, e a cada dia tinha mais certeza de que encontraria outros, pequeninos, alguns tão minúsculos que mal espreitavam para fora da terra. Eram tantos, que ela se lembrou de Martha falando dos “galantos crescendo aos milhares” e dos bulbos se espalhando e tendo filhotes. Aqueles bulbos haviam sido abandonados à própria sorte por dez anos, e talvez tivessem também se espalhado, aos milhares, como o galanto. Ficou imaginando quanto tempo demorariam para mostrar que eram flores. Às vezes, parava de cavar e olhava para o jardim, tentando imaginar como ele ficaria quando estivesse coberto por milhares de adoráveis coisinhas florindo.

Durante aquela semana ensolarada, Mary se aproximou mais de Ben Weatherstaff. Surpreendeu-o várias vezes ao aparecer de repente ao lado dele, como se brotasse do chão. A verdade é que receava que ele, ao vê-la chegar, pegasse as ferramentas e fosse embora, então sempre se aproximava o mais silenciosamente possível. Na realidade, porém, ele não fazia mais objeção a ela. Talvez até se sentisse lisonjeado pela disposição que ela demonstrava em curtir a companhia de um idoso. E ela também estava mais tratável do que antes. Ben não fazia ideia de que ela, quando o conheceu, tratava-o como se fosse um nativo, e que não sabia que homens velhos mal-humorados e rústicos de Yorkshire não têm por hábito fazer reverências a seus patrões, nem se restringem meramente a receber ordens.

– Você é como o pintarroxo – comentou ele certa manhã, ao levantar a cabeça e vê-la em pé ao seu lado. – Nunca sei quando vou vê-la ou de que lado vai chegar.

– Ele agora ficou meu amigo – disse Mary.

– Ele é assim mesmo – disparou Ben Weatherstaff. – Gosta de se exhibir para as mulheres, por vaidade e leviandade. Não há o que não faça só pra se

exibir e ostentar as penas da cauda. Nunca vi um bichinho gostar tanto de se exibir.

Era raro ele falar tanto. Às vezes, sequer respondia às perguntas de Mary, a não ser com um grunhido, mas naquela manhã falou mais que de costume. Aprumou-se, descansou uma das botas com solado de tachas em cima da pá e ficou analisando a menina de cima a baixo.

– Quanto tempo faz que você está aqui? – perguntou, de supetão.

– Acho que um mês, mais ou menos – respondeu ela.

– Tá começando a fazer jus a Misselthwaite – disse ele. – Engordou um pouco, não é mais aquela coisinha magricela. Você parecia um corvinho novo depenado da primeira vez que entrou neste jardim. Até matutei aqui comigo que nunca tinha posto o olho num rostinho tão feioso e antipático.

Mary não era vaidosa e nunca achara mesmo grande coisa da própria aparência, por isso não se sentiu ofendida.

– Sei que engordei um pouquinho – disse ela. – Minhas meias estão ficando mais justinhas. Antes ficavam meio folgadas. Ei, lá vem o pintarroxo, Ben Weatherstaff!

E, de fato, lá estava ele, e ela o achou mais bonito do que nunca. Seu colete brilhava como cetim, ele batia as asas e a cauda, inclinava a cabeça e saltitava por ali fazendo toda sorte de graça. Parecia empenhado em fazer com que Ben Weatherstaff o admirasse. Mas Ben se mostrava sarcástico.

– Olha só, lá vem você de novo! – disse. – Sei que você às vezes até me atura um pouco quando não encontra ninguém melhor do que eu pra se exibir, não é? Estou vendo que andou avermelhando mais seu colete e polindo suas penas nessas duas últimas semanas, hein? Já entendi quais são seus planos. Está fazendo a corte a alguma jovem bonita por aí, mentindo pra ela que você é o melhor pintarroxo da Charneca de Missel e que é capaz de encarar briga com qualquer um.

– Nossa, olhe só pra ele! – exclamou Mary.

O pintarroxo estava realmente com uma disposição atrevida e fascinante. Saltitava cada vez mais perto e olhava para Ben Weatherstaff de um jeito cada vez mais sedutor. Voou até o arbusto de groselha mais próximo, inclinou a cabeça e cantou uma melodiazinha como se a dedicasse a ele.

– Você acha que vai me dobrar fazendo isso! – disse Ben, fazendo uma careta feia que Mary teve certeza de que era só para esconder o quanto estava maravilhado com aquilo. – Você está se achando o maioral, não é?

O pintarroxo estendeu as asas, e Mary mal conseguia acreditar no que seus olhos viam. Ele voou direto até o cabo da pá de Ben Weatherstaff e pousou bem no topo dele. Então, o rosto do velho se enrugou devagar, até ganhar outra expressão. Ele ficou quieto, como se tivesse medo até de respirar, como se não quisesse se mexer por nada desse mundo, para não assustar o pintarroxo. E falou, bem baixinho:

– Rapaz, você acabou comigo agora! – ele disse, com doçura, como se estivesse dizendo algo bem diferente. – Sabe muito bem como conquistar uma pessoa; ah, sabe! Você é de outro mundo, rapaz, você sabe das coisas.

E ficou parado, sem se mexer – quase sem respirar –, até que o pintarroxo agitou de novo as asas e voou. Então, o velho ficou olhando para o cabo de sua pá como se tivesse alguma magia ali, e em seguida voltou a cavar, ficando vários minutos em silêncio.

Mas, como de vez em quando ele deixava escapar um leve sorriso, Mary não teve receio de falar.

– Você tem algum jardim seu? – perguntou ela.

– Não. Sou solteirão e moro com o Martin na casa do porteiro.

– Se tivesse um – disse Mary –, o que iria plantar nele?

– Repolho, batata e cebola.

– Mas se quisesse fazer um jardim com flores – insistiu Mary –, plantaria o quê?

– Bulbos e plantas aromáticas, mas principalmente rosas.

O rosto de Mary se iluminou.

– Você gosta de rosas? – perguntou.

Ben Weatherstaff arrancou uma erva daninha e a jogou fora antes de responder.

– Bem, quer dizer, gosto, sim. Aprendi com uma jovem senhora de quem fui jardineiro. Ela tinha um monte de roseiras num lugar que adorava, e gostava das rosas como se fossem crianças... ou pintarroxos. Eu via como



ela se inclinava para beijá-las – ele puxou fora outra erva daninha e olhou para Mary de cara feia. – Mas isso já faz uns dez anos.

– Onde ela está agora? – perguntou Mary, muito interessada.

– No céu – respondeu Ben, e enterrou a pá bem fundo na terra. – Pelo menos é o que diz o pároco.

– E o que aconteceu com as rosas? – Mary perguntou novamente, mais interessada ainda.

– Ficaram onde estavam.

Mary ia se sentindo cada vez mais entusiasmada.

– Será que chegaram a morrer? Será que todas as rosas morrem quando são deixadas a sua própria sorte? – ela arriscou perguntar.

– Bem, eu acabei gostando delas, e gostava da senhora também, e ela gostava das rosas – admitiu Ben Weatherstaff, com relutância. – Uma ou duas vezes por ano eu cuidava um pouco delas: podava e revolvava um pouco a terra das raízes. Elas viraram roseiras silvestres, mas estavam num solo rico, portanto, algumas devem ter sobrevivido.

– Quando elas não têm mais folhas e ficam acinzentadas e marrons e secas, como a gente sabe se estão vivas ou mortas? – perguntou Mary.

– Tem que esperar chegar a primavera, esperar até que sol bata onde caiu chuva e a chuva caia onde bateu sol, e aí você descobre.

– Sim, mas descobre como?! – exclamou Mary, esquecendo que devia aparentar tranquilidade.

– Precisa examinar os raminhos e galhos para ver se encontra botõezinhos marrons saltados por ali, e olhar depois que cai uma chuva quente e ver o que acontece – então ele parou, de repente, e olhou curioso para o rosto ansioso da menina. – E por que você, de uma hora para a outra, está tão interessada em rosas e essas coisas todas? – perguntou.

A senhorita Mary notou que havia enrubescido. Ela quase teve medo de responder.

– É que eu... Eu tenho vontade de brincar... brincar de faz de conta... de ter um jardim só meu – disse, hesitante. – Eu... sabe... não tenho muito o que fazer. Não tenho nada, não tenho ninguém.

– Certo – disse Ben Weatherstaff, depois de um tempo examinando-a. – É verdade. Você não tem ninguém.

Ele disse isso de uma maneira tão esquisita, que Mary achou que, na verdade, talvez estivesse sentindo um pouco de pena dela. Nunca tivera pena de si mesma; apenas ficava cansada e zangada, às vezes, porque sentia muita antipatia pelas pessoas e pelas coisas. Mas, agora, o mundo parecia estar mudando e ficando mais agradável. Se ninguém descobrisse nada sobre o jardim secreto, ela teria sempre como se divertir.

Ela ainda ficou com Ben mais uns dez ou quinze minutos, e fez tantas perguntas quanto ousou fazer. Ele respondeu a cada uma delas do seu jeito peculiar, meio resmungando, e não pareceu ficar zangado, nem inclinado a pegar a pá, virar as costas e ir embora. Disse alguma coisa sobre rosas bem na hora em que ela estava indo embora, e isso a fez se lembrar daquelas rosas das quais ele dissera ter gostado.

– Você ainda vai lá ver aquelas rosas hoje em dia? – ela perguntou.

– Este ano ainda não fui. O reumatismo deixou minhas juntas muito emperradas.

Ele disse isso com aquele seu jeito resmungão, e então, muito de repente, pareceu ficar irritado, embora ela não conseguisse entender por que razão.

– Agora, escute bem! – disse ele, de modo ríspido. – Pare de fazer tantas perguntas. Nunca vi garotinha tão perguntadeira quanto você. Pode ir, vai brincar um pouco. Já falei demais por hoje.

E disse isso tão carrancudo, que ela viu que não tinha a menor chance de continuar ali, nem por um minuto mais. Foi pulando devagar pelo caminho, do outro lado do muro, pensando nele e dizendo a si mesma que, por mais esquisito que ele fosse, era outra pessoa de quem ela gostava, apesar de todo o seu mau humor. Gostava do velho Ben Weatherstaff. Sim, gostava mesmo dele. Sempre quis que ele falasse mais com ela. Além disso, começava a acreditar que o homem sabia tudo a respeito de flores.

Havia um caminho ladeado de loureiros que fazia uma curva em volta do jardim secreto e terminava em um portão que dava para um bosque, já dentro do parque. Mary quis seguir por aquele caminho e dar uma olhada no bosque, para ver se havia coelhinhos por ali. Adorava ver os coelhinhos

pulando, e quando chegou ao portão, abriu-o e decidiu avançar, porque ouviu um som como o de um assobio grave, muito intrigante, e quis descobrir o que era.

E viu que era algo de fato muito estranho. Até prendeu a respiração ao parar para olhar. Havia um menino sentado debaixo de uma árvore, encostado ao tronco, tocando uma flauta rústica de madeira. Era um menino de aparência engraçada, de uns 12 anos de idade. Parecia bem limpinho, nariz arrebitado e bochechas vermelhinhas como papoulas, e Mary nunca havia visto olhos tão redondos e azuis no rosto de um menino. E ele lá, recostado na árvore, enquanto um esquilo marrom agarrado ao tronco olhava para ele, e um faisão, atrás de um arbusto ali perto, esticava delicadamente o pescoço para espiar; junto a ele, dois coelhos sentados farejavam o ar com seus narizinhos trêmulos, e parecia que todos estavam chegando mais perto para vê-lo e ouvir o lindo som de sua flauta.

Quando viu Mary, o menino levantou a mão e falou, com um tom de voz quase tão baixo e bem parecido com o da flauta.

– Não se mexa! – disse. – Se não eles fogem.

Mary ficou imóvel. O menino havia parado de tocar, e começou a se levantar. Movia-se tão devagar que nem parecia que estava de fato se movendo, mas, por fim, ficou de pé – e então o esquilo fugiu rápido e subiu pelos galhos da árvore, o faisão escondeu de novo a cabeça e os coelhos voltaram e ficar sobre as quatro patinhas e foram embora aos pulos, embora nem um pouco assustados.

– Eu sou Dickon – disse o menino. – E sei que você é a senhorita Mary.

Então, Mary se deu conta de que ela também, de alguma maneira, soubera na hora que ele era o Dickon. Quem mais poderia estar encantando coelhos e faisões, do jeito que os nativos da Índia encantavam serpentes? Dickon tinha uma boca ampla, vermelha, curva, e seu sorriso se espalhava por todo o rosto.

– Eu levantei bem devagar – explicou –, porque se a gente faz um movimento brusco, eles se assustam. Você tem que se mexer com suavidade e falar bem baixinho quando tem algum bichinho por perto.

Ele não falava com ela como se nunca tivessem se visto antes, mas sim como se já a conhecesse muito bem. Mary não tinha o hábito de falar com meninos, e ficou um pouco tensa, sentindo-se muito tímida.

– Você recebeu a carta da Martha? – ela perguntou.

Ele assentiu com a cabeça, repleta de cabelos encaracolados cor de ferrugem.

– Foi por isso que vim.

Então, agachou-se para pegar alguma coisa que havia deixado no chão enquanto tocava.

– Consegui as ferramentas de jardinagem. Tem uma pazinha, um rastelo, um forcado e uma enxada. E olha! São ferramentas muito boas. Tem também uma colher de pedreiro. E a mulher da lojinha pôs também um pacote de papoulas brancas e outro de ranúnculos azuis quando comprei as outras sementes.

– Você me mostra as sementes? – Mary pediu.

Tinha vontade de poder falar do jeito dele, com uma fala espontânea e fluente. Era como se já gostasse dela e não estivesse nem um pouco preocupado se ela iria ou não gostar dele, embora fosse apenas um menino simples da charneca, com roupas remendadas, um rosto engraçado e um cabelo cor de ferrugem todo desgrenhado. Quando Mary se aproximou um pouco mais dele, sentiu um aroma fresco de urze e relva e folhas ao redor do menino, quase como se ele fosse feito daquilo. Gostou disso, e quando prestou atenção ao seu rosto engraçado, com bochechas coradas e olhos azuis redondos, esqueceu-se da timidez inicial.

– Vamos sentar nesse tronco e ver o que você trouxe – disse.

Sentaram-se, e ele tirou do bolso do casaco um pacotinho mal embalado de papel pardo. Desamarrou o barbante: dentro do pacote havia vários envelopes pequenos, mais bem arrumados, com a foto de uma flor em cada um.

– Tem um monte de resedás e papoulas – disse ele. – O resedá é o que tem cheiro mais agradável quando cresce, e floresce em qualquer lugar que você jogue, assim como as papoulas. É só você assobiar e elas crescem e florescem, são as melhores.

Ele parou e virou a cabeça rápido, e suas bochechas cor de papoula ficaram mais coradas ainda.

– Cadê esse pintarroxo que está chamando a gente? – perguntou.

Um gorjeio vinha de um arbusto denso de azevinho, cheio de frutinhas vermelhas, e Mary pensou que já sabia de quem era.

– Ele está chamando a gente de verdade? – ela perguntou.

– Ah, está sim! – disse Dickon, como se aquela fosse a coisa mais natural do mundo. – Está chamando alguém com quem fez amizade. É como se dissesse: “Estou aqui, olhe pra mim, vamos bater um papo”. Lá está ele no arbusto. De quem ele é?

– É do Ben Weatherstaff, mas acho que já me conhece um pouco também – respondeu Mary.

– É verdade, ele conhece você – disse Dickon, com tom de voz baixinho outra vez. – E gosta de você, viu? Foi com a sua cara. Ele vai me falar de você, já, já.

Dickon foi chegando perto do arbusto com aquele seu modo de se movimentar bem lentamente que Mary havia notado antes, e fez um som quase igual ao gorjeio do pintarroxo. O passarinho ficou o ouvindo por alguns segundos, muito atento, e então gorjeou como se estivesse respondendo a uma pergunta.

– Olha só, ele é seu amigo, sim – riu Dickon.

– Você acha?! – perguntou Mary, animada. Ela queria muito saber. – Você acha que ele gosta mesmo de mim?

– Ele não chegaria tão perto de você se não gostasse – respondeu Dickon. – Passarinhos são muito exigentes com as pessoas, e sabem desprezar alguém até melhor que os humanos. Olhe lá, está falando com você agora. Está dizendo: “Você não consegue reconhecer um amigo?”.

E parecia verdade. Enquanto saltitava no arbusto, ele punha a cabecinha de lado e gorjeava e se inclinava novamente.

– Você entende tudo o que os passarinhos dizem? – perguntou Mary.

O sorriso de Dickon se espalhou pelo seu rosto, e dava a impressão de que ele tinha virado apenas uma boca larga, vermelha e curva. Então, coçou seu cabelo desganhado.

– Eu acho que entendo, e eles acham também – disse o menino. – Tenho convivido muito tempo com eles na charneca. Já vi tanto passarinho quebrar a casca, começar a ficar cheio de penas, aprender a voar e cantar que, às vezes, até acho que sou um dos filhotinhos. Às vezes, acho que talvez eu seja mesmo um passarinho ou uma raposa, ou um coelho ou um esquilo, ou mesmo um besouro, já nem sei mais!

Ele riu e voltou para o tronco e começou a falar de novo sobre as sementes. Ficou contando como ficavam depois de virar flores; explicou como plantá-las e cuidar delas, como adubá-las e regá-las.

– Quer saber? – disse, de repente, virando-se para olhar para Mary. – Eu mesmo vou plantá-las pra você. Onde fica o seu jardim?

Mary começou a apertar as mãos sobre o colo. Não sabia o que dizer, então, durante um minuto inteiro, não disse nada. Nunca havia pensado naquilo. Ficou muito deprimida, e sentiu que estava ficando vermelha, e, depois, pálida.

– Você tem um jardinzinho, não tem? – Dickon perguntou.

E, de fato, ela ficara vermelha, e, depois, pálida. Dickon percebeu, e como ela continuava sem dizer nada, começou a ficar intrigado.

– Eles não deram nem um jardinzinho pra você plantar? – perguntou. – Você ainda não tem nenhum pedacinho de terra *seu*?

Ela apertou as mãos com mais força e virou os olhos na direção dele.

– Eu ainda não sei lidar direito com meninos – disse, devagar. – Será que você conseguiria manter um segredo, se eu lhe contasse? É um grande segredo. Eu não sei o que seria de mim se alguém o descobrisse. Acho que eu morreria! – Mary disse essa última frase com muita emoção.

Dickon parecia mais desconcertado ainda e até coçou de novo o cabelo desgrenhado, mas respondeu de maneira muito bem-humorada.

– Eu guardo segredos o tempo inteiro – disse. – Se não conseguisse guardar segredos dos outros meninos, segredos sobre filhotes de raposa e ninhos de passarinhos e tocas de bichos, não haveria mais nada seguro na charneca. Sim, eu sei guardar segredos.

Mary não tinha a intenção de desgrudar suas mãos e agarrar o menino pela manga do casaco, mas foi exatamente o que fez.

– Eu roubei um jardim! – disse, muito rápido. – Não é meu. Não é de ninguém. Ninguém mais quer saber dele, ninguém cuida, ninguém sequer entra lá. Talvez tudo no jardim já esteja morto. Eu não sei.

Começou a ficar com muito calor e a se sentir mais Mary Malmequer do que jamais se sentira em toda a sua vida.

– Mas eu não me importo, não mesmo! Ninguém tem o direito de tirá-lo de mim, sou eu que cuido dele, e não eles. Estão deixando o jardim morrer, todo fechado e largado – ela concluiu com paixão, e então cobriu o rosto com os braços e desatou a chorar; pobre Mary!

Os curiosos olhos azuis de Dickon ficavam cada vez mais arregalados e redondos.

– Ei, ei, ei! – ele disse, pronunciando sua exclamação bem devagar, de um jeito que expressava espanto, mas, também, compreensão.

– Eu fico sem ter o que fazer aqui – disse Mary. – Nada aqui é meu. Eu encontrei o jardim por minha conta e consegui entrar lá sozinha. Fiz do mesmo jeito que o pintarroxo faz, e eles não vão tirar o jardim dele, não é?

– Aonde fica o jardim? – perguntou Dickon bem baixinho.

Mary se levantou do tronco na mesma hora. Sentia-se de novo como a Mary Malmequer, teimosa e obstinada, e não se importava com mais nada. Sentia-se ativa como na Índia, e ao mesmo tempo afogueada e ressentida.

– Venha comigo, vou lhe mostrar – disse.

Em seguida, ela o levou para dar uma volta pela trilha de loureiros e pelo caminho onde a hera crescia densa. Dickon a seguiu com uma expressão esquisita no rosto, quase como quem tem pena. Sentia como se estivesse sendo levado para conhecer o ninho de algum pássaro estranho e tivesse que andar bem devagar. Quando ela parou diante do muro e ergueu a cortina de hera, o menino teve um pequeno sobressalto. Havia uma porta ali, e Mary a empurrou. Entraram por ela juntos, e então Mary parou e fez um amplo e desafiador gesto com a mão.

– É este aqui – mostrou. – É um jardim secreto, e eu sou a única pessoa do mundo que quer que ele fique vivo.

Dickon olhou ao seu redor, voltou a olhar, olhou de novo, mais uma vez, e outra.

– Sim, sim! – ele disse, quase com um sussurro. – É um lugar estranho e muito bonito! É como se a gente estivesse entrando num sonho.



## CAPÍTULO XI



**P**or dois ou três minutos, ele ficou olhando ao redor, enquanto Mary o observava, e então começou a andar devagar, com maior cautela ainda do que Mary quando esteve pela primeira vez dentro daqueles quatro muros. Seus olhos pareciam absorver tudo – as árvores cinzentas com as trepadeiras cinzentas subindo por elas e pendendo de seus galhos, o emaranhado que cobria os muros e se espalhava pela grama, os nichos de plantas perenes com bancos de pedra e vasos de flores dentro deles.

– Nunca imaginei que veria esse lugar algum dia – disse ele, com um sussurro.

– Você sabia que existia? – perguntou Mary.

Ela falou meio alto, e ele fez um sinal.

– É bom falar baixinho, senão alguém pode ouvir e ficar intrigado com o que está acontecendo aqui dentro.

– Ih! Tinha me esquecido! – disse Mary, assustada e levando rapidamente uma das mãos à boca. – Você já sabia desse jardim? – perguntou novamente quando se refez do susto.

Dickon assentiu.

– Martha me contou que havia um jardim onde nunca ninguém entrava – respondeu ele. – A gente ficava só imaginando como poderia ser.

Ele parou e olhou para aquele lindo emaranhado cinza em volta dele, e seus olhos redondos pareceram estranhamente felizes.

– Ah! Na primavera vamos ver um monte de ninhos aqui dentro – disse. – Vai ser o lugar mais seguro da Inglaterra para fazer ninho. Nunca ninguém chega perto daqui, e tem esse belo emaranhado de árvores e roseiras para construir os ninhos. Não sei, não, mas acho que todos os passarinhos da charneca vão querer fazer ninhos aqui.

Mais uma vez, Mary agarrou o braço dele, em um impulso.

– Será que vão nascer rosas? – cochichou. – O que você acha? Pensei que todas as roseiras já estivessem mortas.

– Epa! Nada disso! Não estão, não, pelo menos nem todas! – ele respondeu. – Olhe aqui!

Ele foi até a árvore mais próxima, uma muito velha, com o tronco todo coberto por um líquen cinza, mas que sustentava uma cortina de raminhos e galhos emaranhados. Tirou do bolso um canivete grosso e abriu uma das lâminas.

– Tem um monte de madeira morta que é preciso cortar fora – disse ele. – E muita madeira velha, mas a árvore fez um pouco de madeira nova no último ano. Esse aqui é novo – e apontou para um ramo marrom-esverdeado que não era tão duro e seco nem tinha aquela cor cinza.

Mary tocou o ramo de modo reverente, interessado.

– Este aqui? – perguntou. – Este aqui tem vida?

Os lábios de Dickon se curvaram em um amplo sorriso.

– Ele é tão empolgado quanto você e eu – disse, e Mary lembrou que Martha lhe contara que, para eles, “empolgado” significava “cheio de vida”.

– Que bom que está “empolgado”! – exclamou ela, cochichando. – Quero que todos eles fiquem empolgados. Vamos dar uma volta pelo jardim e contar quantos empolgados há por aqui.

Mary estava ansiosa, com a respiração quase ofegante, e Dickon estava tão ansioso quanto ela. Foram de árvore em árvore, e de arbusto em arbusto.

Ele, de canivete na mão, mostrava várias coisas, que ela ia achando maravilhosas.

– As árvores voltaram a ser silvestres – ele disse –, mas as mais fortes até que vingaram. As muito delicadas morreram, mas as outras não pararam de crescer e se espalharam, e ficaram essa maravilha. Veja aqui! – e puxou para baixo um grosso galho cinza, que parecia seco. – Alguém pode achar que isso aqui é madeira morta, mas não acredito que esteja morta até a raiz. Vou cortar bem embaixo e ver.

Ajoelhou-se e cortou com o canivete aquele galho aparentemente sem vida, bem perto do solo.

– Olhe só! – disse, exultante. – Bem que eu falei. Ainda tem verde nessa madeira. Dê uma olhada.

Antes mesmo que ele terminasse de falar, Mary já estava de joelhos, observando, concentrada.

– Quando fica um pouco esverdeado e úmido como esse, quer dizer que é empolgado – ele explicou. – Quando a parte de dentro está seca e quebra fácil, como nesse outro pedaço que cortei, é porque morreu. Olhe, tem uma raiz grande aqui, de onde toda essa madeira viva brotou, e se a gente cortar a madeira velha, cavar em volta e cuidar bem, então, talvez... – ele parou e ergueu o rosto para olhar os ramos que subiam e pendiam logo acima – ...então talvez a gente possa ter uma cascata de rosas aqui nesse verão.

Foram de arbusto em arbusto, e de árvore em árvore. Dickon era um menino forte e hábil com o canivete, e sabia como cortar os galhos secos e mortos, e também conseguia ver quando um ramo ou graveto pouco promissor ainda tinha vida verde dentro dele. Depois de meia hora, Mary achou que também sabia ver isso, e quando ele cortava um galhinho que parecia sem vida e enxergava o menor sinal de umidade verde, ela exultava discretamente de alegria. A pazinha, a enxada e o forcado estavam sendo muito úteis. Ele a ensinou a usar o forcado enquanto cavava as raízes com a pá e espalhava a terra para arejar o solo.

Estavam trabalhando com empenho em volta de uma das maiores roseiras quando ele vislumbrou algo que o fez soltar uma exclamação de surpresa.

– Como assim?! – exclamou, apontando para a grama um metro adiante.  
– Quem fez isso aqui?

Era um dos pontos em que Mary havia aberto espaço em volta dos pontinhos verde-claro.

– Fui eu – disse Mary.

– Jura? Mas eu achei que você não soubesse nada de jardinagem! – ele exclamou.

– E não sei mesmo – respondeu ela –, mas é que eram tão pequeninos, e a grama tão espessa e forte, que parecia que não tinham como respirar. Então abri um espaço para eles. Nem sei o que são.

Dickon avançou e se ajoelhou perto deles, e abriu de novo seu sorriso.

– Você estava certa – disse. – Um jardineiro não teria feito melhor. Agora vão crescer como na história *João e o Pé de Feijão*. São açafrões e galantos, e esses aqui são narcisos – apontou, virando-se para outro pedaço de chão –, e tem mais esse asfódelos. Nossa! Isso aqui vai ficar lindo!

Ele corria de um espaço aberto a outro.

– Até que foi um bocado de trabalho para uma garotinha como você – disse ele, olhando-a de cima a baixo.

– Estou engordando um pouco – disse Mary – e ficando mais forte. Antes eu costumava me cansar à toa. Agora, cavo e não fico nem um pouco cansada. Gosto do cheiro da terra quando está revirada.

– Isso é muito bom! – disse ele, assentindo com ar de entendido. – Não há nada melhor do que o cheirinho de terra limpa, a não ser o cheiro de coisas quando começam a crescer com a chuva batendo nelas. É comum eu ir para a charneca quando chove e deitar debaixo de um arbusto; fico ouvindo o barulhinho dos pingos de chuva caindo na urze e sentindo o cheiro. Minha mãe diz que a ponta do meu nariz treme que nem a do nariz de um coelho.

– Você nunca fica resfriado? – perguntou Mary, olhando para ele admirada. Nunca havia visto um menino tão engraçado e tão legal como aquele.

– Não fico – respondeu ele, sorrindo. – Nunca fiquei resfriado desde que nasci. Não fui criado todo cheio de cuidados. Corria pela charneca com

qualquer tempo, do jeito que os coelhos fazem. A mãe diz que nos meus 12 anos de vida eu cheirei ar puro suficiente para nunca ficar resfriado. Sou forte que nem uma vara de acácia.

Ele trabalhava e falava o tempo inteiro, e Mary ia atrás dele o ajudando com seu forcado ou com a colher de pedreiro.

– Tem um bocado de trabalho para fazer aqui! – ele disse uma hora, olhando ao redor, feliz da vida.

– Você virá de novo me ajudar? – Mary perguntou, suplicante. – Eu com certeza vou ajudar também. Posso cavar e arrancar mato, fazer o que você pedir. Ah, Dickon, venha, vai!

– Eu posso vir todo dia, se você quiser, faça chuva ou faça sol – ele respondeu, sem hesitar. – É a coisa mais divertida que já me aconteceu na vida: ficar fechado aqui dentro e fazer um jardim acordar.

– Se você vier – disse Mary –, se me ajudar a dar vida a esse jardim, eu nem sei o que posso fazer – concluiu, meio atordoada. O que seria possível fazer para um menino como aquele?

– Eu vou lhe dizer o que fazer – disse Dickon, com seu sorriso franco. – Você tem que engordar e ficar com o apetite de uma raposa novinha e aprender a falar com o pintarroxo do jeito que eu faço. Eba! A gente vai se divertir muito.

Em seguida, ele começou a andar por ali, olhando para a copa das árvores e para os muros e arbustos com um ar pensativo.

– Eu não queria que ficasse feito um jardim de jardineiro, tudo bem podado e limpinho e arrumado, você queria? – ele perguntou. – É mais legal assim, com as coisas crescendo à vontade e balançando e se agarrando umas nas outras.

– Isso mesmo, não vamos deixar tudo certinho – respondeu Mary, animada. – Se ficar muito arrumado, não vai parecer um jardim secreto.

Dickon continuava coçando seu cabelo cor de ferrugem com uma expressão intrigada.

– E olha, sem dúvida, é um jardim secreto – ele disse –, mas também dá a impressão de que alguém, além do pintarroxo, andou por aqui desde que foi fechado, há dez anos.

– Mas a porta estava trancada, e a chave, enterrada – disse Mary. – Ninguém poderia ter entrado.

– É verdade – ele respondeu. – É um lugar estranho. Parece que alguém andou podando um pouco aqui e ali, e foi há menos de dez anos.

– Mas como seria possível isso? – perguntou Mary.

Ele ficou examinando um galho de roseira e balançando a cabeça.

– É verdade! Como seria possível?! – murmurou. – Com a porta trancada e a chave enterrada.

Mary sentia que por mais tempo que vivesse, jamais se esqueceria daquela primeira manhã em que seu jardim começara a crescer. Claro que, para ela, parecia que tinha começado a crescer somente naquela manhã. Quando Dickon limpou alguns trechos para plantar sementes, ela se lembrou do que Basil vivia cantando quando queria provocá-la.

– Tem alguma flor parecida com um sino? – ela perguntou.

– Os lírios-do-vale parecem sinos – ele respondeu, continuando a cavar com a pá de pedreiro –, e tem os sinos de Canterbury e as campânulas.

– Vamos plantar algumas dessas flores – disse Mary.

– Aqui no jardim já tem lírios do vale; acabei de ver. Devem ter crescido juntos demais, e vamos ter que separá-los, mas há um monte deles. As outras flores levam uns dois anos para brotar depois de plantadas as sementes, mas posso trazer um pouco das que estão no jardimzinho lá de casa. E por que essas flores?

Então Mary lhe contou do Basil e dos seus irmãos e irmãs na Índia, e de como ela ficava zangada quando eles a chamavam de “Senhorita Mary Malmequer”.

– Eles ficavam dançando em volta de mim e cantando assim:

Senhorita Mary Malmequer, Gosta de brincar de jardineira, Com lírios, flores-de-sino, o que houver, E de pôr magnólias em fileira.

– E agora eu acabei de me lembrar disso e fiquei imaginando se existiriam mesmo flores em forma de sino.

Ela continuou de cara amarrada e enterrou a colher de pedreiro na terra com ar de despeito.

– Eu não era tão antipática assim como eles diziam.

Mas Dickon riu.

– Não ligue! – ele disse, e ela viu então que, enquanto revirava o rico solo preto, ele se extasiava com o cheiro da terra. – Ninguém precisa ficar zangado quando existem tantas flores e tantos bichinhos amigos correndo por aí e fazendo casas pra eles, ou construindo ninhos e cantando e gorjeando, você não acha?

Mary, ajoelhada perto dele segurando as sementes, olhou-o e abandonou a cara amarrada.

– Dickon, você é tão legal quanto a Martha disse que era. Gosto de você, e você já é a quinta pessoa. Nunca achei que eu fosse gostar de cinco pessoas.

Dickon se sentou sobre os calcanhares como Martha fazia quando limpava a grade da lareira. Ele de fato era engraçado e agradável, Mary pensou, com aqueles olhos azuis redondos e as bochechas vermelhas e o nariz arrebitado que lhe davam um ar de menino feliz.

– Você só gosta de cinco pessoas? – ele perguntou. – Quais são as outras quatro?

– Sua mãe e Martha – Mary foi contando nos dedos –, e o pintarroxo e Ben Weatherstaff.

Dickon riu tanto que precisou abafar o som da risada colocando um braço em cima da boca.

– Eu sei que você me acha um garoto esquisito – ele disse –, mas eu acho você a garotinha mais esquisita que já conheci na vida.

Então, Mary fez uma coisa inusitada. Inclinou-se para a frente e fez uma pergunta que nunca antes sonhara fazer a ninguém. E tentou fazê-la com o sotaque de Yorkshire, porque era essa a linguagem de Dickon, e na Índia os nativos sempre ficavam contentes quando alguém demonstrava conhecer um pouco de sua língua.

– Cê gosta de mim?

– Nossa! – ele respondeu, na mesma hora. – E como! Acho você maravilhosa, e o pintarroxo também acha, tenho certeza!

– Então são dois, certo? – disse Mary. – Dois que gostam de mim.

E passaram a trabalhar com maior empenho ainda, e mais satisfação também. Mary se assustou e lamentou quando ouviu o grande relógio do pátio marcar meio-dia, a hora do seu almoço.

– Preciso ir – ela disse, lamentando-se. – E você vai ter que ir também, não é?

Dickon sorriu.

– Meu almoço é fácil de carregar, está aqui comigo – ele disse. – A mãe sempre me deixa levar um pouco de comida no bolso.

Ele pegou seu casaco do chão e tirou de um bolso uma trouxinha, envolvida em um guardanapo rústico, bem limpinho, branco e azul. Ali, guardara duas fatias grossas de pão, com uma fatia de alguma outra coisa entre elas.

– Quase sempre é só uma fatia de pão – ele disse –, mas hoje eu ganhei uma boa fatia de toucinho junto.

Mary achou que aquele almoço se parecia mais com um jantar bem inusitado, mas Dickon parecia muito a fim de comê-lo.

– Corra lá para comer sua comida – ele disse. – Eu vou terminar meu almoço primeiro. E aí trabalho mais um pouco antes de voltar para casa.

Sentou-se encostado ao tronco de uma árvore.

– Vou chamar o pintarroxo – disse –, e dar a casquinha do toucinho para ele bicar. Ele adora um pouco de gordurinha.

Mary mal conseguia aceitar a ideia de deixá-lo. De repente, sentiu como se ele fosse uma espécie de duende da floresta, que poderia já ter desaparecido quando ela voltasse de novo ao jardim. Ele era bom demais para ser verdade. Ela foi indo devagar até a metade do caminho em direção à porta no muro, mas então parou e voltou.

– Seja lá o que acontecer, você... você nunca vai contar nada, não é? – ela perguntou.

As bochechas cor de papoula do garoto ficaram esticadas com a primeira grande mordida dada no pão com toucinho, mas mesmo assim ele conseguiu sorrir e mostrar seu assentimento.

– Se você fosse um tordo desses bosques e me mostrasse onde ficava seu ninho, acha que eu iria contar isso a alguém? De jeito nenhum – ele disse. –



Você está tão segura quanto um tordo.  
E ela teve total certeza de que estava.

## CAPÍTULO XII



**M**ary correu tanto que estava quase sem fôlego ao chegar ao seu quarto. O cabelo caíra na testa, e suas bochechas estavam com um tom de rosa bem vivo. A refeição já estava servida, e Martha a esperava.

– Você se atrasou um pouco – ela disse. – Por onde andou?

– Estava com o Dickon! – disse Mary. – Eu conheci o Dickon!

– Eu sabia que ele estava aqui! – disse Martha, exultante. – Gostou dele?

– Eu achei... achei ele um menino lindo! – disse Mary, com convicção.

Martha pareceu um pouco surpresa, mas satisfeita.

– Bom, ele é o melhor garoto do mundo, mas nunca achamos que fosse bonito. O nariz dele é arrebitado demais.

– Gosto daquele nariz arrebitado – disse Mary.

– E tem os olhos muito redondos – disse Martha, um pouco hesitante. – Se bem que a cor deles é linda.

– Gosto dos olhos bem redondos dele – disse Mary. – E são exatamente da cor do céu da charneca.

Martha ficou radiante de satisfação.

– A mãe diz que os olhos dele ficaram dessa cor de tanto ele olhar para os passarinhos e para as nuvens. Mas ele também tem uma bocona, você não acha?

– Adoro aquela boca grande dele – disse Mary, teimosa. – Adoraria que a minha fosse assim também.

Martha riu, com gosto.

– Ia ficar muito estranho e engraçado uma boca grandona dessas no seu rosto miudinho – disse. – Mas eu tinha certeza de que ia ser assim quando você o conhecesse. Gostou das sementes e das ferramentas de jardinagem?

– Como você sabe que ele trouxe? – perguntou Mary.

– Ah! Nunca imaginei que deixaria de trazer. Só não traria se não encontrasse em Yorkshire. É um garoto ponta firme.

Mary temia que ela começasse a fazer perguntas difíceis de responder, mas Martha não o fez. Estava bem mais interessada nas sementes e nas ferramentas de jardinagem, e teve só um momento em que Mary ficou receosa. Foi quando ela começou a perguntar onde pretendia plantar as flores.

– Você já perguntou disso a alguém? – disse Martha.

– Não, ainda não perguntei – disse Mary, hesitante.

– Bem, eu não perguntaria ao jardineiro chefe. Ele é muito empolado, o senhor Roach.

– Eu nunca o vi – disse Mary. – Só conheci os outros jardineiros e o Ben Weatherstaff.

– Se eu fosse você, perguntaria ao Ben Weatherstaff – aconselhou Martha. – Ele não é tão difícil quanto parece, apesar de ser tão fechado. O senhor Craven o deixa fazer o que quer, porque ele já estava aqui quando a senhora Craven era viva e costumava fazê-la rir. Ela gostava dele. Talvez ele arrume um cantinho em algum lugar mais afastado.

– Se for um lugar mais afastado, que ninguém queira, não vão poder reclamar que fique sendo meu, não é? – indagou Mary, ansiosa.

– Não haveria nenhuma razão para isso – respondeu Martha. – Você não atrapalharia ninguém.

Mary almoçou o mais rápido que pôde, mas, quando se levantou da mesa para voltar ao seu quarto e pegar o chapéu, Martha a deteve.

– Preciso lhe contar uma coisa – disse. – Achei que devia esperar você almoçar primeiro. O senhor Craven voltou de viagem hoje cedo e falou que quer vê-la.

Mary ficou pálida.

– Como assim? – ela disse. – Por quê? Por quê? Ele não quis me ver quando cheguei... Ouvi o Pitcher comentar que ele não queria.

– Bem – explicou Martha –, a senhora Medlock diz que foi por causa da minha mãe. Ela estava andando pela vila de Thwaite e encontrou com ele. Nunca havia lhe falado antes, mas a senhora Craven já visitara nossa casinha umas duas ou três vezes. Ele tinha se esquecido disso, mas a mamãe, não, então criou coragem e o interpelou. Não sei o que ela disse a seu respeito, mas foi alguma coisa que o fez decidir falar com você antes de viajar de novo, amanhã.

– Nossa! – exclamou Mary. – Ele já vai viajar de novo amanhã? Que bom!

– Vai ficar um tempão fora. Talvez volte só no outono ou no inverno. Vai para o exterior. Vive fazendo isso.

– Ah! Fico muito feliz, muito feliz! – disse Mary, sentindo-se grata.

Se ele só voltasse no inverno, ou mesmo no outono, ela teria bastante tempo para ver o jardim secreto ganhar vida. Mesmo que ele então descobrisse e lhe tirasse o jardim, pelo menos ela já teria conseguido reavivá-lo.

– Quando você acha que ele vai querer...

Mas Mary não conseguiu terminar a frase, porque a porta se abriu e a senhora Medlock entrou. Ela estava com seu melhor vestido preto, chapéu, e a gola presa por um grande broche com o retrato de um homem. Era uma foto colorida do senhor Medlock, falecido anos atrás, e ela sempre usava esse broche quando se vestia bem. Parecia nervosa e agitada.

– Seu cabelo está todo desgrenhado – disse, afobada. – Vai lá passar uma escova. Martha, ajude-a a colocar seu melhor vestido. O senhor Craven me mandou aqui para levá-la ao escritório dele.

Toda aquela cor rosada no rosto de Mary desapareceu. Seu coração começou a bater forte, e ela sentiu que voltava a ser aquela criança tensa, sem graça e quieta. Sequer respondeu à senhora Medlock, apenas se virou e foi até seu dormitório, seguida por Martha. Não disse uma palavra sequer enquanto trocavam seu vestido e escovavam seu cabelo, e, depois de se arrumar toda, seguiu a senhora Medlock pelos corredores, em silêncio. O que poderia dizer, naquele momento? Era obrigada a ir ver o senhor Craven, e ele não iria gostar dela, e ela não iria gostar dele. Sabia o que ele devia pensar a seu respeito.

Foi levada a uma parte da casa onde nunca estivera. Finalmente, a senhora Medlock bateu à porta, e, quando alguém disse “Pode entrar”, entraram juntas. Um homem estava sentado em uma poltrona junto à lareira, e a senhora Medlock dirigiu-se a ele.

– Esta é a senhorita Mary, senhor.

– Pode deixá-la aqui e se retirar. Toco a campainha quando precisar que você a leve embora – disse o senhor Craven.

Quando ela saiu e fechou a porta, só restou a Mary ficar ali, plantada, esperando; uma menina sem graça, torcendo as mãos. Notou que o homem na poltrona não era bem um corcunda, mas tinha os ombros altos, bastante curvados, e cabelo preto, com fios grisalhos. Ele então girou a cabeça por cima dos altos ombros e falou:

– Venha cá!

Mary foi até ele.

Não era feio. Seu rosto seria até bonito se não expressasse tanta tristeza. Dava a impressão de que a visão da menina o deixava preocupado e inquieto, como se não tivesse a menor noção do que fazer com ela.

– Você está bem? – perguntou.

– Estou – respondeu Mary.

– Estão cuidando bem de você?

– Sim.

Ele esfregava a testa, nervoso, enquanto examinava a menina.

– Você está muito magra – disse.

– Estou engordando um pouco – Mary respondeu, com o seu jeito mais rígido.

Que expressão triste ele tinha no rosto! Seus olhos negros davam a impressão de que sequer conseguiam enxergá-la direito, como se estivessem vendo alguma outra coisa, e ele mal conseguisse pensar nela.

– Me esqueci de você – ele disse. – Como poderia me lembrar? Tinha a intenção de arrumar uma preceptora ou uma babá, ou alguém desse tipo, mas me esqueci.

– Por favor... – começou Mary. – Por favor... – e então sentiu um nó na garganta, que a travou.

– O que você quer me dizer?

– Eu sou... Eu já sou grandinha para ter uma babá – disse Mary. – E, por favor, não me arrume uma preceptora ainda.

Ele esfregou os dedos na testa novamente, e ficou a olhando.

– Foi o que a mulher dos Sowerby me disse – ele murmurou, meio distraído.

Então, Mary reuniu um pouco de coragem para dizer:

– Será que essa mulher é... será que é... a mãe da Martha? – gaguejou.

– Sim, acho que é ela – ele replicou.

– Ela entende muito de crianças – disse Mary. – Tem doze filhos. Ela entende, sim.

Ele pareceu se animar um pouco.

– O que você quer fazer então?

– Quero ficar brincando ao ar livre – respondeu Mary, torcendo para que sua voz não fraquejasse. – Na Índia, eu não gostava disso. Mas aqui, sinto que meu apetite melhora, e que estou até engordando.

Ele continuou a observando.

– A senhora Sowerby disse que isso lhe faria bem. E talvez faça – disse ele. – Ela acha que você primeiro deveria ficar mais forte, antes de ter uma preceptora.

– Eu me sinto mais forte quando brinco e posso sentir o vento da charneca – argumentou Mary.

– Onde você brinca? – ele perguntou, em seguida.

– Em qualquer lugar – balbuciou Mary. – A mãe da Martha me deu uma corda de pular. Eu fico pulando e correndo, e olhando para ver se as coisas já estão começando a brotar da terra. Eu não estrago nada.

– Não fique tão assustada – ele disse, com um tom preocupado. – O que é que uma garotinha como você poderia estragar?! Você pode fazer tudo o que tiver vontade.

Mary ergueu uma das mãos e cobriu a garganta, pois tinha receio que ele visse o nó de excitação que sentia crescer ali. Então, ela deu um passo à frente.

– Posso mesmo? – indagou, trêmula.

A carinha ansiosa dela pareceu deixá-lo mais preocupado do que nunca.

– Não fique tão assustada! – ele exclamou. – É claro que pode. Eu sou seu tutor, embora não esteja à altura de nenhuma criança para cumprir esse papel. Não tenho como lhe dedicar tempo ou atenção. Sou muito doente, e também atormentado e disperso; mas quero que você fique bem, e confortável. Não sei nada sobre crianças, mas a senhora Medlock vai providenciar que tenha tudo de que precisa. Mandei chamar você hoje porque a senhora Sowerby disse que eu precisava vê-la. A filha dela lhe falou a seu respeito. Ela acha que você precisa de ar fresco e de liberdade, e que tem que correr à vontade por aí.

– Ela entende tudo de crianças – Mary disse novamente, quase sem pensar.

– Deve entender, sim – disse o senhor Craven. – Eu a achei bastante arrojada quando me interpelou na charneca, mas ela disse que a... a senhora Craven havia sido muito boa para ela – ele pareceu ter dificuldade em pronunciar o nome da falecida esposa. – É uma mulher respeitável. Agora que conheci você, acho que ela disse coisas muito sensatas. Brinque ao ar livre o quanto quiser. Aqui há bastante espaço, e você pode ir aonde tiver vontade e se divertir do jeito que preferir. Tem alguma coisa de que você precise? – perguntou ele, como se algum pensamento de repente tivesse surgido em sua mente. – Você precisa de alguma coisa, brinquedos, livros, bonecas?

– Será que eu poderia... – disse Mary, com a voz trêmula – talvez... ter um pedacinho de terra?

Na sua ansiedade, ela não se dera conta do quanto aquelas palavras poderiam soar estranhas, nem de que não era bem aquilo o que tivera a intenção de dizer. O senhor Craven a olhou, com ar de espanto.

– Terra! – repetiu. – Como assim?!

– Para plantar sementes nela... fazer as coisas crescerem... ver como ganham vida – Mary disse, hesitante.

Ele a observou por um momento, e então passou a mão rapidamente pelos olhos.

– Você... tem muito interesse em jardins – disse, lentamente.

– Eu não me interessava por eles na Índia – disse Mary. – Estava sempre doente e cansada, e era quente demais, ali. Às vezes, fazia pequenos canteiros na areia e espetava flores neles. Mas aqui é diferente.

O senhor Craven se levantou e começou a andar devagar pela sala.

– Um pedacinho de terra... – disse a si mesmo, e Mary achou que talvez ela o tivesse feito se lembrar de alguma coisa. Quando ele enfim parou e falou com ela, com aqueles olhos escuros, parecia quase gentil e bondoso.

– Você pode ter o quanto de terra quiser – ele disse. – Você me faz lembrar de alguém que amava a terra e as coisas que crescem nela. Quando encontrar o pedacinho de terra que deseje – ele disse isso com uma espécie de sorriso –, pode ficar com ele, minha filha, e faça com que ganhe vida.

– Pode ser de qualquer lugar, desde que ninguém queira também?

– Pegue de qualquer lugar – ele respondeu. – Muito bem! Agora você terá que ir embora, estou um pouco cansado – ele tocou a campainha para chamar a senhora Medlock. – Até mais ver. Devo ficar fora o verão inteiro.

A senhora Medlock chegou tão depressa, que Mary achou que ela devia estar aguardando no corredor.

– Senhora Medlock! – disse o senhor Craven. – Agora que vi a criança, entendo o que a senhora Sowerby quis dizer. Ela precisa ficar um pouco menos frágil antes de começar suas aulas. Procure alimentá-la com comida simples, saudável. Deixe que corra livremente pelo jardim. Não fique vigiando demais a menina. Ela precisa de liberdade e de ar fresco para



explorar o lugar. A senhora Sowerby virá aqui vê-la de vez em quando, e ela às vezes irá até a casa dela.

A senhora Medlock ficou satisfeita com aquilo. Pareceu aliviada ao ouvir que não precisaria “vigiar demais” a menina. Ela vinha encarando Mary como um encargo enfadonho e, na verdade, preocupara-se pouco com ela até então. Além do mais, gostava da mãe de Martha.

– Obrigada, senhor – ela disse. – Susan Sowerby e eu estudamos juntas, e ela é a mulher mais sensata e de bom coração que o senhor poderia encontrar. Eu mesma não tive filhos, mas ela teve doze, e nunca vi crianças melhores ou mais saudáveis. A senhorita Mary irá se dar bem com eles. Eu mesma sempre valorizei os conselhos de Susan Sowerby a respeito de crianças. Ela é o que podemos chamar de uma mente saudável, se o senhor me entende.

– Eu entendo – respondeu o senhor Craven. – Agora, por favor, leve a senhorita Mary e mande o Pitcher vir até aqui.

Quando a senhora Medlock a deixou no final do corredor, Mary correu até seu quarto. Encontrou Martha esperando por ela. Martha já havia recolhido a mesa do almoço e voltado correndo.

– Vou ter um jardim só meu! – exclamou Mary. – Pode ser onde eu quiser! Não vou precisar de preceptora por um bom tempo! Sua mãe virá me ver e vou poder ir à sua casa! Ele disse que uma garotinha como eu não tem como causar nenhum problema, e que posso fazer o que quiser, em qualquer lugar!

– Que bom! – disse Martha, encantada – Foi muito gentil da parte dele, não?

– Martha – disse Mary, em tom solene –, ele é um homem bom, de verdade, é só a cara dele que é meio triste, fica de cenho franzido o tempo inteiro.

Em seguida, saiu correndo para o jardim. Ficara longe dele muito mais tempo do que pretendia, e sabia que Dickon teria que ir embora cedo, pois tinha que percorrer oito quilômetros até sua casa. Mas quando ela se esgueirou pela porta do jardim, passando pela cortina de hera, viu que ele não estava mais trabalhando onde o deixara. As ferramentas de jardinagem

estavam recolhidas debaixo de uma árvore. Ela correu até lá, olhou ao redor, mas não viu sinal de Dickon. Ele tinha ido embora, e o jardim secreto estava vazio – a não ser pelo pintarroxo, que havia acabado de cruzar o muro e pousar em um arbusto de roseira, encarando-a.

– Ele foi embora – disse ela, com tristeza. – Ah, meu Deus! Será que... será que... será que ele era apenas um duende do bosque?

Mas uma coisa branca presa a um dos galhos da roseira chamou a atenção dela. Era um papel, na realidade, um pedaço daquela carta que ela havia escrito para Martha levar ao Dickon. Estava preso ao arbusto com um espinho comprido, e na mesma hora ela soube que Dickon o deixara ali. Havia algumas letras de forma escritas de um jeito tosco, junto com um desenho. De início, ela não soube dizer do que se tratava. Mas logo viu que era um desenho de um ninho com um passarinho dentro. Embaixo, as letras de forma diziam:

VOLTO LOGO.

## CAPÍTULO XIII



**M**ary levou para casa o desenho quando foi jantar e o mostrou a Martha.

– Que maravilha! – disse Martha, com muito orgulho. – Nunca pensei que o Dickon fosse tão jeitoso. Isso aí é o desenho de um tordo no ninho, em tamanho natural e igualzinho ao que é.

Então, Mary percebeu que a intenção de Dickon com o desenho havia sido passar uma mensagem. Ele quis dizer que ela poderia ficar tranquila, que ele iria guardar segredo. O jardim dela era como o ninho, e ela era o tordo. Ah, como gostava daquele menino simples e tão peculiar!

Esperava que ele voltasse logo no dia seguinte, e dormiu ansiosa pela chegada da manhã.

Mas a gente nunca sabe como será o tempo em Yorkshire, ainda mais na primavera. Assim, Mary foi acordada de madrugada pelo som de grossas gotas de chuva batendo na janela. A chuva caía aos montes, e o vento “ululava” pelos cantos e pelas chaminés daquele imenso casarão antigo. Mary se sentou na cama, triste e zangada.

– A chuva é tão antipática quanto eu era antes – disse. – Veio só porque eu não queria que viesse.

Ela se atirou no travesseiro e enterrou o rosto nele. Não chorou, mas ficou deitada odiando o som daquela chuva pesada, odiando o vento “ululando” daquele jeito. Não conseguiu pegar no sono de novo. Aquele som tristonho a manteve acordada, porque ela mesma se sentia tristonha também. Se estivesse feliz, talvez aquele mesmo som embalasse seu sono. Mas agora o vento “ululava” forte, e as enormes gotas de chuva caíam e batiam na vidraça!

– Parece o som de uma pessoa perdida na charneca, vagando por ali e chorando – disse ela.

Já fazia uma hora que estava acordada, rolando na cama, quando de repente algo a fez se sentar e virar a cabeça para a porta, prestando atenção. Ficou um bom tempo ouvindo.

– Agora não é o vento – disse, com um sussurro mais alto. – Isso não é vento, é outra coisa. É aquele choro que eu já ouvi outras vezes.

A porta do quarto estava entreaberta, e o som vinha do corredor, um som distante e fraco, de choro agitado. Mary ficou mais um tempo ouvindo, e a cada minuto sua certeza aumentava. Sentiu que precisava descobrir o que era. Aquilo parecia mais estranho ainda do que o jardim secreto e a chave enterrada. Talvez o fato de estar contrariada tivesse lhe dado coragem. Pôs os pés para fora da cama e pisou no chão.

– Vou descobrir o que é – disse. – Todo mundo está dormindo, e eu não me importo com a senhora Medlock, não ligo a mínima!

Pegou a vela junto à cama e saiu do quarto de mansinho. O corredor comprido estava escuro, mas ela estava excitada demais para se importar com aquilo. Achou que conseguiria se lembrar de onde deveria virar a cada bifurcação para chegar ao corredor curto com a porta coberta pela tapeçaria – aquele de onde a senhora Medlock surgira no dia em que ela se perdeu por ali. O som vinha daquele corredor. Então, continuou, com aquela luz tênue, quase tateando, o coração batendo tão forte que tinha a sensação de poder ouvi-lo. O choro fraco e distante continuava, e ela foi se guiando por ele. Às vezes, parava um momento, depois voltava a andar. Será que tinha

virado para o lado certo? Parava e pensava. Sim, era por ali mesmo. Seguindo por aquele corredor e depois à esquerda, depois subindo dois degraus largos, e depois virando à direita. Sim, ali estava a porta com a tapeçaria.

Empurrou a tapeçaria e abriu a porta bem devagar, fechando-a ao entrar. Ficou parada no corredor e podia ouvir o choro bem nitidamente, embora não muito alto. Vinha do outro lado da parede à sua esquerda, e alguns metros adiante havia uma porta. Conseguia ver o brilho de uma luz por baixo dela. Era naquele quarto que alguém chorava, e tratava-se de alguém bem novinho.

Então, andou até a porta e a abriu. E se viu lá, de pé, dentro do quarto!

Era um quarto grande, com uma mobília antiga muito bonita. Havia uma lareira, com fogo baixo e luz tênue, e uma vela acesa queimando ao lado de uma cama entalhada, com dossel, de onde pendia um tecido de brocado. E, na cama, havia um menino deitado, chorando, agitado.

Mary não sabia se estava em um lugar real ou se tinha voltado a dormir e estava sonhando.

O menino tinha um rosto delicado, de feições definidas, cor de marfim, e seus olhos pareciam muito grandes para o seu rosto. Tinha um cabelo farto, que caía sobre a testa em cachos densos e fazia seu rosto parecer menor ainda. Dava a impressão de ser um garoto doente, mas o choro dele não era o de alguém que sentia dor, era mais de alguém cansado e irritado.

Mary ficou parada perto da porta, com a vela na mão, prendendo a respiração. Então, avançou devagar, e, ao se aproximar, a luz atraiu a atenção do menino, que virou a cabeça no travesseiro e olhou para ela, com os olhos cinza tão arregalados que pareceram maiores ainda.

– Quem é você? – ele perguntou, finalmente, com um sussurro meio assustado. – É um fantasma?

– Não, não sou um fantasma – Mary respondeu, seu próprio sussurro soando também um pouco assustado. – E você? É um fantasma?

Ele a olhava, olhava e voltava a olhar. Mary não teve como não notar o quanto os olhos dele eram estranhos. Eram de uma cor cinza-ágata, e

pareciam grandes demais para seu rosto, ainda mais com aqueles cílios pretos em volta.

– Não – ele respondeu, depois de alguns instantes. – Eu sou o Colin.

– Quem é o Colin? – ela balbuciou.

– Eu. Meu nome é Colin Craven. E você, quem é?

– Sou Mary Lennox. O senhor Craven é meu tio.

– E ele é meu pai– disse o garoto.

– Seu pai! – espantou-se Mary. – Ninguém nunca havia me dito que ele tinha um filho! Por que ninguém me contou?

– Venha cá – ele disse, ainda com seus estranhos olhos pousados nela com uma expressão intrigada.

Ela chegou mais perto, e ele estendeu a mão para tocá-la.

– Você é de verdade, então? – perguntou. – Eu tenho sonhos muito reais, de vez em quando. Achei que você fosse um deles.

Mary tinha colocado um xale de lã antes de sair do quarto, e deixou cair uma ponta dele entre os dedos do menino.

– Esfregue a mão nele e veja como é grosso e quentinho – ela disse. – Se quiser, eu belisco você, para mostrar que sou mesmo de verdade. Por um instante, também pensei que estivesse sonhando.

– De onde você vem? – ele perguntou.

– Do meu quarto. O vento ficou uivando, eu não conseguia dormir e então ouvi alguém chorando e quis descobrir quem era. Por que você estava chorando?

– Porque tampouco eu conseguia dormir, e estava com dor de cabeça. Fale seu nome novamente.

– Mary Lennox. Nunca ninguém lhe disse que eu vim morar aqui?

Ele ainda tocava com os dedos a ponta do seu xale, mas parecia começar a acreditar que ela era real.

– Não – ele respondeu. – Eles não ousariam.

– Por quê? – perguntou Mary.

– Porque eu poderia ficar com medo de que você me visse. Eu não deixo ninguém me ver nem falar comigo.

– Mas por quê? – Mary perguntou de novo, cada vez mais desconcertada com aquilo.

– Porque eu estou sempre assim, doente e tendo que ficar deitado. Meu pai também não deixa as pessoas falarem comigo. Os criados não têm permissão de falar comigo. Se eu sobreviver, vou virar um corcunda, mas não devo viver muito. Meu pai odeia pensar que eu serei como ele.

– Nossa, mas que casa mais esquisita é essa! – exclamou Mary. – Que casa mais esquisita! Tudo é meio secreto. Os quartos ficam fechados, os jardins trancados... e você! Você vive trancado?

– Não. Eu fico aqui no quarto porque não quero que me tirem daqui. Fico cansado demais.

– O seu pai vem aqui vê-lo? – Mary arriscou perguntar.

– De vez em quando. Em geral, quando estou dormindo. Ele não quer me ver.

– Por quê? – Mary não conseguiu evitar fazer a pergunta.

Uma leve sombra de raiva passou pelo rosto do menino.

– Minha mãe morreu quando eu nasci, e ele se sente muito infeliz quando olha pra mim. Acha que eu não sei de nada, mas já ouvi as pessoas comentando. Ele praticamente me odeia.

– Ele odeia o jardim, porque sua mãe morreu ali – disse Mary, como se falasse consigo mesma.

– Que jardim? – o garoto perguntou.

– Ah! Nada... não é nada, não... só um jardim... um jardim que a sua mãe adorava – Mary gaguejou. – Você sempre viveu nesse quarto?

– Quase sempre. Às vezes, me levam para algum lugar à beira-mar, mas eu não gosto de lá, porque as pessoas reparam demais em mim. Eu costumava usar um colete de ferro para manter minhas costas retas, mas um médico importante que veio de Londres disse que aquilo não adiantava nada. Mandou que o tirassem e me deixassem bastante tempo ao ar livre. Mas eu odeio ar fresco e não quero sair daqui.

– Eu também não gostava de sair do quarto quando cheguei – disse Mary. – Por que você me olha desse jeito?

– Por causa dos meus sonhos, eles parecem muito reais – ele respondeu, constrangido. – Às vezes, quando abro os olhos, não acredito que estou acordado.

– Estamos os dois acordados agora – disse Mary. Ela deu uma olhada naquele quarto de teto alto, com cantos cheios de sombras por causa da pouca iluminação. – Parece mesmo que a gente está num sonho; afinal, estamos no meio da madrugada e todos na casa dormem, todos, menos nós. Estamos bem acordados.

– Não quero que isso seja um sonho – disse o menino, agitado.

Mary, de repente, teve um pensamento.

– Bem, se você não gosta que as pessoas o vejam – começou a dizer –, então não prefere que eu vá embora?

Ele ainda segurava a ponta do xale, e deu um puxãozinho nele.

– Não, não – disse. – Se for embora, eu com certeza vou achar que você foi um sonho. Se você é de verdade, sente naquele banquinho e converse comigo. Quero saber mais de você.

Mary colocou sua vela no criado mudo e se sentou em um banquinho estofado. Ela não queria mesmo ir embora. Queria ficar naquele quarto misteriosamente ocultado e conversar com aquele menino misterioso.

– O que você quer que eu lhe conte?

Ele queria saber há quanto tempo ela estava em Misselthwaite; queria saber em que corredor ficava o quarto dela; queria saber o que ela andava fazendo; se ela também detestava a charneca, como ele; onde ela vivera antes de se mudar para Yorkshire. Ela respondeu a todas essas perguntas e a muitas outras, e ele ficou recostado no travesseiro, ouvindo-a. Ele fez a menina contar muitas coisas sobre a Índia e sobre a viagem dela pelo oceano. Ela descobriu que, pelo fato de ser enfermo, ele não havia aprendido um monte de coisas que as demais crianças sabem. Uma de suas babás o ensinara a ler quando ele era bem pequeno, e ele lia muito e ficava olhando para as imagens de uns livros magníficos.

Embora raramente o visse acordado, o pai lhe dava todo tipo de coisas maravilhosas para que pudesse se divertir. Mas ele parecia nunca ter se



divertido. Podia ganhar qualquer coisa que pedisse, e nunca o obrigavam a fazer nada que não gostasse de fazer.

– Todos aqui são obrigados a satisfazer minhas vontades – ele disse, com indiferença. – Se eu passar muita raiva, fico mais doente. Ninguém acredita que eu vá viver até a idade adulta.

Disse isso como se estivesse tão acostumado com a ideia que ela nem lhe importasse mais. Pareceu gostar do som da voz de Mary. Ela continuou falando, e ele a ouvia meio sonolento, mas interessado. Por uma ou duas vezes, ela achou que o menino estivesse, aos poucos, pegando no sono. Mas ele acabou fazendo uma pergunta que introduziu outro assunto, inteiramente novo:

– Quantos anos você tem?

– Dez anos – respondeu Mary, meio esquecida de si por um momento –, e você também.

– Como sabe? – perguntou, surpreso.

– Porque quando você nasceu, a porta do jardim foi trancada, e a chave, enterrada. E o jardim ficou trancado por dez anos.

Colin então ficou meio sentado, virado na direção dela, apoiado em um cotovelo.

– Que porta de jardim foi trancada? Quem fez isso? Onde foi que enterraram a chave? – indagou, como se, de repente, seu interesse tivesse aumentado.

– Hmm... ah, era o jardim... aquele jardim que o senhor Craven odeia – respondeu Mary, atrapalhada. – Ele trancou a porta. Ninguém... ninguém sabia onde ele tinha enterrado a chave.

– Que tipo de jardim é esse? – Colin insistiu, curioso.

– Ninguém tem permissão para entrar nele há dez anos – foi a resposta cautelosa de Mary.

Mas era tarde demais para ter cautela. Colin era muito parecido com ela. Também passava muito tempo sem ter no que pensar, e a ideia de um jardim oculto o atraiu como havia atraído a menina. Ficou fazendo uma pergunta atrás da outra. Onde ficava o jardim? Ela nunca se interessara em descobrir onde ficava a porta? Nunca perguntara aos jardineiros?

– Eles não vão dizer nada sobre isso – disse Mary. – Acho que tiveram ordens de não responder essas perguntas.

– Posso fazê-los responder – disse Colin.

– Pode mesmo? – Mary balbuciou, começando a ficar assustada. Se ele fosse capaz de obrigar as pessoas a responderem perguntas, sabe-se lá o que poderia acontecer!

– Todos aqui são obrigados a fazer minhas vontades. Eu já lhe contei – disse o menino. – Se eu vivesse mais tempo, esse lugar algum dia seria meu. Todos sabem disso. Eu posso obrigá-los a falar.

Mary não tinha noção de que ela mesma havia sido uma criança mimada, mas pôde ver claramente o quanto aquele menino misterioso havia sido criado com mimos. Ele achava que o mundo inteiro lhe pertencia. Que garoto mais peculiar! E como falava da própria morte, como se nada fosse!

– Você acha que não vai viver muito? – ela perguntou, em parte por curiosidade e em parte para mudar de assunto e fazê-lo se esquecer do jardim.

– Eu suponho que não – ele respondeu, com a mesma indiferença de antes. – Desde que me conheço por gente sempre ouvi as pessoas dizerem que não vou viver muito. No início, elas achavam que eu era muito novo para entender, e agora acham que eu não ouço direito. Mas ouço. Meu médico é primo do meu pai. Ele é muito pobre, e se eu morrer vai herdar toda a Misselthwaite quando meu pai morrer. Faz sentido eu pensar que ele não quer que eu continue vivo por muito tempo.

– Mas você quer viver? – perguntou Mary.

– Não – respondeu, de um jeito cansado, irritado. – Mas tampouco quero morrer. Quando me sinto doente, fico deitado aqui, pensando nisso, e choro sem parar.

– Já ouvi você chorando três vezes – disse Mary –, mas não sabia de quem era o choro. Você chorava por causa disso? – ela queria mesmo que ele se esquecesse da conversa sobre o jardim.

– Acho que sim – respondeu. – Mas vamos falar de outra coisa. Fale do jardim. Você não tem vontade de conhecê-lo?

– Sim – respondeu Mary, bem baixinho.

– Pois eu também tenho vontade – ele continuou insistindo. – Não acho que alguma vez já tenha sentido vontade de ver alguma coisa, mas esse jardim eu quero muito conhecer. Quero que essa chave seja desenterrada. Quero que a porta seja destrancada. Vou deixar que me levem até lá na minha cadeira. Isso significa que vou ter de suportar o ar fresco. Mas vou fazer com que abram a porta.

Ele ficara muito entusiasmado, e seus estranhos olhos começaram a brilhar como estrelas e pareceram mais imensos do que nunca.

– Eles têm que fazer minhas vontades – disse. – Vou fazer com que me levem lá e vou deixar você entrar, também.

Mary ficou torcendo as mãos. Aquilo iria estragar tudo... tudo! O Dickon não poderia mais voltar ali. Nunca mais ela iria se sentir como um tordo no seu ninho escondido e seguro.

– Oh, não... não, por favor... não faça isso! – exclamou, suplicante.

Ele a olhou assustado, achando que a menina tinha ficado maluca.

– Por quê?! – indagou ele. – Você disse que queria vê-lo.

– Sim – ela respondeu, com um soluço preso na garganta –, mas se você obrigá-los a abrir a porta desse jeito, o jardim nunca mais será secreto de novo.

Ele se inclinou ainda mais para a frente.

– Secreto? – perguntou ele. – Como assim? Explique.

As palavras de Mary quase tropeçavam umas nas outras.

– Veja bem... veja bem – disse, ofegante –, se ninguém mais souber, a não ser nós, que existe alguma porta escondida em algum lugar debaixo da hera, quer dizer, isso se essa porta existir mesmo, e se a gente descobrir onde fica, e se conseguirmos passar por ela e fechá-la depois de entrar, e ninguém souber que tem alguém dentro e se a gente passar a chamá-lo de nosso jardim e fingir que... sabe... fingir que somos como tordos e que aquele é o nosso ninho, e se começarmos a brincar ali todo dia, e cavar a terra e plantar sementes e fazer o jardim todo ganhar vida de novo...

– Ele está morto? – ele a interrompeu.

– Vai ficar logo, logo, se ninguém cuidar dele – ela continuou. – Os bulbos vão sobreviver, mas as rosas...

Ele a interrompeu novamente, tão excitado quanto ela.

– O que são esses bulbos? – perguntou, de supetão.

– São narcisos, lírios e galantos. Eles estão vivos debaixo da terra, fazendo brotar pontinhos verde-claro porque a primavera vem chegando.

– A primavera está chegando? – perguntou ele. – E o que acontece, então? Sabe, quem é doente como eu não consegue ver tudo isso trancado num quarto.

– A primavera é o sol batendo depois que chove e a chuva caindo depois de um dia ensolarado, e então as coisas se desenvolvem debaixo da terra e querem emergir – disse Mary. – Se existir um jardim secreto e pudermos entrar nele, vamos ver as coisas crescerem a cada dia e saber quantas rosas ainda estão vivas. Você não gostaria de ver? Ah, você não entende como será muito melhor se ele continuar secreto?

Ele voltou a encostar-se no travesseiro e ficou ali com uma expressão muito estranha no rosto.

– Eu nunca tive um segredo – disse ele –, exceto esse de que não vou viver o suficiente para virar adulto. Eles não sabem que eu já sei disso, portanto, é um segredo de outro tipo. Mas eu gosto mais de segredos como esse outro.

– Se você não os obrigar a levá-lo até o jardim – argumentou Mary –, então tenho quase certeza de que uma hora vou descobrir como entrar nele. E aí, já que o médico quer que você saia ao ar livre na sua cadeira, e você sempre pode fazer o que tem vontade, talvez... talvez a gente possa encontrar algum menino que empurre sua cadeira e possamos ir, só nós, até o jardim, que então continuaria sendo um jardim secreto.

– Eu acho... que eu... talvez gostasse disso – disse ele, bem devagar, com os olhos sonhadores. – Sim, eu gostaria. Não me incomodaria com o ar fresco se estivesse dentro de um jardim secreto.

Mary começou a recuperar a respiração normal e a se sentir segura de novo, porque a ideia de manter o segredo pareceu agradar ao menino. Ela tinha quase certeza de que, se continuasse falando e pudesse fazê-lo imaginar o jardim do jeito que ela o havia visto, ele iria gostar tanto dele

que não toleraria a ideia de que outras pessoas pudessem entrar ali quando bem entendessem.

– Eu vou lhe contar como eu *acho* que seria o jardim, se a gente conseguisse entrar nele – ela disse. – Ele ficou fechado por tanto tempo, que as coisas devem ter crescido e talvez estejam todas emaranhadas.

Colin se deitou, bem quieto, e ficou ouvindo enquanto Mary continuava falando de roseiras que *talvez* tivessem trepado de árvore em árvore e estivessem dependuradas, e sobre os muitos passarinhos que *talvez* tivessem construído seus ninhos ali, porque era um lugar muito seguro. E então ela lhe falou do pintarroxo e de Ben Weatherstaff, e havia tanta coisa a dizer sobre o pintarroxo, e era tão fácil e tão seguro ficar falando a respeito daquilo que parou de sentir medo. O menino gostou tanto da história do pintarroxo que sorriu até quase parecer bonito, sendo que, no início, Mary o achara até mais sem graça do que ela, com aqueles olhos enormes e os cachos caindo sobre a testa.

– Eu não sabia que passarinhos podiam fazer tudo isso – ele disse. – Mas é que, trancado num quarto, a gente nunca vê como são as coisas. Nossa, quantas coisas você sabe sobre esse jardim! Dá a impressão até que você já esteve nele.

Ela ficou sem saber o que dizer; então, não disse nada. Ele, obviamente, não esperava nenhuma resposta, e no instante seguinte lhe fez uma surpresa.

– Vou mostrar uma coisa a você – disse ele. – Está vendo aquela cortina de seda cor-de-rosa dependurada na parede em cima da lareira?

Mary não havia reparado na cortina, mas, ao erguer os olhos, pôde vê-la. Era uma cortina de seda macia, dependurada sobre o que parecia ser um retrato.

– Estou vendo – ela respondeu.

– Tem uma cordinha do lado – disse Colin. – Vai até lá e puxe.

Mary se levantou, intrigada, e achou a cordinha. Quando a puxou, a cortininha de seda correu pelas argolas e, quando ficou totalmente aberta, revelou um quadro. Era o retrato de uma moça de rosto sorridente. Tinha um cabelo loiro preso com uma fita azul, e seus olhos alegres e bonitos

eram exatamente como os olhos tristes de Colin, de um cinza-ágata e parecendo ter o dobro do tamanho, por causa dos cílios pretos.

– É minha mãe – disse Colin, como quem se lamenta. – Não sei do que ela morreu. Às vezes, sinto ódio dela por ter feito isso.

– Que coisa estranha! – disse Mary.

– Se ela tivesse continuado viva, acho que eu não viveria sempre doente – resmungou. – Eu diria até que talvez fosse viver mais tempo. E meu pai não se sentiria mal ao olhar para mim. Ouso dizer até que talvez minhas costas fossem mais fortes. Agora, feche a cortina de novo.

Mary fez isso e voltou ao seu banquinho.

– Ela é mais bonita que você – ela disse –, mas os olhos dela são iguaizinhos aos seus; pelo menos são do mesmo formato e da mesma cor. Por que a cortina fica sempre fechada?

Ele se mexeu, desconfortável.

– Eu mandei deixá-la assim – ele disse. – Às vezes, não gosto de vê-la olhando para mim. Ela fica sorrindo demais quando estou doente e triste. Além disso, é a minha mãe, e não quero que todos a vejam.

Os dois passaram alguns minutos em silêncio, e então Mary falou:

– O que será que a senhora Medlock faria se descobrisse que eu estive aqui? – ela quis saber.

– Ela faria o que eu mandasse ela fazer – ele respondeu. – E vou dizer que quero que você venha aqui falar comigo todo dia. Fiquei feliz de você ter vindo.

– Também fiquei feliz – disse Mary. – Vou vir aqui sempre que puder, mas... – ela hesitou um pouco – ...vou ter que passar bastante tempo procurando a porta do jardim.

– Sim, faça isso – disse Colin –, e depois você me conta.

Ele ficou pensando por alguns minutos, como havia feito antes, e então voltou a falar.

– Acho que você também deve continuar sendo um segredo – disse. – Não vou contar nada, não quero que descubram. Eu sempre posso mandar a babá sair do quarto e dizer que quero ficar sozinho. Você conhece a Martha?

– Sim, conheço-a bem – disse Mary. – É ela quem cuida de mim.

Ele fez um sinal com a cabeça na direção do corredor.

– É ela que está dormindo no outro quarto. A enfermeira foi embora ontem, para passar a noite com a irmã dela, e sempre pede para a Martha cuidar de mim quando resolve sair. A Martha lhe dirá quando você poderá vir aqui.

E então Mary compreendeu por que Martha ficara toda atrapalhada quando ela lhe fez perguntas sobre o choro.

– Martha sabia de você esse tempo todo? – perguntou.

– Sim, ela costuma cuidar de mim também. A enfermeira às vezes prefere ficar longe de mim um pouco, e então a Martha vem no lugar dela.

– Já faz um tempão que estou aqui com você – disse Mary. – Posso ir embora agora? Você está com cara de sono.

– Eu gostaria que, quando você fosse embora, eu já estivesse dormindo – ele disse, timidamente.

– Feche os olhos – disse Mary, levando o banquinho para mais perto –, e vou fazer como minha aia fazia comigo na Índia. Vou acariciar bem de leve a sua mão e cantar alguma coisa bem baixinho.

– Acho que talvez eu goste disso – disse ele, meio sonolento.

Ela ficou com um pouco de pena dele e não quis deixá-lo ali sozinho, acordado, então se debruçou sobre a cama e começou a acariciar a mão dele e a cantar bem baixinho uma canção de ninar do Indústão.

– Isso é muito bom – disse ele, mais sonolento ainda, e ela continuou cantando e acariciando sua mão; quando olhou de novo para ele, seus cílios escuros já estavam abaixados, e os olhos, fechados, dormindo pesadamente. Então, Mary se levantou bem devagar, pegou sua vela e saiu sem fazer nenhum ruído.

## CAPÍTULO XIV



**A** charneca estava oculta pela névoa quando a manhã chegou, e a chuva não parava de cair. Não havia como sair ao ar livre. Martha estava tão ocupada, que Mary não teve oportunidade de falar com ela, mas à tarde pediu que fosse trabalhar em seu quarto. Martha foi e levou as meias que sempre tricotava quando não tinha outros afazeres.

– O que está acontecendo com você? – perguntou, assim que se sentaram. – Parece que tem alguma coisa para me contar.

– Tenho. Descobri o que era aquele choro – disse Mary.

Martha deixou o tricô cair em cima do joelho e arregalou os olhos.

– Descobriu nada! – exclamou. – Como assim?!

– Eu ouvi o choro no meio da noite – prosseguiu Mary. – Então, me levantei e fui ver de onde vinha. Era o Colin. Eu descobri.

Martha ficou com o rosto vermelho de espanto.

– Ah! Senhorita Mary! – ela disse, quase chorando. – Não devia ter feito isso, não devia! Vai complicar minha vida. Nunca lhe falei do menino, mas



isso vai me criar problemas. Posso até perder o emprego, e, então, como minha mãe vai se virar?!

– Você não vai perder o emprego – disse Mary. – Ele gostou de eu ter ido lá. Conversamos muito, e ele disse que ficou contente de eu ter ido.

– Mesmo?! – indagou Martha, surpresa. – Tem certeza? Você não sabe como ele é quando fica bravo. Já está bem crescidinho para chorar feito um bebê, mas de repente fica alterado e sai berrando, só pra assustar a gente. Ele sabe que não temos como encará-lo.

– Ele não ficou bravo – disse Mary. – Perguntei se ele queria que eu fosse embora, e ele pediu que eu ficasse. Fez um monte de perguntas, e então me sentei num banquinho e contei da Índia e do pintarroxo e dos jardins. Ele não queria mais que eu fosse embora. Mostrou para mim o retrato da mãe. E antes de eu ir embora, cantei para ele pegar no sono.

Martha ficou boquiaberta.

– Eu mal consigo acreditar! – exclamou. – É como se você tivesse entrado na toca do leão. Se ele estivesse do jeito que costuma ficar a maior parte do tempo, teria feito o maior escândalo e acordado a casa inteira. Ele não gosta de ser visto por estranhos.

– Ele me deixou olhar para ele. Fiquei olhando-o o tempo inteiro, e ele me olhava também. Olhando mesmo, olho no olho! – disse Mary.

– Eu não sei o que fazer, agora! – exclamou Martha, agitada. – Se a senhora Medlock descobrir, vai achar que eu descumpri as ordens dela e contei a você, e então vou ter que arrumar a mala e voltar para a casa da mamãe.

– Ele falou que não vai contar nada para a senhora Medlock, por enquanto. Que isso tem que ser uma espécie de segredo, no começo – disse Mary, com convicção. – E disse que todo mundo tem a obrigação de fazer as vontades dele.

– Bem, isso lá é verdade; aquele pestinha! – suspirou Martha, limpando a testa com o avental.

– Disse que essa é a obrigação da senhora Medlock. E quer que eu vá falar com ele todos os dias. E que é você quem vai me avisar quando ele quiser que eu vá até lá.

– Eu?! – disse Martha. – Aí é que eu perco o emprego mesmo, com certeza!

– Não vai perder, porque estará apenas fazendo o que ele mandou, e todo mundo tem ordens para obedecê-lo – argumentou Mary.

– Você está querendo me dizer... – retrucou Martha, de olhos arregalados – ...que ele foi bonzinho com você?!

– Eu acho que ele quase gostou de mim – Mary respondeu.

– Então você enfeitiçou aquele menino! – concluiu Martha, dando um longo suspiro.

– Você está falando em magia? – Mary quis confirmar. – Ouvi falar em magia lá na Índia, mas não sei fazer. Só fui até o quarto dele, e fiquei tão surpresa ao vê-lo que fiquei parada, olhando. Então, ele se virou e me encarou também. E achou que eu fosse um fantasma ou um sonho, e eu achei que o fantasma talvez fosse ele. E foi muito esquisito, os dois sozinhos, ali, no meio da noite, um sem saber quem era o outro. E começamos a nos perguntar coisas. E quando eu perguntei se ele queria que eu fosse embora, ele disse que não.

– Agora é que o mundo vai desabar! – Martha conseguiu balbuciar.

– Qual é o problema dele? – perguntou Mary.

– Ninguém sabe dizer ao certo – disse Martha. – O senhor Craven andava enlouquecido pouco depois que o menino nasceu. Os médicos queriam interná-lo. Foi porque a senhora Craven havia morrido, do jeito que eu lhe contei. Ele não queria nem olhar para o bebê. Só delirava e dizia que o bebê seria corcunda como ele, e que era melhor que morresse.

– O Colin é corcunda mesmo? – Mary perguntou. – Não parece.

– Ele ainda não é – respondeu Martha. – Mas ele começou muito mal. Minha mãe diz que naquela casa havia problemas e raiva suficientes para entortar qualquer criança. Achavam que as costas dele eram muito fracas e se preocupavam demais com isso, mantendo o menino deitado, não o deixando andar. Uma vez, o obrigaram a usar um aparelho, mas ele ficou tão irritado com isso que adoeceu. Então, um doutor importante veio vê-lo e mandou tirarem aquilo. Ele passou o maior sermão no outro médico, de

maneira bem educada. Disse que estava dando remédios demais para o menino, e que não deviam deixá-lo fazer o que quisesse.

– Eu acho que ele é muito mimado – disse Mary.

– É o menininho mais chato que já existiu! – disse Martha. – Não que não tenha ficado doente algumas vezes. Já teve tosses e resfriados, quase morreu umas duas ou três vezes. Teve febre reumática uma vez, depois foi febre tifoide. Ih! A senhora Medlock ficou muito assustada! Ele delirava, e a certa altura ela comentou com a enfermeira, achando que o menino não estava ouvindo: “Dessa vez ele morre, com certeza, e vai ser a melhor coisa pra ele e pra todo mundo!”. Aí olhou pro menino e viu que ele estava ali, com aquele olhão dele bem aberto, encarando-a, tão consciente quanto ela. Ela ficou sem saber o que fazer, e o menino só olhou bem pra ela e disse: “Me traga um copo d’água e cale a boca”.

– Você acha que ele vai morrer? – perguntou Mary.

– A mamãe diz que não há como uma criança sobreviver se não toma ar fresco e não faz nada a não ser ficar deitada vendo livros ilustrados e tomando remédios. Ele é fraquinho e odeia o transtorno de ser levado lá fora; diz que isso o faz ficar resfriado e doente.

Mary sentou e ficou olhando para o fogo da lareira.

– Fico imaginando – disse, lentamente – que talvez lhe fizesse bem sair, ficar no jardim e ver as coisas crescendo. A mim fez muito bem.

– Um dos piores surtos que ele já teve – disse Martha – foi uma vez que o levaram até umas roseiras perto da fonte. Ele havia lido no jornal que algumas pessoas estavam pegando algo que ele chamou de “resfriado da roseira”, e começou a espirrar dizendo que tinha pegado aquilo, e então um jardineiro novato, que não conhecia as regras, passou por ele e o olhou, curioso. Ele então surtou, dizendo que o jardineiro estava olhando para ele porque tinha visto que ele iria ficar corcunda. Chorou tanto que ficou com febre e passou a noite toda doente.

– Se ele ficar bravo comigo, nunca mais vou lá vê-lo de novo – disse Mary.

– Se ele quiser ver você, ele vai ver você – disse Martha. – É bom você também ir se acostumando com essa ideia.

Logo em seguida, soou uma campainha, e Martha guardou seu tricô.

– Aposto que é a enfermeira querendo que eu fique com ele um pouco – disse. – Tomara que ele esteja de bom humor.

Ela ficou fora do quarto uns dez minutos, e, ao voltar, tinha uma expressão de perplexidade no rosto.

– Olha, eu acho que você enfeitiçou mesmo o menino – disse. – Ele se levantou e está sentado no sofá com seus livros de ilustrações. Disse para a enfermeira ficar fora até as 6 da tarde. Quer que eu fique no quarto ao lado. Assim que ela saiu, ele me chamou e disse: “Quero que a Mary Lennox venha aqui conversar comigo, e lembre que você não deve contar isso a ninguém”. É bom você ir lá o mais rápido possível.

Mary estava com muita vontade de ir. Não que tivesse a mesma vontade de vê-lo quanto a que tinha de ver o Dickon; mas, ainda assim, queria muito vê-lo.

Havia um fogo alto na lareira quando ela entrou no quarto, e à luz do dia viu que era um quarto realmente muito bonito. As cores dos tapetes e tapeçarias das paredes eram muito vivas, assim como as dos quadros e livros nas estantes, e isso fazia o quarto parecer luminoso e confortável, mesmo com aquele céu cinzento e a chuva que não parava de cair. O próprio Colin parecia um retrato. Estava envolto em um roupão de veludo e encostado em uma almofada grande de brocado. Tinha as bochechas bem vermelhas.

– Entre – ele disse. – Fiquei pensando em você a manhã inteira.

– Também fiquei pensando em você – respondeu Mary. – Você não imagina o quanto Martha ficou assustada. Diz que a senhora Medlock vai pensar que ela me contou a seu respeito, e que então vai ser mandada embora.

Ele franziu o cenho.

– Vai lá e diga a ela para vir aqui – ele ordenou. – Ela está aqui no quarto ao lado.

Mary saiu e voltou com Martha. A coitada tremia da cabeça aos pés. Colin continuava de cenho franzido.

– Você tem que fazer as minhas vontades ou não tem? – perguntou ele.

– Sim, eu tenho que fazer as suas vontades, senhor – Martha balbuciou, corando.

– E a senhora Medlock, ela tem que fazer as minhas vontades?

– Todo mundo tem, senhor – disse Martha.

– Bem, então, se eu mando você trazer a senhorita Mary para mim, como é que a Medlock pode despedir você se descobrir?

– Por favor, senhor, não diga nada a ela – suplicou Martha.

– Se ela ousar dizer uma palavra sobre isso, eu mando *ela* embora – disse o senhorzinho Craven, em tom grandiloquente. – E ela não iria gostar nada disso, posso garantir.

– Obrigada, senhor – respondeu Martha, fazendo uma mesura –, eu só quero cumprir minha obrigação.

– Sua obrigação é fazer o que eu mando – disse Colin, com maior afetação ainda. – Pode deixar que eu cuido de você. Agora, vá.

Quando a porta se fechou atrás de Martha, Colin notou que Mary o olhava como se alguma atitude dele a tivesse feito refletir.

– Por que me olha desse jeito? – perguntou. – No que está pensando?

– Estou pensando em duas coisas.

– E quais são? Sente-se aí e me conte.

– A primeira é a seguinte – disse Mary, sentando-se no banquinho. – Uma vez, na Índia, eu vi um rajá, era um menino ainda. Ele andava com roupas cheias de rubis e esmeraldas e diamantes. Falava com as pessoas desse jeito que você acabou de falar com a Martha. Todos tinham que fazer tudo o que ele mandava, e fazer na hora. Acho que seriam mortos se não fizessem.

– Outra hora você me conta mais a respeito dos rajás – ele disse –, mas primeiro me diga qual é a segunda coisa.

– Eu andei pensando – disse Mary –, no quanto você é diferente do Dickon.

– Quem é Dickon? – perguntou. – Que nome mais esquisito!

Ela não viu nenhum problema em contar a ele quem era o Dickon; achou que podia falar dele sem mencionar o jardim secreto. Gostava de quando

Martha falava do irmão. Além disso, tinha também vontade de falar dele. Isso lhe dava a impressão de aproximá-lo mais dela.

– Dickon é o irmão da Martha. Tem 12 anos de idade – explicou. – Não tem ninguém igual a ele no mundo. Ele consegue encantar raposas e esquilos e pássaros, do jeito que os nativos da Índia encantam serpentes. Ele fica tocando uma melodia suave na flauta, e então eles chegam perto para ouvir.

Havia alguns livros grandes em cima de uma mesa ao lado de Colin, e de repente ele deslizou um deles para mais perto.

– Este livro aqui tem um desenho de um encantador de serpentes! – anunciou. – Venha ver.

Era um livro muito bonito, com ilustrações coloridas incríveis, e ele logo achou a página que queria.

– Ele consegue fazer isso? – perguntou, interessado.

– Bem, ele toca sua flauta e eles chegam perto para ouvir – Mary explicou. – Mas ele não chama isso de magia. Diz que é porque passa muito tempo na charneca e conhece os modos deles. Diz que, às vezes, sente-se como se fosse um pássaro ou um coelho, de tanto que gosta dos bichos. Vive fazendo perguntas ao pintarroxo. Dá a impressão de que os dois conversam fazendo pequenos gorjeios.

Colin recostou-se na almofada, e seus olhos ficaram ainda maiores, e suas bochechas ardiam de tão vermelhas.

– Conte mais coisas sobre ele – pediu.

– Ele sabe tudo sobre ovos e ninhos – prosseguiu Mary. – E sabe onde moram as raposas e os texugos e as lontras. Mas guarda segredo disso para que os outros meninos não descubram onde ficam as tocas e possam assustá-los. Sabe tudo a respeito das coisas que crescem ou vivem na charneca.

– Ele gosta da charneca?! – estranhou Colin. – Como é possível ele gostar de um lugar tão grande, tão ermo e tão assustador?

– É o lugar mais bonito que existe! – protestou Mary. – Milhares de coisas adoráveis crescem ali, e há milhares de criaturinhas, todas atarefadas construindo ninhos e buracos e tocas e gorjeando ou cantando ou

guinchando umas para as outras. Estão muito ocupadas e se divertindo muito debaixo da terra ou nas árvores ou nas urzes. É o mundo delas.

– Como você sabe de tudo isso? – perguntou Colin, apoiando-se em um cotovelo para olhá-la.

– Na verdade, nunca estive ali – disse Mary, lembrando-se, de repente. – Só passei por ali uma vez, de carruagem, numa noite escura. Achei que era um lugar horrível. Primeiro, foi a Martha que me falou dele, e depois, o Dickon. Quando o Dickon fala da charneca, parece até que você consegue ver e ouvir as coisas; é como se você estivesse de pé no meio das urzes, com o sol brilhando e os tojos cheirando a mel... E tudo cheio de abelhas e borboletas ao redor.

– Quem é doente nunca vê coisa alguma – disse Colin, inquieto. Ele agia como uma pessoa que ouve um som novo ao longe e fica imaginando do que poderia ser.

– Se você ficar sempre trancado neste quarto, nunca vai ver mesmo – disse Mary.

– Mas eu não posso ir até a charneca – disse ele, em tom ressentido.

Mary ficou um instante em silêncio, e então decidiu ser mais atrevida.

– Você poderia, sim, em pouco tempo.

Ele teve um sobressalto.

– Ir até a charneca?! Como poderia? Eu sei que vou morrer.

– E como pode ter certeza disso? – retrucou Mary, encarando-o com firmeza. Ela não gostava daquele jeito dele de falar da morte. Não conseguia sentir compaixão. Tinha a impressão de que ele quase ostentava aquilo.

– Ah, eu ouço isso desde que me conheço por gente – respondeu Colin, zangado. – Eles ficam sempre cochichando sobre esse assunto, e achando que eu não percebo. Acho até que querem que eu morra.

A senhorita Mary sentiu voltar aquele seu lado “malmequer”. Contraiu os lábios.

– Se as pessoas preferissem me ver morta – disse –, aí é que eu não iria querer morrer mesmo. Quem quer que você morra?

– Os criados e o doutor Craven, é claro, porque aí ele herdaria Misselthwaite e passaria a ser rico, em vez de pobre. Ele jamais ousaria admitir isso, mas sempre parece contente quando eu pioro. Quando peguei febre tifoide, seu rosto reluzia. Eu acho que meu pai também gostaria que eu morresse.

– Não acho que ele fosse gostar – disse Mary, com obstinação.

Isso fez Colin virar para encará-la novamente.

– Você não acha?

Então, recostou-se na almofada e ficou quieto, como se estivesse pensando. Houve um silêncio bem longo. Talvez ambos pensassem em coisas estranhas, nas quais crianças não costumam pensar.

– Eu gosto daquele doutor importante de Londres, o que mandou tirar aquele seu aparelho de ferro – disse Mary, por fim. – Ele também disse que você iria morrer?

– Não.

– O que ele disse?

– Não ficou cochichando – Colin respondeu. – Talvez lhe tivessem avisado que eu odeio cochichos. Ouvi-o dizer uma coisa, bem alto. Ele falou assim: “O garoto pode viver se enfiar isso na cabeça. Estimulem essa vontade de viver no menino”. Disse isso como se estivesse dando uma bronca.

– Eu vou lhe dizer quem poderia, talvez, estimular essa vontade em você – disse Mary, refletindo. Sentiu que ficaria muito feliz se aquilo se resolvesse de um jeito ou de outro. – Eu acho que o Dickon seria capaz de fazer isso. Ele está sempre falando de coisas vivas. Nunca o vi falando de coisas mortas ou de coisas doentes. Está sempre olhando para cima, para o céu, para ver os passarinhos voando; ou para baixo, para a terra, vendo se tem alguma coisa crescendo ali. Tem olhos azuis muito redondos e sempre bem abertos, com vontade de perceber tudo. E dá enormes risadas com sua boca grande e larga, e as bochechas dele são vermelhas, bem vermelhas, como cerejas.

Ela aproximou seu banquinho ainda mais do sofá, e sua expressão mudou bastante quando se lembrou daquela bocona curva e daqueles olhos



arregalados do menino.

– Ouça bem – disse ela. – Não vamos mais falar de morte; eu não gosto. Vamos falar de coisas vivas. Vamos falar e falar bastante sobre o Dickon. E depois a gente olha suas ilustrações.

Foi a melhor coisa que poderia ter dito. Falar sobre o Dickon era falar sobre a charneca e sobre a casinha e as catorze pessoas que viviam com dezesseis xelins por semana... E sobre as crianças que engordavam com a grama da charneca como se fossem pôneis selvagens. E sobre a mãe do Dickon, e a corda de pular, e a charneca com o sol brilhando e os pontos verde-claro saltando para fora do solo preto. Tudo parecia tão vivo, que Mary falou muito mais do que já havia falado antes, e Colin também falava e ouvia como nunca havia feito na vida. E os dois então riam à toa, como fazem as crianças quando estão felizes juntas. E riram a ponto de fazer tanto barulho quanto duas crianças saudáveis de 10 anos de idade – em vez de uma menininha difícil e antipática e de um garotinho doente que achava que ia morrer.

Divertiram-se tanto que se esqueceram das ilustrações e do tempo passando. Riram muito do Ben Weatherstaff e do seu pintarroxo, e Colin já estava sentado como se tivesse esquecido suas costas fracas quando, de repente, se lembrou de algo.

– Sabe de uma coisa em que até agora a gente ainda não tinha reparado? – ele perguntou. – Nós dois somos primos.

Os dois acharam tão estranho terem falado tanto tempo sem se lembrar, uma única vez, de uma coisa tão simples como aquela, que foi aí que riram mais do que nunca, embalados por aquela disposição de rir de qualquer coisa. E foi no meio daquela alegria toda que a porta se abriu, e entraram o doutor Craven e a senhora Medlock.

O doutor Craven ficou tão alarmado que teve um sobressalto, e a senhora Medlock por pouco não caiu de costas quando ele, sem querer, deu um encontrão nela.

– Meu Deus do céu! – exclamou a pobre senhora Medlock, com os olhos quase saindo das órbitas. – Meu Deus do céu!

– O que é isso? – perguntou o doutor Craven, dando um passo adiante. – O que significa isso?

Então, Mary se lembrou de novo do menino rajá, pois Colin reagiu como se nem o tom alarmado do doutor nem o terror da senhora Medlock tivessem o menor efeito sobre ele. Ficou indiferente, tão pouco alterado ou assustado como se tivessem entrado no quarto um gato velho e um cachorro.

– Essa é minha prima, Mary Lennox – disse. – Pedi que viesse aqui para conversar comigo. Eu gosto dela. Ela deve vir aqui conversar comigo toda vez que eu mandar chamá-la.

O doutor Craven virou-se para a senhora Medlock com um olhar de recriminação.

– Ah, senhor – disse ela, ofegante. – Não faço ideia de como isso foi acontecer. Nenhum dos criados da casa ousaria abrir a boca, ficam todos apenas cuidando de seus afazeres.

– Ninguém contou nada a ela – disse Colin. – Ela me ouviu chorar e me descobriu aqui. Fico feliz que tenha sido assim. Não seja tonta, Medlock.

Mary viu que o doutor Craven não estava gostando nada daquilo, mas era muito evidente que não ousaria contrariar seu paciente. Ele se sentou ao lado de Colin e tomou seu pulso.

– Receio que ele tenha ficado excitado demais. A excitação não lhe faz bem, meu garoto – disse ele.

– Excitado eu vou ficar é se ela for embora – respondeu Colin, com os olhos já brilhando de um jeito perigoso. – Já me sinto melhor. Ela me fez melhorar. A enfermeira deve trazer o chá dela junto com o meu. Vamos tomar chá juntos.

A senhora Medlock e o doutor Craven se entreolharam, preocupados, mas evidentemente não havia o que pudesse ser feito.

– De fato, ele parece bem melhor, doutor – arriscou dizer a senhora Medlock. – Mas – continuou, repensando as coisas – ele parecia melhor ainda hoje de manhã, antes que ela viesse até o quarto.

– É que ela veio aqui no meu quarto ontem à noite. Ficou comigo um tempão. Cantou uma canção do Industão para eu pegar no sono – disse

Colin. – E é verdade que eu estava melhor quando acordei. Tomei todo o café da manhã. Agora quero meu chá da tarde. Chame a enfermeira, Medlock.

O doutor Craven não ficou ali muito tempo mais. Conversou alguns minutos com a enfermeira quando ela entrou no quarto e deixou algumas advertências para Colin. Ele não deveria falar muito; não deveria se esquecer de que estava doente; não deveria se esquecer de que se cansava com muita facilidade. Mary pensou que parecia haver uma série de coisas desconfortáveis que eles faziam questão de que ele não esquecesse.

Colin parecia nervoso e mantinha seus estranhos olhos de cílios escuros bem fixos no rosto do doutor Craven.

– O que eu *quero* é esquecer essas coisas – disse, finalmente. – E Mary me faz esquecê-las. É por isso que quero que fique comigo.

O doutor Craven não parecia satisfeito quando saiu do quarto. Olhou um pouco confuso para a garotinha sentada no banquinho. A partir do momento em que ele havia entrado no quarto, Mary pareceu ser de novo aquela criança difícil e quieta; portanto, o médico não conseguia entender que atrativo ela poderia ter. Mas o garoto realmente parecia mais animado, e o médico então deu um profundo suspiro, saiu para o corredor e foi embora.

– Eles sempre insistem para eu comer quando não tenho vontade – disse Colin, quando a enfermeira trouxe o chá e o pôs na mesa ao lado do sofá. – Mas agora, se você comer, vou comer também. Esses bolinhos parecem deliciosos e quentinhos. Agora, me conte mais sobre os rajás.

## CAPÍTULO XV



**A**pós mais uma semana de chuva, o céu apareceu azul de novo, com o sol batendo muito quente. Mesmo sem conseguir ver nem o jardim secreto, nem Dickon, Mary havia se divertido muito. A semana não pareceu longa. Todo dia ela passava horas no quarto de Colin, conversando sobre rajás ou sobre jardins ou sobre o Dickon e a casinha da charneca. Haviam folheado aqueles livros esplêndidos, cheios de ilustrações, e algumas vezes Mary lia coisas para Colin, outras vezes, ele é que lia um pouco para ela. Quando Colin se divertia e mostrava interesse, ela achava que o menino nem parecia enfermo, a não ser pelo seu rosto muito pálido e por estar sempre no sofá.

– Você foi muito enxerida de ficar escutando coisas e se levantar para ir xeretar naquela noite – disse a senhora Medlock, um dia. – Mas ninguém pode dizer que não foi uma bênção para todos nós. Ele não teve mais nenhuma explosão de raiva ou ataque de choro desde que vocês ficaram amigos. A enfermeira estava quase se demitindo, já farta do menino, mas diz que, agora que você divide o fardo com ela, não se importa em ficar – completou, com uma risadinha.

Nas conversas com Colin, Mary procurava ter muita cautela ao falar do jardim secreto. E havia certas coisas que ela queria descobrir a respeito do menino, mas sentia que deveria descobrir sem fazer perguntas diretas. Em primeiro lugar, quando começou a gostar de ficar com ele, quis descobrir se era alguém com quem se podia dividir um segredo. Era bem diferente de Dickon, mas parecia tão feliz com a ideia de um jardim do qual ninguém sabia nada, que ela achou possível confiar nele. Só que não o conhecia há tempo suficiente para ter certeza. A segunda coisa que queria descobrir era a seguinte: caso ele fosse confiável, mas confiável *mesmo*, seriam capazes de levá-lo até o jardim sem que ninguém ficasse sabendo? O doutor de Londres havia dito que o menino precisava de ar fresco, e o próprio Colin dissera não se incomodar com o ar fresco se fosse levado a um jardim secreto. Quem sabe, se tomasse bastante ar fresco e conhecesse o Dickon e o pintarroxo, e visse coisas crescendo, conseguisse parar de pensar tanto em morrer.

Nos últimos tempos, Mary havia se olhado no espelho algumas vezes, e notado que parecia bem diferente daquela criança que chegara da Índia. Era agora uma menina de aparência bem mais agradável. Até Martha percebera a mudança.

– O ar da charneca lhe fez bem – Martha havia dito. – Você não está mais tão amarela, nem tão mirradinha. Seu cabelo não está mais tão escorrido. Já ganhou alguma vida, ficou mais cheinho.

– Está do jeito que eu estou – disse Mary. – Crescendo mais forte e ganhando volume. Tenho certeza de que até cresceu mais cabelo em mim.

– Parece que sim – disse Martha, ajeitando o cabelo dela em volta do rosto. – Você ficou mais bonita com ele mais armado, e também está com as bochechas mais coradas.

Se os jardins e o ar fresco haviam feito bem a ela, talvez fossem bons também para Colin. Mas ele odiava que as pessoas reparassem nele, então talvez não quisesse conhecer o Dickon.

– Por que você fica com raiva quando olham pra você? – ela perguntou, um dia.

– Sempre odiei isso – ele respondeu –, desde bem pequeno. Quando me levavam para a praia e eu ficava deitado no carrinho, todo mundo reparava muito em mim, e as mulheres paravam e falavam com a minha enfermeira, cochichavam, e eu sabia que comentavam que eu não iria viver muito tempo. Às vezes aquelas senhoras davam um tapinha no meu rosto e diziam: “Tadinho!”. Uma vez, uma senhora fez isso, e eu soltei um grito e mordi a mão dela. Ela ficou tão assustada que saiu correndo.

– Deve ter achado que você era como um cachorro doido – disse Mary, sem demonstrar aprovação por aquilo.

– Não me importa o que possa ter pensado – disse Colin, franzindo o cenho.

– Eu fico imaginando por que você não reclamou nem me mordeu quando eu apareci no seu quarto – disse Mary. E então, devagarzinho, voltou a sorrir.

– Achei que você fosse um fantasma ou que eu estivesse sonhando – disse ele. – E ninguém consegue morder um fantasma, nem um sonho. Além do mais, se você grita com eles, eles nem ligam.

– Será que você odiaria se um... se um menino que eu conheço olhasse pra você? – Mary perguntou, hesitante.

Ele se recostou na almofada e ficou pensativo.

– Tem um menino... – disse, bem devagar, como se pesasse cada palavra – ...tem um menino que eu acredito que não iria me importar se ficasse me olhando. É aquele menino que sabe onde as raposas ficam escondidas, o Dickon.

– Tenho certeza de que você não se importaria – disse Mary.

– Os pássaros não se incomodam com ele, nem os outros animais – disse Colin, ainda pensando bem as palavras. – Vai ver que é por isso que eu acho que também não me importaria. Ele é uma espécie de encantador de animais, e eu sou uma espécie de menino-bicho.

Então ele riu, e ela também. Na verdade, os dois acabaram rindo muito e achando divertidíssima a ideia de um menino-bicho escondido na sua toca.

O que Mary sentiu em seguida foi que não precisaria mais se preocupar com Dickon.

Na primeira manhã em que o céu voltou a ficar azul, Mary acordou bem cedo. O sol, com seus raios inclinados, entrava pelas persianas, e vê-lo despertava tanta alegria, que ela pulou da cama e correu até a janela. Levantou as persianas, abriu a vidraça e recebeu uma grande lufada de ar fresco e perfumado. A charneca estava azul, e o mundo inteiro dava a impressão de estar envolto em alguma magia. Pequenos sons suaves e agudos pairavam aqui e ali, por toda parte, como se bandos de pássaros estivessem se afinando para um concerto. Mary pôs a mão para fora da janela e sentiu o sol.

– Está quente, quente! – exclamou. – Vai fazer os pontinhos verdes espicharem ainda mais, e os bulbos e raízes vão crescer e lutar com toda a sua força debaixo da terra.

Ela se ajoelhou e ficou debruçada para fora da janela, respirando fundo e sentindo o ar, e até soltou uma risada ao se lembrar do que a mãe de Dickon havia dito sobre a ponta do nariz dele, tremelizando como se ele fosse um coelho.

– Deve ser bem cedo ainda – disse. – As nuvenzinhas ainda estão cor-de-rosa, e eu nunca tinha visto o céu desse jeito. Ninguém levantou ainda. Não ouço nem os moços do estábulo.

Um pensamento repentino a fez ficar de pé.

– Não consigo esperar mais! Vou lá ver o jardim!

Àquela altura, ela já sabia se arrumar sozinha, e vestiu a roupa em cinco minutos. Tinha descoberto uma portinha lateral, que aprendera a destrancar, e desceu correndo até o térreo, ainda de meias, e calçou os sapatos na antessala. Soltou as correntes da porta, destrancou e virou o ferrolho e, quando a porta se abriu, saltou o degrau, decidida, e logo já estava de pé sobre a grama, agora verde de novo, com o sol em seu rosto e envolvida por doces lufadas de ar quente e pelos pios e gorjeios e cantos que vinham de todos os arbustos e árvores. Bateu palmas, de pura alegria, olhou para o céu, tão azul e rosado, perolado, claro e inundado pela luz da primavera, e sentiu vontade de também soltar trinados e cantar bem alto, entendendo então por que os tordos e pintarroxos e cotovias não conseguiam se conter. Foi correndo, contornando os arbustos, em direção ao jardim secreto.

– Já está tudo diferente – falou consigo mesma. – A grama está mais verde, e as coisas estão brotando por toda parte, desabrochando, e já dá para ver os botões verdes das folhas. Tenho certeza de que esta tarde o Dickon vai aparecer.

A prolongada chuva quente produzira algo singular nos canteiros de herbáceas que ladeavam o caminho junto ao muro mais baixo. Havia coisas brotando das raízes, nas moitas de plantas, e também relances de púrpura real e amarelo aqui e ali, despontando entre os caules dos açafrões. Seis meses antes, a senhorita Mary não teria sido capaz de ver o mundo acordando, mas àquela altura não perdia um só detalhe.

Quando chegou ao ponto em que a porta se escondia sob a hera, sobressaltou-se com um som curioso, bem alto. Era um crocitar, o crocitar de um corvo, e vinha do alto do muro. Quando levantou a cabeça para olhar, viu ali pousado um grande pássaro de plumagem reluzente, preto-azulada, olhando para ela com um ar de criatura muito sabida. Ela nunca tinha visto um corvo tão de perto e ficou um pouco inquieta, mas no instante seguinte o pássaro abriu as asas e voou até o jardim. Imaginando se ele iria ficar lá dentro, Mary empurrou a porta, para ver se ele estava ali ou não. Ao chegar bem no meio do jardim, viu que o corvo pretendia mesmo ficar ali, pois pousara em uma macieira anã; e, debaixo da macieira, havia um animalzinho avermelhado, com a cauda peluda, e os dois olhavam para um corpo agachado e para o cabelo vermelho-ferrugem de Dickon, ajoelhado na grama e trabalhando com afinco.

Mary correu pela grama até ele.

– Ah, Dickon! Dickon! – exclamou, bem alto. – Como foi que chegou aqui tão cedo?! Como você conseguiu?! O sol acabou de nascer!

Ele se levantou, rindo, radiante e todo desganhado, os olhos como pedacinhos do céu.

– Ah! – ele disse. – Eu já estava de pé bem antes do sol nascer. Não dava para continuar na cama! Esta manhã, o mundo inteiro acordou novamente com tempo bom, ah, foi mesmo! E agora está na maior atividade, cantarolando, ciscando e piando e fazendo ninho e exalando aromas, e então só resta ir para ele, em vez de ficar deitado. Quando o sol aparece inteiro, a



charneca delira de alegria, e eu estava no meio das urzes e corri feito louco, gritando e cantando. Vim direto para cá. Não conseguiria ficar mais tempo longe. Afinal, o jardim estava aqui me esperando!

Mary colocou as mãos no peito, respirando ofegante, como se ela mesma tivesse corrido.

– Ah, Dickon! Dickon! – disse. – Estou tão feliz que mal consigo respirar!

Ao vê-lo conversando com uma estranha, o bichinho de rabo peludo saiu do seu lugar debaixo da árvore e foi até ele, e o corvo crocitou uma vez e desceu voando do galho para pousar tranquilamente no ombro do garoto.

– Esse é o filhotinho da raposa – ele disse, coçando a cabeça do bichinho avermelhado. – O nome dele é Capitão. E esse aqui é o Fuligem. O Fuligem veio voando pela charneca comigo, e o Capitão correu tanto que parecia perseguido por mil perdigueiros. Os dois estavam tão felizes quanto eu.

Nenhuma das criaturas pareceu ter o menor medo de Mary. Quando Dickon começou a andar, Fuligem continuou no ombro dele, e Capitão foi trotando, sereno, ao seu lado.

– Dê uma olhada! – disse Dickon. – Veja só como essas coisas aqui cresceram, e essas aqui, também, e mais essas! Que bom...! Nossa, veja essas aqui, então!

Ele se atirou de joelhos e Mary se agachou ao seu lado. Havia se deparado com uma moita de açafrões que reluzia com uma explosão de púrpura e laranja e dourado. Mary enclinou a cabeça e cobriu aquelas flores de beijos.

– A gente nunca beija uma pessoa desse jeito – disse ela quando ergueu a cabeça. – As flores são muito especiais.

Ele pareceu não entendê-la direito, mas sorriu.

– Bem – disse–, já beijei minha mãe assim muitas vezes, ao voltar da charneca depois de passar o dia inteiro perambulando e encontrá-la ali, de pé, na porta tomando sol, toda contente e de bem com a vida.

Ficaram correndo de um lado para outro no jardim, e viram tantas maravilhas que foram obrigados a se lembrar toda hora de que precisavam sussurrar ou falar bem baixinho. Ele mostrou a ela brotos de folhas saindo

de galhos de roseira que antes pareciam mortos. Mostrou-lhe dezenas de milhares de novos pontos verdes surgindo do solo. Ambos aproximaram da terra seus narizes jovens e ávidos e sentiram o hálito morno da primavera; cavaram e puxaram coisas e riram baixinho, extasiados, até que o cabelo de Mary ficou tão desgrenhado quanto o de Dickon, e suas bochechas, tão vermelho-púrpura quanto as dele.

Todas as alegrias da terra estavam presentes no jardim secreto naquela manhã, e no meio delas chegou o maior deleite de todos, a criatura mais maravilhosa. Algo voou veloz por cima do muro e precipitou-se pelas árvores até um tufo de vegetação densa: era o pequeno fulgor de um passarinho de peito vermelho trazendo algo pendurado em seu bico. Dickon permaneceu muito quieto e pousou a mão em Mary, como alguém que de repente percebe que está rindo dentro de uma igreja e se contém.

– Pare quieta aí, menina! – ele cochichou, no velho estilo de Yorkshire. – É melhor a gente nem respirar. Eu sabia que o passarinho estava procurando uma parceira da última vez que o vi. É o pintarroxo do Ben Weatherstaff. Está fazendo ninho. Vai se instalar aqui se a gente não o afugentar.

Foram até a grama sem fazer ruído e se sentaram ali, bem quietos.

– Não deixe que perceba que estamos de olho nele – disse Dickon. – Se achar que estamos interferindo, não vai mais querer saber de nós. Ele nessa época fica um pouco diferente, até tudo terminar. Está montando sua casinha nova. Fica mais arredio e interpreta mal as coisas. Não tem mais tempo para visitas e fofocas. A gente precisa ficar quieto, agora, e fazer de conta que somos grama e árvores e arbustos. Então, quando ele se acostumar com nossa presença, vou gorjear um pouco e ele vai saber que não será incomodado.

Mary não tinha lá muita certeza se seria capaz, como Dickon parecia ser, de fingir que era grama e árvores e arbustos. Mas ele descrevera aquela esquisitice como se fosse a coisa mais simples e natural do mundo, e ela sentiu que, para ele, era bem fácil mesmo, e ficou o observando com atenção por alguns minutos, para ver se ele iria ficar verde aos poucos e se iam crescer galhinhos e folhas nele. Mas Dickon apenas ficou sentado ali,

extraordinariamente quieto; ao falar, abaixava a voz até ela ficar tão suave, que era incrível que Mary ainda conseguisse ouvi-lo. Mas ouvia.

– Isso faz parte da primavera, essa história de construir ninho – ele explicou. – Tenho certeza de que acontece do mesmo jeito todo ano, desde que o mundo é mundo. Passarinhos têm essa maneira de pensar e fazer as coisas, e é melhor a gente não se intrometer. Na primavera, se você for curioso demais, pode perder um amigo com mais facilidade do que em qualquer outra estação do ano.

– Se ficarmos falando dele, não vou conseguir deixar de olhá-lo – Mary disse, o mais baixinho que conseguiu. – Vamos mudar de assunto. Tem uma coisa que eu quero lhe contar.

– Ele também vai gostar se a gente falar de outra coisa – disse Dickon. – O que é que você quer me contar?

– Bem, o que você sabe a respeito do Colin? – ela sussurrou.

Ele virou a cabeça e olhou para ela.

– Você já sabe dele?

– Eu estive com o menino. Nessa semana falei com ele todos os dias. Ele quer muito que eu vá ao seu quarto. Diz que o faço esquecer de que está doente e que vai morrer – respondeu Mary.

Assim que a expressão de surpresa se desfez em seu rosto redondo, Dickon pareceu muito aliviado.

– Fico contente em saber disso! – exclamou. – Muito contente. Facilita as coisas para mim. Eu sabia que não deveria dizer nada sobre ele e não gosto de ficar escondendo coisas.

– Mas você está gostando de manter segredo sobre o jardim, não está? – perguntou Mary.

– Eu nunca vou contar nada sobre o jardim – ele respondeu. – Mas eu disse à minha mãe: “Mãe, estou precisando guardar um segredo. Não é um segredo ruim, você sabe disso. Não é pior do que não revelar onde fica o ninho de um passarinho. Você não se importa, não é?”.

Mary sempre gostava de ouvi-lo falar da mãe.

– E o que ela disse? – perguntou, quase adivinhando a resposta.

Dickon deu um sorriso doce.

– Ela respondeu bem do jeito dela – prosseguiu. – Passou a mão de leve na minha cabeça e riu, e então disse: “Não esquente não, menino, você pode ter todos os segredos que quiser. Conheço você há doze anos”.

– Como você soube do Colin? – perguntou Mary.

– Todo mundo que conhece o senhor Craven sabe que ele tem um garotinho, que muito provavelmente é aleijado, e que ele detesta que falem dele. As pessoas têm pena do senhor Craven, porque a esposa dele era uma mulher muito bonita e eles se gostavam muito. A senhora Medlock sempre passa lá em casa quando vai a Thwaite, e não se importa de falar com a mamãe na frente de nós, crianças, porque sabe como fomos criados e que sabemos nos comportar. Como foi que você soube dele? A Martha parecia muito preocupada da última vez que estive lá em casa. Disse que você tinha ouvido o choro dele e que ficara fazendo perguntas e ela não sabia o que dizer.

Então, Mary contou do dia em que acordara no meio da noite com o vento “ululando”, ouvindo os sons fracos e distantes de uma voz se lamentando, e que foi guiada por aqueles sons pelos corredores escuros segurando uma vela nas mãos, até abrir a porta de um quarto mal iluminado, no qual havia uma cama com dossel toda entalhada. Quando ela descreveu o rostinho branco como marfim do menino e os estranhos seus olhos, rodeados de cílios escuros, Dickon balançou a cabeça.

– São como os olhos da mãe dele, só que os dela estavam sempre rindo, é o que dizem – explicou ele. – Também dizem que o senhor Craven não suporta olhar para o menino acordado, porque os olhos dele são muito iguais aos da mãe, embora pareçam muito diferentes naquele rostinho infeliz.

– Você acha mesmo que ele quer morrer? – cochichou Mary.

– Não, mas penso que ele desejaria nunca ter nascido. A mãe diz que isso é a pior coisa do mundo para uma criança. Quando não são amadas, as crianças dificilmente vingam. O senhor Craven pode dar ao pobre menino qualquer coisa que o dinheiro compre, mas acho que também gostaria de esquecer que o menino existe. Entre outras coisas, ele tem medo de olhar para ele um dia e descobrir que o menino ficou corcunda.

– O próprio Colin tem tanto medo disso que nem se senta mais – disse Mary. – Ele diz que sempre pensa que, se algum dia sentir um calombo crescendo nas costas, vai enlouquecer e berrar até morrer.

– Ah! Ele não devia ficar lá deitado pensando nisso – disse Dickon. – Nenhum garoto pode ficar bom pensando esse tipo de coisa.

A raposinha deitara na grama perto dele e erguia a cabeça de vez em quando, pedindo um carinho. Dickon se abaixou, passou a mão no pescoço dela e ficou por alguns minutos pensativo, em silêncio. A certa altura, ergueu a cabeça e olhou em volta, para o jardim.

– Da primeira vez que a gente entrou aqui – disse –, parecia que tudo era cinza. Olhe em volta agora e me diga se você não vê uma diferença.

Mary olhou e até prendeu a respiração.

– O quê?! – exclamou. – O muro cinza está mudando! É como se uma névoa verde subisse por ele. É quase como um véu verde de gaze.

– Sim – disse Dickon. – E vai ficar cada vez mais verde, até o cinza desaparecer. Você é capaz de adivinhar em que eu estava pensando agora há pouco?

– Sei que era uma coisa boa – disse Mary, ansiosa. – Talvez algo a respeito do Colin.

– Eu estava pensando que, se ele ficasse aqui fora, em vez de procurar calombos crescendo nas costas, iria procurar brotos crescendo nos galhos das roseiras, e é bem provável que melhorasse – explicou Dickon. – Fiquei me perguntando se a gente conseguiria animá-lo a ficar aqui debaixo das árvores na cadeira dele.

– Também fiquei me perguntando. Penso nisso quase toda vez que converso com ele – disse Mary. – Será que ele conseguiria manter segredo? E será que a gente poderia trazê-lo aqui sem ninguém ver? Pensei que você talvez pudesse empurrar a cadeira dele. O doutor disse que ele precisa de ar fresco, e se ele quiser que a gente o traga aqui, ninguém ousará desobedecê-lo. Ele não sai com outras pessoas, e talvez até achem bom ele sair com a gente. Ele poderia mandar os jardineiros ficarem longe, e assim eles não nos descobririam.

Dickon continuou pensativo, muito concentrado, e coçando as costas do Capitão.

– Seria muito bom para ele, garanto – disse, por fim. – Nós dois deixaríamos de achar que seria melhor se ele não tivesse nascido. Seríamos apenas duas crianças vendo um jardim crescer, e ele seria mais uma. Dois garotos e uma menininha, simplesmente curtindo a primavera. Garanto que, para ele, isso seria melhor do que qualquer indicação médica.

– Ele está deitado naquele quarto há tanto tempo, sempre tão preocupado com suas costas, que acabou ficando um menino esquisito – disse Mary. – Ele sabe um monte de coisas que aprendeu nos livros, mas não sabe mais nada além disso. Diz que sempre foi doente demais para poder perceber as coisas, e que odeia sair de casa e odeia jardins e jardineiros. Mas que gosta de me ouvir falar deste jardim aqui, porque é um segredo. Não me atrevi a contar muita coisa, mas ele diz que quer vê-lo.

– Uma hora vamos trazê-lo aqui, com certeza – disse Dickon. – Eu posso muito bem empurrar a cadeira dele. Ah, você percebeu o quanto o pintarroxo e a companheira dele trabalharam enquanto estivemos aqui sentados? Olhe só para ele, empoleirado naquele galho, escolhendo o melhor lugar para colocar o graveto que trouxe no bico.

Ele assobiou baixinho um daqueles seus chamados, e o pintarroxo virou a cabeça e olhou para ele com ar inquisidor, ainda com o graveto no bico. Dickon falou com o passarinho do jeito que Ben Weatherstaff fazia, mas o tom de Dickon era o de um amigo dando um conselho.

– Ponha em qualquer lugar – disse –, sempre vai dar certo. Você já sabia como construir seu ninho antes de sair do ovo. Vamos lá, garoto. Você não tem muito tempo a perder.

– Ah, como eu adoro ouvir você falando com ele! – disse Mary, rindo com gosto. – Ben Weatherstaff dá bronca e fica caçoando dele, e o pintarroxo saltita por ali e parece entender cada palavra, e eu sei que ele gosta. Ben Weatherstaff diz que ele é tão vaidoso que preferiria ser apedrejado que ser ignorado.

Dickon riu também e continuou falando com ele.

– Você sabe que a gente não vai incomodá-lo, não é? – disse ao passarinho. – Eu e ela somos quase bichos. Também estamos fazendo ninho aqui, meu caro. Só que não é pra contar pra ninguém, viu?

E, embora o pintarroxo não respondesse, pois estava com o bico ocupado, quando ele voou com o graveto até o seu canto no jardim, Mary soube que o escuro de seu olho brilhante como orvalho já dizia que jamais iria contar seu segredo a ninguém no mundo.

## CAPÍTULO XVI



**A**charam muito que fazer naquela manhã, e Mary chegou atrasada para o almoço, e já ia voltando ao trabalho com tanta pressa que só se lembrou do Colin no último momento.

– Diga ao Colin que agora não vai dar para vê-lo – disse ela a Martha. – Estou muito ocupada no jardim.

Martha a olhou, assustada.

– Ei, Senhorita Mary! – disse ela. – Isso vai deixar o menino com um humor péssimo na hora que eu lhe contar.

Mas Mary não tinha tanto medo dele quanto as outras pessoas, e também não era muito de fazer sacrifícios.

– Não posso ficar mais – respondeu. – O Dickon está me esperando – e saiu correndo.

A tarde foi mais agradável e atarefada ainda que a manhã. Quase todas as ervas daninhas do jardim já haviam sido removidas, e a maioria das rosas e árvores havia sido podada, e a terra em volta, revolvida. Dickon trouxera sua pá e ensinara Mary a manejar todas as ferramentas dela, de modo que,



àquela altura, era evidente que aquele lindo lugar silvestre, embora certamente não fosse virar um “jardim de jardineiro”, iria se transformar em uma loucura de coisas crescendo livres antes que a primavera terminasse.

– Teremos maçãs e cerejas acima das nossas cabeças – disse Dickon, trabalhando com todas as suas forças. – E os pessegueiros e cerejeiras vão florescer junto aos muros, e a grama vai virar um tapete de flores.

A raposinha e o corvo estavam tão felizes e ocupados quanto as duas crianças, e o pintarroxo e sua companheira voavam para cima e para baixo, como delicados relâmpagos. De vez em quando, o corvo batia suas negras asas e voava até o alto das árvores do parque. Toda vez que voltava, empoleirava-se perto do Dickon e crocitava várias vezes, como se contasse suas últimas aventuras, e Dickon conversava com ele do jeito que fazia com o pintarroxo. Uma vez, Dickon estava tão ocupado que não respondeu logo de cara, e então Fuligem voou e pousou no seu ombro e cutucou de leve a orelha dele com seu longo bico. Quando Mary quis descansar um pouco, Dickon se sentou com ela debaixo de uma árvore e tirou a flauta do bolso; tocou aquelas notas suaves e enigmáticas, e logo apareceram, em cima do muro, dois esquilos para ouvi-lo.

– Você já está um pouco mais forte do que era – disse Dickon, vendo Mary cavar. – Está com um jeito diferente, sem dúvida.

Mary estava radiante, depois de todo o exercício, e com uma disposição alegre.

– Estou engordando a cada dia – disse, exultante. – A senhora Medlock vai ter que me comprar alguns vestidos maiores. A Martha disse que meu cabelo está mais denso. Não é mais tão escorrido e ralo como antes.

No momento em que se separaram, o sol começava a se pôr e projetava raios inclinados, de um dourado intenso, sobre as árvores.

– Amanhã também vai fazer tempo bom – disse Dickon. – Estarei trabalhando aqui assim que o sol nascer.

– Eu também – disse Mary.

Ela correu para casa o mais rápido que seus pés conseguiram levá-la. Queria contar ao Colin sobre o filhote de raposa e o corvo do Dickon, e sobre o que a primavera já estava fazendo. Certamente ele gostaria de ouvir.

Assim, não achou nada agradável abrir a porta de seu quarto e ver Martha de pé, esperando por ela com a cara emburrada.

– O que aconteceu? – perguntou. – O que foi que Colin disse quando você contou a ele que eu não poderia ir?

– Ah! – disse Martha. – Você é que deveria ter contado. Ele não teria tido um dos seus chilikues. Passei a tarde toda tentando acalmá-lo, mas ele ficou o tempo inteiro olhando para o relógio.

Os lábios de Mary ficaram contraídos. Ela não era melhor do que Colin quanto a ter consideração pelas outras pessoas, e não via por que deveria deixar um garoto mal-humorado interferir naquilo que mais gostava de fazer. Não sentia pena de pessoas adoentadas e nervosas que não sabiam que eram capazes de controlar seu temperamento e evitar que os outros ficassem doentes e nervosos também. Uma vez, na Índia, quando ficara com dor de cabeça, ela havia feito de tudo para que todos os demais também ficassem com dor de cabeça, ou algo tão ruim quanto. Daquela vez, achou que estava certa; mas, naquele momento, é claro, julgou que Colin estava errado.

Ele não estava no sofá quando ela entrou em seu quarto. Estava na cama, deitado de costas, e não virou a cabeça para olhá-la. Foi um mau começo, e Mary foi direto até a cama dele, já irritada.

– Por que você não se levantou? – perguntou ela.

– Eu me levantei de manhã, achando que você viria – ele respondeu, sem olhar para ela. – Mandei que me pusessem de volta na cama à tarde. Minhas costas doíam e minha cabeça doía, e senti cansaço. Por que você não veio?

– Fiquei trabalhando no jardim com o Dickon – respondeu Mary.

Colin fez cara feia, mas foi condescendente e olhou para ela.

– Não vou mais deixar que esse menino venha aqui se você ficar com ele em vez de vir conversar comigo – ele disse.

Mary ferveu de raiva. Ela conseguia sentir muita irritação e mesmo assim não emitir som algum. Simplesmente ficava mais e mais zangada e obstinada e não se importava com o que pudesse acontecer.

– Se você mandar o Dickon embora, nunca mais entro neste quarto! – retrucou.

– Vai ter que entrar se eu quiser – disse Colin.

– Não entro! – disse Mary.

– Vou obrigar você a entrar – disse Colin. – Eles irão trazê-la arrastada.

– Será que vão mesmo, senhor rajá? – disse Mary, furiosa. – Pois eles podem me arrastar, mas não me obrigarão a falar quando me puserem aqui. Vou sentar e juntar os dentes e não vou contar nada para você. Não vou nem ver sua cara. Vou ficar o tempo todo olhando para o chão!

Formavam um belo par, os dois, encarando-se. Se fossem dois meninos de rua, teriam se atracado e começado uma briga violenta. E o que ocorreu foi bem próximo disso.

– Você é uma egoísta! – exclamou Colin.

– E você é o quê? – disse Mary. – Pessoas egoístas sempre dizem isso. Quando alguém não faz o que elas querem, dizem que a pessoa é egoísta. Você é mais egoísta do que eu. Você é o menino mais egoísta que eu já conheci.

– Não sou! – disparou Colin. – Não sou tão egoísta quanto o seu queridinho Dickon! Ele mantém você brincando com a terra sabendo que eu estou aqui sozinho. Ele que é egoísta, se você quer saber!

Os olhos de Mary se incendiaram.

– Ele é mais legal do que qualquer menino que já existiu no mundo! – disse ela. – Ele é... ele é como um anjo! – ela sabia que dizer isso poderia soar muito tolo, mas não ligou.

– Ah! Que belo anjo! – Colin disse, com desdém e raiva. – É um menino vulgar de uma choupana da charneca!

– Melhor do que ser um rajazinho vulgar! – revidou Mary. – Mil vezes melhor!

Como ela era a mais forte dos dois, começou a levar a melhor. A verdade é que Colin nunca na vida tivera uma briga com alguém à sua altura, e, no final das contas, aquilo estava lhe fazendo bem, embora nem ele nem Mary tivessem a menor noção disso. Ele virou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos, e uma lágrima imensa surgiu e correu pelo seu rosto. Começou a se sentir patético e com pena de si mesmo, e de ninguém mais.

– Não sou tão egoísta quanto você, porque eu estou sempre doente e tenho certeza de que vai nascer um calombo nas minhas costas – ele disse. – E, ainda por cima, vou morrer.

– Vai nada! – rebateu Mary, sem a menor compaixão.

Ele arregalou os olhos, indignado. Nunca ninguém falara com ele daquele jeito. Estava furioso, mas também, de certo modo, satisfeito, se é que uma pessoa pode sentir essas duas coisas ao mesmo tempo.

– Não vou morrer?! – exclamou. – Vou, sim! Você sabe que vou! Todo mundo diz isso.

– Eu não acredito! – disse Mary, brava. – E você diz isso só para as pessoas ficarem com pena de você. Acho até que sente orgulho disso. Eu não acredito! Se você fosse um menino legal, talvez isso fosse verdade, mas você é muito ruim!

Apesar das costas enfermas, Colin se sentou na cama com uma raiva até que bastante saudável.

– Saia do quarto! – exclamou, e então pegou o travesseiro e atirou nela. Não tinha força suficiente para atirá-lo muito longe, e o travesseiro caiu aos pés da menina, cujo rosto parecia ter sido espremido por um quebra-nozes.

– Estou indo – disse. – E nunca mais volto aqui!

Andou até a porta, virou-se e falou de novo:

– Eu ia contar a você um monte de coisas muito incríveis – disse. – O Dickon levou o filhotinho de raposa com ele e também o seu corvo, e eu ia lhe contar tudo isso. Agora não vou mais contar nada de nada!

Saiu e bateu a porta, e, para seu grande espanto, encontrou a enfermeira de pé ali, como se estivesse ouvindo tudo, e, para seu maior espanto ainda, viu que ela estava rindo. Era uma jovem alta e bonita, que não devia ser enfermeira profissional, já que não suportava doentes e vivia arrumando desculpas para deixar Colin aos cuidados da Martha ou de qualquer um que pudesse ocupar seu lugar. Mary nunca havia gostado dela, que naquele momento ficou simplesmente ali, de pé, olhando para ela e abafando o riso com um lenço.

– Você está rindo do quê?

– De vocês dois, juvenzinhos – respondeu a enfermeira. – Essa é a melhor coisa que poderia ter acontecido com esse menino doentinho e mimado: arrumar alguém capaz de encará-lo, e tão mimado quanto ele – e voltou a abafar o riso cobrindo a boca com o lenço. – Se ele tivesse tido uma irmã bem megerazinha, que brigasse com ele, teria sido a sua salvação.

– Será que ele vai morrer mesmo?

– Eu não sei nem quero saber – disse a enfermeira. – A metade dos problemas dele têm a ver com sua histeria e seu gênio ruim.

– O que é histeria? – perguntou Mary.

– Você vai descobrir se depois dessa briga ele tiver um dos seus chiliques, mas, de qualquer modo, você lhe deu um bom motivo para ficar histérico, e fico feliz por isso.

Mary voltou para seu quarto se sentindo bem diferente de quando voltara do jardim. Estava zangada e desapontada, mas sem nenhuma pena do Colin. Chegara ansiosa para lhe contar um monte de coisas e com a intenção de descobrir se seria seguro confiar-lhe o grande segredo. No início, pensara que talvez fosse seguro, mas, então, mudou totalmente de ideia. Ela nunca iria lhe contar, e ele que ficasse no quarto sem nunca tomar ar fresco, e que morresse, se quisesse! Seria bem feito para ele! Sentia-se tão brava e tão inflexível que, por alguns minutos, quase se esqueceu do Dickon e do véu verde que envolvia o mundo, e da brisa suave que soprava da charneca.

Martha estava esperando por ela no quarto, e a preocupação estampada em seu rosto tinha sido temporariamente substituída por uma expressão de interesse e curiosidade. Havia uma caixa de madeira em cima da mesa, com a tampa removida, e dava para ver que estava cheia de pequenos pacotes.

– O senhor Craven mandou pra você – disse Martha. – Parece que está cheia de livros ilustrados.

Mary se lembrou do que o senhor Craven lhe perguntara no dia em que havia ido ao escritório dele. “Você precisa de alguma coisa, brinquedos, livros, bonecas?” Abriu o pacote, tentando adivinhar se ele teria enviado uma boneca, e também o que faria com ela, se fosse isso mesmo. Mas não era uma boneca. Eram livros muito bonitos, como os que Colin tinha, e dois deles eram sobre jardins e cheios de ilustrações. Havia ainda dois ou três

jogos, e um lindo estojo com suas iniciais em dourado e uma caneta de ouro e um tinteiro.

Era tudo tão bonito, que a satisfação começou a empurrar a raiva para fora de sua mente. Não esperava que ele fosse se lembrar dela, e seu coraçãozinho duro se sentiu muito aquecido.

– Eu sei escrever melhor em caligrafia normal do que em letra de forma – disse –, e a primeira coisa que vou escrever com esta caneta vai ser uma carta para dizer ao senhor Craven o quanto estou agradecida.

Se ainda fosse amiga de Colin, teria ido correndo mostrar a ele os presentes, e eles teriam ficado olhando para as ilustrações e lendo algum dos livros de jardinagem, e talvez tentassem jogar os jogos, e ele se divertiria tanto que não pensaria mais que iria morrer nem ficaria pondo a mão na coluna para ver se havia algum calombo. Ele costumava fazer isso, e ela odiava. Tinha uma sensação assustadora e desconfortável, porque o próprio menino ficava muito assustado. Ele dizia que se um dia sentisse um calombo nas costas, por menor que fosse, saberia que era a corcunda começando a crescer. Algo que ouvira a senhora Medlock cochichar para uma enfermeira plantara nele aquela ideia, e havia pensado muito nela, em segredo, até fixá-la na mente. A senhora Medlock havia dito que as costas do pai dele haviam começado a dar sinais da corcunda daquele jeito, quando ele ainda era pequeno. Colin não contara a ninguém, a não ser a Mary, que a maioria dos seus “chiliques”, como costumavam chamá-los, era fruto desse seu medo histórico oculto. Mary tinha sentido pena dele, quando ele lhe contou.

– Ele sempre volta a pensar nisso quando se zanga ou fica cansado – disse a si mesma. – E hoje ele se zangou. Talvez até tenha passado a tarde pensando nisso.

A menina ficou imóvel, olhando para o tapete, pensativa.

– Eu disse que nunca mais voltaria ali – hesitou, franzindo as sobrancelhas –, mas talvez, não é certeza, talvez eu vá vê-lo de novo... se ele me quiser ali... talvez amanhã cedo. Pode ser que ele tente de novo atirar um travesseiro em mim, mas... não sei... talvez eu vá.

## CAPÍTULO XVII



**M**ary acordara bem cedo e trabalhara pesado no jardim, e estava cansada e com sono. Assim, logo que Martha levou o jantar e ela terminou de comer, foi, de bom grado, para a cama. Ao encostar a cabeça no travesseiro, murmurou para si mesma:

– Amanhã vou sair antes do café e trabalhar com o Dickon, e depois, um pouco mais tarde, acho que irei ver o Colin.

Mas ela despertou no meio da noite, com sons horrorosos que a fizeram dar um pulo da cama. O que seria aquilo, o que seria? Mas, no instante seguinte, teve certeza do que se tratava. Era um abrir e fechar de portas, passos apressados pelos corredores, e alguém que chorava e berrava ao mesmo tempo, e berrava e chorava de um jeito horrível.

– É o Colin – disse. – Está tendo um daqueles chiliques que a enfermeira chama de histéricos. Como soa terrível.

Ao ouvir aqueles gritos e o choro, Mary não teve mais dúvidas: aquilo deixava as pessoas tão assustadas que elas, então, resolviam concordar com

ele em tudo, só para não ter que ouvi-lo berrar daquele jeito. Tapou os ouvidos com as mãos e sentiu enjoo e tremedeira.

– Não sei o que fazer. Não sei o que fazer – ficou repetindo. – Não suporto isso.

A certa altura, pensou que talvez ele parasse se ela se atrevesse a ir até lá, mas se lembrou de como a expulsara do quarto e achou que, ao vê-la, talvez ele ficasse pior ainda. Mesmo apertando mais as mãos nos ouvidos, ela não conseguia parar de ouvir aqueles sons medonhos. Sentia por eles tamanho ódio e terror que, de repente, ficou muito brava e teve a sensação de que talvez gostasse também de armar um chilique daqueles, para assustá-lo do jeito que ele a assustava. Não estava acostumada com os ataques de mau humor dos outros, só com os próprios. Tirou as mãos das orelhas, levantou-se e ficou batendo os pés.

– Alguém tem que fazê-lo parar! Alguém tem que fazê-lo parar! Alguém precisa dar uns tapas nele! – exclamou.

Nesse instante, ouviu som de pés apressados pelo corredor, a porta do quarto se abriu e a enfermeira entrou. Não estava mais rindo; longe disso. Parecia até muito pálida.

– Ele entrou em surto histérico – disse, com a fala atropelada. – Vai acabar se machucando. Ninguém consegue fazer nada. Você poderia ir até lá tentar, como uma boa menina? Vamos, ele gosta de você.

– Ele me mandou embora do quarto, de manhã! – disse Mary, batendo o pé no chão, exaltada.

A enfermeira até gostou daquela atitude. Na verdade, imaginara que encontraria Mary chorando e com a cabeça debaixo das cobertas.

– Isso mesmo! – disse ela. – Esse é o estado de espírito certo. Vai lá e dê uma boa bronca nele. Faça-o pensar em algo diferente. Vai lá, menina, o mais rápido que puder.

Só bem mais tarde é que Mary percebeu que aquilo tudo havia sido também muito engraçado, e não apenas horroroso – afinal, era um bando de adultos assustados pedindo ajuda a uma menina, por achá-la quase tão birrenta quanto o garoto.



Ela voou pelo corredor, e, quanto mais perto chegava dos gritos, mais sua raiva aumentava. Estava furiosa quando chegou junto à porta. Abriu-a com uma forte batida e atravessou o quarto até a cama com dossel.

– Pare com isso! – gritou. – Pare com isso! Odeio você! Todo mundo odeia você! Eu queria que todo mundo fosse embora correndo e deixasse você gritando até morrer! E você *vai* acabar morrendo logo de tanto gritar, e eu quero mais é que morra!

Uma criança boazinha e compassiva nunca teria pensado ou dito essas coisas, mas o choque de ouvi-las foi a melhor coisa que poderia ter acontecido àquele menino histérico, que ninguém nunca ousava refrear ou contradizer.

Ele estava deitado de bruços, esmurrando o travesseiro, e quase caiu da cama, de tão rápido que se virou ao ouvir aquela voz enraivecida. Seu rosto estava horrível, pálido e vermelho e inchado, e ele arfava, meio sufocado; mas a pequena e selvagem Mary não deu a mínima importância para isso.

– Se você der mais um grito, vou gritar também, e eu grito bem mais forte do que você, e vou assustá-lo, e você vai morrer de susto, ouviu?

Na realidade, ele já não gritava mais, porque ela o deixara apavorado. O último grito que ele se preparara para dar quase o sufocou. As lágrimas rolavam pelo seu rosto, e ele tremia inteiro.

– Não consigo parar! – ele arfava e soluçava. – Não consigo, não consigo!

– Consegue, sim! – exclamou Mary. – Metade dos seus problemas são por causa da sua histeria e da sua birra, isso é pura histeria, histeria, histeria! – e batia o pé toda vez que repetia isso.

– Eu senti o calombo, eu senti! – gritava ele, sufocando. – Eu sabia. Sabia que ia nascer uma corcunda nas minhas costas e que depois eu ia morrer – e começou a se contorcer de novo e enterrou o rosto no travesseiro e soluçou e gemeu, mas não gritava mais.

– Sentiu calombo coisa nenhuma! – desafiou Mary, furiosa. – Só se for um calombo de histeria. A histeria produz calombos, sabia? Não há nenhum problema com as suas malditas costas; nada, a não ser histeria! Vire-se e me deixe dar uma olhada!

Ela havia gostado da palavra “histeria”, que pareceu produzir algum efeito sobre Colin. O menino também, provavelmente, nunca tinha ouvido essa palavra antes.

– Enfermeira! – Mary chamou. – Venha aqui e me mostre as costas dele, já!

A enfermeira, a senhora Medlock e Martha estavam de pé, junto à porta, e olhavam assustadas e boquiabertas para ela. As três já haviam perdido a respiração, de susto, mais de uma vez. A enfermeira avançou, com cautela, como se estivesse com receio. Colin se sacudia inteiro, com grandes soluços ofegantes.

– Acho que ele... talvez não me deixe virá-lo – hesitou, falando baixinho. Colin, no entanto, ouviu-a, e exclamou, entre dois soluços:

– Mostre... mostre a ela! Ela... ela então vai ver!

Eram umas costas magricelas que dava pena de olhar, assim, descobertas. Podia-se contar cada costela e cada vértebra, embora Mary não tivesse se animado a contá-las quando se debruçou para examiná-lo, com a expressão solenemente furiosa. Parecia tão zangada e séria que a enfermeira virou o rosto de lado para esconder uma careta de ironia. Fez-se silêncio por apenas um minuto, e até Colin prendeu a respiração enquanto Mary examinava suas costas, de cima a baixo e de baixo para cima, concentrada, como se fosse aquele doutor importante de Londres.

– Não há um único calombo aqui! – disse ela, finalmente. – Nenhum calombo, nem do tamanho de um alfinete, apenas os ossos da coluna, e só conseguimos senti-los porque você é muito magro. Eu também tenho esses calombos na coluna, e eles ficavam mais saltados ainda que os seus, até que comecei a engordar, e ainda não engordei o suficiente para que fiquem escondidos. Você não tem calombo nenhum, nem mesmo um calombinho do tamanho de um alfinete, ouviu?! Se disser de novo que tem algum calombo, vou rir de você!

Ninguém, a não ser o próprio Colin, soube o efeito que tiveram nele aquelas palavras infantis ditas com tanta irritação. Se tivesse tido alguém com quem conversar sobre seus terrores secretos, se tivesse ousado se permitir fazer perguntas, se tivesse companheiros da sua idade e não ficasse

o dia todo deitado de costas naquela mansão fechada, respirando a atmosfera carregada de todos os medos daquelas pessoas, a maioria delas ignorante e cansada de aturá-lo, teria descoberto que boa parte de seus temores e doenças era criada por ele mesmo. Mas preferira ficar deitado, pensando em si mesmo e nas suas dores e no seu cansaço, por horas e dias e meses e anos. E agora que uma menininha brava e antipática insistia, com muita obstinação, que ele não estava tão doente quanto imaginava, começava a achar que talvez ela tivesse razão.

– Eu não sabia – arriscou dizer a enfermeira – que ele pensava ter um calombo na coluna. As costas dele são fracas porque ele nunca tenta ficar sentado. Eu mesma podia ter lhe dito que ele não tem calombo nenhum.

Colin engoliu em seco e virou um pouco o rosto para olhar para ela.

– Você poderia mesmo ter me dito isso? – perguntou, pateticamente.

– Claro, senhor.

– Está vendo?! – disse Mary, e também engoliu em seco.

Colin virou o rosto de novo e, a não ser por suas respirações profundas, entrecortadas, que eram o epílogo da tempestade de soluços, permaneceu quieto por um minuto, apesar das grossas lágrimas que corriam por seu rosto e molhavam o travesseiro. Na realidade, eram lágrimas de um grande e curioso alívio. A certa altura, virou-se e olhou de novo para a enfermeira, e, estranhamente, não parecia mais um rajá ao falar com ela.

– Você acha... que eu talvez possa... viver e virar adulto?

A enfermeira não era nem muito inteligente nem muito compassiva, mas conseguiu repetir algumas das palavras do doutor de Londres.

– Acho que você provavelmente vai chegar à idade adulta, desde que faça o que lhe mandarem, não se deixe levar por sua irritação e fique muito tempo ao ar livre.

O chilique de Colin havia passado, e ele estava muito fraco e exausto de tanto chorar, e talvez tenha sido isso que o fez se sentir mais afável. Ele estendeu a mão na direção de Mary – e ficou contente em dizer que, depois que o chilique dela também passou, ela também ficou mais amável e estendeu a mão para encontrar a dele no meio do caminho. Foi como se fizessem as pazes.

– Eu vou, Mary... Eu vou sair ao ar livre com você – ele disse. – Não vou reclamar do ar fresco se a gente encontrar o tal... – ia dizendo, mas lembrou a tempo e se interrompeu, antes de dizer “se a gente encontrar o tal jardim secreto”, e concluiu: – Eu gostaria de sair com você, se o Dickon puder vir para empurrar minha cadeira. Quero muito ver o Dickon e a raposa e o corvo.

A enfermeira arrumou a cama toda revirada e sacudiu e alisou os travesseiros. Então, preparou uma xícara de caldo de carne para Colin e deu uma xícara também para Mary, que gostou muito de tomá-la depois de viver toda aquela agitação. A senhora Medlock e Martha saíram de lá satisfeitas, e, depois que tudo ficou arrumado e mais tranquilo e em ordem, a enfermeira deu a entender que ficaria também muito feliz em ir embora. Era uma jovem saudável, que se ressentia de ter dormido pouco e bocejava ostensivamente quando olhava para Mary, que já puxara seu banquinho para perto da cama com dossel e segurava a mão de Colin.

– Você precisa voltar para seu quarto e dormir – disse a enfermeira. – Daqui a pouco ele dorme, se não estiver perturbado demais. Então, eu também vou dormir no quarto ao lado.

– Você gostaria que eu cantasse pra você aquela canção que aprendi com a minha aia? – Mary sussurrou no ouvido de Colin.

A mão dele apertou suavemente a dela, e ele virou seus olhos cansados e suplicantes para Mary.

– Claro! – ele respondeu. – É uma canção muito tranquila. Eu vou pegar no sono num instante.

– Vou pôr ele para dormir – disse Mary à enfermeira, que não parava de bocejar. – Pode ir, se quiser.

– Certo – disse ela, tentando parecer relutante. – Se ele não dormir em meia hora, você me chama.

– Está bem – respondeu Mary.

Em instantes, a enfermeira já havia saído do quarto, e, logo que foi embora, Colin apertou de novo a mão de Mary.

– Eu quase contei o segredo sem querer – disse –, mas consegui parar a tempo. Não vou falar mais nada, vou tentar dormir, mas você disse que

tinha um monte de coisas incríveis para me contar. Você... descobriu alguma coisa sobre a entrada para o jardim secreto?

Mary olhou para aquele rostinho cansado e para os olhos inchados do pobre menino e ficou de coração mole.

– Siiim! – respondeu. – Acho que descobri. E se você dormir agora, amanhã eu conto tudo – e a mão dele até tremeu naquele momento.

– Ah, Mary! – ele disse. – Mary! Se eu pudesse entrar no jardim, acho que conseguiria viver até crescer e ficar adulto! O que você acha de, em vez de cantar a canção da aia, você me contar, bem baixinho, como fez no primeiro dia, como imagina que ele é por dentro? Tenho certeza de que isso vai me fazer dormir.

– Está bem – respondeu Mary. – Feche os olhos.

Ele fechou os olhos e ficou deitado bem quieto, e ela começou a falar bem devagar e bem baixinho.

– Acho que o jardim ficou tanto tempo largado que deve ter crescido e virado um lindo emaranhado. Acho que as roseiras treparam e treparam e treparam, até ficarem pendendo dos galhos e dos muros, e se espalharam pelo chão, formando uma espécie de véu cinza muito singular. Algumas das roseiras morreram, mas muitas estão vivas, e, quando o verão chegar, haverá cortinas e cascatas de rosas. Acho que o chão já deve estar repleto de narcisos e galantos e lírios e íris, todos tentando achar um jeito de sair da escuridão. Agora, a primavera já começou, e talvez... talvez...

O tom suave de sua voz foi acalmando o menino. Ela percebeu isso, e continuou.

– ...talvez estejam já brotando no meio da grama, talvez, neste momento, já haja tufo de açafões púrpura e dourados. Talvez as folhas estejam começando a brotar e a desabrochar, e o cinza esteja mudando, e um véu verde, fino como gaze, esteja se insinuando... e se estendendo por cima de tudo. E os passarinhos estejam indo para apreciar tudo isso... porque o lugar é... muito seguro e bem silencioso. E talvez... talvez... talvez... com muita delicadeza e sem pressa nenhuma... o pintarroxo tenha encontrado uma companheira... e esteja fazendo seu ninho.

Colin já havia adormecido.

## CAPÍTULO XVIII



É claro que Mary não acordou cedo na manhã seguinte. Dormiu tarde, estava cansada, e, quando levou seu café da manhã, Martha lhe contou que Colin, embora estivesse bem tranquilo, parecia doente e febril, como ficava sempre depois de se esgotar com um surto de choro. Mary tomou seu café da manhã devagar, ouvindo-a.

– Ele disse que gostaria que você, por favor, fosse lá vê-lo assim que pudesse – disse Martha. – É curioso como se afeiçoou a você. Ontem à noite, você lhe deu uma bronca e tanto, não? Ninguém mais aqui teria coragem de fazer aquilo. Ah! Tadinho do menino! Ele foi mimado demais, não tem mais conserto. A mamãe diz que as duas piores coisas que podem acontecer a uma criança são ela nunca poder fazer o que quer e ela poder fazer sempre o que quer. Ela não sabe qual das duas é pior. E você, ontem, também estava com um humor daqueles, hein? Mas, quando entrei no quarto, hoje, ele me falou: “Por favor, peça à senhorita Mary que, por favor, venha falar comigo”. Consegue imaginá-lo dizendo “Por favor”? Bem, irá vê-lo, não é, senhorita?

– Primeiro, vou correndo ver o Dickon – disse Mary. – Não, melhor ainda! Vou ver o Colin primeiro e lhe dizer que... já sei o que vou lhe dizer – disse, tendo uma repentina inspiração.

Ela estava de chapéu quando apareceu no quarto do Colin, e por um segundo ele pareceu desapontado. Ainda estava deitado na cama, com o rosto tão branco que dava dó, e com olheiras.

– Fiquei feliz de você ter vindo – ele disse. – Estou com dor de cabeça e dores por todo corpo por causa do cansaço. Você está indo a algum lugar?

Mary avançou e se inclinou sobre a cama dele.

– Não vou demorar – disse ela. – Vou lá ver o Dickon, mas volto logo. Sabe, Colin, é... é uma coisa que tem a ver com o jardim.

O rosto dele se iluminou inteiro e até ganhou um pouco de cor.

– Ah, é?! Mesmo?! – ele exclamou. – Sonhei com o jardim a noite toda. Ouvi você falar alguma coisa sobre o cinza mudando para verde, e sonhei que estava num lugar todo cheio de folhinhas verdes tremelicando, e com pássaros nos ninhos por toda parte e eles pareciam muito gentis e quietos. Vou deitar e ficar pensando nisso até você voltar.

Em cinco minutos, Mary já estava com Dickon no jardim. A raposa e o corvo tinham novamente ido com ele, e naquele dia ele havia levado também dois esquilos domesticados.

– Vim de pônei, esta manhã – ele disse. – Ah! O Pulo é um cara legal, pode acreditar! E trouxe esses dois nos meus bolsos. Esse aqui é o Noz, e o outro é o Casca.

Quando ele disse “Noz”, um dos esquilos deu um pulo até seu ombro direito, e quando disse “Casca”, foi a vez do outro pular em seu ombro esquerdo.

Quando as duas crianças se sentaram na grama, com Capitão enrolado a seus pés, Fuligem ouvindo, solenemente empoleirado em uma árvore, e Noz e Casca cheirando as coisas ali por perto, pareceu a Mary que seria quase impossível sair daquele pequeno paraíso; mas, quando começou a contar sua história, alguma coisa na expressão de Dickon fez com que ela, aos poucos, mudasse de ideia. Pôde ver que Dickon sentia mais pena do Colin do que ela. O menino olhou para o céu e ao redor de ambos.

– Ouça só os pássaros... O mundo parece cheio deles, todos gorjeando e cantando – disse. – Veja-os, voando por todo lado, escute-os chamando uns aos outros. Vem a primavera e parece que o mundo inteiro chama. As folhas se abrem para que possamos vê-las, e, meu Deus, os aromas que preenchem o ar! – disse isso farejando com seu gracioso nariz arrebitado. – E aquele pobre garoto ali, deitado, fechado, vendo tão pouco do mundo e só pensando em coisas que o fazem gritar. Ah! Meu Deus! Precisamos trazê-lo aqui fora, fazê-lo olhar e ouvir e sentir esses aromas e deixá-lo encharcado pela luz do sol. E não devemos perder mais tempo.

Quando ficava muito animado, Dickon costumava falar o puro dialeto de Yorkshire, embora, geralmente, também tentasse ajustar um pouco sua fala para Mary entendê-la. Mas ela gostava do sotaque de Yorkshire e, na verdade, já vinha tentando aprender a falar um pouco daquele jeito. E foi o que fez, então:

– E não é quié isso mesmo, sô? – disse ela. – Vô te falá o que vâmo fazê primero – continuou, e Dickon sorriu, porque quando a garotinha tentava falar do jeito de Yorkshire, ficava muito engraçada. – Tá que tá encantado c’ocê, o minino. Qué te conhecê, e conhecê o Fuligem e o Capitão. Quand’eu voltá pra casa pra trocá ideia co’ele, pergunto se ocê pode ir vê ele de manhã cedo, e levá os bicho junto, e aí, logo mais, quando tivé mais folha e uns broto tamém, a gente traiz ele aqui fora e ocê empurra ele na cadeira e a gente traiz ele aqui e mostra tudo.

Quando parou, ela se sentiu muito orgulhosa. Nunca havia feito um discurso tão longo com o sotaque de Yorkshire, e achou que tinha lembrado de bastante coisa.

– Ocê tem que falá um pouco desse jeito de Yorkshire c’o sinhozinho Colin – Dickon disse, rindo. – Isso vai fazê ele ri, e num tem nada tão bão pra gente doente como dá risada. A mãe fala que meia hora de boa risada toda manhã cura até um sujeito que tivé à beira de morrê de tifo.

– Hoje mesmo vou falar com ele assim – disse Mary, rindo.

O jardim chegara a um ponto em que parecia que, todo dia e toda noite, vários feiticeiros passavam por ali e puxavam belezas da terra e dos arbustos com suas varinhas mágicas. Não era fácil ir embora e deixar tudo



aquilo, ainda mais depois de Noz ter subido em cima do vestido dela e Casca ter descido do tronco sobre o qual estava sentado e ficado ali, olhando para ela com olhinhos curiosos. Mas, mesmo assim, ela voltou para casa, e quando se sentou perto da cama de Colin, ele começou a farejar como Dickon fazia, embora não com tanta competência.

– Você está com cheiro de flores e... e de coisas frescas...! – exclamou, muito animado. – Do que é esse seu cheiro? É fresco e quente e doce, tudo ao mesmo tempo.

– Isso aí é o vento da charneca, sô – disse Mary. – É o que dá sentá na grama debaixo da árvore c’o Dickon e o Capitão e o Fuligem e o Noz e o Casca, sabia não? É primavera, e lá fora tá um solzão, e tudo cheira bem, sô.

Ela caprichou no sotaque de Yorkshire, que soa mesmo bem diferente. Colin começou a rir.

– O que aconteceu? – ele perguntou. – Nunca ouvi você falar desse jeito antes. É muito engraçado!

– Tô te dando uma amostra do jeito de falá de Yorkshire, minino – respondeu Mary, com ar triunfal. – Num falo tão direito que nem o Dickon e a Martha sabe falá, mas cê tá vendo que eu chego perto, né? Cê num entende não esse jeito de falá de Yorkshire, quando cê ouve? E óia que ocê é daqui de Yorkshire, nascido e criado aqui, sô! Êta! Num devia de tê vergonha de falá assim, não!

E então ela começou a rir também, e os dois riam sem conseguir parar, até que aquilo ecoou pelo quarto, e a senhora Medlock abriu a porta para entrar, mas logo recuou para o corredor e ficou lá ouvindo, admirada.

– Mas o que quié isso, meu Deus! – disse ela, falando também com o sotaque de Yorkshire, porque não havia ninguém ouvindo e ela estava atônita. – Onde já se viu uma coisa dessa! Quem podia imaginá um troço desse, sô!

Havia muito assunto para conversarem. Parecia que Colin nunca se cansava de ouvir falar de Dickon e do Capitão, e de Fuligem e Noz e Casca, e do pônei cujo nome era Pulo. Mary tinha ido até o bosque com Dickon, para ver o Pulo. Era um pônei da charneca, pequenino e felpudo, com uns

cachos de crina caindo em cima dos olhos e uma cara linda e um nariz aveludado que ele gostava de roçar em todo mundo. Era bem magro, de viver do pasto da charneca, mas forte e rijo, como se os músculos de suas pernas curtas fossem feitos de molas de aço. Ele erguera a cabeça e relinchara baixinho ao ver Dickon, e viera trotando até ele, pondo a cabeça em cima de seu ombro, e então Dickon falou no ouvido dele e Pulo respondeu com relinchinhos e bufando e fungando. Dickon fez o pônei estender uma das patas da frente para Mary e beijar a bochecha dela com seu focinho aveludado.

– Ele entende mesmo tudo o que o Dickon diz? – Colin perguntou.

– Parece que sim – respondeu Mary. – Dickon fala que qualquer coisa pode entender a gente se a gente for amiga de verdade dela, mas tem que ser amiga mesmo, de verdade.

Colin ficou deitado um tempo, quieto, com os estranhos olhos cinza fixos na parede, e Mary percebeu que ele estava pensando.

– Eu adoraria ficar amigo das coisas – ele disse, finalmente –, mas não sou. Nunca tive nenhuma coisa da qual pudesse ficar amigo, e não suporto gente.

– Você consegue me suportar? – perguntou Mary.

– Você, sim, eu consigo – respondeu. – É engraçado, mas até gosto de você.

– Ben Weatherstaff comentou que eu sou igual a ele – disse Mary. – Acha que nós dois temos o mesmo gênio ruim. E eu acho você também igual a ele. Nós três somos parecidos, você, eu e o Ben Weatherstaff. Ele disse que nenhum de nós é lá muito atraente, e que somos tão ranzinzas quanto parecemos. Mas não me sinto tão ranzinza como costumava ser antes de conhecer o pintarroxo e Dickon.

– Você sentia que odiava as pessoas?

– Sim – respondeu Mary, sem afetação. – Eu teria detestado você se o tivesse conhecido antes de conhecer o pintarroxo e o Dickon.

Colin estendeu a mão magra e tocou a menina.

– Mary – ele disse –, eu gostaria de não ter dito aquilo que disse, de mandar o Dickon embora. Odiei quando você falou que ele era como um

anjo, zombei de você, mas... mas talvez ele seja mesmo um anjo.

– Bem, foi meio engraçado eu dizer isso – ela admitiu, com franqueza –, porque o nariz dele é muito arrebitado, e ele tem uma boca grande, e suas roupas têm um monte de remendos, e ele fala com aquele sotaque carregado de Yorkshire, mas, se é que algum anjo veio mesmo a Yorkshire e mora na charneca, quer dizer, se houvesse um anjo em Yorkshire, acho então que esse anjo seria capaz de entender as coisas verdes e saberia fazê-las crescer e conversaria com os animais silvestres como o Dickon faz, e eles teriam certeza de que ele era seu amigo de verdade.

– Eu não me incomodaria se o Dickon ficasse me olhando – disse Colin.  
– Quero conhecê-lo.

– Fico contente de você dizer isso – respondeu Mary –, porque... porque...

De repente, ela se deu conta de que aquele era o momento de lhe contar. Colin sentia alguma novidade no ar.

– Por que o quê?! – indagou, impaciente.

Mary estava tão ansiosa que se levantou do banquinho, foi até ele e segurou suas duas mãos.

– Posso confiar em você? Eu confiei em Dickon porque os passarinhos confiavam nele. Posso confiar em você, de verdade, *de verdade*? – ela implorou.

O rosto dela estava tão sério, que ele quase cochichou sua resposta.

– Sim... sim!

– Bem, o Dickon virá aqui vê-lo, amanhã de manhã, e trará os bichinhos dele.

– Que maravilha! – Colin exclamou, feliz da vida.

– Mas isso não é tudo – prosseguiu Mary, quase branca de excitação. – O resto é melhor ainda. Há uma porta que dá acesso ao jardim. E eu a encontrei. Fica debaixo da hera que cobre o muro.

Se fosse um menino forte e saudável, Colin provavelmente teria gritado “Viva! Viva! Viva!”, mas, como era frágil e doente, seus olhos se arregalaram e ele começou a sentir falta de ar.

– Oh! Mary! – exclamou, sufocando um soluço. – Será que eu poderia ver o jardim? Entrar nele? Será que vou *viver* o suficiente para isso? – e agarrou as mãos dela e a puxou para perto de si.

– É claro que vai vê-lo! – disse Mary, indignada. – É claro que vai viver o suficiente para entrar nele! Pare de besteira!

E disse isso sem nenhum exagero, com tanta naturalidade e um jeito tão próprio de criança, que fez o menino cair em si, e ele começou a rir de si mesmo, e poucos minutos depois ela já estava de novo sentada no banquinho contando não mais como imaginava o jardim secreto, mas como ele era, de fato; e as dores e o cansaço de Colin haviam sido esquecidos, e ele a ouvia, extasiado.

– É exatamente como você pensava que era – disse, quando ela terminou de contar. – Até parece que você já o conhecia. Você se lembra que eu disse isso quando você me falou dele pela primeira vez?

Mary hesitou uns dois minutos, e então criou coragem e disse a verdade.

– Eu já havia visto o jardim, e já tinha estado nele – disse ela. – Tinha encontrado a chave e já havia entrado nele há algumas semanas. Mas não tive coragem de lhe contar... Não contei porque tinha muito medo de não poder confiar em você... confiar *de verdade!*

## CAPÍTULO XIX



Como seria de esperar, o doutor Craven foi chamado logo na manhã seguinte, depois do chlique de Colin. Era sempre convocado imediatamente, quando algo daquele tipo ocorria, e toda vez encontrava o garoto de cama, pálido e abalado, triste e tão histérico que por qualquer coisa já desatava a chorar de novo. Na realidade, o doutor Craven temia e detestava as dificuldades que era obrigado a enfrentar nessas visitas. Daquela vez, só conseguiu chegar à Mansão Misselthwaite à tarde.

– Como está ele? – perguntou à senhora Medlock, um tanto irritado, assim que chegou. – Um dia ele ainda vai acabar rompendo um vaso sanguíneo num desses surtos. O menino está meio enlouquecido de histeria e autoindulgência.

– Bem, doutor – respondeu a senhora Medlock –, o senhor não vai acreditar em seus olhos quando o vir. Aquela menina sem graça, que vive de cara amarrada e é quase tão ruim quanto ele, simplesmente enfeitiçou o menino. Como fez isso, não sei dizer. Deus sabe que ninguém dá nada por ela, e ela quase nunca abre a boca, mas fez o que nenhum de nós teve

coragem de fazer. Simplesmente foi para cima dele como um gato ontem à noite, e bateu o pé no chão e o mandou parar de gritar, e, não sei como fez, mas assustou o menino de tal jeito que ele realmente parou, e esta tarde... Bem, venha cá e veja o senhor mesmo. É inacreditável.

A cena que o doutor Craven contemplou ao entrar no quarto do seu paciente o deixou, de fato, bastante atônito. Logo que a senhora Medlock abriu a porta, ele começou a ouvir risadas e conversa. Colin estava no sofá, de roupão, sentado bem ereto, olhando para uma ilustração de um dos livros de jardinagem e falando com a tal menina sem graça, que, naquele momento, não seria adequado definir como sem graça, porque seu rosto estava totalmente radiante de entusiasmo.

– Aquelas espiras compridas azuis... Vamos ter um monte delas ali – Colin anunciava. – São os chamados del-fĩ-ni-os.

– Dickon diz que elas são apenas esporinhas que cresceram muito e ficaram todas convencidas – disse Mary. – Já vi várias moitas delas por ali.

Então, perceberam o doutor Craven e pararam, de repente. Mary ficou bem quieta, e Colin pareceu agitado.

– Lamento que tenha ficado doente ontem à noite, meu garoto – disse o doutor Craven, um pouco nervoso. Ele era, de fato, um homem muito nervoso.

– Já estou melhor agora, bem melhor – Colin respondeu, no seu conhecido estilo rajá. – Daqui a um ou dois dias, se fizer bom tempo, vou dar uma volta ao ar livre na minha cadeira. Quero tomar um pouco de ar fresco.

O doutor Craven se sentou junto dele e tomou seu pulso, olhando-o, com curiosidade.

– Tem que fazer tempo bom mesmo – disse –, e você tem que tomar cuidado para não se cansar demais.

– Ar fresco não vai me cansar – disse o jovem rajá.

Em outras ocasiões, aquele mesmo jovem cavalheiro havia berrado de raiva e insistido que o ar fresco o faria pegar um resfriado e iria matá-lo, portanto, não é de admirar que seu médico tivesse ficado bastante perplexo.

– Sempre achei que você não gostasse de ar fresco – ele disse.

– Não gosto quando estou sozinho – retrucou Colin. – Mas minha prima virá comigo.

– E a enfermeira também irá junto, é claro – sugeriu o doutor Craven.

– Não, não vou levar a enfermeira – e o menino disse isso com tamanha imponência, que Mary não teve como não se lembrar do jovem príncipe nativo, com seus diamantes e esmeraldas e pérolas presos às roupas e os grandes rubis na mãozinha escura, com a qual sinalizava a seus criados que se aproximassem, fazendo salamaleques, para receberem suas ordens. – Minha prima sabe cuidar de mim. Eu sempre melhoro quando ela está comigo. Ela me fez melhorar ontem à noite. Um rapaz muito forte que eu conheço irá empurrar meu carrinho.

O doutor Craven ficou bastante alarmado. Se aquele menino enfadonho e histérico melhorasse, ele perderia toda a chance de herdar Misselthwaite; mas não era um homem inescrupuloso, apesar de ser fraco, e não tinha a intenção de permitir que o menino corresse algum perigo real.

– Esse tal rapaz precisa ser forte e confiável mesmo – disse. – E eu preciso saber alguma coisa a respeito dele. Quem é? Qual seu nome?

– É Dickon – Mary interveio, de repente. De algum modo, ela sentia que todo mundo que era da charneca já devia conhecer Dickon. E estava certa: notou que, na mesma hora, o rosto sério do doutor Craven relaxou, com um sorriso de alívio.

– Ah, o Dickon – ele disse. – Se for o Dickon, você estará bem seguro. Ele é forte como um pônei da charneca, o Dickon é, sem dúvida.

– E ele é danado de confiável, sô! – disse Mary. – Quié isso, gente, num tem minino mais confiável do que ele em Yorkshire, não! – é que, havia pouco, ela falara com o Colin do jeito de Yorkshire e, sem querer, continuou falando assim.

– Foi o Dickon que ensinou você a falar desse jeito? – perguntou o doutor Craven, rindo muito.

– Estou aprendendo, como se fosse francês – disse Mary, sem se alterar. – É como se fosse um dos dialetos da Índia. Ali, as pessoas mais inteligentes tentam aprendê-los. Eu gosto do dialeto, e o Colin, também.

– Muito bem, então – o médico disse. – Se isso diverte vocês, talvez não prejudique em nada. Você tomou seu brometo na noite passada, Colin?

– Não – Colin respondeu. – Eu já não queria mesmo tomar, e depois que Mary me tranquilizou, ela ficou falando comigo, bem baixinho, para eu pegar no sono, contando de que jeito a primavera se instala num jardim.

– Isso soa bem reconfortante – disse o doutor Craven, cada vez mais perplexo e dando umas olhadinhas de lado para a senhorita Mary, sentada no banquinho, em silêncio, olhando para o tapete. – Dá para ver que você melhorou, mas você deve se lembrar de que...

– Eu não quero me lembrar de nada – interrompeu o rajá, voltando a emergir. – Quando eu me deito e fico lembrando, começo a ter dores por todo o corpo e a pensar em coisas que me fazem começar a gritar, porque odeio muito todas elas. Se existisse, em algum lugar, um médico que me fizesse esquecer que estou doente, em vez de ficar me lembrando disso, eu mandaria trazê-lo – e fez um sinal com a mãozinha magra, que, na verdade, poderia muito bem estar cheia de anéis de sinete real feitos de rubis. – É justamente porque me faz esquecer, que minha prima consegue me fazer melhorar.

O doutor Craven nunca realizara uma visita tão curta assim após um dos “chiliques” do menino; em geral, era obrigado a permanecer ali por muito tempo e a fazer uma série de coisas. Naquela tarde, porém, não receitou nenhum remédio nem deixou novas instruções, e foi poupado de quaisquer cenas desagradáveis. Ao descer ao térreo, parecia pensativo, e quando falou com a senhora Medlock na biblioteca, ela sentiu que o homem estava um pouco desnorteado.

– Pois é, senhor – ela arriscou dizer –, quem poderia imaginar uma coisa dessas, não é?

– Certamente; trata-se de uma situação inteiramente nova – disse o doutor. – E não há como negar que é melhor que a anterior.

– Na minha opinião, a Susan Sowerby está certa, acho que está – disse a senhora Medlock. – Ontem, a caminho de Thwaite, parei na casa dela e conversamos um pouco. E, de repente, ela se virou pra mim e disse: “Sabe, Sarah Ann, ela pode não ser uma criança boazinha, pode não ser bonitinha,



mas é uma criança, e crianças precisam de crianças”. Nós estudamos juntas, a Susan Sowerby e eu.

– É a melhor pessoa que conheço para cuidar de doentes – disse o doutor Craven. – Quando a encontro em alguma casa, sei que provavelmente vou conseguir salvar meu paciente.

A senhora Medlock sorriu. Ela gostava muito de Susan Sowerby.

– Ela tem muito jeito pra isso, a Susan – prosseguiu, toda tagarela. – Pensei a manhã inteira numa coisa que ela me disse ontem. Ela falou assim: “Uma vez, eu estava passando um sermãozinho nas crianças depois de elas terem brigado, e disse o seguinte: ‘Quando estava na escola, minha professora de Geografia ensinou que o mundo tem a forma de uma laranja, e eu descobri, antes de fazer 10 anos, que a laranja, inteira, não pertence a ninguém. Ninguém possui mais do que um gomo dela, e, às vezes, parece que não há gomos suficientes para todo mundo. Mas nunca pensem, nenhum de vocês, que são os donos da laranja inteira, se não vão ter que admitir que estão errados, e não irão perceber isso sem tomar umas boas pancadas’. “O que as crianças aprendem das outras crianças”, diz ela, “é que não faz sentido tentar agarrar a laranja inteira, com casca e tudo. Se fizerem isso, é provável que não consigam ficar nem com os caroços, e esses são bem duros de mastigar”.

– Ela é uma mulher muito perspicaz – disse o doutor Craven, vestindo seu casaco.

– Bem, ela tem um jeito interessante de dizer as coisas – concluiu a senhora Medlock, satisfeita. – Algumas vezes eu lhe digo: “Ei! Susan, se você fosse uma muié diferente e num falasse assim desse jeito de Yorkshire, eu nem num ia sabê contá nos dedo da mão as veiz que eu ia tê que dizê que você é uma muié muito sabida”.

Naquela noite, Colin dormiu sem acordar sequer uma vez, e ao abrir os olhos, de manhã, continuou quieto, deitado, sorrindo sem perceber; sorria porque se sentia curiosamente confortável. Era de fato muito bom estar acordado, e ele se virou e esticou seus membros o máximo que pôde. Sentiu como se as cordas que o haviam mantido preso tivessem afrouxado, e ele conseguisse se soltar. Não sabia que o doutor Craven comentara que seus

nervos haviam relaxado e estavam mais descansados. Em vez de continuar deitado e ficar olhando para as paredes desejando não ter acordado, tinha, então, a mente cheia dos planos que ele e Mary haviam feito no dia anterior, e das imagens do jardim, e de Dickon e seus animais silvestres. Era muito bom ter coisas para pensar. E não fazia nem dez minutos que acordara quando ouviu passos no corredor e viu Mary parada na porta. No instante seguinte, ela já estava dentro do quarto, junto de sua cama, levando com ela uma lufada do ar fresco, carregado dos aromas da manhã.

– Você esteve lá fora! Você esteve lá fora! Está com aquele cheiro tão bom de folhas! – ele exclamou.

Ela viera correndo, e seu cabelo estava solto, desganhado, e ela ficava radiante com o ar da manhã, e tinha as bochechas coradas, embora ele não percebesse tudo isso.

– Está tão lindo! – disse ela, meio sem fôlego de tanto correr. – Você nunca viu nada tão bonito! Ela *chegou*! Eu achei que tivesse chegado naquela outra manhã, mas ela estava só se aproximando. Chegou, finalmente! Chegou a primavera! Foi o Dickon que falou!

– Jura?! – exclamou Colin, e embora não soubesse realmente nada sobre isso, sentiu o coração bater. Então, sentou-se na cama.

– Abra a janela! – ele sugeriu, rindo, um pouco por causa daquela alegre agitação, um pouco também por tudo o que brotava da sua imaginação. – Talvez a gente até ouça trombetas douradas tocando!

Ele ria, mas Mary já estava perto da janela, que, no instante seguinte, estava escancarada, e o frescor e a suavidade e os aromas e o canto dos pássaros se esgueiravam por ela.

– Isso é ar fresco – disse Mary. – Deite-se de costas e inspire bem fundo. É isso o que o Dickon faz quando se deita na charneca. Diz que sente o ar em suas veias, e que ele o deixa forte, e que ele sente como se pudesse viver para sempre. Respire, respire.

Ela apenas repetia o que Dickon lhe havia dito, mas já despertou a fantasia de Colin.

– “Para sempre!” Isso o faz se sentir assim? – perguntou o menino, e fez como ela havia dito, inspirando profundamente e expirando várias vezes,

até que sentiu que algo novo e delicioso acontecia com ele.

Mary voltou para perto da cama.

– As coisas se juntam para brotar da terra – disse, muito animada. – E há flores desabrochando e brotos por toda parte, e o véu verde vai cobrindo quase todo o cinza, e os passarinhos estão na maior correria para fazer seus ninhos, de medo que seja tarde demais, e alguns até disputam lugares no jardim secreto. E as roseiras estão mais do que empolgadas, e há prímulas nas alamedas e nos bosques, e as sementes que plantamos estão vingando, e Dickon levou a raposa filhote e o corvo e os esquilos e um cordeiro recém-nascido.

Então, ela parou para tomar fôlego. Dickon encontrara o cordeiro recém-nascido havia três dias, deitado junto à mãe dele, morta, no meio dos arbustos de tojo da charneca. Não era o primeiro cordeiro órfão que encontrava, e ele já sabia o que fazer. Levava-o até sua casa enrolado em sua jaqueta e o deixara deitado perto da lareira, alimentando-o com leite quente. Era uma coisinha macia, com uma carinha tonta e encantadora de bebê, e pernas exageradamente longas para o tamanho de seu corpo. Dickon o carregara nos braços pela charneca com a mamadeira dentro do bolso, junto com um esquilo, e quando Mary se sentou debaixo de uma árvore com aquela coisa frágil e quentinha aninhada em seu colo, sentiu-se preenchida por uma alegria indescritível demais para pôr em palavras. Um cordeiro, um cordeirinho! Um cordeirinho vivo deitado no colo dela como se fosse um bebezinho!

Ela ia descrevendo tudo com muita alegria, e Colin a ouvia e continuava fazendo inspirando e expirando profundamente. De repente, a enfermeira entrou. Teve um pequeno sobressalto ao ver a janela escancarada. Havia passado muitos dias quentes sentada e quase sufocando naquele quarto, porque seu paciente dizia que com a janela aberta poderia pegar um resfriado.

– Tem certeza de que não está com frio, senhor Colin? – perguntou.

– Não estou, não – foi a resposta dele. – Estou fazendo longas inspirações de ar fresco. Isso deixa a gente mais forte. Vou me sentar no sofá para tomar o café da manhã. Minha prima vai tomar o café comigo.

A enfermeira saiu, sorrindo escondido, e foi buscar os dois cafés da manhã. Para ela, a sala dos criados era um lugar mais divertido do que o quarto do doente, e, naquele momento, todos lá embaixo aguardavam notícias do andar de cima. Faziam muitas piadas sobre o garotinho recluso e antipático, que, como a cozinheira havia dito, “Bem feito, encontrou alguém para mandar nele”. A sala dos criados já estava cansada daqueles chilikues, e o mordomo, que era chefe de família, mais de uma vez expressara a opinião de que o doente melhoraria muito se levasse “uma boa sova”.

Quando se sentou no sofá, e foi servido, na mesa, o café da manhã para dois, Colin fez um anúncio para a enfermeira no seu melhor estilo rajá.

– Um menino e uma raposa e um corvo e dois esquilos e um cordeiro recém-nascido virão me visitar esta manhã. Quero que sejam trazidos aqui em cima assim que chegarem – disse ele. – Não é para vocês ficarem brincando com os bichos na sala dos criados, nem para deixá-los ali. Quero todos eles aqui em cima.

A enfermeira soltou um “Oh!” de espanto e tentou disfarçar, tossindo.

– Sim, senhor – respondeu.

– Vou lhe dizer o que você tem que fazer – acrescentou Colin, com um gesto de mão. – Diga à Martha para trazer todos eles aqui em cima. O menino é irmão da Martha. O nome dele é Dickon, e é encantador de animais.

– Espero que os bichos não me mordam, senhor Colin – disse a enfermeira.

– Já disse que ele é um encantador – repetiu Colin, austero. – Animais de encantadores nunca mordem ninguém.

– Na Índia, há encantadores de serpentes – contou Mary. – E eles até põem a cabeça da cobra dentro da própria boca.

– Misericórdia! – estremeceu a enfermeira.

Os dois tomaram o café com o ar da manhã se derramando sobre eles. O café da manhã de Colin era dos bons, e Mary ficara observando o menino com vivo interesse.

– Você vai começar a engordar, como aconteceu comigo – disse ela. – Quando estava na Índia, eu quase sempre recusava meu café da manhã, mas agora sempre tomo.

– Eu pedi o meu esta manhã – disse Colin. – Talvez seja por causa do ar fresco. Quando você acha que o Dickon virá?

Dickon não demorou muito. Uns dez minutos depois, Mary ergueu a mão.

– Ouça! – ela disse. – Você não ouviu um corvo?

Colin prestou atenção e ouviu o crocitar da ave, um som rouco, o som mais estranho do mundo para se ouvir dentro de uma casa.

– Ouvi, sim – ele respondeu.

– É o Fuligem – disse Mary. – Escute de novo. Você não ouviu um balido, também, bem baixinho?

– Sim, sim, ouvi! – exclamou Colin, ficando mais corado.

– É o cordeiro recém-nascido – disse Mary. – O Dickon está chegando.

Dickon vinha com botas de andar na charneca, pesadas e toscas, e, embora tentasse não fazer barulho, elas ressoavam alto conforme ele seguia pelos longos corredores. Mary e Colin ouviram seus passos até que ele passou pela porta da tapeçaria e pisou no tapete macio daquele pequeno corredor que dava para o quarto de Colin.

– Com licença, senhor – anunciou Martha, abrindo a porta. – Com licença, é o Dickon com suas criaturas.

Dickon entrou com seu melhor sorriso. Tinha o cordeiro recém-nascido nos braços, e a pequena raposa vermelha trotava ao seu lado; Noz vinha sentado em seu ombro esquerdo, e Fuligem, no direito; e a cabeça e as patinhas de Casca espreitavam para fora do bolso do casaco do menino.

Colin foi se acomodando devagar no sofá, e arregalava os olhos cada vez mais, como fizera quando viu Mary pela primeira vez; mas, naquele momento, seu olhar era de admiração e deleite. A verdade é que, apesar de tudo o que já tinha ouvido, não fazia ideia de como seria aquele menino, nem imaginou que a raposa e o corvo e os esquilos e o cordeiro fossem tão íntimos e tão amigos, a ponto de parecerem quase fazer parte dele. Colin nunca havia falado com um menino em toda a sua vida, e ficou tão

arrebatado pelo próprio prazer e curiosidade que sequer pensou em dizer alguma coisa.

Mas Dickon não ficou nem um pouco intimidado ou constrangido. Afinal, não sentira nenhum embaraço com o corvo, quando este ficara apenas quieto, olhando para ele sem entender sua linguagem, da primeira vez que se encontraram. Os bichos sempre fazem assim, até descobrirem algo a nosso respeito. Ele andou até o sofá de Colin e colocou, delicadamente, o cordeiro recém-nascido no colo do menino, e no mesmo instante o bichinho virou-se para o roupão de veludo quentinho e começou a roçar e roçar o focinho nas dobras e a enfiar sua cabeça cheia de cachos, com suave impaciência, contra o dorso do menino. Claro, nenhum garoto ficaria indiferente a isso.

– O que ele está fazendo?! – exclamou Colin. – O que ele quer?

– Tá procurando a mãe – disse Dickon, cada vez mais sorridente. – Trouxe ele procê com um tiquinho de fome, que eu sabia que ocê ia gostá de me vê dando de comê pra ele.

Ajoelhou-se junto ao sofá e tirou do bolso uma mamadeira.

– Vem cá, bichinho – disse, virando devagar a cabecinha branca de lã com sua mão bronzeada. – É isso aí que ocê qué? Já sabe que vai tirá mais proveito disso do que do roupão de veludo do minino, né? Aqui, aqui – e empurrou o bico de borracha da mamadeira na boca ansiosa do cordeirinho, que começou a mamar com voracidade, extasiado.

Depois disso, não houve mais hesitação sobre o que dizer. Quando o cordeiro caiu no sono, choveram perguntas, e Dickon respondeu a todas elas. Contou como havia encontrado o cordeiro logo após o nascer do sol, três manhãs antes. Ele estava na charneca, ouvindo uma cotovia e a observando voar cada vez mais alto, até virar um pontinho preto na imensidão azul.

– E não é que eu quase perdi o passarinho de vista? Ouvia só o canto dele e dei de pensar como é que a gente consegue ainda ouvir uma avezinha dessas quando parece até que ela vai sair do mundo no minuto seguinte; e nesse momento ouvi outra coisa ao longe, no meio das moitas de tojo. Era um balido fraquinho, e eu sabia que era de um cordeirinho novo com fome,

e sabia que, se ele tava com fome, era que tinha perdido a mãe, tadinho, então saí procurando. Ih! Tive que procurar um bocado! E entrava e saía das moitas de tojo, e volteava que volteava, e parecia que sempre pegava o caminho errado, sô! Mas aí vi uma coisa branquinha perto de uma pedra, no alto da charneca, e fui até lá e encontrei o pequenino, meio morto de frio e de fome.

Enquanto ele falava, Fuligem voava solenemente para dentro e para fora da janela aberta e crocitava comentários a respeito da paisagem, enquanto Noz e Casca faziam excursões pelas grandes árvores lá fora e corriam para cima e para baixo pelos troncos e exploravam todos os galhos. Capitão se enrolou perto de Dickon, que tinha preferido se sentar no tapetinho da lareira.

Ficaram olhando as ilustrações dos livros de jardinagem, e Dickon conhecia todas as flores por seus nomes populares, e sabia exatamente quais já estavam crescendo no jardim secreto.

– Não sei o nome dessa aqui, não – ele disse, apontando para uma flor sob a qual estava escrito “Aquilegia” –, mas a gente chama de colombina, e essa outra aqui é a boca-de-leão, e as duas crescem em cercas vivas, mas essas outras aqui são plantas de jardim, e são maiores e mais bonitas. Já nasceram várias moitas grandes de colombinas, no jardim. Quando brotarem, vão parecer um canteiro de borboletas azuis e brancas esvoaçando.

– Eu vou ver todas elas! – exultou Colin. – Vou ver todas elas!

– E vai ver, mesmo! – disse Mary, bem séria. – Só que não pode perder tempo!

## CAPÍTULO XX



**M**as eles foram obrigados a esperar mais de uma semana, porque nos primeiros dias ventou demais, e depois Colin ameaçou pegar um resfriado, e essas duas coisas, uma seguida da outra, sem dúvida poderiam enfurecê-lo, mas havia muito planejamento cuidadoso e secreto a ser feito, e quase todo dia Dickon ia lá, mesmo que às vezes ficasse poucos minutos, para contar o que vinha acontecendo na charneca e nas alamedas e nas cercas vivas e nas margens dos ribeirões. As coisas que ele tinha para contar sobre lontras e texugos e tocas de ratazanas d'água, sem falar dos ninhos de passarinhos e dos ratos do campo e seus esconderijos, eram suficientes para fazer qualquer um quase tremer de empolgação ao conhecer todos aqueles detalhes íntimos, narrados por um encantador de animais, e compreender o entusiasmo e a ânsia que tomavam conta de todo aquele mundo subterrâneo em frenética atividade.

– Eles são como a gente – disse Dickon –, só que têm que construir suas casas todo ano. E isso os deixa tão agitados, que acabam armando a maior confusão para poder terminar a tempo.



Mas a coisa que mais os absorveu foram os preparativos para conseguir transportar Colin com suficiente sigilo até o jardim. Ninguém deveria ver nem a cadeira de rodas, nem Dickon e Mary, depois que virassem uma determinada esquina de arbustos para entrar no caminho ao longo dos muros cobertos de hera. Conforme os dias se passavam, Colin foi tendo, mais e mais, a confirmação do sentimento de que um dos maiores encantos do jardim era o mistério que o cercava. Ninguém poderia estragar isso. Ninguém nunca deveria suspeitar de que guardavam um segredo. As pessoas deveriam achar que ele estava simplesmente saindo com Mary e Dickon, porque gostava dos dois e não se importava mais que os outros olhassem para ele. Então, tinham longas e agradáveis conversas a respeito da rota que deveriam tomar. Iriam pegar tal caminho e seguir por aquele outro e cruzar mais um e enveredar entre os canteiros de flores da fonte, fingindo que iam dar uma olhada nas “plantas a serem transplantadas”, aquelas nas quais o jardineiro-chefe, o senhor Roach, vinha trabalhando. Isso pareceria ser a coisa mais natural do mundo, ninguém interpretaria como algo fora do comum. Em seguida, pegariam os caminhos dos arbustos e se perderiam por ali, até chegar aos muros compridos. Essa era, certamente, uma estratégia quase tão séria e elaborada quanto os planos de deslocamento que os grandes generais fazem em tempos de guerra.

É claro que os rumores sobre as coisas novas e intrigantes que vinham acontecendo nos aposentos do enfermo já haviam vazado da sala dos criados para o pátio dos estábulos, e dali até os jardineiros, mas, mesmo assim, o senhor Roach ficou surpreso quando recebeu ordens vindas do quarto do senhor Colin para ir pessoalmente aos seus aposentos, que ninguém de fora jamais havia visto. O próprio enfermo desejava falar com ele.

– Ora, ora – disse ele a si mesmo, enquanto se apressava a trocar de casaco –, do que será que se trata? Sua Real Alteza, a quem ninguém deve dirigir o olhar, está convocando um homem que nunca viu na vida!

O senhor Roach não deixou de ficar curioso. Jamais havia visto aquele menino, nem de relance, e já havia ouvido uma dezena de histórias exageradas sobre sua aparência e modos esquisitos e sobre seu

temperamento insano. O que ouvia com maior frequência era que o garoto poderia morrer a qualquer momento, e não eram poucas as descrições fantasiosas sobre sua corcunda e seus membros comprometidos, feitas por pessoas que nunca o haviam visto.

– As coisas estão mudando nesta casa, senhor Roach – disse a senhora Medlock, enquanto o conduzia pela escada dos fundos rumo ao corredor onde ficava o quarto, até então, misterioso.

– Vamos esperar que seja para melhor, senhora Medlock – comentou ele.

– Pior do que estava, não poderia ficar – ela continuou –, e por mais estranhas que tenham ficado as coisas, as pessoas agora acham as ordens bem mais fáceis de cumprir. Não se surpreenda, senhor Roach, se, de repente, ver-se no meio de um pequeno zoológico, e com o Dickon da Susan Sowerby mais à vontade do que o senhor ou eu jamais imagináramos ficar.

Havia realmente uma espécie de magia em torno de Dickon, como Mary sempre acreditara, intimamente. Quando o senhor Roach ouviu mencionar o nome dele, sorriu, afetuosamente.

– O rapaz se sentiria em casa tanto no Palácio de Buckingham quanto no fundo de uma mina de carvão – disse. – E não por insolência. É que é um excelente menino, mesmo.

Talvez tenha sido bom o senhor Roach já chegar ali prevenido, senão teria levado um bom susto. Quando a porta do dormitório foi aberta, um grande corvo, empoleirado muito à vontade no espaldar alto de uma cadeira toda entalhada, anunciou a entrada do visitante com um “cuá-cuá” em alto e bom som. Apesar da advertência da senhora Medlock, foi por muito pouco que o senhor Roach escapou do vexame de recuar assustado, com um pulo para trás.

O jovem rajá não ocupava mais nem a cama nem o sofá. Estava sentado em uma poltrona, com um cordeirinho novo ao seu lado abanando o rabo de felicidade, enquanto Dickon, ajoelhado, lhe dava leite de uma mamadeira. Um esquilo havia se empoleirado nas costas curvadas de Dickon e mordiscava uma noz. A garotinha da Índia contemplava tudo sentada no banquinho dela.

– Senhor Colin, esse é o senhor Roach – anunciou a senhora Medlock.

O jovem rajá virou-se e mediu bem seu serviçal – pelo menos, foi isso o que o jardineiro-chefe sentiu que estava acontecendo.

– Ah, você é o Roach, certo? – disse. – Mandei chamá-lo para lhe dar algumas ordens muito importantes.

– Muito bem, senhor – respondeu Roach, na dúvida se iria receber instruções para derrubar todos os carvalhos do parque ou para transformar os pomares em jardins aquáticos.

– Esta tarde vou sair na minha cadeira – disse Colin. – Se o ar fresco me fizer bem, talvez saia todos os dias. Quando sair, nenhum dos jardineiros deverá estar perto do Caminho Comprido, junto aos muros do jardim. Não quero ninguém ali. Devo sair por volta das duas da tarde, e todo mundo deve se manter longe, até eu mandar avisar que podem voltar ao trabalho.

– Muito bem, senhor – respondeu o senhor Roach, bastante aliviado ao saber que os carvalhos continuariam de pé, e que os pomares também estavam a salvo.

– Mary – disse Colin, voltando-se para ela. – O que é que as pessoas dizem, na Índia, quando acabam de falar e querem que a pessoa se retire?

– Elas dizem: “Você tem permissão de ir” – respondeu Mary.

O rajá fez um aceno de mão.

– Você tem minha permissão de ir, Roach – disse. – Mas, lembre-se, isso é muito importante.

– Cuá-cuá! – observou o corvo, com sua voz bem rouca, mas em tom educado.

– Certo, senhor. Agradeço muito – disse o senhor Roach, e a senhora Medlock o acompanhou até a saída.

Lá fora, no corredor, como era um homem de temperamento muito afável, o jardineiro sorriu, segurando as risadas.

– Meu Deus! O garoto está com um jeito tão senhoril, não é? Dá a impressão de que concentrou nele toda uma Família Real, com príncipe consorte e tudo o mais.

– Ah! – justificou a senhora Medlock. – Sempre deixamos ele pisar em cima de todos nós desde que tem pés, e ele acha que é pra isso que as

peessoas nasceram.

– Talvez ele cresça desse jeito, se viver – sugeriu o senhor Roach.

– Bem, uma coisa é certa – disse a senhora Medlock. – Se ele chegar a sobreviver, e essa criança indiana continuar aqui, garanto que ela vai lhe ensinar que a laranja inteira não pertence só a ele, como diz a Susan Sowerby. E é provável, então, que ele descubra o tamanho do pedaço que lhe cabe.

Dentro do quarto, Colin estava recostado nas almofadas.

– Está tudo certo agora – disse. – E esta tarde vou vê-lo; sim, esta tarde devo entrar nele!

Dickon voltou para o jardim com suas criaturas, e Mary ficou com Colin. O menino não parecia cansado, mas estava muito quieto antes que o almoço fosse servido e ficou em silêncio enquanto comiam. Intrigada, Mary decidiu perguntar.

– Nossa, como seus olhos estão grandes, Colin! Quando você está pensando, eles ficam maiores, como se fossem dois pires. No que está pensando, agora?

– Não consigo parar de pensar em como será que é – ele respondeu.

– O jardim? – perguntou Mary.

– A primavera. Estava pensando que, na realidade, nunca vi a primavera. Quase nunca saio de casa, e, nas vezes em que saí, não prestei atenção nela. Na verdade, nem pensei a respeito.

– Também nunca havia pensado nela na Índia, porque lá não tinha – disse Mary.

Por mais reclusa e deprimente que tivesse sido sua vida, Colin usara bem mais a imaginação do que Mary, e pelo menos passara um bom tempo olhando para seus maravilhosos livros ilustrados.

– Naquela manhã em que você entrou correndo e disse “Ela chegou! Ela chegou!”, você provocou em mim algo muito estranho. Tive a sensação de que as coisas todas estavam chegando, como num grande desfile, acompanhado por uma banda que fazia soar grandes ondas musicais. Tem uma ilustração de uma cena assim num dos meus livros: uma multidão de pessoas bonitas e crianças enfeitadas com guirlandas e galinhos floridos,

todas reunidas e tocando flauta. Foi por isso que comentei “Talvez a gente até ouça trombetas douradas” e pedi para você abrir a janela.

– Que engraçado – disse Mary. – É justamente essa a sensação que a primavera transmite. E se todas as flores e folhas e vegetação e passarinhos e animais silvestres viessem dançando, todos ao mesmo tempo, que bela multidão seria, não? Com certeza, passariam dançando e cantando e tocando flauta, e seria exatamente como uma grande onda musical.

Os dois riram, não porque a ideia fosse engraçada, mas porque haviam gostado muito dela.

Pouco depois, a enfermeira deixou Colin arrumado. Ela percebeu que, em vez de ficar deitado como um tronco enquanto vestia as roupas nele, o menino se sentou e até fez alguns esforços para ajudá-la, e ficou o tempo todo falando e rindo com Mary.

– Este é um dos bons dias dele, senhor – disse a enfermeira ao doutor Craven, que entrara ali para examiná-lo. – Está tão animado que até ficou mais forte.

– Vou voltar para vê-lo de novo no final da tarde, depois que ele voltar – disse o doutor Craven. – Preciso ver se a saída lhe fez bem. Gostaria muito – disse, bem baixinho – que ele deixasse você ir junto.

– Eu preferiria desistir do meu paciente agora mesmo, senhor, do que ficar aqui e ver essa sugestão sendo feita na minha presença – respondeu a enfermeira, com uma firmeza incomum.

– Eu, na verdade, ainda não havia decidido se iria mesmo sugerir isso – disse o doutor, com um leve nervosismo. – Mas vamos fazer o teste. Dickon é um garoto a quem eu confiaria até um recém-nascido.

O laçao mais forte da casa carregou Colin escada abaixo e o colocou na cadeira de rodas, perto de onde Dickon o aguardava, fora da casa. Depois que o criado arrumou os tapetes e almofadas na cadeira, o rajá fez um aceno de mão para ele e a enfermeira.

– Vocês têm minha permissão para ir – disse, e ambos desapareceram prontamente, e é preciso registrar que deram boas risadas quando se viram a sós dentro da casa.

Devagar e com firmeza, Dickon começou a empurrar a cadeira de rodas. Mary ia ao lado deles, e Colin ficou recostado, o rosto erguido para o céu. A abóbada celeste parecia muito alta, e as pequenas nuvens, que aparentavam ser feitas de neve, eram como pássaros brancos pairando de asas estendidas sob aquele azul cristalino. O vento vinha da charneca em grandes e suaves lufadas, com um refinado, nítido e adocicado aroma silvestre. A toda hora, Colin levantava o queixo para inspirá-lo, e seus grandes olhos davam a impressão de que ouviam, como se o menino escutasse através deles, e não pelos ouvidos.

– Há tantos sons de cantos e zumbidos e chamados – ele disse. – Que aroma é esse que o vento traz?

– É dos tojos da charneca desabrochando – respondeu Dickon. – É uma beleza! As abelhas hoje devem estar em festa.

Não se via nenhum ser humano pelos caminhos que percorriam. Todos os jardineiros e auxiliares haviam se afastados dali. Mas as três crianças mantiveram o projeto de serpentear pelos arbustos e circular pelos canteiros da fonte, seguindo a rota meticulosamente planejada, pelo simples prazer do mistério envolvido naquilo. Quando finalmente viraram para tomar o Caminho Comprido, junto aos muros cobertos de hera, a excitação de estarem cada vez mais perto do grande momento fez com que, por alguma curiosa razão que não conseguiriam explicar, começassem a falar bem baixinho.

– É por aqui – sussurrou Mary. – É por aqui que eu costumava caminhar para cima e para baixo e ficar imaginando.

– Aqui?! – exclamou Colin, e seus olhos começaram a investigar a hera com uma curiosidade ansiosa. – Mas não estou vendo nada – cochichou. – Não tem porta alguma.

– Era isso que eu achava também – disse Mary.

Então, fez-se um silêncio lindo, de tirar o fôlego, e a cadeira de rodas seguiu em frente.

– Este é o jardim onde o Ben Weatherstaff trabalha – disse Mary.

– Este aqui? – perguntou Colin.

Após mais alguns metros, Mary sussurrou novamente.

– Aqui é onde o pintarroxo voou por cima do muro – disse.

– Aqui?! – exclamou Colin. – Ah! Eu adoraria que ele aparecesse de novo agora!

– E ali – disse Mary, com um prazer solene, apontando para um grande arbusto de lilases – é onde ele ficou plantado no montinho de terra e me mostrou a chave.

Então, Colin endireitou-se na cadeira.

– Onde?! Onde?! Ali?! – exclamou, e seus olhos ficaram tão grandes quanto os do Lobo Mau na história da Chapeuzinho Vermelho, quando ela fica curiosa e comenta a respeito deles. Dickon parou, detendo a cadeira de rodas.

– E aqui – disse Mary, pisando no canteiro junto à hera – é onde vim conversar com ele quando gorjeou para mim do alto do muro. E esta é a hera que o vento soprou e desprendeu – e ela puxou a cortina verde.

– Ah! É aqui, é aqui! – exclamou Colin, ofegante.

– E esta é a maçaneta, e aqui está a porta. Dickon! Empurre-o para dentro, empurre-o, rápido!

E Dickon fez isso, com um forte, seguro e esplêndido empurrão.

Mas Colin havia se recostado nas almofadas, ofegante e extasiado, e cobrira os olhos com as mãos, mantendo-as ali para impedir sua visão, até que entraram de vez e a cadeira, como por mágica, parou, e a porta se fechou atrás deles. Só então ele tirou as mãos e olhou ao seu redor, e olhou e olhou novamente, como Dickon e Mary haviam feito. E sobre os muros e o chão e as árvores e os ramos e brotos oscilantes, o magnífico véu verde de folhinhas tenras havia crescido, e na grama sob as árvores e nos vasos cinza nos nichos, e aqui e ali e por toda parte, havia toques e manchas de dourado e púrpura e branco, e as árvores lançavam brilhos de rosa e branco acima de suas cabeças, e havia bater de asas e suaves pios e zumbidos, e aromas e mais aromas. E o sol pousava quente no rosto de Colin, como uma mão de toque carinhoso. E Mary e Dickon ficaram parados, maravilhados, olhando para o garoto. Ele parecia muito estranho e diferente, todo coberto por uma luminosidade rósea; o rosto cor de marfim, o pescoço, as mãos, tudo.

– Eu vou sarar! Eu vou sarar! – gritou. – Mary! Dickon! Eu vou ficar bom! Eu vou viver para sempre, para sempre, para todo o sempre!



## CAPÍTULO XXI



**U**ma das coisas estranhas de viver no mundo é que só de vez em quando alguém tem total certeza de que irá viver para sempre, para todo o sempre. Ela talvez saiba disso, às vezes, ao acordar na solene e delicada hora em que o dia nasce, ou quando sai ao ar livre e fica ali, sozinha, com a cabeça bem erguida, olhando para cima e contemplando o céu pálido que vai mudando e ganhando cores, e vendo acontecerem no leste coisas maravilhosas e desconhecidas, que fazem a pessoa chorar e seu coração quase parar diante da estranha e imperturbável majestade do nascer do sol – algo que acontece toda manhã há milhares e milhares de anos. Então, a pessoa tem essa certeza por um instante, ou pouco mais. E também sabe disso, às vezes, ao ficar de pé em um bosque, sozinha, ao pôr do sol, diante daquela misteriosa quietude de um raio dourado profundo que penetra, inclinado, sob os galhos das árvores e parece dizer, de forma lenta e repetida, algo que a pessoa não chega a discernir, por mais que se esforce. Às vezes, a imensa quietude do céu azul escuro, à noite, com milhões de estrelas esperando e observando, dá à pessoa essa certeza; outras vezes, é o som de uma música distante, ou um brilho fugaz nos olhos de alguém, que a torna verdade.

Foi algo assim que Colin sentiu na primeira vez que conseguiu ver e ouvir e sentir a primavera dentro dos altos muros de um jardim escondido. Naquela tarde, o mundo inteiro parecia se empenhar em ser perfeito e radiantemente belo e bondoso para um menino. Talvez a primavera tivesse surgido ali por pura bondade celestial, para coroar tudo o que fosse possível naquele único lugar. Mais de uma vez, Dickon parou o que estava fazendo e ficou quieto, com uma espécie de êxtase crescente nos olhos, balançando a cabeça suavemente.

– Êta, que lindeza, sô! – disse. – Tenho 12 anos, quase 13, e vivi muitas tardes nesses anos todos, mas nunca uma que tivesse essa lindeza toda.

– E bota lindeza nisso, sô! – disse Mary, suspirando de felicidade. – Garanto que é a maior lindeza que já se viu nesse mundo.

– E cês dois num acham – disse Colin, todo enlevado e sonhador – que fizeram ela desse jeito assim só pra móde me agradá?

– Meu Deus! – gritou Mary, espantada. – Me diga se eu num tô já ouvindo no Colin um tiquim de sotaque de Yorkshire, sô?! E o minino tá se saindo bem demais, num é que tá mesmo?

E caíram os três na risada.

Levaram Colin em sua cadeira para debaixo da cerejeira, branca como a neve com seus brotos e fazendo soar a música das abelhas. Era como o baldaquim de um rei, um rei de conto de fadas. Havia cerejeiras florindo ali perto, e macieiras com flores cor-de-rosa e brancas, e aqui e ali algumas já se abriam por inteiro. Entre os ramos floridos do baldaquim, pedaços de céu azul espreitavam, como maravilhosos olhos.

Mary e Dickon se puseram a fazer pequenos trabalhos por ali, e Colin ficou observando-os. Eles levavam até ele coisas para que pudesse ver melhor: brotos se abrindo, outros ainda bem fechados, gravetos, cujas folhas começavam a mostrar seu verde, a pena de um pica-pau que havia caído na grama, a casca vazia de um ovo de algum filhote de passarinho que acabara de nascer. Dickon empurrava a cadeira de Colin devagar por todo o jardim, parando de vez em quando para deixá-lo admirar as maravilhas que saíam da terra ou pendiam das árvores. Era como ser levado para uma visita

oficial pelo país de um rei e de uma rainha mágicos, para apreciar todas as suas misteriosas riquezas.

– Será que a gente vai conseguir ver o pintarroxo? – perguntou Colin.

– Você vai vê-lo muitas vezes, daqui a pouco – respondeu Dickon. – Quando os ovos se abrirem, nosso amiguinho vai ficar quase doido de tão ocupado. Você vai vê-lo voando pra cima e pra baixo, carregando no bico minhocas quase do seu tamanho, com o ninho na maior confusão quando ele chega, e a companheira o deixando confuso, e ele mal sabendo em qual daqueles bicos abertos deve deixar o primeiro pedaço. E tome bicos abertos e pios pra todo lado. Quando a minha mãe vê a trabalhadeira que um pintarroxo tem para encher todas aquelas bocas, ela diz que se sente como uma nobre dama que não tem nada para fazer o dia inteiro. Diz que, às vezes, olha para os filhotinhos e acha até que eles devem estar pingando suor, embora a gente não consiga ver.

Isso fez todos eles rirem com tanto gosto que tiveram que cobrir a boca com as mãos, lembrando que ninguém deveria ouvi-los. Colin já havia sido instruído sobre a lei dos cochichos e do tom de voz baixo. Gostava do ar sigiloso daquilo e fazia o melhor possível, mas, no meio daquela alegria toda, era difícil não rir mais alto do que um sussurro.

Cada um dos momentos daquela tarde trazia muitas novidades, e a cada hora o sol se mostrava mais exuberante e dourado. A cadeira de rodas fora levada para a sombra, e Dickon se sentara na grama e acabara de tirar a flauta do bolso quando Colin viu algo que ainda não tivera a chance de perceber antes.

– Aquela árvore ali é bem antiga, não?

Dickon dirigiu seu olhar pela grama até a árvore, e Mary também a olhou, e fez-se um breve instante de silêncio.

– Sim – respondeu Dickon, por fim, e sua voz, bem baixinha, tinha um tom muito suave.

Mary admirou a árvore e ficou pensando.

– Os galhos estão cinza e não se vê nenhuma folha – Colin prosseguiu. – Ela está morta, não?

– Sim – admitiu Dickon. – Mas os galhos da roseira que sobem por ela vão esconder quase todos os pedacinhos de madeira morta quando estiverem cheios de folhas e flores. Então ela não parecerá mais morta. E será a mais linda de todas.

Mary ainda olhava para a árvore, pensativa.

– Dá a impressão de que um galho enorme se desprende dela – disse Colin. – Fico imaginando como será que deve ter acontecido isso.

– Foi há muitos anos – respondeu Dickon. – Ei! – interrompeu-se, de repente, colocando a mão sobre Colin. – Veja o pintarroxo! Lá está ele! Foi buscar comida para a companheira.

Colin quase se deu conta disso tarde demais, e captou apenas um vislumbre de um passarinho de peito vermelho com alguma coisa no bico, que disparou pela vegetação até um canto mais denso e sumiu. Colin recostou-se na almofada de novo, e deu uma risadinha.

– Está levando o chá da tarde para ela. Talvez já sejam 5 horas da tarde. Acho que eu também gostaria de tomar um chá.

Com isso, Mary e Dickon conseguiram contornar aquele momento delicado.

– Foi alguma magia que fez o pintarroxo intervir – disse Mary a Dickon, mais tarde. – Tenho certeza de que foi alguma magia – sim, porque tanto ela quanto Dickon haviam ficado com medo de Colin perguntar algo mais a respeito da árvore cujo galho se partira há dez anos; já haviam conversado sobre isso antes, e Dickon coçara a cabeça de preocupação.

– A gente deve fazer parecer que essa árvore não tem nada de diferente das outras – ele havia dito. – Nunca vamos poder contar o que aconteceu quando o galho quebrou, tadinho dele. Se ele perguntar mais a respeito, a gente deve tentar contornar e parecer alegre.

– Isso mesmo – respondera Mary.

Mas ela sabia que não devia ter parecido nem um pouco alegre quando ficou contemplando aquela árvore. Foram breves momentos, durante os quais ficara especulando se haveria algo de real naquela outra coisa que Dickon havia dito. Ele havia coçado o cabelo cor de ferrugem e parecera

preocupado, mas, naquele momento, um olhar mais tranquilo começava a surgir naqueles seus olhos azuis.

– A senhora Craven era uma moça muito agradável – ele voltou a falar, de um jeito ainda hesitante. – E a minha mãe acha que... Ela acha que talvez a senhora Craven ainda ronde muitas vezes por Misselthwaite para cuidar do senhor Colin, do jeito que as mães fazem quando são tiradas deste mundo. Elas precisam voltar, parece. Talvez ela tenha voltado ao jardim, e quem sabe foi ela que acabou colocando nós dois para trabalhar aqui, fazendo também a gente trazer o menino.

Mary achou que Dickon se referia a alguma espécie de magia. Ela acreditava muito em magia. No íntimo, achava que Dickon dominava algum tipo de magia – claro, magia boa – em relação às coisas que havia por perto, e que era por isso que as pessoas gostavam tanto dele e os animaizinhos sabiam que ele era seu amigo. Ficou até se perguntando se não seria possível que aquele seu dom tivesse feito surgir o pintarroxo bem na hora em que Colin havia feito aquela pergunta delicada. Ela sentia que a magia estivera presente naquela tarde toda, fazendo Colin parecer um menino totalmente diferente. Não era mais plausível vê-lo como uma criatura ensandecida que gritava e batia e mordia o travesseiro. Até mesmo aquela sua palidez de mármore parecia ter mudado. Aquela leve luminosidade colorida que aparecera em seu rosto, em seu pescoço e em suas mãos, quando ele entrou no jardim, não desaparecera. Ele agora parecia feito de carne mesmo, e não de marfim ou de cera.

Eles viram o pintarroxo levando comida para sua companheira duas ou três vezes, e isso foi tão sugestivo de um chá da tarde, que Colin sentiu que deveriam tomá-lo.

– Vão lá e mandem um dos criados trazer algo numa cesta até a alameda das azaleias – ele disse. – E então você e o Dickon podem trazê-la para cá.

Foi uma boa ideia, e fácil de realizar, e quando a toalha branca foi estendida na grama, com chá quente e torradas com manteiga e biscoitos, fizeram um refeição deliciosa, e vários pássaros que voavam por perto em suas tarefas domésticas pararam para descobrir o que estava acontecendo e ficaram por ali, investigando as migalhas com grande interesse. Noz e

Casca treparam pelos troncos das árvores com pedaços de bolo, e Fuligem levou a metade inteira de um biscoito com manteiga até um canto, e bicou e examinou e revirou seu pedacinho e fez comentários com sua voz rouca a respeito dele até decidir engoli-lo inteiro, de uma só vez, com a maior satisfação.

A tarde se arrastava em direção à sua melhor hora. O sol projetava raios cada vez mais dourados, as abelhas voltavam para casa, e os pássaros já voavam por ali com menor frequência. Dickon e Mary estavam sentados na grama, com a cesta do chá já arrumada para ser levada de volta para casa, e Colin já se acomodara melhor nas almofadas, com seus fartos cachos puxados para trás, para fora da testa, e o rosto com uma cor bem mais natural.

– Eu não queria que esta tarde terminasse – disse –, mas vou voltar amanhã, e depois de amanhã, e depois de depois de amanhã e no outro dia e no outro.

– Você respirou muito ar fresco hoje, não? – observou Mary.

– Não quero respirar outra coisa – ele respondeu. – Já vi a primavera, e vou ver o verão. Vou ver tudo crescer aqui. Eu mesmo também quero crescer aqui.

– E você vai – disse Dickon. – Logo veremos você andando por aí e cavando como qualquer um.

Colin enrubesceu.

– Andar! – ele exclamou. – Cavar! Será que consigo?!

O olhar que Dickon deu ao menino era de gentileza e cautela. Nem ele nem Mary nunca tinham perguntado a ele se havia de fato algum problema com suas pernas.

– Claro que você consegue – disse ele, com firmeza. – Você... tem pernas... como todo mundo!

Mary ficou muito apreensiva, até ouvir a resposta de Colin.

– Não há nada de errado com minhas pernas – ele disse –, mas elas são muito finas e fracas. Elas tremem tanto, que eu fico com medo de tentar ficar de pé.

Tanto Mary quanto Dickon respiraram aliviados.

– Quando você deixar de ter medo, vai conseguir parar em cima delas – disse Dickon, com um ânimo renovado. – E vai parar de ter medo, logo, logo.

– Vou? – disse Colin, e ficou quieto, pensando.

Ficaram um bom tempo em silêncio. O sol já estava mais baixo. Era aquela hora em que tudo se aquieta, e eles tinham tido uma tarde realmente agitada e cheia de emoções. Colin parecia descansar, relaxado. Até os bichinhos tinham parado de andar por ali e se reunido para descansar perto dos três. Fuligem havia se empoleirado em um galho baixo e encolhido uma perna, e uma membrana cinza já cobria seus olhos sonolentos. Mary olhou para o corvo e sentiu que dali a um minuto ele começaria a roncar.

No meio daquela quietude, foi um susto quando Colin ergueu um pouco a cabeça e exclamou, de repente, com um cochicho alarmado:

– Quem é aquele homem ali?

Dickon e Mary ficaram de pé imediatamente.

– Um homem! – os dois exclamaram baixinho, agitados.

Colin apontou para o muro alto.

– Olhem lá! – cochichou, excitado. – Lá em cima!

Mary e Dickon se viraram para olhar. Era o rosto indignado de Ben Weatherstaff olhando feio por cima do muro, trepado no alto de uma escada! Ele até brandiu o punho olhando para Mary.

– Se eu não fosse um solteirão, e você fosse minha filha – gritou –, eu lhe daria uma boa sova!

Ele subiu mais um degrau de modo ameaçador, como se sua intenção fosse pular para dentro do jardim e ir até ela; mas, quando ela foi em sua direção, evidentemente pensou melhor e continuou no último degrau da escada, brandindo o punho para ela.

– Nunca achei mesmo que você fosse grande coisa! – ele começou seu sermão. – Não fui com a sua cara desde a primeira vez em que botei os olhos em você. Uma menina magricela com rostinho pálido leitoso, sempre fazendo perguntas e metendo o nariz onde era chamada. Nunca entendi como foi ficar tão grudada em mim. Se não fosse aquele desgraçado do pintarroxo...

– Ben Weatherstaff! – Mary exclamou, recuperando o fôlego. Estava bem abaixo dele, chamando-o com a voz ainda meio insegura. – Ben Weatherstaff, foi o pintarroxo quem me mostrou o caminho!

Ben ficou tão indignado que parecia mesmo querer descer para dentro do jardim.

– Mas que menininha danada! – gritou. – Botando a culpa num pintarroxo! Não que ele não seja um malandrinho. Mas dizer que foi ele que te mostrou o caminho? Ele? Ah, sua garotinha danada e... – e ela percebeu que as palavras seguintes lhe escaparam porque, na verdade, ele não se aguentava mais de curiosidade – ...mas, me diga, como raios você conseguiu entrar aí?

– Foi o pintarroxo que me mostrou a entrada – ela repetiu, obstinada. – Ele nem sabia que estava fazendo isso, mas fez. E eu não vou lhe contar mais nada enquanto continuar brandindo seu punho para mim.

Naquele momento, ele parou de brandir o punho, e, de repente, seu queixo caiu e ele arregalou os olhos para alguma coisa que viu por cima da cabeça dela, vindo pela grama na direção deles.

Ao ouvir o primeiro som daquela torrente de palavras, Colin ficara tão surpreso que apenas se acomodara melhor e a ficara ouvindo, parado, como se tivesse sido enfeitiçado. Mas, a partir de certo ponto, recuperou-se e sinalizou de modo imperioso para Dickon.

– Empurre minha cadeira até lá! – pediu. – Empurre a cadeira até bem perto do muro e pare na frente dele!

E o que Ben Weatherstaff contemplou e que fez seu queixo cair foi nada menos que o seguinte: uma cadeira de rodas com almofadas e mantos luxuosos, indo na direção dele, parecendo mais uma espécie de carruagem real, porque um jovem rajá estava recostado nela com postura imperial, seus grandes olhos de cílios escuros e uma mão branca e fina estendida com altivez na direção dele, parou bem debaixo de seu nariz. Não era de admirar que o jardineiro estivesse de queixo caído.

– Sabe quem sou eu? – perguntou o rajá.

A cara que Ben Weatherstaff fez! Seus velhos olhos vermelhos se fixaram no que havia à sua frente como se vissem um fantasma. Ficou ali



parado, olhando, e engoliu em seco com um nó na garganta. Não disse uma palavra sequer.

– Sabe quem sou? – perguntou Colin, ainda mais imperiosamente. – Responda!

Ben Weatherstaff ergueu a mão enrugada e a passou pelos olhos e pela testa, e então respondeu “Sim”, com uma voz estranhamente trêmula.

– Está me perguntando quem é você, menino? – disse ele. – Ah, como eu não saberia...? Com esses olhos da sua mãe olhando para mim e quase saltando do seu rosto. E só Deus sabe como você veio parar aqui. Afinal, você é o coitadinho do menino aleijado.

Colin então se esqueceu que alguma vez tivera costas. Seu rosto ficou vermelho púrpura, e ele se sentou perfeitamente ereto.

– Não sou aleijado! – gritou, furioso. – Não sou!

– Ele não é! – gritou Mary, quase derrubando o muro com sua furiosa indignação. – Ele não tem calombo nenhum, nem mesmo do tamanho de um alfinete! Eu examinei, e não tem nenhum, nada!

Ben Weatherstaff passou a mão pela testa de novo e continuou olhando para eles, como se já não tivesse olhado o suficiente. Sua mão tremia e sua boca tremia e sua voz tremia. Era um homem velho e simplório, um velho sem o menor tato, e só conseguia se lembrar das coisas que tinha ouvido desde sempre.

– Não é você que tem... não é você que tem as costas curvadas? – perguntou, rouco.

– Não! – berrou Colin.

– Não é você o menino... o menino que tem as pernas tortas? – balbuciou bem, mais rouco ainda.

Essa foi a gota d'água. A força que Colin costumava usar em seus chilikos, naquele momento, corria por ele de maneira diferente. Até então, nunca fora acusado de ter pernas tortas, sequer em cochichos, e a mera crença de que fosse assim, que estava sendo revelada por Ben Weatherstaff, foi bem mais do que a carne e o sangue do rajá poderiam suportar. Sua raiva e seu orgulho ferido o fizeram esquecer de tudo, exceto daquele momento, e

o encheram de um poder que nunca conhecera antes, uma força quase sobrenatural.

– Venha aqui! – gritou para Dickon, e já começou a tirar as cobertas de seus membros inferiores e a se desvencilhar delas. – Venha aqui! Venha! Agora mesmo!

Em um segundo, Dickon estava ao lado dele. Mary prendeu a respiração e sentiu que empalidecia.

– Ele consegue! Ele consegue! Ele consegue! Ele consegue! – ficou repetindo para si mesma bem baixinho, o mais rápido que podia.

Houve uma pequena e breve confusão, as cobertas foram atiradas no chão, Dickon segurou Colin pelo braço, e as pernas fininhas dele ficaram à mostra, e seus pés delicados pisaram na grama. Colin estava de pé, ereto – sim, ereto –, retinho como uma flecha e parecendo estranhamente alto, a cabeça bem erguida, tombada para trás, e os olhos com um brilho incomum.

– Olhe para mim! – disparou para Ben Weatherstaff. – Apenas olhe para mim! Você mesmo! Olhe para mim!

– Está tão ereto quanto eu! – exclamou Dickon. – Está tão ereto quanto qualquer garoto de Yorkshire!

Ben Weatherstaff fez então uma coisa que Mary considerou estranha além de toda medida. Ele engasgou e engoliu em seco, e de repente lágrimas começaram a correr por suas faces enrugadas, e ele juntou suas velhas mãos.

– Mas que coisa! – conseguiu dizer – As mentiras que esse pessoal conta! Você é magro como um sarrafo e branco como um fantasma, mas não tem um calombo sequer. Você ainda vai crescer e virar um homem feito. Que Deus o abençoe, menino!

Dickon segurava o braço de Colin com força, mas o menino ainda não ameaçara fraquejar. Continuou de pé, cada vez mais aprumado, e olhava Ben Weatherstaff nos olhos.

– Eu sou seu patrão – disse – quando meu pai está fora. E você tem que me obedecer. Este é o meu jardim. Não ouse dizer uma palavra a ninguém a respeito dele! Desça dessa escada e vai até o Caminho Comprido, e a senhorita Mary irá encontrá-lo e trazê-lo até aqui. Quero falar com você.

Não queríamos incluí-lo no nosso segredo, mas agora terá que fazer parte dele. Venha, rápido!

O rosto marcado do velho Ben Weatherstaff ainda estava molhado da estranha enxurrada de lágrimas. Parecia não conseguir tirar os olhos daquele Colin magrinho e ereto, de pé diante dele, de cabeça bem erguida.

– Ei, menino! – disse, com um quase sussurro. – Meu menino! – E então, caindo em si, de repente, deu um toque no chapéu, do jeito que fazem os jardineiros, e disse: – Sim, senhor! Sim, senhor! – e, obedientemente, desapareceu ao descer a escada.



Quando a cabeça do velho jardineiro sumiu do campo de visão deles, Colin se virou para Mary.

– Vá lá encontrá-lo – disse, e Mary correu pela grama até a porta sob a hera.

Dickon o observava com olhos atentos. Havia pontinhos vermelhos em suas bochechas, e ele parecia muito bem, não dava sinais de que fosse cair.

– Consigo ficar de pé – disse Colin, com imponência, a cabeça bem erguida.

– Eu bem que disse que você conseguiria ficar de pé, desde que parasse de ter medo – comentou Dickon. – E você parou de ter medo.

– É, parei – disse Colin.

Então, de repente, ele se lembrou de algo que Mary havia dito.

– Você anda fazendo alguma magia?

Os lábios encurvados de Dickon se abriram em um sorriso.

– É você mesmo que está fazendo a magia – ele respondeu. – É a mesma magia que leva essas coisas a brotarem da terra – e tocou com a bota rústica

uma moita de açafões sobre a grama.

Colin olhou para os açafões.

– É verdade – disse, bem devagar –, não pode existir magia maior do que essa aqui, não mesmo.

E se aprumou mais do que já havia se aprumado alguma vez na vida.

– Vou andar até aquela árvore ali – disse, apontando para uma que ficava a uns dois metros. – Quero estar em pé quando o Weatherstaff vier até aqui. Posso ficar encostado na árvore, se quiser. Quando tiver vontade de me sentar, eu sento, mas, por enquanto, não. Traga um tapete da cadeira.

Ele caminhou até a árvore e, embora Dickon continuasse segurando seu braço, equilibrou-se maravilhosamente bem. Quando encostou no tronco da árvore, não era evidente que estivesse apoiado nele, e ainda se mantinha tão ereto que parecia alto.

Quando Ben Weatherstaff entrou pela porta do muro, viu-o em pé ali e ouviu Mary murmurando alguma coisa bem baixinho.

– O que foi que você disse? – perguntou, com um tom um tanto irritado, porque não queria desviar a atenção da figura esguia do menino e de seu rosto orgulhoso.

Mas Mary não contou o que era. Estava dizendo: “Você consegue! Você consegue! Falei que você conseguiria! Você consegue! Você consegue! Você *consegue!*”.

Ela repetia isso porque queria ajudar fazendo alguma magia para manter Colin de pé daquele jeito. Não suportava a ideia de que ele pudesse fraquejar diante de Ben Weatherstaff. E o menino não fraquejou. Ela ficou encantada ao perceber, de repente, que ele parecia muito lindo, mesmo com toda a sua magreza. O rajá fixou o olhar em Ben Weatherstaff e disse, com seu tom imperioso e engraçado:

– Olhe para mim! – ordenou. – Olhe para mim de cima a baixo! Sou corcunda? Tenho as pernas tortas?

Ben Weatherstaff ainda não havia se refeito totalmente da emoção, mas se recuperara um pouco e respondeu, quase do seu jeito usual:

– Não tem, não! – ele disse. – Nem de longe. Mas por que fez isso com você mesmo, ficando escondido dos outros e deixando que acreditassem

que era aleijado e meio ruim da cabeça?

– Ruim da cabeça! – disse Colin, furioso. – Quem disse isso?!

– Um monte de gente à toa – respondeu Ben. – O mundo está cheio de gente burra falando bobagens e só espalhando mentiras. Mas por que você se trancou durante esse tempo todo?

– Todos achavam que eu ia morrer – disse Colin, resumindo. – E eu não vou morrer!

Disse isso com tamanha decisão, que Ben Weatherstaff ficou olhando-o, de cima para baixo, de baixo para cima.

– Você? Morrer? – disse, com um entusiasmo comedido. – Nada disso! Você é muito valente. Quando o vi pôr os pés no chão com aquela prontidão toda, eu soube que estava tudo certo. Sente-se um pouco no tapetinho, jovem patrãozinho, e me passe suas ordens.

Havia em sua atitude uma estranha combinação de ternura ranzinza e compreensão perspicaz. Mary havia despejado uma falação em Ben, o mais rápido que pôde, quando os dois foram andando pelo Caminho Comprido. A principal coisa de que ele deveria se lembrar, ela disse ao jardineiro, era de que Colin estava sarando – sim, *sarando*. E era o jardim que estava produzindo isso nele. Ninguém deveria fazê-lo se lembrar de que poderia ter calombos ou que iria morrer.

O rapaz concordou em se sentar em um tapetinho sob a árvore.

– Que tipo de trabalho você faz nos jardins, Weatherstaff? – ele perguntou.

– O que me mandarem – respondeu o velho Ben. – Sou mantido aqui de favor, porque ela gostava de mim.

– Ela quem? – perguntou Colin.

– Sua mãe – respondeu Ben Weatherstaff.

– Minha mãe? – disse Colin, e ficou olhando para ele, pensativo. – Este era o jardim dela, não é?

– Sim, era este aqui! – e Ben Weatherstaff também ficou olhando o menino, pensativo. – Era o jardim preferido dela.

– É o meu jardim, agora. É também o meu preferido. Virei aqui todos os dias – anunciou Colin. – Mas isso tem que ser segredo. Minhas ordens são

para que ninguém saiba que estamos vindo aqui. Dickon e minha prima têm trabalhado neste jardim e o fizeram ganhar vida. Devo mandar chamar você algumas vezes para ajudar, mas você tem que vir quando ninguém estiver vendo.

O rosto de Ben Weatherstaff contorceu-se no seu velho sorriso sarcástico.

– Eu vinha aqui antes, quando ninguém me via – disse ele.

– Como assim?! – exclamou Colin. – Quando?

– A última vez que estive aqui... – disse, coçando o queixo e olhando em volta – ...foi há uns dois anos.

– Mas ninguém esteve aqui nos últimos dez anos! – disse Colin. – Não havia porta!

– Então esse ninguém sou eu – disse o velho bem, secamente. – E não entrei pela porta. Passei por cima do muro. Mas o reumatismo me impediu de voltar nos últimos dois anos.

– Você veio e podou um pouco! – exclamou Dickon. – Eu não conseguia imaginar como isso tinha sido feito.

– Ela gostava muito do jardim, ah, se gostava! – disse Ben Weatherstaff, bem devagar. – E era uma moça muito bonita. Uma vez, me disse “Ben”, e disse isso rindo, “se eu por acaso adoecer ou for embora, você tem que cuidar das minhas rosas”. Quando ela foi embora, as ordens eram para que ninguém mais entrasse aqui. Mas eu vim – disse, com uma obstinação zangada. – Eu passava por cima daquele muro ali, até o reumatismo não me permitir mais, e fazia algum trabalho, uma vez por ano. Ela havia dado sua ordem primeiro.

– O jardim não teria ficado tão bom quanto está se você não tivesse vindo – disse Dickon. – Bem que eu imaginei.

– Fico feliz por você ter feito isso, Weatherstaff – disse Colin. – Você saberá manter o segredo.

– Sim, vou mantê-lo, senhor – respondeu Ben. – E entrar pela porta será bem mais fácil para um homem com reumatismo, como eu.

Mary deixara cair sua colher de pedreiro na grama, perto da árvore. Colin esticou bem a mão e a pegou. Seu rosto ganhou uma expressão

estranha, e ele começou a raspar a terra. Sua mãozinha fina era muito fraca, mas, mesmo assim, sob os olhares dos outros – Mary quase prendia a respiração observando-o –, conseguiu enfiar a ponta da colher no solo e revirar um pouco a terra.

– Você consegue! Você consegue! – dizia Mary a si mesma. – Tenho certeza, você consegue!

Os olhos redondos de Dickon estavam cheios de uma curiosidade ávida, mas ele não disse uma palavra sequer. Ben Weatherstaff o olhava com interesse.

Colin foi perseverante. Depois de revirar umas quantas colheradas de terra, exultante, disse a Dickon, com o seu melhor sotaque de Yorkshire:

– Oê falou que ia me vê andando por aqui que nem qualquer outra pessoa, e falou também que ia me vê cavando. Achei que tava só querendo me agradá. Mas óia, é só o primeiro dia e eu já andei e eu tô aqui cavando a terra.

Ben Weatherstaff ficou boquiaberto ao ouvir isso e deu umas risadinhas.

– Olha só! – ele disse. – Você agora até soa como alguém que gosta de fazer graça. Sem dúvida, é um menino de Yorkshire. E está cavando, também. O que acha de plantar alguma coisa? Vou arrumar uma rosa num vaso para você.

– Vai buscar! – disse Colin, cavando na maior empolgação. – Rápido! Rápido!

E tudo foi feito com rapidez. Ben Weatherstaff saiu atrás do vaso e até se esqueceu do reumatismo. Dickon pegou sua pá e cavou o buraco para deixá-lo mais fundo e largo do que um cavador iniciante com mãozinhas brancas e finas seria capaz. Mary escapuliu correndo e voltou com um regador. Depois que Dickon aprofundou o buraco, Colin continuou revirando a terra macia. Uma hora, ergueu a cabeça e olhou para o céu, afogueado e radiante com aquele exercício todo, estranhamente novo para ele, por mais leve que fosse.

– Quero terminar isso antes que o sol se ponha, antes que vá embora de vez – disse.



Mary achou até que o sol estivesse se atrasando alguns minutos de propósito. Ben Weatherstaff levou da estufa um vaso com uma muda de rosa. Foi todo afobado pela grama, o mais rápido que pôde. Também começara a se animar com aquilo. Ajoelhou-se junto ao buraco e tirou a rosa do vaso junto com a terra.

– Está aqui, garoto – disse, passando a planta para Colin. – Ponha você mesmo na terra, como o rei faz quando vai visitar algum lugar novo.

As mãozinhas brancas e finas tremeram um pouco, e Colin enrubesceu ainda mais ao colocar a rosa na cova, segurando-a enquanto o velho Ben firmava a terra em volta dela. A cova foi preenchida de terra, bem pressionada para deixar a muda estável. Mary se inclinou para a frente, apoiada nas mãos e nos joelhos. Fuligem voou para perto e avançou para ver o que estavam fazendo. Noz e Casca faziam comentários a respeito daquilo do alto de uma cerejeira.

– Pronto, está plantada! – disse Colin, finalmente. – E o sol está apenas começando a se pôr no horizonte. Ajude-me a levantar, Dickon. Quero estar de pé quando o sol for embora. Faz parte da magia.

E Dickon o ajudou, e a magia – ou o que quer que fosse – deu a Colin tamanha força, que quando o sol terminou de se pôr e encerrou para eles aquela bela tarde, lá estava o menino, realmente de pé, e rindo.

## CAPÍTULO XXIII



O doutor Craven já estava esperando há algum tempo na casa quando eles voltaram. Na realidade, já havia se perguntado se não seria prudente mandar alguém dar uma olhada lá pelos caminhos dos jardins. Quando Colin foi levado de volta ao seu quarto, o homem olhou para ele, com ar sério.

– Você não deveria ter ficado tanto tempo fora – disse. – Não é bom se exigir demais.

– Não estou nem um pouco cansado – disse Colin. – A saída me fez bem. Amanhã, vou sair de manhã e depois à tarde, de novo.

– Não tenho muita certeza se vou permitir isso – respondeu o doutor Craven. – Receio que não seja muito sensato.

– Não seria sensato tentar me impedir – disse Colin, bem sério. – Eu vou de qualquer jeito.

Até Mary já havia percebido que uma das principais peculiaridades de Colin era que não tinha a menor noção do quanto era um pequeno tirano grosseiro, com aquele seu jeito de querer mandar em todo mundo. Ele

passara a vida em uma espécie de ilha deserta e, como havia sido o rei dali, criara seus próprios modos e nunca tivera outras pessoas com as quais pudesse se comparar. Mary também havia sido mais ou menos como ele, mas, desde que chegara a Misselthwaite descobrira aos poucos que suas maneiras não eram as mais usuais, nem as mais agradáveis. Por ter feito essa descoberta, naturalmente, achou que seria interessante comunicá-la a Colin. Então, sentou-se e ficou olhando-o, com curiosidade, por alguns minutos depois que o doutor Craven se retirou. Queria que perguntasse a ela a razão de estar observando-o daquele jeito, e ele, é claro, perguntou.

– Por que você me olha assim?

– Estou pensando que tenho muita pena do doutor Craven.

– Também tenho – disse Colin, calmo, mas não sem uma pontinha de satisfação. – Ele não vai mais ficar com Misselthwaite, de jeito nenhum, agora que eu não vou mais morrer.

– Sinto pena dele por causa disso, claro – disse Mary –, mas há pouco eu estava pensando que deve ter sido muito horrível para ele ter que tratar com educação, durante dez anos, um menino que sempre foi tão malcriado. Eu não teria sido capaz.

– Eu, malcriado? – Colin retrucou, imperturbável.

– Se você fosse filho dele e ele fosse do tipo que bate em crianças – disse Mary –, você já teria apanhado bastante.

– Mas ele não ousaria – disse Colin.

– Não, não ousaria – respondeu Mary, refletindo sobre isso sem qualquer julgamento. – Ninguém nunca se atreveu a fazer alguma coisa que você não gostasse; afinal, você estava condenado a morrer e tudo mais. Você era um coitadinho.

– Mas não vou mais ser o coitadinho – anunciou Colin, decidido. – Não vou mais deixar que as pessoas me vejam assim. Eu já fiquei em pé sozinho, esta tarde.

– O que fez você ficar esquisito foi ter feito sempre o que quis – Mary prosseguiu, como quem pensa em voz alta.

Colin virou a cabeça para olhá-la, de cenho franzido.

– Eu, esquisito? – perguntou.

– É, esquisito, sim – respondeu Mary –, muito esquisito. Mas não se zangue – ela acrescentou, com imparcialidade –, porque eu também sou, e com o Ben Weatherstaff é a mesma coisa. Mas não sou mais tão esquisita quanto era antes de começar a gostar de pessoas e antes de ter encontrado o jardim.

– Eu não quero ser esquisito – disse Colin. – E não vou ser – e disse, franzindo novamente o cenho com determinação.

Era um menino muito orgulhoso. Ficou um tempo ali, pensando, e então Mary viu um lindo sorriso começar a surgir em seus lábios e ir mudando aos poucos a expressão de seu rosto.

– Vou parar de ser esquisito – ele disse –, se for todo dia ao jardim. Tem uma magia ali, uma magia boa, você entende, Mary. Tenho certeza.

– Também estou certa disso – concordou Mary.

– Mesmo que não seja magia de verdade – disse Colin –, a gente pode fingir que é. Mas *alguma coisa* tem ali... *alguma coisa*!

– É magia – disse Mary –, só que não é magia ruim. É magia das boas.

Eles sempre chamavam aquilo de magia, e de fato pareceu mesmo magia nos meses que se seguiram: meses maravilhosos, radiantes, meses impressionantes. Ah! As coisas que aconteceram naquele jardim! Se você nunca teve um jardim, não poderá entender, e, se já teve, concordará que seria preciso um livro inteiro para descrever tudo o que aconteceu nele. No início, parecia que os pontinhos verdes nunca iriam parar de abrir caminho pela terra, pela grama, pelos canteiros, até mesmo pelas fendas dos muros. Depois, a vegetação começou a dar brotos, e os brotos começaram a desabrochar e mostrar cores: todos os tons de azul, todos os tons de roxo, cada nuance e tom de carmim. Naqueles dias felizes, nasceram flores em cada centímetro e em cada buraco e por todos os cantos. Ben Weatherstaff tinha aprendido a fazer isso ele mesmo: raspar a argamassa dos tijolos dos muros e enfiar terra ali, para que crescessem coisas lindas, que, em seguida, trepariam pelos muros. Íris e lírios brancos se estendiam aos montinhos pela grama, e os nichos de vegetação ficaram preenchidos com incríveis exércitos verdes, com lanças de flores azuis e brancas nos longos delfínios ou nas colombinas e campânulas.

– Ela gostava especialmente dessas aqui, ah, como gostava! – disse Ben Weatherstaff. – Gostava das flores que sempre apontam para o céu azul, como costumava dizer. Não que desprezasse a terra, de jeito nenhum. Amava a terra, mas dizia que o céu azul sempre parecia mais feliz.

As sementes que Dickon e Mary haviam plantado cresceram como se tivessem sido cuidadas por fadas. Grupos de papoulas acetinadas de todos os tons dançavam na brisa, desafiando alegremente outras flores que viviam no jardim há anos e que, cabe confessar, pareciam se perguntar como aquelas flores novas haviam chegado ali. E as rosas, ah, as rosas! Erguendo-se da grama, emaranhadas em volta do relógio de sol, entrelaçando-se pelos troncos das árvores e pendendo de seus galhos, trepando pelos muros e espalhando-se por eles em longas grinaldas que caíam em cascatas... e ganhavam vida a cada dia, a cada hora. Flores novas e brotos e mais brotos... pequenos, de início, mas crescendo e operando sua magia até explodir e desabrochar em copos de perfume, transbordando delicadamente e preenchendo todo o ar do jardim.

Colin viu isso tudo; observava cada mudança na hora em que ocorria. Era levado toda manhã e, se não chovesse, passava todas as horas do dia no jardim. Gostava de ficar ali até nos dias cinzentos. Deitava na grama e ficava “vendo as coisas crescerem”, nas palavras dele. Se reparasse por tempo suficiente, dizia, podia até ver os brotos desembainhando-se. E se familiarizou também com os estranhos e agitados insetos que corriam por ali, cumprindo várias tarefas desconhecidas, mas evidentemente importantes, às vezes, carregando minúsculos fragmentos de palha ou de penas ou de comida, ou escalando lâminas da relva como se fossem árvores, de cujas copas pudessem apreciar e explorar aquele país. Uma vez, o menino passou a manhã inteira concentrado, observando uma toupeira que jogava terra para fora da toca e, finalmente, saiu dela com suas patas de longas unhas, que pareciam as mãos de um elfo. As atividades das formigas e dos besouros, das abelhas, dos sapos, dos pássaros e das plantas eram um mundo novo a ser explorado, e quando Dickon revelou tudo isso e acrescentou os modos das raposas, das lontras e dos furões, dos esquilos e

trutas e ratazanas d'água e texugos, não acabavam mais as coisas que tinham para conversar e pensar a respeito.

E isso não era nem metade da magia. O fato de Colin ter conseguido ficar de pé o fez pensar muito, e quando Mary lhe contou do encantamento que ela havia feito para ajudá-lo, ele ficou entusiasmado e aprovou totalmente. Falava nisso a todo momento.

– Claro que existe muita magia no mundo – ele disse um dia, em um tom de sabichão –, mas as pessoas não sabem como ela é ou como podem produzi-la. Talvez, no início, seja suficiente dizer que vão acontecer coisas boas, até conseguir fazê-las acontecer de fato. Quero tentar uma experiência.

Na manhã seguinte, quando foram ao jardim secreto, ele mandou imediatamente chamar Ben Weatherstaff. Ben chegou o mais rápido que pôde e encontrou o rajá em pé debaixo de uma árvore, parecendo muito imponente, mas com um lindo sorriso.

– Bom dia, Ben Weatherstaff. Quero que você e o Dickon e a Mary fiquem enfileirados e me ouçam, porque vou lhes dizer algo muito importante.

– Sim senhor, sim senhor! – respondeu Ben Weatherstaff, fazendo continência (uma das coisas encantadoras sobre Ben Weatherstaff, que ele escondia há muito tempo, era ter feito várias viagens marítimas na juventude. Portanto, sabia responder como um marinheiro).

– Vou tentar fazer um experimento científico – explicou o rajá. – Quando crescer, quero fazer grandes descobertas científicas e vou começar agora com esse experimento.

– Sim senhor, sim senhor! – disse Ben Weatherstaff, prontamente, embora fosse a primeira vez que ouvia falar em grandes descobertas científicas.

E foi também a primeira vez que Mary ouviu falar disso, mas, mesmo naquele ponto, ela já começara a perceber que, por mais esquisito que fosse, Colin havia lido muito a respeito de uma série de coisas singulares e que, de algum modo, era um tipo de garoto muito convincente. Quando erguia a cabeça e fixava seus estranhos olhos em alguém, fazia qualquer pessoa

acreditar nele, quase que contra a própria vontade, embora tivesse apenas 10 anos de idade, quase 11. Naquele momento, estava sendo especialmente convincente porque sentira, de repente, o fascínio de fazer uma espécie de discurso, como se fosse um adulto.

– As grandes descobertas científicas que irei fazer – prosseguiu ele – serão a respeito de magia. A magia é uma coisa muito importante, e pouca gente conhece algo sobre ela, exceto algumas pessoas em livros antigos; e Mary também sabe um pouco, porque nasceu na Índia, onde vivem muitos faquires. Eu acredito que Dickon domine um pouco de magia, mas talvez ele nem suspeite disso. Ele encanta animais e pessoas. Eu nunca teria permitido que ele fosse me ver se não fosse um encantador de animais, que também é um encantador de meninos, porque um menino é um também animal. Tenho certeza de que existe magia em tudo, mas não temos consciência suficiente para dominá-la e levá-la a fazer coisas para nós, como acontece com a eletricidade, os cavalos e o vapor.

Isso soou tão esplêndido, que Ben Weatherstaff ficou muito alvoroçado e não conseguiu mais parar quieto.

– Sim senhor, sim senhor – dizia ele, se apurando mais ainda.

– Quando Mary descobriu este jardim, ele parecia bem morto – o orador prosseguiu. – Então, algo começou a empurrar coisas para fora do solo e a criar coisas a partir do nada. Um dia, elas não estavam ali, e no outro dia, apareciam. Eu nunca observara as coisas antes, e isso me deixou muito curioso. As pessoas científicas são sempre curiosas, e eu serei uma pessoa científica. Sempre me pergunto: “O que é isto? O que é aquilo?”. Alguma coisa tem que ser. Não pode ser nada! Não sei que nome dar a ela, por isso é que eu a chamo de magia. Nunca vi o nascer do sol, mas Mary e Dickon já viram, e, pelo que me contaram, tenho certeza de que se trata de magia também. Algo leva o sol para cima e o movimenta. Algumas vezes, desde que eu vim para o jardim, tenho olhado para o céu através das árvores e tido uma estranha sensação de felicidade, como se houvesse alguma força no meu peito, empurrando e puxando, que me fizesse respirar mais rápido. A magia sempre empurra e puxa e cria coisas a partir do nada. Tudo é feito de magia: as folhas e as árvores, as flores e os pássaros, texugos e raposas,

esquilos e pessoas. Portanto, ela deve estar ao nosso redor. Neste jardim, em todos os lugares. A magia deste jardim me fez ficar em pé e me fez saber que vou viver e virar adulto. Vou fazer o experimento científico de tentar pegar um pouco dessa magia e colocá-la em mim, para que me empurre e puxe e me faça ficar forte. Não sei como vou fazer isso, mas acho que, se uma pessoa pensa constantemente nela e a invoca, talvez a magia venha. Talvez seja essa a maneira mais básica de obtê-la. Quando tentei ficar de pé pela primeira vez, Mary ficava repetindo, baixinho, o mais rápido possível “Você consegue! Você consegue!”, e eu consegui. Claro que eu mesmo também tive que me esforçar, mas a magia dela me ajudou, e a do Dickon, também. Toda manhã e toda noite, e o maior número de vezes durante o dia em que eu conseguir lembrar, eu vou dizer: “A magia está em mim! A magia está me fazendo sarar! Eu vou ficar tão forte quanto o Dickon, tão forte quanto o Dickon!”. E vocês também vão ter que fazer isso. Este é o meu experimento. Você irá me ajudar, Ben Weatherstaff?

– Sim senhor, sim senhor! – disse Ben Weatherstaff. – Sim senhor!

– Se fizermos isso todo dia, regularmente, como os soldados fazem seus exercícios de rotina, veremos o que acontece e descobriremos se o experimento teve sucesso. Costumamos aprender as coisas repetindo-as muitas vezes e pensando nelas até que se fixem na nossa mente, e acho que com a magia é a mesma coisa. Se você sempre a chama para que vá até você e o ajude, ela passa a fazer parte de você, e então se instala e faz coisas.

– Uma vez ouvi um oficial na Índia contar à minha mãe que existiam faquires que repetiam certas palavras milhares de vezes – disse Mary.

– Eu ouvi a mulher do Jem Fettleworth dizer a mesma coisa milhares de vezes, chamando o Jem de bêbado estúpido – disse Ben Weatherstaff, sério.

– Alguma coisa sempre vem disso, com certeza. Ele lhe deu uma boa surra e depois foi até o Blue Lion, e voltou bêbado como um gambá.

Colin juntou as sobrancelhas e pensou por alguns instantes. Então, se alegrou.

– Bem – ele disse –, você viu que alguma coisa resultou disso, sem dúvida. Ela usou a magia errada, até que essa magia o fez ter aquela atitude.



Se ela tivesse usado a magia certa e dito algo de bom, talvez ele não ficasse bêbado como um gambá e quem sabe... quem sabe teria comprado uma boina nova para ela.

Ben Weatherstaff deu risadas, e uma admiração perspicaz brilhava em seus olhos.

– Você é um menino muito esperto, além, é claro, de ter as pernas bem retinhas, senhor Colin – disse. – Da próxima vez que eu encontrar a Bess Fettleworth, vou lhe falar sobre o que a magia é capaz de fazer por ela. Ela vai se surpreender e vai achar muito bom se o experimento científico funcionar. E o Jem também.

Dickon estivera esse tempo todo quieto, ouvindo a palestra, os olhos redondos brilhando com uma satisfação particular. Noz e Casca estavam em seus ombros, e ele segurava no braço um coelho branco de longas orelhas, dando-lhe tapinhas suaves, e o coelho colocava as orelhinhas para trás e curti o carinho.

– Acha que o experimento vai funcionar? – Colin perguntou a ele, tentando adivinhar no que pensava. Costumava ficar curioso a respeito do que Dickon poderia estar pensando quando olhava para ele ou para alguma de suas “criaturas” com seu sorriso pleno e feliz.

Dickon agora sorria, e seu sorriso era mais pleno ainda do que o habitual.

– Sim – ele respondeu –, acho que vai funcionar. Do mesmo jeito que funcionou com as sementes quando o sol bateu nelas. Vai dar certo, com certeza. Vamos começar já?

Colin estava muito animado, e Mary também. Incentivado pela lembrança dos faquires e devotos das ilustrações que costumava ver, Colin sugeriu que todos se sentassem de pernas cruzadas à sombra, debaixo da árvore.

– É como ficar sentado numa espécie de templo – disse Colin. – Estou bem cansado e quero me sentar um pouco.

– Epa! – disse Dickon. – Você não deve começar dizendo que está cansado. Isso pode estragar a magia.

Colin se virou e encarou aqueles inocentes olhos redondos.

– É verdade – disse, devagar. – Tenho que pensar apenas na magia.

Tudo pareceu mais solene e misterioso quando se sentaram em círculo. Ben Weatherstaff teve a sensação de ter sido levado a algum grupo de oração. Em geral, agarrava-se bastante ao fato de se considerar “contrário a grupos de oração”, mas, como se tratava de um assunto do rajá, não se incomodou e até se sentiu um pouco grato por ter sido convidado a participar. Mary foi tomada por um êxtase majestoso. Dickon segurava seu coelho nos braços, e talvez tenha feito algum sinal, como encantador que era, sem que ninguém percebesse, porque, ao sentar de pernas cruzadas como os demais, o corvo, a raposa, os esquilos e o cordeiro foram se aproximando para entrar no círculo, e cada um se acomodou do jeito que pôde, como se por vontade própria.

– As “criaturas” vieram – disse Colin, com ar grave. – Elas querem nos ajudar.

Colin, na realidade, estava muito bonito, pensou Mary. Mantinha a cabeça bem erguida, sentindo-se como uma espécie de sacerdote, e seus olhos estranhos transmitiam um fulgor maravilhoso. A luz brilhava sobre através da copa da árvore.

– Vamos começar – anunciou. – Será que devemos ficar balançando para a frente e para trás, Mary, como se fôssemos monges?

– Não posso ficar balançando pra frente e pra trás – disse Ben Weatherstaff. – Tenho reumatismo.

– A magia irá levar embora seu reumatismo – disse Colin, em um tom de sumo sacerdote –, mas mesmo assim vamos balançar só quando você estiver curado. Por enquanto, vamos apenas cantar.

– Eu canto muito mal – disse Ben Weatherstaff, um pouco arredio. – Da única vez que tentei cantar no coro da igreja, eles me expulsaram.

Ninguém riu. Estavam levando aquilo muito a sério. O rosto de Colin não se alterou nem um pouco. Ele pensava apenas na magia.

– Então eu vou cantar – disse Colin. E começou, e parecia um estranho espírito-menino. – O sol está brilhando... O sol está brilhando. É a magia. As flores crescem... as raízes se espalham. É a magia. Estar vivo é magia... ser forte é magia. A magia está em mim... está em mim... está em mim. Está

em cada um de nós. Está nas costas de Ben Weatherstaff. Magia! Magia! Venha me ajudar!

Ele repetiu isso muitas vezes – não foram umas mil, mas um número bastante alto. Mary ouvia enlevada. Sentia que aquilo era, ao mesmo tempo, estranho e muito bonito, e queria que o menino continuasse. Ben Weatherstaff começou a se sentir aliviado, como em uma espécie de sonho muito agradável. O zumbido das abelhas nas flores se juntava ao canto de Colin e ia criando uma sonolência. Dickon estava de pernas cruzadas, com o coelho dormindo em seu colo e uma mão pousada nas costas do cordeiro. Fuligem havia afastado um dos esquilos com um empurrão e se acomodara perto de Dickon, em seu ombro. A membrana cinza ia cobrindo seus olhos. Finalmente, Colin parou.

– Agora vou dar uma volta pelo jardim – anunciou.

A cabeça de Ben Weatherstaff havia caído para a frente, e ele a levantou com um safanão.

– Você adormeceu – disse Colin.

– Nada disso – resmungou Ben. – Seu sermão foi muito bom... Mas eu vou precisar sair antes da coleta do dízimo.

Ele ainda não havia acordado totalmente.

– Você não está na igreja – disse Colin.

– Não estou, não – disse Ben, endireitando o corpo. – Quem falou que eu estava? Eu ouvi cada palavra do que você disse. Você falou que a magia estava nas minhas costas. O médico chama isso de reumatismo.

O rajá descartou a fala dele com um gesto de mão.

– Essa é a magia equivocada – ele disse. – Você vai melhorar. Você tem minha permissão para voltar ao seu trabalho. Mas esteja aqui amanhã.

– Gostaria de vê-lo andar pelo jardim – resmungou Ben.

Não foi um resmungo hostil, mas foi um resmungo. Na realidade, sendo um velho teimoso como era, e não tendo fé total na magia, ele já decidira que, se tivesse mesmo que ir embora, então subiria na sua escada e daria uma olhada por cima do muro; assim, se Colin tropeçasse, estaria pronto para voltar, mesmo que capengando, para ajudá-lo.

O rajá não fez objeção a ele ficar, e então a procissão se formou. E parecia de fato uma procissão. Colin ia à frente com Dickon de um lado e Mary do outro. Ben Weatherstaff ia atrás, e as “criaturas” seguiam todas atrás deles, o cordeiro e a raposa bem perto de Dickon, o coelho branco saltando por ali ou parando para morder alguma relva, e Fuligem acompanhando com a solenidade de uma pessoa que se sente responsável por tudo aquilo.

Era uma procissão que se movia muito lentamente, mas com dignidade. A cada poucos metros, paravam para descansar. Colin se apoiava no braço de Dickon, e Ben Weatherstaff se mantinha discretamente atento, mas de vez em quando Colin tirava a mão de seu apoio e dava alguns passos sozinho. Mantinha a cabeça bem erguida o tempo todo, com um ar imponente.

– A magia está em mim! – repetia. – A magia está me deixando forte! Sinto isso! Consigo sentir!

Parecia que algo estava realmente apoiando e levantando Colin. Ele se sentou nos bancos dos nichos, algumas duas vezes se sentou na grama e também parou várias vezes no caminho para se apoiar em Dickon, mas não desistiria antes de dar a volta completa no jardim. Quando voltou à árvore sombreada, suas bochechas estavam vermelhas, e ele tinha um ar triunfante.

– Eu consegui! A magia funcionou! – ele gritou. – Essa é minha primeira descoberta científica.

– O que será que o doutor Craven vai dizer? – interveio Mary.

– Ele não vai dizer nada – Colin respondeu –, porque não vai ficar sabendo. Esse tem que ser o maior segredo de todos. Ninguém pode ficar sabendo de nada a respeito disso até eu ficar tão forte que seja capaz de andar e correr como qualquer outro garoto. Virei aqui todo dia na cadeira e devo ser levado de volta nela. Não quero que as pessoas fiquem cochichando e fazendo perguntas, e não vou deixar meu pai saber disso até que o experimento tenha alcançado sucesso total. Então, em alguma hora, quando ele voltar a Misselthwaite, vou simplesmente entrar no escritório dele e dizer: “Aqui estou; sou igual a qualquer outro menino. Estou muito

bem e vou viver até virar um homem adulto. Isso é resultado de um experimento científico”.

– Ele vai achar que está sonhando! – exclamou Mary. – Não vai acreditar nos próprios olhos.

Colin corou, sentindo-se vitorioso. Convencera-se de que iria melhorar, e isso, na realidade, já significava vencer mais da metade da batalha, se ele tivesse consciência disso. E o pensamento que o estimulava mais do que qualquer outro era imaginar a cara de seu pai quando visse que tinha um filho tão ereto e forte quanto os filhos dos demais pais. Uma das maiores infelicidades daqueles dias passados de doença e morbidez havia sido seu ódio por ser um menino doente, de costas frágeis, cujo pai tinha receio de olhá-lo.

– Ele será obrigado a acreditar em seus olhos – disse Colin. – Uma das coisas que vou fazer, depois que a magia funcionar e antes de começar minhas descobertas científicas, é me transformar em atleta.

– Daqui a uma semana, mais ou menos, vamos ver você lutando boxe – disse Ben Weatherstaff. – E logo você irá ganhar um cinturão e virar campeão de toda a Inglaterra.

Colin olhou para ele, muito sério.

– Weatherstaff – disse –, isso é desrespeitoso. Você não deve tomar liberdades só porque faz parte do segredo. Por mais que a magia funcione, não quero virar um campeão de boxe. Quero ser um descobridor científico.

– Peço perdão, senhor, peço perdão – respondeu Ben, fazendo uma continência. – Devia ter visto que não era para fazer esse tipo de brincadeira – mas seus olhos brilhavam, e ele, secretamente, estava imensamente satisfeito. Não se importou em ser repreendido, pois a repreensão significava que o garoto estava ganhando força e energia.

## CAPÍTULO XXIV



O jardim secreto não era o único jardim onde Dickon trabalhava. Atrás da casa dele, na charneca, havia um terreno cercado por um muro baixo de pedras rústicas. De manhã cedo e bem no final da tarde, e em todos os dias em que Colin e Mary não o viam, Dickon trabalhava ali, plantando e cuidando de batatas e repolhos, nabos e cenouras e ervas para a mãe. Acompanhado por suas “criaturas”, fazia maravilhas naquele jardim, e parecia nunca se cansar de fazê-las. Enquanto cavava ou retirava ervas daninhas, ficava assobiando ou cantando trechos de canções da charneca de Yorkshire ou conversando com Fuligem ou com Capitão ou com os irmãos e irmãs, aos quais ensinara a ajudá-lo.

– A gente nunca viveria tão bem quanto vive – dizia a senhora Sowerby –, se não fosse o jardim de Dickon. Tudo o que ele planta cresce. As batatas e repolhos dele crescem o dobro do tamanho dos outros, e têm mais sabor.

Quando ela encontrava um tempinho de folga, gostava de sair da casa e ir lá conversar com ele. Após o jantar, ainda havia bastante claridade para trabalhar, e essa era a sua hora de tranquilidade. Ela podia então se sentar no muro baixo e ficar olhando e ouvindo as histórias do dia. Adorava essa

hora. Não havia apenas legumes naquele jardim: Dickon comprava, de vez em quando, envelopes de sementes de flores e cultivava coisas coloridas e perfumadas entre os arbustos de groselha, e até entre os repolhos, e também bordas de rosedás e cravos e amores-perfeitos e coisas cujas sementes ele podia guardar de um ano para o outro ou cujas raízes floresciam a cada primavera e espalhavam-se na época certa, formando graciosas moitas. Aquele muro baixo era uma das coisas mais lindas de Yorkshire, porque abrigava verônicas e samambaias da charneca e aubriécias e flores de sebes dentro de cada fenda, a ponto de as pedras do muro só serem visíveis de relance.

– Sabe, mãe, tudo o que o sujeito tem que fazer para que elas prosperem é ficar amigo delas de verdade. Elas são como as criaturas. Se têm sede, você dá água, se têm fome, você dá um pouco de comida. Querem viver do mesmo jeito que nós. Se por acaso morressem, eu iria me achar um mau sujeito, alguém que teria lidado com elas sem a menor compaixão.

Era naquelas horas do fim da tarde que a senhora Sowerby ficava sabendo de tudo o que acontecia na Mansão Misselthwaite. No início, soubera apenas que o “senhorzinho Colin” passara a ir ao jardim com a senhorita Mary e que isso vinha lhe fazendo muito bem. Mas não demorou para que as duas crianças concordassem que a mãe de Dickon poderia também “participar do segredo”. Ninguém duvidava de que ela fosse “boa guardadora de segredos”.

Então, em uma bela e silenciosa noite, Dickon contou a ela a história inteira, com todos os detalhes emocionantes da chave enterrada e do pintarroxo e do véu cinza que parecia a própria morte e do segredo que a senhorita Mary tinha a intenção de nunca revelar. A chegada de Dickon e como aquilo havia sido contado a ele, a dúvida do senhorzinho Colin e o drama final de sua apresentação ao jardim escondido, combinado com o incidente do rosto raivoso de Ben Weatherstaff espiando por cima do muro e da repentina força indignada do senhorzinho Colin – tudo isso fez o bonito rosto da senhora Sowerby mudar várias vezes de cor.

– Meu Deus! – ela disse. – Foi uma boa coisa essa garotinha ter ido para a Mansão. Ela entrou nos eixos e foi a salvação dele. Ficou de pé sozinho,

então! E todos achando que o menino era um pobre dum retardado e que não tinha um osso no corpo que não fosse torto.

Ela fez muitas outras perguntas, e seus olhos azuis mostravam que fazia uma profunda reflexão.

– E o que eles estão achando disso tudo lá na Mansão? De o garoto ter melhorado tanto e não se queixar de mais nada? – ela quis saber.

– Eles não sabem muito bem o que achar – respondeu Dickon. – A cada dia que passa, o rosto do menino parece diferente. Ele está engordando e não parece mais tão irritado, e aquela cor de cera dele está sumindo. Mas ainda fica reclamando um pouco – disse, com um sorriso meio irônico.

– Mas, misericórdia, vai reclamar do quê? – perguntou a senhora Sowerby.

Dickon deu uma risada.

– Ele faz isso para evitar que suspeitem do que está acontecendo. Se o doutor souber que o menino descobriu que é capaz de ficar de pé sozinho, é provável que escreva ao senhor Craven para lhe contar. Mas o senhor Colin decidiu guardar segredo para poder contar ao pai ele mesmo. Vai praticar sua magia nas pernas todo dia até o pai voltar, e então entrar no escritório dele e lhe mostrar que é tão ereto quanto os demais garotos. Mas ele e a senhorita Mary acham que a melhor estratégia é continuar reclamando um pouco e fazendo alguma cena de vez em quando para despistar.

A senhora Sowerby já ria baixinho, uma risada bem gostosa, muito antes de ele terminar a última frase.

– Que coisa, hein! – ela disse – Essa duplinha está se divertindo à beça, aposto. Estão aproveitando para brincar um pouco de faz de conta, e não há nada que uma criança goste mais de fazer. Me conte um pouco o que eles fazem, Dickon.

Dickon parou de arrancar mato e se sentou sobre os calcanhares para contar. Seus olhos brilhavam com aquela diversão.

– O senhor Colin é levado para o andar de baixo, até sua cadeira de rodas, toda vez que vai sair – explicou ele. – E, então, dá uma bronca danada no John, o lacaio; diz que ele não o carrega direito, com o cuidado que deveria. Faz questão de parecer o mais desamparado possível, e só



ergue a cabeça quando já estamos fora da vista de todos da casa. E resmunga e se agita bastante quando está sendo acomodado na cadeira de rodas. Ele e a senhorita Mary curtem muito isso, e quando ele geme e reclama, ela diz “Coitado do Colin! Está sentindo muita dor? Está muito fraquinho não é, meu pobre Colin?”, mas o problema é que às vezes mal conseguem evitar de cair na risada. Quando a gente chega a um lugar seguro no jardim, então os dois riem até perder o fôlego. E têm que enfiar a cara nas almofadas do senhor Colin para que os jardineiros não ouçam, caso algum deles ainda esteja por ali.

– Quanto mais eles rirem, melhor para eles! – disse a senhora Sowerby, rindo também. – É melhor crianças com boa saúde dando risadas do que crianças tomando comprimidos todo dia o ano inteiro. Esses dois com certeza vão engordar.

– Sim, estão engordando – disse Dickon. – Eles têm tamanha fome que não sabem como fazer para arrumar comida sem que as pessoas comentem. O senhorzinho Colin diz que, se ficar pedindo comida toda hora, não vão mais acreditar que é enfermo. A senhorita Mary quer deixar que ele coma a parte dela, mas ele diz que se ela passar fome vai emagrecer, e que os dois precisam engordar juntos.

A senhora Sowerby riu com tanto gosto da situação que ficou balançando para a frente e para trás, vestida com seu casaco azul, e Dickon riu junto com ela.

– Vou lhe dizer uma coisa, meu garoto – disse a senhora Sowerby, quando foi novamente capaz de falar. – Pensei aqui num jeito de ajudá-los. Quando você for encontrá-los, de manhã, leve um balde de leite recém-ordenhado, e eu preparo para eles uma fileira de pães bem-assados ou alguns pãezinhos com groselha, iguais àqueles que vocês gostam. Não tem nada melhor do que leite e pães frescos. Os dois vão poder matar a fome enquanto estiverem no jardim, e o resto fica por conta da boa comida que têm em casa.

– Ah, mãe – disse Dickon, com admiração –, como você é maravilhosa! Sempre arruma uma solução para as coisas. Os dois estavam muito

preocupados ontem. Não sabiam como se virar a não ser pedindo mais comida, e sentiam o maior vazio no estômago.

– São dois jovens crescendo rápido, e ambos estão recuperando a saúde. Crianças assim são como filhotes de lobo, e o que vira carne e sangue neles é a comida – disse a senhora Sowerby. Então, ela deu aquele mesmo sorriso largo de Dickon. – Ah! Mas eles estão, com certeza, se divertindo um bocado – acrescentou.

Ela estava absolutamente certa, aquela mãe adorável e maravilhosa, especialmente ao dizer que o “faz de conta” dos dois era sua maior alegria. Colin e Mary achavam aquilo uma das suas fontes de diversão mais emocionantes. A ideia de não levantar suspeitas havia sido sugerida a eles, sem querer, primeiro pela perplexa enfermeira, e, depois, pelo próprio doutor Craven.

– Seu apetite está melhorando muito, senhor Colin – disse a enfermeira, um dia. – Antes, não costumava comer quase nada, e havia muitas coisas que o senhor recusava.

– Agora não recuso mais nada – retrucou Colin, e então, ao ver a enfermeira olhando-o com curiosidade, lembrou-se, de repente, de que talvez não devesse parecer que estava tão bem. – Pelo menos, não recuso tantas coisas como antes. Deve ser o ar fresco.

– Sim, talvez – disse a enfermeira, ainda olhando-o meio intrigada. – Mas vou comentar isso com o doutor Craven.

– Você viu como ela ficou olhando pra você?! – disse Mary, assim que a enfermeira foi embora. – Como se achasse que havia alguma coisa que tivesse que descobrir.

– Não vou deixar que descubra nada – disse Colin. – Ninguém deve descobrir coisa nenhuma, por enquanto.

Quando o doutor Craven chegou, naquela manhã, também pareceu intrigado. Fez várias perguntas a Colin, que se sentiu muito incomodado com isso.

– Você fica lá fora no jardim uma porção de tempo – ele começou. – Aonde vai, exatamente?

Colin assumiu seu ar favorito de majestosa indiferença em relação à opinião dos outros.

– Não vou deixar ninguém saber aonde vou – respondeu. – Vou a um lugar aonde gosto de ir. Todos têm ordens para ficar afastados. Ninguém pode me vigiar ou ficar olhando para mim. Você sabe disso!

– Ao que parece, você passa o dia inteiro fora, mas não acho que lhe faça mal, não mesmo. A enfermeira diz que você está comendo muito mais do que já comeu na vida.

– Talvez – disse Colin, tomado por uma inspiração repentina –, talvez seja um apetite não muito natural.

– Não penso assim, já que a comida parece estar lhe fazendo bem – disse o doutor Craven. – Você está ganhando massa rapidamente, e sua cor está melhor.

– Talvez... Mas pode ser que eu esteja inchado e febril – disse Colin, assumindo um ar desanimado, triste. – Pessoas que não vão viver muito costumam ser... diferentes.

O doutor Craven balançou a cabeça. Ele segurava a pulso de Colin e arregaçou a manga da camisa dele para sentir seu pulso.

– Você não está com febre – disse, pensativo –, e a massa que seu corpo vem ganhando é saudável. Se continuar mantendo isso, meu garoto, não precisaremos mais falar de morte. Seu pai vai ficar feliz quando souber dessa sua notável melhora.

– Não quero que ele fique sabendo! – Colin reagiu, furioso. – Só serviria para deixá-lo desapontado se eu piorasse de novo, e talvez eu fique pior ainda esta noite. Posso ter uma febre alta. Sinto até que estou começando a ter algo assim. Não quero que ninguém escreva cartas a meu pai; não quero, não quero! Vocês estão me deixando com raiva e sabem que isso me faz muito mal. Já estou me sentindo mais quente. Odeio que escrevam falando a meu respeito e odeio que falem de mim, assim como odeio que fiquem me olhando!

– Calma, meu garoto! – disse o doutor Craven. – Ninguém escreverá nada sem a sua permissão. Você é muito sensível a tudo. Não ponha a perder o tanto que já melhorou.

O doutor não disse mais nada a respeito de escrever ao senhor Craven, e, quando ficou a sós com a enfermeira, advertiu-a de que essa possibilidade não deveria ser mencionada ao paciente.

– O menino teve uma melhora extraordinária – disse. – Sua recuperação parece quase anormal. Mas é claro que agora está fazendo por vontade própria o que não podíamos obrigá-lo a fazer antes. Mesmo assim, excita-se com muita facilidade, e é melhor não dizer nada que possa irritá-lo.

Mary e Colin estavam muito alarmados e conversavam, muito ansiosos. Foi a partir daí que começou o plano de “fazer de conta”.

– Talvez eu seja obrigado a ter um chique – disse Colin, contrariado. – Eu não quero ter mais nenhum chique e não me sinto infeliz o suficiente, agora, para um daqueles grandes. Talvez nem conseguisse. Não sinto mais aquele nó na garganta, e fico o tempo todo pensando em coisas boas, e não mais naquelas coisas horríveis. Mas, se continuarem falando em escrever ao meu pai, vou ter que tomar alguma providência.

Ele decidira comer menos, mas, infelizmente, não era possível pôr em prática essa ideia brilhante acordando toda manhã com um apetite incrível e encontrando a mesa arrumada com um café da manhã de pão feito em casa e manteiga fresca, ovos brancos como a neve, geleia de framboesa e creme de leite. Mary sempre tomava o café da manhã com ele, e, quando se viam à mesa, particularmente quando havia finas fatias de bacon exalando aqueles aromas tentadores por baixo de uma tampa de prata aquecida, eles olhavam um para o outro em desespero.

– Acho que vamos ter que comer tudo isso esta manhã, Mary – Colin acabava sempre dizendo. – Depois, podemos mandar de volta um pouco do almoço e boa parte do jantar.

Só que nunca achavam possível deixar comida nos pratos, que voltavam vazios e raspados para a copa, despertando muitos comentários.

– O que eu realmente queria... – Colin acrescentava – ...o que eu realmente queria era que as fatias de bacon fossem mais grossas, e acho que um pãozinho só para cada um não é suficiente para ninguém.

– Pode ser suficiente para uma pessoa que vai morrer – respondeu Mary da primeira vez que ouviu isso –, mas não é para uma pessoa que pretende

viver. Eu às vezes sinto que seria capaz de comer uns três, pelo menos, quando esses aromas frescos de urze e tojo entram pela janela aberta.

Na manhã em que Dickon, depois de terem se divertido no jardim por umas duas horas, foi atrás de uma grande roseira e voltou com dois baldes de metal – um deles cheio de saboroso leite fresco com nata no topo, o outro, com bolinhos caseiros de groselha dentro de um guardanapo azul e branco limpinho, com os bolinhos acomodados com tanto cuidado que ainda conservavam o calor –, Mary e Colin exultaram de alegria com a surpresa. Que coisa maravilhosa a senhora Sowerby ter pensando nisso! Que mulher mais bondosa e inteligente ela devia ser! Que deliciosos eram aqueles bolinhos! E que sabor tinha aquele leite fresco!

– A magia está nela assim como está em Dickon – disse Colin. – E a magia a faz pensar em maneiras de fazer das coisas, boas coisas. Ela é uma pessoa mágica. Diga a ela que nós somos muito gratos, Dickon, extremamente gratos.

Ele costumava, às vezes, pronunciar frases de adulto. Gostava disso. Gostava tanto que se esmerava bastante ao usá-las.

– Diga a ela que apreciamos muito sua prodigalidade e que nossa gratidão é extrema.

Em seguida, deixando de lado aquela pompa toda, avançou na comida e se empanturrou de bolinhos e tomou grandes goles leite, direto do balde mesmo, do jeito que faria qualquer garoto faminto que tivesse se exercitado muito e respirado o ar da charneca, e cujo café da manhã já tivesse sido tomado há mais de duas horas.

Esse foi o primeiro de vários incidentes agradáveis do tipo. Mas acabaram se lembrando de que a senhora Sowerby tinha catorze bocas para alimentar, e que talvez não contasse com recursos suficientes para satisfazer todo dia aqueles dois apetites adicionais. Então, pediram que os deixassem enviar alguns de seus xelins para que ela pudesse comprar mais mantimentos.

Dickon fez a estimulante descoberta de que nos bosques do parque, fora do jardim em que Mary o havia visto tocar flauta para as criaturas silvestres, havia um pequeno vão, fundo o suficiente para construir ali uma

espécie de forminho de pedra, para assar batatas e ovos. Ovos assados eram um luxo que Colin e Mary desconheciam até então; e batatas quentes com sal e manteiga fresca por cima eram uma comida dos deuses, além de deliciosas. E era possível comprar batatas e ovos e comer o quanto quisessem, e não iriam mais sentir que tiravam comida da boca de catorze pessoas.

Toda bela manhã, a magia era praticada pelo círculo místico, debaixo da ameixeira que provia sombra com sua densa folhagem verde, após o término de seu breve tempo de floração. Concluída a cerimônia, Colin sempre fazia sua caminhada, e, ao longo do dia, exercitava, de tempos em tempos, seu recém-adquirido poder. Estava cada dia mais forte e podia andar com maior firmeza e percorrer distâncias maiores. E a cada dia, sua crença na magia era mais forte, como deveria ser. Ele tentava um experimento atrás do outro e se sentia ganhando força, e foi Dickon quem lhe mostrou a melhor de todas as coisas.

– Ontem – disse ele, certa manhã, após ter se ausentado – fui até Thwaite para a minha mãe, e perto do Blue Cow Inn encontrei o Bob Haworth. Ele é o cara mais forte da charneca. É o campeão de luta livre, e consegue saltar mais alto e lançar o martelo mais longe do que qualquer um. Ele já foi até para a Escócia, anos atrás, participar de campeonatos esportivos. Ele me conhece desde que eu era pequeno e é muito amigo meu, e eu lhe fiz algumas perguntas. O pessoal diz que ele é um atleta, e então pensei em você, Colin, e perguntei: “Bob, como é que você conseguiu ficar com os músculos fortes desse jeito? Tem algum truque que você usa para ficar forte assim?”. E ele me disse: “Bem, na verdade, tem sim, garoto. Uma vez, um homem muito forte, de um circo que passou aqui por Thwaite, me mostrou como exercitar braços e pernas e cada músculo do meu corpo. Então, eu perguntei: “Será que um garoto franzino pode ficar mais forte com esses exercícios, Bob?”. E ele riu e perguntou: “Esse garoto franzino é você, por acaso?”. E eu respondi: “Não, mas conheço um jovem cavalheiro que está se recuperando de uma longa doença, e eu gostaria de conhecer alguns desses truques e passá-los para ele”. Não citei nomes, e ele também não perguntou. Ele é bem amigo meu, como disse, então me mostrou os truques

com a maior boa vontade, e fiquei imitando o que ele fazia até conseguir decorar tudo.

Colin ouvira tudo animadíssimo.

– Você pode me mostrar?! – exclamou. – Pode?!

– Sim, é claro – respondeu Dickon, ficando de pé. – Mas ele avisou que é para fazê-los bem devagar, no início, e tomar cuidado para não se cansar demais. Faça pausas entre eles, respire bem fundo e não exagere.

– Vou tomar cuidado – disse Colin. – Me mostre! Me mostre! Ah, Dickon, você é o garoto mais mágico do mundo!

Dickon ficou em pé na grama e, lentamente, foi realizando uma série de exercícios musculares simples, mas cuidadosamente estudados. Colin o observava de olhos arregalados. Foi capaz de fazer alguns enquanto estava sentado. Depois, fez outros exercícios suaves, apoiado sobre os pés, já mais firmes. Mary começou a fazê-los também. Fuligem, que estava observando o desempenho deles, ficou muito chateado e saiu de seu galho para saltitar por ali, inquieto, pois não conseguia realizar nenhum dos movimentos.

A partir de então, os exercícios passaram a fazer parte das obrigações diárias, assim como a magia. A cada vez, tanto Colin quanto Mary conseguiam fazer mais exercícios, aumentando ainda mais seu apetite, e, se não fosse a cesta que Dickon colocava atrás do arbusto todas as manhãs, ao chegar, estariam perdidos. Mas o forninho de pedra e a prodigalidade da senhora Sowerby eram tão satisfatórios, que a senhora Medlock e a enfermeira e o doutor Craven ficaram, mais uma vez, perplexos. Afinal, só é perfeitamente possível apenas beliscar o café da manhã e não dar muita bola para o seu almoço se você está cheio até as tampas de ovos e batatas assados e de leite fresco bem batido e de bolinhos de aveia e pãezinhos e mel de urze e creme de leite.

– Eles não comem quase nada – disse a enfermeira. – Vão morrer de inanição se ninguém os convencer a ingerir um pouco de alimento. E, no entanto, veja só o aspecto deles!

– Não é possível! – exclamou a senhora Medlock, indignada. – Ah! Ando cismada com esses dois. São um par de capetinhas. Num dia, se empanturram, e no dia seguinte, torcem o nariz para as melhores refeições

que a cozinheira faz para tentá-los. Ontem não provaram uma garfada sequer daquele frango com molho de pão, e a coitada da mulher até *inventou* um pudim para eles, que foi devolvido, intacto. Ela quase chorou de desgosto. Ela tem medo de que os dois morram de fome e coloquem a culpa nela.

O doutor Craven foi até lá e examinou Colin, demoradamente e com muita atenção. Tinha uma expressão preocupada quando a enfermeira foi falar com ele e lhe mostrou uma travessa de café da manhã praticamente intocada, que ela guardara para ele ver, mas ficou mais preocupado ainda ao se sentar no sofá, ao lado de Colin, para examiná-lo. Ele havia sido chamado a Londres a negócios e não via o garoto havia quase duas semanas. Quando pré-adolescentes começam a recuperar a saúde, o fazem muito rapidamente. A cor de cera havia desaparecido da pele de Colin, que, agora, era rosada; seus belos olhos estavam desanuviados, sem olheiras, e as bochechas e têmporas haviam sido preenchidas. Seus cachos de cabelo, antes escuros e pesados, agora começavam a cair saudáveis sobre a testa, macios e cheios de vida. Seus lábios estavam mais carnudos e com uma cor normal. Na realidade, nada fazia lembrar aquela aparência anterior de menino doente. O doutor Craven pôs uma mão no queixo e ficou pensativo.

– Fiquei preocupado quando me contaram que você não está comendo nada – ele disse. – Isso é muito ruim, pois você perderá tudo o que vem ganhando, e que ganhou de maneira impressionante. Você comeu muito bem por um período curto de tempo!

– Eu disse que aquele era um apetite anormal – respondeu Colin.

Mary estava sentada em seu banquinho, ali perto, e de repente fez um som muito estranho, que ela tentou reprimir com tanta violência que acabou quase engasgando.

– O que foi isso? – perguntou o doutor Craven, virando-se para olhá-la.

Mary ficou bem séria.

– Foi algo entre um espirro e uma tosse – respondeu ela, com uma seriedade impecável –, e acabei engasgando.

– Sabe – contou ela, depois, a Colin –, eu não conseguia mais controlar o riso. Então aquilo explodiu quando me lembrei da última batata enorme que



você enfiou na boca e de como suas bochechas ficavam gordas enquanto você mordida aquela bela crosta untada de geleia e creme de leite.

– Será que essas crianças não acharam uma maneira secreta de arrumar comida? – o doutor Craven perguntou à senhora Medlock.

– Não há como, a não ser que cavem comida da terra ou colham das árvores – respondeu a senhora Medlock. – Eles passam o dia lá fora e não veem mais ninguém. E quando querem algo diferente para comer, além do que a gente manda, eles só têm que pedir.

– Bom – disse o doutor Craven –, se ficar sem comer está lhes fazendo bem, não temos com o que nos preocupar. O menino não é mais o mesmo.

– Nem a garota – disse a senhora Medlock. – Ela começou a ficar muito linda desde que engordou um pouco e perdeu aquela expressão amargurada. O cabelo cresceu mais forte e saudável, e ela ganhou uma cor melhor. Não é mais aquela coisinha emburrada e mal-humorada que costumava ser, e agora ela e o senhorzinho Colin vivem dando risadas juntos, como dois maluquinhos. Talvez seja o que os faz engordar.

– Quem sabe é isso – disse o doutor Craven. – Deixe que riam à vontade.



O jardim secreto florescia e florescia, e toda manhã revelava novos milagres. No ninho do pintarroxo havia Ovos e sua companheira, sentava em cima deles para mantê-los quentes com seu pequeno peito emplumado e suas asas cuidadosas. De início, ela estava muito nervosa, e o próprio pintarroxo se pusera em uma vigilância ostensiva. Nem Dickon se aproximava daquele canto de vegetação mais densa, e o menino desejou que a ação silenciosa de algum misterioso feitiço, que ele parecia ter transmitido à alma daquele pequeno casal, convencesse os dois de que não havia nada no jardim que não fosse exatamente igual a eles, nada que não fosse capaz de compreender a maravilha do que estava acontecendo com eles, a imensa, terna, incrível e comovente beleza e solenidade dos Ovos. Se houvesse alguma pessoa naquele jardim que não soubesse, em seu ser mais íntimo, que, se um ovo fosse levado embora ou danificado, o mundo todo sairia rodopiando e batendo pelo espaço até acabar; se houvesse, mesmo que fosse uma única pessoa, alguém que não sentisse isso e não agisse de acordo, não seria possível a felicidade, nem mesmo naquele dourado ar de primavera. Mas todos sabiam e sentiam isso, e o pintarroxo e sua companheira também sabiam que os demais sabiam.

No início, o pintarroxo ficou muito ansioso, vigiando Mary e Colin. Por alguma misteriosa razão, sabia que não precisava vigiar Dickon. No primeiro instante em que pousara seus olhos escuros em Dickon, soubera que não se tratava de um estranho, mas de uma espécie de pintarroxo, só que sem bico nem penas. Ele era capaz de falar em pintarroxês (que é uma língua bem diferente, que não deve ser confundida com nenhuma outra). Falar em pintarroxês com um pintarroxo é como falar em francês com um francês. Dickon sempre falara nessa língua com o pintarroxo, portanto, o pássaro não se importava com a estranha tagarelice que Dickon usava para falar com humanos; imaginava que o menino falava assim com eles porque não eram suficientemente inteligentes para compreender sua língua emplumada. Os movimentos de Dickon também eram como os de um pintarroxo. Nunca assustava ninguém com gestos repentinos que pudessem ser interpretados como perigosos ou ameaçadores. Qualquer pintarroxo era capaz de compreender Dickon, portanto, sua presença não era nenhum estorvo.

Mas, no começo, pareceu necessário ficar de sobreaviso em relação aos outros dois. Em primeiro lugar, o menino não ia ao jardim com as próprias pernas. Ia empurrado, sobre uma coisa com rodas, e coberto com peles de animais que os outros jogavam em cima dele. Isso, por si só, já era suspeito. Depois, quando começou a ficar em pé e se movimentar por ali, fazia isso de um jeito pouco usual, e os outros pareciam ter que ajudá-lo. O pintarroxo costumava esconder-se em um arbusto e ficar ali vigiando, preocupado, inclinando a cabeça ora para um lado, ora para o outro. Achava que aqueles movimentos lentos podiam indicar que o menino se preparava para dar um bote, como fazem os felinos. Estes, quando armam um bote, arrastam-se pelo chão bem devagar. O pintarroxo comentou isso com sua companheira por vários dias seguidos, mas logo decidiu não tocar mais no assunto, pois o terror dela era tão grande, que ele ficou com medo de ela causar algum dano aos Ovos.

Quando o garoto começou a andar sozinho e a se mover com maior rapidez, foi um imenso alívio. Mas, por um bom tempo ainda – pelo menos, pareceu um longo tempo ao pintarroxo –, o menino continuou despertando

alguma ansiedade. Ele não agia do mesmo jeito que os outros humanos. Parecia gostar muito de andar, mas de repente se sentava ou ficava um tempo deitado, depois se levantava e recomeçava a andar de novo, de uma maneira surpreendente.

Um dia, o pintarroxo lembrou que quando seus pais o ensinaram a voar, ele fizera mais ou menos a mesma coisa. Dava pequenos voos de alguns metros e depois precisava descansar. Então, concluiu que aquele menino talvez estivesse aprendendo a voar – ou melhor, a andar. Mencionou isso à companheira, dizendo que os Ovos provavelmente iriam pelo mesmo caminho depois que tivessem penas, e ela ficou bastante reconfortada e até vivamente interessada, e sentiu grande prazer em ficar observando o menino, da beirada do ninho – embora achasse que os Ovos seriam bem mais inteligentes e iriam aprender mais rápido. Mas, então, afirmou, com certa indulgência, que os humanos sempre haviam se mostrado mesmo mais desajeitados e lentos do que os Ovos, e que a maioria deles parecia nunca aprender a voar de fato. Afinal, ninguém jamais viu um humano voando pelo ar ou no alto das árvores.

Depois de um tempo, o menino começou a andar por ali como os outros, mas as três crianças às vezes faziam coisas pouco habituais. Ficavam em pé debaixo das árvores, movimentando braços e pernas e cabeças, de um jeito que não era nem andar nem correr nem ficar sentado. Todo dia, dedicavam-se, de tempos em tempos, a esses movimentos, e o pintarroxo nunca foi capaz de explicar à companheira o que estavam fazendo ou tentando fazer. Só podia garantir que os Ovos nunca andariam por ali daquele jeito; mas, como o garoto que falava em pintarroxês com tanta fluência fazia a mesma coisa com os outros dois, os pássaros podiam estar certos de que aquelas ações não ofereciam perigo. Claro que nem o pintarroxo nem sua companheira alguma vez tinham ouvido falar de Bob Haworth, o campeão de luta livre, nem de seus exercícios para fazer os músculos ficarem saltados como calombos. Pintarroxos não são como os seres humanos: exercitam seus músculos sempre, desde o início, portanto, estes se desenvolvem de maneira natural. Se você tem que voar para arrumar cada refeição que come, seus músculos nunca se atrofiam.

Quando o garoto passou a andar e correr por ali e a cavar e capinar como os outros, o ninho do canto do jardim foi tomado por grande paz e satisfação. O temor pela integridade dos Ovos virou coisa do passado. Saber que seus Ovos estavam seguros como se trancados em um cofre de banco e poder observar tantas coisas curiosas acontecendo fez com que chocar os Ovos virasse uma ocupação prazerosa. Nos dias chuvosos, a mãe dos Ovos às vezes ficava um pouco entediada, porque as crianças não iam até o jardim.

Mas, mesmo nos dias chuvosos, não se podia dizer que Mary e Colin ficassem entediados. Certa manhã, em que não parava de chover, Colin começou a se sentir um pouco inquieto por ser obrigado a ficar no sofá, já que não era seguro levantar e sair andando por ali. Mary, então, começou a ter uma inspiração.

– Agora que sou um menino de verdade – Colin havia dito –; minhas pernas e braços e todo o meu corpo ficam tão cheios de magia que não consigo mantê-los parados. Eles querem fazer coisas o tempo inteiro. Mary, você sabia que quando acordo de manhã, bem cedo, e os pássaros cantam lá fora e tudo parece simplesmente gritar de alegria, até mesmo as árvores e as plantas, que na realidade não conseguimos ouvir, sinto como se devesse saltar da cama e ficar gritando também? Mas imagine só o que aconteceria se eu fizesse isso!

Mary riu sem parar.

– A enfermeira viria correndo, e a senhora Medlock, também, e ambas teriam certeza de que você havia enlouquecido e mandariam chamar o doutor! – ela disse.

Colin também dava risada. Quase conseguia ver o jeito deles, o quanto ficariam horrorizados por seu surto e admirados ao vê-lo em pé, bem ereto.

– Gostaria que meu pai chegasse logo – disse. – Quero contar a ele eu mesmo. Fico sempre pensando nisso, porque não vamos poder levar adiante esse faz de conta por muito tempo. Não suporto mais ficar deitado quieto e fingindo, e, além disso, já estou com um aspecto muito diferente. Adoraria que não estivesse chovendo hoje.

Foi quando Mary teve sua inspiração.

– Colin – ela começou, com ar de mistério –, você por acaso sabe quantos quartos tem nesta casa?

– Acho que uns mil – ele respondeu.

– Tem uns cem deles, nos quais ninguém nunca entra – disse Mary. – Num dia chuvoso eu fui ver, e entrei em vários. Ninguém nunca soube disso, se bem que a senhora Medlock quase me descobriu. Na volta, eu me perdi e parei no fim do seu corredor. Foi a segunda vez que ouvi você chorando.

Colin teve um sobressalto.

– Cem quartos onde ninguém entra?! Isso soa quase como um jardim secreto. E se a gente for ver o que tem neles? Você empurra minha cadeira de rodas, e ninguém vai ficar sabendo que a gente foi lá ver.

– Era nisso mesmo que eu estava pensando – disse Mary. – Ninguém vai ousar nos seguir. Tem umas galerias onde você vai poder correr. Vamos fazer nossos exercícios. Tem um quartinho indiano com um gabinete cheio de elefantinhos de marfim. Tem todo tipo de quarto.

– Toque a campainha – pediu Colin.

Quando a enfermeira entrou, ele deu suas ordens.

– Quero a minha cadeira – ele disse. – A senhorita Mary e eu vamos dar uma olhada na parte da casa que não vem sendo usada. O John pode me levar até a galeria de retratos, porque até ali há algumas escadas. Depois, ele pode ir embora e nos deixar sozinhos, até eu mandar chamá-lo de novo.

A partir daquela manhã, os dias de chuva deixaram de ser terríveis. Depois que o criado conduziu a cadeira de rodas de Colin até a galeria de retratos e deixou ele e Mary ali, seguindo as ordens recebidas, os dois se entreolharam, contentes. Assim que Mary teve certeza de que John realmente havia voltado aos seus aposentos debaixo da escada, Colin deixou a cadeira.

– Vou correr de um lado até outro da galeria – disse –, e depois vou pular, e depois vamos fazer os exercícios do Bob Haworth.

E fizeram todas essas coisas e muitas outras. Ficaram por um tempo olhando para os retratos e acharam o da menininha empertigada de vestido verde de brocado, segurando um papagaio no dedo.

– Todos esses aí – disse Colin – devem ser meus parentes. Viveram muito tempo atrás. Essa menina do papagaio, imagino, é uma das minhas tias-avós, ou bisavós, ou tataravós. Ela se parece um pouco com você, Mary, não como você está agora, mas do jeito que era quando chegou. Agora, você está bem mais gordinha e com uma aparência bem melhor.

– Você também – disse Mary, e os dois riram.

Foram até o quartinho indiano e se divertiram com os elefantes de marfim. Encontraram a saleta de brocado cor-de-rosa e o buraco que o camundongo havia deixado na almofada, mas o camundongo já havia se tornado adulto e fugido, e o buraco agora estava vazio. Viram mais quartos e fizeram mais descobertas do que Mary havia feito em sua primeira peregrinação. Acharam novos corredores e recantos e lances de escada, e novos retratos antigos dos quais gostaram, e coisas velhas esquisitas que não sabiam para que serviam. Foi uma manhã diferente e divertida, e a sensação de ficar vagando pela casa onde havia outras pessoas, mas sentindo, ao mesmo tempo, que era como se estivessem a quilômetros de distância delas, era fascinante.

– Fiquei feliz por ter vindo – disse Colin. – Nunca imaginei que morasse num lugar antigo tão grande e tão incomum. Gostei. Vou perambular pela casa toda vez que chover. Assim, a gente sempre vai encontrar novas dependências e coisas esquisitas.

Naquela manhã, descobriram também que estavam com um apetite colossal, e, ao voltarem ao quarto de Colin, não conseguiram devolver o lanche intacto, como pretendiam.

Quando a enfermeira levou a bandeja para o andar de baixo, colocou-a com estardalhaço, de propósito, no aparador da cozinha, para que a cozinheira, a senhora Loomis, visse que os pratos e travessas estavam muito bem raspados.

– Veja só! – ela disse. – Esta casa é muito misteriosa, e aquelas duas crianças são o maior mistério de todos.

– Se continuarem comendo assim todo dia – disse John, o criado jovem e forte –, daqui a pouco ele vai pesar o dobro do que pesava no mês passado. Então vou ter que largar este emprego antes de machucar meus músculos.

Naquela tarde, Mary viu que havia algo diferente no quarto de Colin. Já havia notado, no dia anterior, mas não dissera nada, achando que pudesse ser uma mudança casual. Também não comentou nada naquele momento, mas se sentou e ficou olhando fixamente para o retrato em cima da lareira. Conseguia apreciá-lo porque a cortina havia sido puxada para o lado. Era essa a mudança que havia percebido.

– Eu sei que você quer que eu lhe conte uma coisa – disse Colin, depois de vê-la ficar por alguns minutos olhando para o retrato, em silêncio. – Sempre sei quando você quer que eu lhe diga algo. Você está se perguntando por que a cortina está puxada para o lado, não é? Pois agora vou mantê-la assim.

– Por quê? – perguntou Mary.

– Porque não fico mais irritado ao vê-la sorrir. Há duas noites, acordei e vi que a lua iluminava tudo e senti a magia preenchendo o quarto, deixando-o tão esplêndido, que não consegui mais ficar deitado. Levantei-me e olhei pela janela. O quarto estava todo iluminado, e a luz batia sobre uma parte da cortina, e, não sei por que, isso me fez ir até lá e puxar o cordão. Ela olhou para mim lá do alto como se estivesse rindo, alegre por eu estar ali. Isso me fez gostar de ficar olhando para ela. Quero vê-la sorrir o tempo todo. Acho que ela talvez tenha sido uma pessoa muito mágica.

– Você está tão parecido com ela, agora – disse Mary –, que, às vezes, penso que você talvez seja o fantasma dela transformado em menino.

A ideia pareceu causar forte impressão em Colin. Ele refletiu um pouco e respondeu, bem devagar:

– Se eu fosse o fantasma dela, meu pai iria gostar de mim – disse.

– Você quer que seu pai goste de você? – inquiriu Mary.

– Eu costumava odiar o fato de ele não gostar de mim. Mas se ele começasse a gostar de mim, acho que lhe contaria a respeito da magia. Talvez isso o deixasse mais alegre.



## CAPÍTULO XXVI



**A** crença deles na magia era algo permanente. Após os rituais da manhã, Colin, às vezes, dava palestras sobre magia.

– Gosto de fazer isso – explicou –, porque quando eu crescer e tiver feito grandes descobertas científicas, vou ter que dar palestras a respeito, portanto, esse já é um jeito de praticar. Agora, só posso dar palestras curtas, porque sou muito jovem, e, além disso, o Ben Weatherstaff iria pensar que está numa igreja e acabaria caindo no sono.

– A melhor coisa das palestras – disse Ben – é que o sujeito fica lá em pé dizendo o que quer e ninguém se levanta para questionar. Às vezes, até eu gostaria de dar alguma palestra.

Mas, quando Colin ficava em pé debaixo de sua árvore, o velho Ben não tirava os olhos dele. Examinava-o da cabeça aos pés, com um olhar crítico, mas afetuoso. Não era tanto a palestra que despertava seu interesse, mas as pernas de Colin, que pareciam cada dia mais apumadas e fortes; a sua cabeça de menino, que se mantinha firme e erguida; o queixo, antes pontudo, e agora mais arredondado; o rosto, agora cheio, não mais

encovado; e os olhos, que haviam começado a brilhar como outro par de olhos que ele havia conhecido. Às vezes, Colin achava que o olhar sério de Ben indicava que estava muito impressionado com sua fala, e se perguntava sobre o que o homem estaria pensando. Certa vez, em que o viu muito concentrado, perguntou:

– No que está pensando, Ben Weatherstaff?

– Estava aqui matutando – respondeu Ben – que você com certeza engordou uns dois ou três quilos esta semana. Reparei nas suas panturrilhas e nos seus ombros. Gostaria de colocar você numa balança.

– É a magia... e também os bolinhos e o leite e outras coisas que a senhora Sowerby tem mandado – disse Colin. – Como pode ver, o experimento científico foi bem-sucedido.

Naquela manhã, Dickon se atrasou muito e não ouviu a palestra. Ao chegar, estava corado de tanto correr, e seu rosto engraçado parecia mais radiante do que nunca. Como tinham muito mato para capinar depois daquelas chuvas todas, puseram-se logo a trabalhar. Sempre tinham muito que fazer depois de uma chuvarada quente. A terra úmida era boa para as flores, mas também favorecia as ervas daninhas, que surgiam como pequenas lâminas de relva e como folhas despontando, e precisavam ser removidas antes que suas raízes se firmassem demais. Àquela altura, Colin já fazia essa tarefa de limpeza tão bem quanto os outros, e podia continuar dando suas palestras e trabalhar ao mesmo tempo.

– A magia funciona melhor quando você mesmo está trabalhando – disse ele, naquela manhã. – Você pode senti-la nos seus ossos e músculos. Eu pretendo ler livros sobre ossos e músculos, mas o livro que vou escrever é sobre magia. Estou, neste momento, tendo ideias para esse livro. Fico descobrindo coisas o tempo inteiro.

Não muito depois de ter dito isso, ele deixou sua pazinha no chão e ficou de pé. Havia permanecido vários minutos em silêncio, e os demais acharam que estivesse pensando em palestras, como de costume. Mas, quando deixou a pazinha no chão e se levantou, pareceu a Mary e Dickon que algum pensamento muito forte o fizera agir assim. Ele se alongou até alcançar toda a sua altura e ergueu os braços, exultante. Seu rosto ganhou

cor e brilho, e seus estranhos olhos se arregalaram de alegria. De repente, tinha tido a compreensão total de algo.

– Mary! Dickon! – ele exclamou. – Deem só uma olhada para mim!

Os dois pararam de capinar e olharam para o garoto.

– Vocês se lembram daquela primeira manhã em que me trouxeram aqui? – perguntou.

Dickon olhava para ele, com muita concentração. Como encantador de animais, era capaz de ver mais coisas do que a maioria das pessoas, e muitas delas eram coisas sobre as quais nunca falava. Ele via, naquele momento, algumas delas no menino.

– Claro que nos lembramos – respondeu.

Mary também o olhou com atenção, mas não disse nada.

– Neste preciso instante – disse Colin –, de repente, me lembrei de uma coisa, quando olhei para minha mão cavando com a pazinha, e precisei ficar em pé para me certificar de que é real. E é real! Eu estou *curado*... Eu estou *curado*!

– É claro que está! – disse Dickon.

– Estou curado! Estou curado! – repetiu Colin, e seu rosto ficou vermelho.

De certo modo, ele já sabia, vinha esperando e sentindo e pensando nisso, mas, naquele preciso instante, algo o havia percorrido por inteiro, uma espécie de arrebatamento cheio de certeza e compreensão, e era tão forte que ele não teve como não manifestá-lo.

– Eu vou viver para sempre, para todo sempre! – exclamou, em tom solene. – Vou descobrir milhares e milhares de coisas. Vou descobrir coisas sobre pessoas e sobre criaturas e sobre tudo aquilo que cresce no mundo, como faz Dickon, e nunca vou parar de fazer magia. Estou curado! Estou curado! Eu sinto... sinto vontade de gritar alguma coisa... algum agradecimento, algo muito feliz!

Ben Weatherstaff, que estava trabalhando perto de uma roseira, olhou bem para ele.

– Você podia entoar algum canto de louvor – sugeriu, com um de seus resmungos. Não tinha nenhuma opinião a respeito de hinos ou cantos de

louvor, então não fez a sugestão movido por qualquer reverência em especial.

Mas Colin tinha uma mente curiosa e não sabia nada sobre cantos e hinos de louvor.

– Como assim? – quis saber.

– Garanto que o Dickon conhece algum canto de louvor e é capaz de entoá-lo – retrucou Ben Weatherstaff.

Dickon respondeu, com seu sorriso perspicaz de encantador de animais:

– Eles costumam cantar essas coisas lá na igreja – disse. – A mamãe acredita que é o que as cotovias cantam quando acordam de manhã.

– Se ela diz isso, deve ser um canto muito bonito – Colin retrucou. – Nunca entrei numa igreja. Sempre estive doente demais. Cante, Dickon. Quero ouvir.

Dickon encarou isso com muita simplicidade e sem nenhuma afetação. Compreendia o que Colin sentia melhor ainda do que o próprio Colin. Compreendia com uma espécie de instinto tão natural, que sequer tinha consciência de estar compreendendo. Tirou o chapéu e olhou ao redor, ainda sorrindo.

– Você precisa tirar seu chapéu – disse a Colin –, e você também, Ben, e ficar de pé, você já sabe como é.

Colin tirou o chapéu e o sol fez brilhar seu cabelo. Ele olhava para Dickon com atenção. Ben Weatherstaff se ergueu, desajeitado, e descobriu a cabeça, com uma expressão meio desentendida no velho rosto e um pouco intimidado, como se não soubesse bem por que estava fazendo aquela coisa tão solene.

Dickon ficou em pé entre as árvores e roseiras e começou a cantar, de uma maneira bem simples e natural, com sua bonita e melodiosa voz de menino:

Louvado seja Deus de quem emanam todas as bênçãos,  
Louvado seja por todas as criaturas aqui embaixo,  
Louvado seja por todas as hostes celestiais,  
Louvados sejam o Pai, o Filho e o Espírito Santo, amém.

Quando terminou, Ben Weatherstaff estava quieto, com o queixo bem cerrado, os olhos fixos em Colin e um ar de preocupação. Colin estava pensativo, e seu rosto expressava gratidão.

– É uma canção muito bonita – disse. – Gostei dela. Talvez signifique simplesmente aquilo que quero dizer quando tenho vontade de gritar que sou grato à magia – então, parou e ficou refletindo, intrigado. – Talvez se trate da mesma coisa. Como é que vamos saber o nome exato das coisas? Cante de novo, Dickon. Vamos tentar, Mary. Quero cantar junto, também. É a minha música. Como começa? “Louvado seja Deus de quem emanam todas as bênçãos”?

E cantaram de novo, e Mary e Colin ergueram suas vozes do jeito mais musical que conseguiam, e a de Dickon se destacou, melodiosa e bonita, e no segundo verso Ben Weatherstaff limpou a rouquidão da garganta, e no terceiro, cantou junto, com tal vigor que parecia quase em êxtase, e quando chegaram ao “amém”, Mary notou que acontecia com ele, naquela tarde, exatamente a mesma coisa que acontecera no dia em que descobriu que Colin não era aleijado: seu queixo tremia, ele olhava de olhos bem abertos, piscando, e corriam lágrimas por suas velhas bochechas enrugadas.

– Nunca tinha entendido o sentido desses hinos – disse, com sua voz rouca –, mas acho que mudei de ideia a tempo. Eu diria que o senhor Colin engordou mais de dois quilos esta semana, com certeza!

Colin olhou para o outro lado do jardim, para alguma coisa que atraía sua atenção, e sua expressão foi de surpresa.

– Quem está vindo ali? – perguntou, sobressaltado. – Quem é?

A porta no muro coberto de hera havia sido aberta bem devagar, e uma mulher entrara. Chegara bem na hora do último verso da canção e ficara ali parada, ouvindo e olhando para eles. Com a hera atrás dela, a luz do sol infiltrando-se pelas árvores e salpicando sua longa capa azul, e seu rosto bonito sorrindo em meio a todo aquele verde, era como se ela fosse uma daquelas ilustrações em cores suaves de um dos livros de Colin. Tinha olhos maravilhosamente afetuosos, que pareciam acolher tudo, todos eles, até Ben Weatherstaff e as “criaturas” silvestres, e cada uma das flores que haviam brotado. Por mais inesperada que fosse sua aparição, nenhum deles

a sentiu como uma intromissão. Os olhos de Dickon se iluminaram como dois faróis.

– É a minha mãe... é ela! – exclamou e correu pela grama.

Colin também foi até ela, e Mary o acompanhou. Ambos sentiram o coração acelerar.

– É a minha mãe! – disse Dickon, de novo, quando se encontraram na metade do caminho. – Eu sabia que você queria conhecê-la e lhe contei onde ficava a porta escondida.

Colin estendeu a mão com uma espécie de timidez majestosa e enrubescida, mas seus olhos praticamente devoravam o rosto dela.

– Mesmo quando estava doente, eu queria conhecê-la – disse –, e conhecer você e o Dickon e o jardim secreto. Antes, eu nunca havia tido vontade de conhecer ninguém nem coisa nenhuma.

A visão do rosto erguido do menino provocou uma repentina mudança no próprio rosto da senhora Sowerby. Ela corou, e os cantos de sua boca se agitaram, e seus olhos ficaram úmidos.

– Ah, meu querido garoto! – disse ela, um pouco trêmula. – Meu querido garoto! – como se não tivesse ideia do que significava dizer isso. Não disse “senhor Colin”, mas apenas “querido garoto”, espontaneamente. Teria se referido assim a Dickon, se tivesse visto algo em seu rosto que a comovesse. Colin gostou disso.

– Ficou surpresa por me ver tão bem? – perguntou.

Ela colocou uma mão no ombro dele e, com um sorriso, afastou com a outra as lágrimas que turvavam seus olhos.

– É claro que fiquei! Mas o que fez meu coração dar um pulo foi ver como você se parece com sua mãe.

– E você acha – disse Colin, meio sem graça – que isso vai fazer meu pai gostar de mim?

– Ah, com certeza, meu querido – ela respondeu, dando-lhe um tapinha bem suave no ombro. – Ele precisa voltar logo para casa, precisa voltar logo.

– Susan Sowerby – disse Ben Weatherstaff, chegando mais perto. – Você já deu uma olhada nas pernas desse garoto? Há dois meses eram como

baquetas de tambor com meias, e me contaram que as pernas dele ficavam desalinhadas para dentro e para fora ao mesmo tempo. Veja só como estão agora!

Susan Sowerby riu com gosto.

– Daqui a pouco, vão ser pernas de garoto, muito boas e fortes – disse ela. – É só deixá-lo brincar e trabalhar no jardim e comer bem e beber muito leite fresco, e não haverá um par de pernas melhor em Yorkshire, graças a Deus.

Ela colocou ambas as mãos nos ombros de Mary e olhou bem para o rostinho dela com ar maternal.

– Ah, e você, também! – disse. – Vai crescer quase tão saudável quanto a nossa 'Lizabeth Ellen. Garanto que você também é igualzinha à sua mãe. A nossa Martha me contou que a senhora Medlock ouviu dizer que sua mãe era uma mulher linda. Você vai ser igual a uma rosa vermelha de tão bonita, minha garotinha, Deus a abençoe.

Ela não mencionou que quando Martha voltara para casa no seu “dia de folga” e descrevera aquela menina pálida e esmirrada, dissera não acreditar no que a senhora Medlock ouvira dizer. “Não faz o menor sentido uma mulher tão linda ser mãe de uma garotinha tão feiosa”, teimou.

Mary não havia tido tempo de atentar para as mudanças em seu rosto. Sabia apenas que parecia “diferente”, com muito mais cabelo, que crescia rapidamente. Mas quando se lembrou do prazer que sentia, tempos atrás, ao olhar para Mem Sahib, ficou feliz em ouvir que algum dia se pareceria com ela.

Susan Sowerby deu a volta no jardim com eles, que lhe contaram toda a história e lhe mostraram todos os arbustos e árvores que haviam feito reviver ali. Colin caminhava de um lado dela, e Mary, do outro. Ambos olhavam para seu rosto rosado e agradável, e, no íntimo, estavam intrigados com aquele sentimento delicioso que ela lhes transmitia: um sentimento caloroso e reconfortante. Parecia que tinha por eles a mesma compreensão que Dickon demonstrava por suas “criaturas”. Debruçava-se sobre as flores e conversava com elas como se fossem crianças. Fuligem a acompanhava, e por uma ou duas vezes crocitou algo para ela e voou até seu ombro, como

se fosse o de Dickon. Quando lhe contaram do pintarroxo e dos primeiros voos de seus filhotes, ela deu uma risadinha doce e maternal.

– Imagino que aprender a voar seja como ensinar uma criança a andar, mas acho que eu ficaria muito atrapalhada se meus filhos tivessem asas em vez de pernas – disse ela.

Foi por parecer uma mulher tão maravilhosa, com aquele jeito agradável de moradora da charneca, que finalmente lhe falaram da magia.

– Você acredita em magia? – perguntou Colin, depois de fazer uma explanação sobre os faquires indianos. – Espero que acredite.

– Sim, acredito, meu garoto – ela respondeu. – Nunca a conheci com esse nome, mas, afinal, o que importam os nomes, não é? Garanto que na França a chamam de outro modo, e na Alemanha, também. A mesma coisa que faz as sementes brotarem e fez o solo brilhar fez você virar um garoto saudável. É a Coisa Boa. Diferente de nós, pobres coitados e tolos, que achamos que faz diferença sermos chamados por um nome ou por outro, a Grande Coisa Boa não se preocupa com isso, abençoada seja. Ela segue adiante, construindo milhões de mundos, como o nosso. Nunca parem de acreditar na Grande Coisa Boa e de saber que o mundo inteiro é preenchido por ela, e então podem lhe dar o nome que quiserem. É para ela que vocês cantavam quando entrei no jardim.

– Eu me senti tão feliz! – disse Colin, olhando para ela com seus belos e estranhos olhos. – De repente, senti o quanto estava diferente, como meus braços e pernas estão fortes, sabe, e como sou capaz de cavar e ficar de pé, então dei um salto e quis gritar alguma coisa para o que quer que estivesse me ouvindo.

– A magia ouviu quando você cantou aquele hino. E teria ouvido qualquer coisa que alguém cantasse. O que importa é a alegria. Ah, garoto, garoto, o que importam os nomes para o Fazedor da Alegria? – e, de novo, deu dois tapinhas carinhos nos ombros dele.

A senhora Sowerby preparara uma cesta com um verdadeiro banquete para aquela manhã, e, quando chegou a hora da fome e Dickon foi buscá-la no esconderijo, sentou-se com eles debaixo da árvore e ficou os assistindo devorar a comida, rindo feliz ao ver seu apetite. Era muito divertida, e eles



riam de todos aqueles disparates que ia listando. Contava as histórias na língua de Yorkshire, e lhes ensinou novas palavras. Riu até não poder mais quando lhe contaram das dificuldades, cada vez maiores, que enfrentavam para fingir que Colin ainda era um enfermo mal-humorado.

– Sabe, não conseguimos deixar de rir quase toda vez que estamos juntos – explicou Colin. – E não é por mal. A gente até tenta sufocar o riso, mas ele acaba explodindo e a coisa fica pior ainda.

– Tem algo que me vem à mente muitas vezes – disse Mary –, e que não consigo tirar da cabeça quando vem, de repente. Sempre penso que uma hora o rosto do Colin pode ficar parecido com uma lua cheia. Ainda não está assim, mas ele engorda um pouquinho a cada dia, e se numa manhã qualquer ficar com o rosto como uma lua cheia, o que a gente vai fazer, então?

– Que Deus abençoe vocês, estou vendo quanto faz de conta estão tendo que inventar – disse Susan Sowerby. – Mas não vão precisar manter isso por muito tempo. Uma hora o senhor Craven voltará para casa.

– Acha que vai voltar mesmo? – perguntou Colin. – Por que acha isso?

Susan Sowerby deu uma risadinha.

– Suponho que você ficaria muito magoado se ele descobrisse isso por outra pessoa, antes que você pudesse lhe contar do seu jeito – disse ela. – Você passou noites acordado planejando isso.

– Eu não suportaria se outra pessoa contasse – disse Colin. – Penso todo dia em maneiras diferentes de lhe contar, e agora acho que simplesmente vou entrar correndo no escritório dele e pronto.

– Ele vai levar um belo susto! – disse Susan Sowerby. – Gostaria de ver a cara dele nessa hora, meu garoto. Ah, gostaria! Ele precisa voltar logo, precisa, sim!

Uma das coisas sobre as quais conversaram foi a visita que pretendiam fazer à casinha dela. Planejaram tudo. Iriam até a charneca e comeriam ao ar livre, no meio das urzes. Conheceriam as doze crianças e o jardim do Dickon, e só voltariam quando estivessem bem cansados.

Susan Sowerby finalmente se levantou para voltar para casa e ver a senhora Medlock. Também era hora de Colin ser levado de volta. Mas,

antes de se sentar de novo na cadeira de rodas, ele ficou bem perto de Susan, olhando-a, muito concentrado, com uma espécie de adoração perplexa, e, de repente, segurou firme na ponta da capa azul dela.

– Você é exatamente o que eu... o que eu queria para mim – disse ele. – Adoraria que você fosse minha mãe, como é mãe do Dickon!

Na mesma hora, Susan Sowerby se inclinou e o acolheu em seus braços calorosos, bem junto a ela, sob sua capa azul, como se ele fosse irmão de Dickon. Aquela rápida comoção inicial tomou novamente conta de seus olhos.

– Ah, meu querido garoto! – ela disse. – A sua própria mãe está aqui neste jardim; eu acredito muito nisso. Ela não conseguiria ficar longe dele. E seu pai vai voltar para você, ah, ele vai!

## CAPÍTULO XXVII



**E**m cada século, desde o início do mundo, coisas maravilhosas são descobertas. No último século, foram descobertas mais coisas incríveis do que em qualquer outro. Neste aqui, centenas de coisas ainda mais impressionantes serão trazidas à luz. No início, as pessoas resistem em acreditar que uma coisa nova e estranha possa existir, depois, começam a esperar que exista, e, em seguida, constatam que realmente existe, até que ela passa a existir normalmente, e todos se perguntam sobre como não existia antes. Uma das coisas que as pessoas começaram a descobrir no último século é que os pensamentos, os meros pensamentos, são tão poderosos quanto baterias elétricas, e que podem ser tão bons para a pessoa quanto a luz do sol, ou tão ruins quanto um veneno. Deixar que um pensamento triste ou ruim entre na sua mente é tão perigoso quanto deixar a bactéria da escarlatina penetrar seu corpo. Se você deixa que ela fique ali depois que entrou, talvez não consiga mais se livrar dela enquanto viver.

Durante o tempo em que a mente de Mary andou cheia de pensamentos desagradáveis sobre tudo aquilo que ela detestava, e de opiniões negativas sobre as pessoas, teimando em não gostar nem se interessar por nada, foi

uma criança de rosto amarelado, doentia, entediada e infeliz. Mas as circunstâncias passaram a ser muito favoráveis a ela, embora não tivesse a menor consciência disso, e foram a levando pelo melhor caminho. Quando sua mente foi sendo, aos poucos, preenchida por pintarroxos e casinhas da charneca cheias de crianças, por velhos jardineiros ranzinzas e esquisitos e empregadas do povo de Yorkshire, por primaveras e jardins secretos que ganhavam vida dia após dia, e também por um menino da charneca e suas “criaturas”, então, não sobrou mais lugar para os pensamentos desagradáveis, que afetavam até seu fígado e sua digestão e a deixavam amarelada e cansada.

Enquanto Colin se trancava em seu quarto e pensava apenas em seus medos e em suas fraquezas, e detestava que as pessoas olhassem para ele, e se preocupava o tempo todo com calombos nas costas e com uma morte prematura, ele foi um pequeno hipocondríaco histérico e meio maluco, que nunca havia visto o pôr do sol nem a primavera, muito menos imaginava que poderia sarar e se sustentar sobre os próprios pés caso tentasse. Quando pensamentos novos e agradáveis passaram a tomar o lugar daqueles primeiros, antigos e horrorosos, a vida começou a voltar para ele, o sangue correu saudável por suas veias e a força o invadiu como uma enchente. Seu experimento científico foi muito prático e simples, e não havia nada de esquisito em tudo aquilo. Coisas mais surpreendentes ainda podem acontecer a qualquer um que, ao ver sua mente tomada por um pensamento desagradável ou desencorajador, simplesmente tem a sensatez de se lembrar de expulsá-lo e introduzir outro no lugar, agradável e provido de uma determinação corajosa. Dois pensamentos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo.

Onde você cultivava uma rosa, meu garoto,  
Jamais crescerá um cardo.

Enquanto o jardim secreto revivia, e as duas crianças ganhavam vida com ele, um homem vagava por lugares belos e distantes, pelos fiordes da Noruega e por vales e montanhas da Suíça, e era um homem que, por dez anos, mantivera a mente ocupada por pensamentos sombrios e dolorosos. Não havia sido corajoso: nunca tentara colocar outro pensamento no lugar

daqueles, tão sinistros. Durante algum tempo, passeara por lagos azuis e pensara neles; deitara-se em encostas de montanhas cobertas por gencianas azuis florescendo ao redor e sentindo aromas de flores preenchendo o ar, e pensara em tudo isso. Mas uma dor terrível havia se abatido sobre ele quando era um homem feliz, e aquilo deixara sua alma tomada pela escuridão, e ele então passou a se recusar, obstinadamente, a permitir a entrada de qualquer raio de luz. Esquecera e abandonara sua casa e suas obrigações. Quando viajava pelo mundo, as trevas pairavam de tal modo sobre ele que, ao vê-lo, as pessoas ficavam mal, pois era como se ele envenenasse o ar ao redor com seu pesar. A maioria dos estrangeiros achava que ele era meio doido ou que guardava na alma algum crime secreto. Era alto, tinha o rosto encovado, os ombros caídos, e se registrava nos hotéis como “Archibald Craven, Mansão Misselthwaite, Yorkshire, Inglaterra”.

Havia viajado muito desde o dia em que recebera Mary em seu escritório e prometera lhe dar seu “pedacinho de terra”. Visitara os lugares mais bonitos da Europa, embora não ficasse mais do que alguns dias em cada um. Escolhera os pontos mais tranquilos e remotos. Passara pelos cumes de montanhas que invadiam nuvens, e lá do alto apreciara outras montanhas que o sol, ao nascer, iluminava de tal modo, que parecia que o mundo estava sendo criado naquele exato momento.

Mas o homem nunca parecia ser iluminado por aquela mesma luz, até o dia em que percebeu uma coisa estranha acontecendo, pela primeira vez em dez anos. Estava em um maravilhoso vale do Tirol austríaco, depois de andar sozinho no meio de belezas tão grandes que seriam capazes de tirar das trevas a alma de qualquer homem. Já percorrera um longo caminho, mas sua alma continuava paralisada. Finalmente, porém, sentiu cansaço e se deitou para descansar sobre um tapete de musgo junto a um riacho. Era uma pequena corrente de águas claras que descia alegremente por seu estreito caminho, no meio de uma vegetação úmida exuberante. Às vezes, a água fazia um ruído muito parecido com o de uma risada bem baixinha, conforme borbulhava por cima e ao redor das pedras. Ele viu passarinhos indo até lá para mergulhar a cabeça e beber água e, depois, bater asas em retirada. O riachinho parecia uma coisa viva, e sua voz miúda fazia a

quietude parecer anda mais intensa. O vale todo estava muito, muito silencioso.

Enquanto permaneceu sentado ali, apreciando aquela água clara seguindo seu curso, Archibald Craven sentiu que sua mente e seu corpo iam, aos poucos, ficando muito quietos, tão quietos quanto o próprio vale. Pensou que, talvez, estivesse adormecendo; mas não estava. Sentado, observando a água iluminada pelo sol, seus olhos começaram a ver as coisas que cresciam na margem do riacho. Havia uma linda cama de miosótis azuis, tão perto da corrente, que suas folhas ficavam molhadas, e ele ficou olhando tanto para elas que se percebeu lembrando de anos passados, quando costumava apreciar essas coisas. Começou a ter ternos pensamentos sobre como tudo aquilo era lindo, e sobre as inúmeras maravilhas de azul que aquelas centenas de pequenas flores representavam. Não se deu conta de que aquele simples pensamento estava, aos poucos, preenchendo sua mente, até conseguir expulsar dela outros pensamentos. Foi como se uma primavera doce e clara começasse a desaguar em um lago estagnado e crescesse, aos poucos, até levar embora as águas escuras. Mas é claro que ele mesmo não pensava em nada disso. Tinha consciência apenas de que o vale parecia cada vez mais silencioso, enquanto permanecia sentado e apreciava seu delicado azul cintilante. Não saberia dizer quanto tempo ficou ali sentado, ou o que estava realmente acontecendo com ele, mas, por fim, moveu-se como se estivesse acordando, levantou-se bem devagar e ficou plantado naquele tapete de musgo, fazendo uma longa e profunda e suave inspiração e se surpreendendo consigo mesmo. Algo parecia ter se soltado e se libertado dentro dele, de maneira muito sutil.

– O que será isso? – disse, quase sussurrando, e passou a mão pela testa.  
– Quase sinto como se... como se estivesse vivo!

Não sei muita coisa sobre os aspectos maravilhosos das coisas ainda não descobertas, a ponto de poder explicar como foi que isso aconteceu com ele. E acho que ninguém mais seria capaz, também, pelo menos inicialmente. Nem ele mesmo entendeu, mas, meses depois, lembrou-se desses instantes ao voltar a Misselthwaite, e descobriu, por acaso, que

naquele mesmo dia Colin havia exclamado, ao entrar no jardim secreto: “Eu vou viver para sempre, para todo o sempre!”.

Aquela tranquilidade tão singular permaneceu em Archibald pelo resto daquela noite, e ele teve um sono repousante, o que lhe era pouco comum; mas não conseguiu manter a tranquilidade por muito tempo. Não sabia que ela podia ser mantida. Por volta da noite seguinte, já havia escancarado de novo as portas da mente para os pensamentos sombrios, e eles haviam voltado, ruidosamente. Foi embora daquele vale e retomou as andanças. Mas, por mais estranho que lhe parecesse, havia minutos, às vezes, até meia hora, durante os quais, sem que soubesse o motivo, seu fardo sombrio parecia aliviado de novo, e ele sentia que era um homem vivo, e não mais um morto-vivo. Aos poucos, bem aos poucos, sem nenhuma razão perceptível, estava “revivendo”, junto com o jardim.

Aquele verão dourado ia se transformando em um outono de dourado ainda mais profundo, e, a certa altura, Archibald decidiu ir para o Lago de Como. Lá, encontrou a beleza de um sonho. Passou os dias envolvido pelo azul cristalino do lago, ou andando pelas trilhas da densa vegetação das montanhas em volta dele, e caminhava até ficar cansado e conseguir pegar no sono. Mas, àquela altura, já dormia melhor, e seus sonhos haviam deixado de ser um terror para ele.

– Talvez – pensou – meu corpo esteja ficando mais forte.

Estava mesmo ficando mais forte, e, graças às raras horas de tranquilidade em que seus pensamentos começavam a mudar, sua alma também se fortalecia. Começou a pensar em Misselthwaite e a questionar se não seria melhor voltar para casa. De vez em quando, pensava vagamente em seu menino e se perguntava como se sentiria ao ficar de novo junto à cama com dossel, olhando para aquele rostinho de marfim branco cinzelado, anguloso, dormindo de olhos fechados, com aqueles cílios negros inquietantes. Procurou afastar essa imagem da mente.

Em um dia maravilhoso, ele andou tanto que, na volta, a lua cheia já estava alta no céu, e o mundo inteiro se cobrira de sombras púrpuras e prateadas. A quietude do lago, da praia e dos bosques era tão magnífica que ele decidiu não ir para a *villa* onde se hospedara. Desceu até um pequeno

terraço à beira d'água e sentou-se ali, respirando os aromas celestiais da noite. Sentiu-se tomado por uma estranha calma, que foi crescendo e crescendo, até que ele caiu no sono.

Não sabia em que momento havia adormecido e começado a sonhar; seu sonho foi tão real que não parecia ser sonho. Mais tarde, relembrou o quanto era forte aquela sensação de estar acordado e alerta. Ao sentar e respirar fundo o perfume das rosas tardias, sentiu a água bater em seus pé e ouviu uma voz o chamando. Era uma voz suave e clara, feliz e distante. Parecia bem distante, mas conseguia ouvi-la com nitidez, como se estivesse bem ao seu lado.

– Archie! Archie! Archie! – a voz chamava, e então ela soou de novo, mais suave e mais nítida do que antes: – Archie! Archie!

Pensou ter ficado de pé nessa hora, e sequer se assustou. Era uma voz muito real, e parecia natural ouvi-la.

– Lílias! Lílias! – respondeu. – Lílias! Onde está você?

– No jardim! – a resposta lembrava o som de uma flauta de ouro. – No jardim!

E então o sonho acabou. Mas ele não acordou nesse instante. Dormiu pesada e tranquilamente por toda aquela noite. Finalmente, acordou e viu que era uma luminosa manhã, e que um criado, em pé ao lado dele, olhava-o, intrigado. Era um dos criados italianos, já acostumado, como os demais criados da *villa*, a aceitar sem questionar as atitudes estranhas daquele hóspede estrangeiro, quaisquer que fossem. Ninguém nunca sabia quando ele iria sair ou voltar ou onde escolheria dormir, se ficaria vagando pelo jardim ou se passaria a noite deitado em um bote no lago. O criado segurava uma bandeja com algumas cartas, e esperava calmamente que o senhor Craven as pegasse. Quando ele foi embora, o senhor Craven se sentou por alguns instantes, com as cartas na mão, olhando para o lago. Ainda se sentia tomado por aquela estranha calma e por algo mais, uma sensação de leveza, como se aquela coisa cruel que havia acontecido não tivesse sido do jeito que vinha achando, como se algo tivesse mudado. Ficou rememorando o sonho, um sonho real, muito real.



– No jardim! – disse, intrigado. – No jardim! Mas a porta está trancada, e a chave, muito bem enterrada.

Minutos mais tarde, quando deu uma olhada nas cartas, viu que a de cima era inglesa, de Yorkshire. Estava redigida com caligrafia feminina simples, mas que ele não reconhecia como familiar. Abriu a carta, sem ter ideia de quem a escrevera, mas as primeiras palavras atraíram prontamente sua atenção.

*Caro senhor,*

*Sou a Susan Sowerby, que se atreveu a falar com o senhor uma vez na charneca. Naquela oportunidade, falei-lhe sobre a senhorita Mary. Ouso dirigir-me de novo ao senhor. Por favor, quero lhe dizer que, se estivesse em seu lugar, voltaria para casa. Acho que ficará contente em vir e, se me permite, senhor, penso que sua senhora também lhe pediria para vir se ainda estivesse entre nós.*

Sua obediente criada,

Susan Sowerby.

O senhor Craven leu a carta duas vezes antes de colocá-la de volta no envelope. Continuou pensando no sonho.

– Vou voltar para Misselthwaite – disse. – Sim, vou voltar agora mesmo.

Então, atravessou o jardim até a *villa* e mandou Pitcher providenciar os preparativos para seu retorno à Inglaterra.

Em poucos dias, estava de volta a Yorkshire. Durante a longa viagem de trem, viu-se pensando em seu menino de uma maneira que nunca havia feito nos últimos dez anos. Durante todo aquele tempo, seu único desejo fora esquecê-lo. Mas naquele momento, mesmo sem ter a intenção de pensar no menino, a lembrança dele chegava à sua mente a todo momento. Lembrou-se daqueles horríveis dias em que se enfurecera loucamente ao ver o menino vivo, e a mãe, morta. Recusou-se a vê-lo e, quando finalmente foi dar uma olhada nele, viu que era uma coisinha tão fraca e triste, que todos asseguravam que morreria em poucos dias. Mas, para a surpresa de quem tomava conta dele, os dias foram se passando, e a criança sobreviveu, então todos passaram a acreditar que seria uma criatura deformada e doente.

Não tivera nenhuma intenção de ser um mau pai para Colin, mas nunca se sentira realmente pai dele. Providenciara médicos e enfermeiras e alguns luxos, mas ficava arrasado simplesmente de pensar no menino, e mergulhara na própria infelicidade. Da primeira vez que voltou a Misselthwaite, após um ano de ausência, aquela coisinha de aspecto triste o encarou, lânguida e indiferente, com aqueles grandes olhos cinzentos rodeados por cílios escuros, tão parecidos e, ao mesmo tempo, tão horrivelmente diferentes daqueles outros olhos felizes que ele havia adorado; não conseguiu suportar aquela visão e virou as costas, pálido como a morte. Depois disso, raramente o via, exceto quando o menino estava dormindo, e tudo o que sabia a seu respeito era que se tratava de um inválido confirmado, com um temperamento ruim, histérico e meio insano. A única maneira de evitar que o menino tivesse ataques de fúria, perigosos para ele mesmo, era fazer todas as suas menores vontades.

Essas não eram coisas muito animadoras de se lembrar, mas, conforme o trem serpenteava pelas montanhas e planícies douradas, o homem que estava “voltando à vida” começou a pensar de uma nova maneira, e assim ficou, por longo tempo, refletindo, de modo equilibrado e profundo.

“Talvez eu tenha feito tudo errado durante esses dez anos”, disse a si mesmo. “Dez anos é bastante tempo. Talvez seja tarde demais para fazer qualquer coisa, tarde demais. Mas, meu Deus, no que foi que fiquei pensando nesse tempo todo, afinal!”

Sem dúvida, acreditar que fosse “tarde demais” não era uma boa maneira de encarar a magia. Até mesmo Colin o teria alertado sobre isso. Mas ele não sabia nada a respeito de magia, nem da ruim nem da boa. Ainda teria que aprender. Ficou imaginando que Susan Sowerby talvez tivesse criado coragem para lhe escrever porque era uma mulher de espírito maternal e percebera que o menino havia piorado muito, e que estava gravemente doente. Se o senhor Craven não estivesse já sob o domínio daquela curiosa calma que havia se apoderado dele, estaria se sentindo mais infeliz do que nunca por isso. Mas aquela calma trouxera com ela uma espécie de coragem e de esperança. Em vez de abrir caminho para pensar no pior, ele queria agora acreditar em coisas melhores.

“Será possível que ela me ache capaz de fazer bem ao menino e de controlá-lo melhor?”, pensou. “Vou passar lá a caminho de Misselthwaite e falar com ela.”

Mas, quando ao atravessou a charneca e parou a carruagem diante da casinha dela, sete ou oito crianças que brincavam por ali se juntaram e fizeram sete ou oito amáveis e graciosas reverências, e disseram que a mãe deles havia ido logo cedo até o outro lado da charneca para ajudar uma mulher que tivera outro bebê.

– Nosso irmão Dickon – acrescentaram, por sua conta – está na Mansão trabalhando num dos jardins, vai lá vários dias por semana.

O senhor Craven olhou para aquela reunião de corpinhos robustos e rostos redondos, de bochechas coradas, todos sorrindo, e despertou para o fato de que formavam um bando vistoso e adorável. Sorriu para eles, retribuindo seus sorrisos amistosos, e tirou do bolso uma moeda de ouro e deu à “nossa ’Lizabeth Ellen”, a mais velha das crianças do grupo.

– Se dividirem em oito partes, vai dar meia coroa para cada um – disse.

Então, em meio a sorrisos e risadinhas e pequenas reverências, ele seguiu adiante, deixando para trás aquele bando de crianças em êxtase, trocando pequenas cotoveladas e dando pulinhos de alegria.

O trajeto pelas maravilhas da charneca foi reconfortante. Por que razão ele parecia agora ter a sensação de voltar para casa, uma sensação que estava certo de nunca mais ter experimentado, a de sentir a beleza da terra e do céu e das flores roxas ao longe, com o coração se aquecendo à medida que chegava mais perto do grande casarão antigo que abrigava sua família por seiscentos anos? Como estivera distante disso nos últimos tempos, estremeando ao pensar nos quartos fechados e no menino deitado na cama de dossel, com todos aqueles tecidos de brocado! Será que iria encontrá-lo um pouco mudado para melhor, e seria o menino capaz de superar sua rejeição? Como havia sido real aquele sonho, e como era maravilhosa e nítida a voz que o chamava de volta dizendo: “No jardim! No jardim!”.

– Vou tentar encontrar a chave – disse. – Vou tentar abrir a porta. Tenho que fazer isso... mesmo sem saber direito por quê.

Quando chegou à Mansão, os criados o receberam com a habitual cerimônia e notaram que parecia melhor e que não foi direto para os quartos mais afastados, onde costumava ficar, servido por Pitcher. Foi até a biblioteca e mandou chamar a senhora Medlock. Ela foi até ele, um pouco agitada, curiosa e, também, aflita.

– Como vai o senhorzinho Colin, senhora Medlock?

– Vai bem, senhor – a senhora Medlock respondeu –, está... ele está... diferente, digamos assim.

– Piorou?

A senhora Medlock ficou muito embaraçada.

– Bem, sabe, senhor – ela tentou explicar –, nem o doutor Craven nem a enfermeira nem eu sabemos dizer exatamente.

– Como assim?

– Para dizer a verdade, senhor, o senhorzinho Colin talvez esteja melhor, mas pode também estar piorando. Seu apetite, senhor, é algo que está além da nossa compreensão... e seus modos...

– Ele está ficando mais... mais peculiar? – o patrão perguntou, franzindo as sobrancelhas, ansioso.

– Isso mesmo, senhor. Ele está cada vez mais peculiar, em comparação com o que costumava ser. Antes, não comia nada e, de repente, passou a comer quantidades enormes... Depois, parou de novo de comer e voltou a devolver as refeições, do jeito que fazia antes. Talvez o senhor nunca tenha sabido disso, mas ele não deixava que o levassem ao ar livre. Ah, as coisas pelas quais já passamos para conseguir levá-lo um pouco lá fora, na sua cadeira, para tomar um pouco de ar! Deixariam qualquer um tremendo como vara verde. Ele ficava em tal estado, que o doutor Craven disse que não poderia ser responsabilizado caso o obrigássemos a fazer isso. Bem, senhor, agora, assim, do nada... e não foi muito depois de um de seus piores chiliques... Ele, de repente, insistiu em ser levado para fora, todo santo dia, pela senhorita Mary e pelo filho da Susan Sowerby, o Dickon, que consegue empurrar a cadeira de rodas. Ele se afeiçoou muito à senhorita Mary e ao Dickon, e o Dickon trouxe seus animais amestrados, e o senhor não vai acreditar, mas agora ele fica ao ar livre de manhã até a noite.

– Como está de aparência? – foi a pergunta seguinte.

– Se ele estivesse comendo direito, senhor, eu diria que está engordando... Mas temos receio de que possa ser uma espécie de inchaço. De vez em quando, ele ri de uma maneira muito estranha, quando está com a senhorita Mary. Ele não costumava rir nunca. O doutor Craven está vindo ver o senhor agora mesmo, se o senhor permitir. Ele nunca ficou tão perplexo em toda a sua vida.

– Onde está o Colin, agora? – o senhor Craven perguntou.

– No jardim, senhor. Ele fica sempre no jardim... Se bem que nenhum ser humano tem permissão de chegar perto dali, pois ele não gosta de que olhem pra ele.

O senhor Craven mal chegou a ouvir as últimas palavras dela.

– No jardim – disse e, depois de dispensar a senhora Medlock, ficou de pé e repetiu: – No jardim!

Ele precisou fazer um esforço para voltar do lugar aonde sua mente tinha ido, e, quando sentiu que voltara de novo à Terra, virou-se e saiu da sala. Pegou o mesmo caminho que Mary havia feito, passando pela porta dos arbustos e entre os loureiros e os canteiros da fonte. A fonte, agora, voltara a funcionar e estava rodeada por canteiros de lindas flores de outono. Atravessou o gramado e virou para pegar o Caminho Comprido, junto aos muros de hera. Não andava rápido; ia bem devagar e com os olhos no caminho. Sentia como se estivesse sendo conduzido de volta ao lugar que por tanto tempo evitara, e não sabia por quê. À medida que chegava mais perto, seu passo ficou ainda mais lento. Sabia onde ficava a porta, embora a hera pendesse densa sobre ela, mas não sabia exatamente onde ficava a chave... a chave enterrada.

Então, se deteve e ficou ali, parado, olhando ao redor e, no instante seguinte, teve um sobressalto ao ouvir sons, e se perguntou se estava entrando em algum sonho.

A hera pendia sobre a porta, a chave estava enterrada sob os arbustos, nenhum ser humano passara por aquele portal há dez solitários anos... E, mesmo assim havia sons vindo do jardim. Eram sons tumultuados de pés correndo, parecendo gente se perseguindo sob as árvores, sons estranhos de

vozes contidas, reprimidas, com exclamações e gritos abafados de alegria. Pareciam risadas jovens, aquele riso incontido de crianças que tentam não ser ouvidas, mas que, volta e meia, quando a excitação aumenta, acabam arrebatando de rir. Que raios era aquele sonho, que raios era aquilo que ouvia naquele momento? Será que estava perdendo a razão e imaginava ouvir coisas que não eram para ouvidos humanos? Será que era isso o que aquela voz nítida, embora distante, significava?

E, então, o momento chegou: o momento inevitável em que os sons se esqueceram de silenciar. Os pés corriam cada vez mais rápidos, aproximando-se da porta do jardim; ouviu-se, então, uma respiração forte e rápida de criança, e, de repente, irrompeu um acesso desvairado de gritos e risadas que não puderam ser contidas. A porta do muro foi escancarada, a cortina de hera balançou de volta e um menino saiu correndo a toda velocidade e, sem tempo de ver quem estava do lado de fora, deu de encontro quase diretamente nos braços dele.

O senhor Craven estendera os braços bem a tempo de amparar o menino e evitar que caísse ao investir, às cegas, para cima dele, e quando o segurou e o afastou um pouco para olhá-lo, muito surpreso por vê-lo ali, ele realmente perdeu o fôlego.

Era um garoto alto, um garoto bonito. Estava radiante, cheio de vida, e aquela correria toda havia colocado uma cor esplêndida em seu rosto. O menino afastou da testa uma grande mecha de cabelo e ergueu um par de estranhos olhos cinzentos, olhos risonhos de garoto levado, rodeados por cílios escuros como se fossem franjas. Foram aqueles olhos que deixaram o senhor Craven sem fôlego.

– Quem...? O quê...? Como?! – balbuciou.

Não fora assim que Colin esperava que aquilo acontecesse, não havia sido assim que planejava. Nunca imaginara o encontro dessa maneira. E, no entanto, talvez tivesse sido melhor mesmo ter aparecido ao seu pai daquele jeito, em uma grande investida, vencendo uma corrida. Ele se aprumou e ficou o mais alto possível. Mary, que vinha correndo com ele e também atravessara a porta, achou que Colin havia dado um jeito de parecer mais alto do que nunca, vários centímetros maior.

– Pai! Sou o Colin. Você não deve estar acreditando. Eu mesmo mal acredito. Sou o Colin.

Do mesmo jeito que a senhora Medlock, Colin tampouco entendeu o que o pai quis dizer quando ele repetiu, afobado:

– No jardim! No jardim!

– Sim – respondeu Colin, na mesma hora. – Foi o jardim que fez isso, e a Mary e o Dickon e as criaturas... e a magia. Ninguém sabe disso ainda. Deixamos para contar quando você chegasse. Eu estou curado, até consigo ganhar da Mary na corrida. Vou ser atleta.

Falou isso exatamente comoalaria um menino saudável, com o rosto corado, as palavras sendo atropeladas por sua ansiedade, e a alma do senhor Craven se agitou com uma alegria inacreditável.

Colin estendeu a mão e a pousou no braço do pai.

– Você não está feliz, pai? – concluiu. – Não está feliz? Eu vou viver para sempre, para todo o sempre!

O senhor Craven colocou ambas as mãos nos ombros do menino e o olhou, quieto. Sabia que, por um momento, não deveria dizer nada.

– Leve-me para o jardim, meu menino – disse, finalmente. – E me conte tudo.

E, então, fizeram-no entrar.

O lugar era uma profusão de dourados outonais, púrpuras e azuis e vermelhos inflamados, e por todos os lados havia ramalhetes de lírios tardios, lírios brancos ou brancos e vermelhos. O pai de Colin se lembrou de quando os primeiros lírios haviam sido plantados ali, para que pudessem, exatamente naquela época do ano, revelar suas glórias tardias. Rosas tardias trepavam e pendiam e formavam maços, e o brilho do sol ressaltava o tom das árvores de folhas amareladas, e a sensação era a de estar dentro de um templo dourado. O recém-chegado ficou de pé, em silêncio, do jeito que as crianças ficaram quando entraram pela primeira vez no jardim cinzento. Ele não parava de olhar ao redor.

– Achei que o jardim estivesse morto – disse.

– Mary também achou, no início – disse Colin. – Mas ele ganhou vida.

Então, todos se sentaram debaixo da árvore deles – todos, exceto Colin, que quis ficar de pé para contar a história.

Foi a coisa mais estranha que já ouvira na vida, pensou Archibald Craven, enquanto a história era despejada daquela maneira arrebatada pela qual as crianças costumam contar as coisas. Mistério e magia e criaturas silvestres, o estranho encontro no meio da noite, a chegada da primavera, a forte emoção pelo orgulho ferido que fez o jovem rajá ficar de pé e desafiar o velho Ben Weatherstaff cara a cara. O inusitado companheirismo com Mary, o faz de conta, o grande segredo tão bem guardado. O ouvinte riu até chorar, e também brotaram lágrimas de seus olhos quando não estava rindo. O Atleta, o Palestrante, o Descobridor Científico era um ser humano que fazia os outros rirem, era um jovem amável, saudável.

– Agora – disse Colin, ao concluir sua história –, não precisamos mais guardar segredo. Imagino que todos vão ficar assustados e quase desmaiar quando me virem, mas nunca mais vou sentar nessa cadeira. Voltarei andando com você, pai... para casa.

As obrigações de Ben Weatherstaff raramente o afastavam dos jardins, mas, naquele dia, ele arrumou a desculpa de que precisava levar alguns legumes para a cozinha e, ao ser convidado pela senhora Medlock para ir até a sala dos criados e tomar um copo de cerveja, estava no lugar certo, como esperava, quando ocorreu o evento mais espetacular que a Mansão Misselthwaite veria naquela geração.

Como uma das janelas que davam para o pátio permitia ver um trecho do gramado, a senhora Medlock pôde ver que Ben viera dos jardins, e esperava que ele tivesse visto seu patrão e, quem sabe, também, o encontro dele com o senhorzinho Colin.

– Você viu algum dos dois, Weatherstaff? – perguntou.

Ben tirou a caneca de cerveja da boca e limpou os lábios com as costas da mão.

– Sim, sim, eu vi – respondeu, com um ar astuto.

– Os dois? – quis confirmar a senhora Medlock.

– Isso mesmo, os dois – retrucou Ben Weatherstaff. – Agradeceria, senhora, a gentileza de me oferecer outra caneca. Pode ser?



– Os dois juntos? – perguntou a senhora Medlock, apressando-se, ansiosa, a encher a caneca de cerveja de Ben até transbordar.

– Os dois juntos, senhora – e Ben tomou, de um só gole, metade de sua nova caneca.

– Onde estava o senhorzinho Colin? E como ele estava? O que um disse ao outro?

– Não consegui ouvir – disse Ben –, pois estava no alto da escada, olhando de longe, por cima do muro. Mas vou lhe dizer. Aconteceram muitas coisas ali fora a respeito das quais vocês, da casa, não têm a menor ideia. E vão descobrir, e vai ser logo, logo.

Não demorou nem dois minutos, e ele, tendo tomado o último gole da sua cerveja, apontou solenemente com a caneca para a janela, pela qual era possível entrever, em meio aos arbustos, um pedaço do gramado.

– Olhe lá – disse –, já que a senhora está tão curiosa. Veja o que vem vindo pelo gramado!

Quando viu, a senhora Medlock levantou os braços e soltou um gritinho, e todos os criados, homens e mulheres, ouviram-na e atravessaram correndo a sala dos criados e se amontoaram junto à janela, com os olhos quase saltando dos rostos.

Quem chegava cruzando o gramado era o patrão de Misselthwaite, com uma aparência que muitos deles jamais haviam visto. E, ao lado dele, de cabeça bem erguida e olhos que pareciam transbordar de alegria, andando firme e bem equilibrado como qualquer outro garoto de Yorkshire, ia... o senhorzinho Colin!

